
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
sweet rome
A Sweet Home Novel
TILLIE COLE

PL E TRT

Apresentam



Sweet Home 1.5

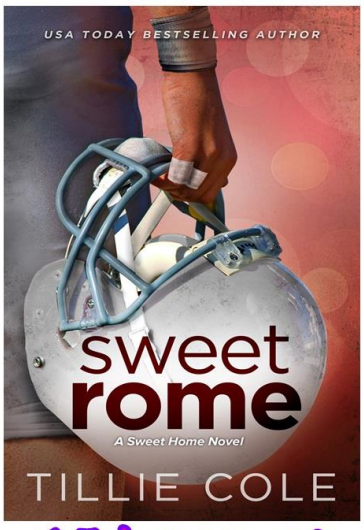
Tillie Cole

Informações da série

Série Sweet Rome by Tillie Cole

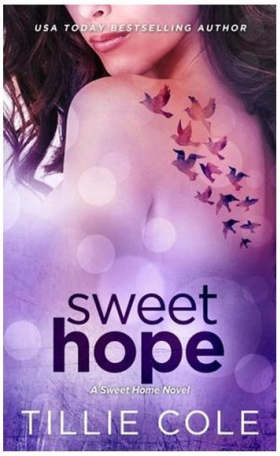


1- Lançado



1.5-Lançamento





Próximos

Staff

Disponibilização: Soryu

Tradução: Nessih, Rocio Santiago, Claudia, Arlete, Cyntha Vila, Angela, Náah Linha, Aninha, Nata Morena, Rhellda, Aynelis

Revisão 1: Curly , Juuh Allve

Revisão Inicial 2: Gabi Lemes

Revisão Final: Gislaine Vagliengo

Leitura Final: Daia K.

Formatação: Juuh Allves

Sinopse

Você conheceu o príncipe Romeo no best-seller Sweet Home. Agora, saberemos da história contada por ele: nada de portas trancadas, sem censura e em carne viva até o fim.

"Me dá vontade de rir quando ouço alguém dizer que Molly e eu nos precipitamos, que não podíamos sentir um sentimento tão forte um pelo outro em um espaço de tempo tão curto. E eu digo, como diabos podem saber? O sentimento é real, não? Ela se tornara toda minha vida, verdade? E quanto a minha idade não sendo verdadeira, era verdade?

Me diziam isso, aos dez, onze, doze anos, maldição, por toda a minha desgraçada vida, quando eu não era bom o suficiente, quando me batiam até sangrar por ser muito bom no futebol e não ser tudo o que eles tinham sonhado: o filho obediente e perfeito. Diga aos milhares de meninos do mundo cada vez que se lamentarem por ter pais idiotas, por qualquer razão estúpida; diga a eles que o mal não existe em seus olhos.

A merda de Romeo e Julieta. Esta é a história da minha garota e minha, saindo de meus lábios. Sem sentimentos suaves, sem enjoos, só a verdade simples e dura, e, porque me sinto generoso, vou deixar que conheçam mais de nossa história.



Prólogo

TUSCALOOSA, Alabama — atualmente...

Corri pelos corredores do hospital, ofegando, com meu coração pulsando com força em meu peito.

Cinco chamadas perdidas. Tinham cinco fodidas chamadas perdidas. Algo estava mal com Mol, e Deus, sentia-me doente pela forma como tinha deixado as coisas entre nós. Todo mundo fala sobre não terminar nunca as discussões de mal com o outro, no caso de algum dos envolvidos não retornar. A gente nunca escuta, mas agora, a ideia de não voltar a ver minha garota me coloca quase do avesso de remorso.

Meus pés fraquejam enquanto caminho de forma impetuosa através do corredor, o terror puro roubando meu maldito fôlego. E se algo mal aconteceu? E se a cirurgia não foi um êxito depois de tudo? O que aconteceu? Algo tinha ido mal depois que brigamos? E eu a deixei sozinha, zanguei-me por sua depressão e a deixei por sua fodida conta, a sós com apenas seus escuros pensamentos por companhia.

Renunciando ao elevador ocupado, subo as escadas dois degraus por vez, todo o caminho até o quarto andar, onde chego virtualmente arrebentando a entrada da sala, correndo para o quarto de Mol. Passei pelo controle de enfermaria sem parar e escutei gritarem meu

nome, mas ignorei para chegar a minha garota, para chegar a minha Mol, para ver com meus próprios olhos que ela estava bem.

A porta de seu quarto estava fechada, assim a abri em um chute. A porta abriu balançando, a madeira estalando contra a parede. O sangue gelou em minhas veias quando olhei o quarto vazio, os lençóis limpos na cama, o cheiro de desinfetante, e sua mala desaparecida.

Minhas mãos começaram a tremer e meu coração pareceu parar.

Não! Não, não, não, não... ela não pode estar...

Tropeçando para trás com os pés tremendo, minhas costas golpearam o marco da porta e pude sentir minhas pernas cedendo, meu traseiro golpeando o chão um segundo depois, com um ruído surdo.

— Romeo? — Pude ouvir uma voz a meu lado, tentando chamar minha atenção, mas não podia me concentrar; tudo era confuso, forçado.

Uma mão pressionou firmemente meu braço e sacudiu-me fora de meu estupor.

— Romeo?

Não podia me mover, não podia falar.

— Sr. Prince!

Olhando para cima, vi Marnie, a enfermeira de Molly, de pé em cima de mim, me olhando com uma expressão preocupada.

— Onde...? — Esclareci minha garganta obstruída. — Onde ela está? O que aconteceu?

O rosto do Marnie empalideceu.

— OH, não, querido! Você pensou que...? Não, não! Molly está bem. Ela está bem.

Meu coração repentinamente deu um tombo de novo ante suas palavras.

— O que? — sussurrei, precisando ouvi-la de novo.

— Molly está bem, mas... — Seus olhos se suavizaram e atenuaram com tristeza.

— Mas, o que? — perguntei, me pondo de pé. Sua mandíbula começou a fazer clique de nervos — Cristo, Marnie! Mas, o que? — espetei energicamente.

— Faz um par de horas, sua mãe fez à Srta. Shakespeare uma visita. Meu coração se afundou e uma raiva incontrolável surgiu dentro de mim.

— Ela fez o que? — perguntei. Marnie deu um passo atrás, com medo.

Merda.

Retrocedi, com os punhos apertados.

— O que essa cadela fez?

— Ela... ela a atacou, golpeou... E foi presa, Romeo. Molly teve que dar uma declaração para a polícia.

— Merda! — Dei a volta e dei um murro à parede, o magro gesso se abriu sob a pressão, minha respiração e fúria descontrolada. — Onde está Mol agora? Com a polícia?

Marnie olhou brevemente para o chão antes de encontrar meu olhar frenético.

— Querido...

— O que? — perguntei-lhe com voz cortante. Eu não gostei de seu tom. Parecia como se estivesse me reconfortando ou algo parecido, me preparando para uma queda.

Ela deu um passo para frente, com as mãos estendidas, me tranquilizando.

— Querido... ela...

Gemendo e perdendo a paciência, dei um largo olhar ao redor do quarto vazio. À medida que meu olhar posou na estreita cama, não pude deixar de recordar o rosto destroçado do Molly quando saí esta noite. Era como se ela tivesse terminado comigo, com toda nossa fodida situação... com a vida.

Espere.

Enquanto jogo um último olhar sem ver pela pequena janela, tudo ficou claro... Meu olhar voltou para Marnie, e ela se afundou visivelmente onde se encontrava parada. O gesto me deu a resposta.

Ela tinha me deixado. Tinha fugido. Fodidamente tinha saído correndo.

— Sinto muito, Romeo. Ela se assegurou que ninguém a visse sair. Antes, me disse que não podia suportar mais, e suponho que simplesmente se rompeu. Revisamos as câmaras de segurança. Saiu diretamente pelas portas dianteiras e se meteu em um carro. — Seus olhos me contemplaram com simpatia. — Levou todos seus pertences com ela.

Meu coração se encolheu em meu peito. Incapaz de falar, retrocedi pelo corredor, tirando meu celular. As outras enfermeiras me olharam ao passar com variados graus de lástima. Cliquei no

nome do Molly, mas foi diretamente à caixa postal, então deixei uma mensagem:

"Molly! Onde você está, carinho? Sinto muito pelo que disse e por te deixar assim. Acabo de ouvir pela enfermeira o que ocorreu com minha mãe. Meu Deus, Mol, disseram que ela te atacou... outra vez! Por favor, me diga onde está... Você deixou o hospital sem dizer nada a ninguém. Por favor, me ligue."

Corri para meu Dodge, com a mente em atividade frenética enquanto tentava pensar em quem deveria chamar e os lugares que deveria procurar.

Tinha que encontrar a minha garota.



— Mol! MOLLY! — gritei, subindo as escadas da casa, fazendo caso omisso dos gritos e chiados das garotas enquanto passava cada piso. Ela tinha que estar aqui. Onde mais poderia fodidamente recuperar-se?

Entrei rapidamente em seu quarto e imediatamente uma onda de desespero me golpeou. Não estava aqui. Tudo estava ainda como tinha estado, a cama ligeiramente enrugada de onde tínhamos feito amor antes do jantar de boas vindas, suas notas de classe jogadas por todo seu enorme escritório, e Deus, esse livro que ela estava lendo como se fosse a maldita Bíblia, no centro, as páginas dobradas, etiquetas de cores diferentes e rabiscadas com seus pensamentos,

linhas de parágrafos ressaltados... e essa pequena imagem, a foto polaroid, como marca paginas.

Isso me cortou como nada que eu já havia sentido antes. Não tinha mantido-a a salvo como prometi. Tinha falhado com ela.

Lutando contra o impulso de cair no chão, deixei-me cair na cama, perguntando ao grande quarto vazio:

— Foda-se, onde você foi baby?

Duas fotos sobre sua mesinha de noite chamaram minha atenção. As únicas duas fotos ao lado de sua cama, diabos, em todo seu quarto. Em uma nós estávamos nos beijando antes de uma de minhas partidas, ela vestida com meu pulôver Tide, com suas pernas envoltas ao redor de minha cintura e seus braços agarrando meu pescoço enquanto sorria de felicidade contra meus lábios. A segunda era de Mol criança, com sua avó, na Inglaterra. Não pude evitar esboçar um pequeno sorriso enquanto levantava a imagem da pequena menina com muito cabelo, sardas, e os fodidos maiores óculos que já vi. Mas esse sorriso logo se converteu em um mundo de dor. Ela tinha ido. Fodidamente tinha quebrado sua promessa e me deixado. Nenhuma garota, não ficou nenhuma só pessoa que fosse minha. Tinha sido muito pressionada, e quando a merda saiu na imprensa, ela se assustou e fugiu.

Enquanto acariciava com meu polegar seu lindo rosto sorridente de cinco anos de idade, uma lágrima desceu pela minha bochecha e salpicou o vidro do porta retratos. Não sabia o que fazer sem ela; ela converteu-se em toda minha maldita vida. Não podia pensar em voltar para os dias em que ela não estava a meu lado, me amando e me dando o que eu necessitava. Cristo, tinha sido assim desde o dia

em que, literalmente, ela meteu-se em minha vida, pisoteando minha merda, e roubando meu maldito coração vazio.

A porta do quarto se entreabriu e Ally, minha prima e uma das melhores amigas de Molly, deslizou no quarto escuro.

— Olá, Rome — disse, com voz suave e cautelosa. Não olhei para ela, não podia, e, finalmente, ela sentou-se a meu lado, sem dizer uma palavra.

Eu seguia olhando a imagem quando Ally se aproximou e a tirou de minhas mãos.

— Ela é definitivamente a única de sua espécie, não é assim? — disse com um sorriso triste.

Soprei, deixando escapar um suspiro tenso e assenti, tomando de novo a foto, sentindo um nó obstruir minha garganta.

Ally suspirou e agarrou minha mão com força.

— Fugiu?

Meu silêncio lhe deu a resposta, e minha cabeça caiu para frente com abatimento.

— Que diabos vou fazer sem ela, Ally?

— Ela vai voltar. Tenho certeza. Só tinha muito com que lidar. Demônios, ela nunca pensou que gente como seus pais inclusive existissem, sem contar que ela esteve no escuro sobre sua merda. A maioria das pessoas não acredita que haja gente capaz de semelhante crueldade. Só que nós sabemos bem, isso é tudo.

— Não posso fazer isto sem ela. Fodidamente não posso viver sem ela ao meu lado.

Finalmente olhei para Ally, cujos olhos marrons me olhavam sem poder fazer nada.

— Eu gosto do que sou agora, com ela, devido a ela. Odiava o homem que era antes.

— Ela vai voltar — reiterou, desta vez com mais convicção. Eu não estava tão certo, entretanto.

— Não posso deixar de pensar no dia que nos conhecemos. Isso continua como um espiral girando em minha mente.

Ally riu e apoiou a cabeça no meu ombro.

— Lembro, também.

— Sempre houve algo nela, sabe? Algo que queria, necessitava. Inclusive naquela época. Sabia que me entenderia se eu simplesmente deixasse. Pude ver algo especial nela, e ela em mim.

— Então se aferre a isso, porque Mol também sentiu; ainda o faz. Só está nublada pela dor. Pense em tudo o que vocês tiveram que passar. Não deixará de ser permanente depois disso. Estão destinados a ficar juntos.

Me recostando na cama sem nada para fazer e olhando ao teto, deixei que a ira enterrada dentro de mim se desatasse, grunhindo um forte foda-se!

Minhas mãos se esticaram, apertando o vidro do porta-retratos, mas ignorei a dor fatiando em minha palma, muito preocupado por limpar o formoso rosto de cinco anos de Molly, agora manchado com meu sangue.

— Cristo, Shakespeare — disse com voz áspera, obcecado por esses olhos caramelo. — Onde diabos você foi?

— Rome — Ally disse em voz baixa.

— O que?

— Está ficando cada vez mais zangado de novo. – Ela fez uma pausa durante um comprido momento. — Não quero que vá por aí. Esteve muito melhor ultimamente.

Aspirando com força e gaguejando, disse-lhe:

— Graças a ela. Estive melhor graças a ela.

— Então me fale sobre isso. Me diga como se apaixonaram. Sei algo, mas não toda a história. Fala comigo.

Me sentando mais confortavelmente, olhei minha preocupada prima nos olhos.

— Não estou seguro de que possa, agora tudo é tão doloroso.

Ally esfregou uma mão brandamente em minhas costas.

— Será bom para você. Tem que recordar por que mudou, o que atraiu vocês. É bom falar. Não te vejo retornando ao Rome que foi antes de Moll. Era como se você tivesse estado adormecido toda sua vida, sem deixar ninguém entrar e, ao conhecer Molly, você despertou de uma vez.

Sentindo um ardor em meu peito, joguei uma olhada ao balcão, nosso balcão, e meus olhos se esfumaram na avalanche de lembranças correndo através da minha mente.

— Eu... suponho que tudo começou faz meses. Lembro tão claramente. Era como qualquer outro dia normal, típico...

Capítulo 1

Universidade de Alabama, Tuscaloosa — Há vários meses...

Senti no momento em que saiu de minhas mãos. Foi perfeito: a espiral à perfeição, a velocidade e o ângulo impecável. Observei, contendo a respiração, enquanto a bola voava pelo ar, planando brandamente pelo campo, e logo aterrissou direto nas mãos estendidas de Gavin, saindo para o receptor aberto. Era o sexto passe que dava com tal precisão na última hora, e desta vez, toda a equipe se deteve e me olhou de pé congelado, ainda em minha posição.

O treinador Dean passou por cima, me olhando divertido, e foi dar uma palmada em meu ombro até que estremeci e retrocedi. Não tinha me dado conta da minha reação, eu esperava que me causasse dor. Estava agradecido. Papai não quereria rumores para começar.

— Rome! Que demônios, filho? Nunca vi um braço como o seu em meus vinte anos como treinador! A forma em que lança a bola é como... como... uma bala que se dispara de uma pistola!

Um arranque de orgulho se estendeu pelo meu peito com seu elogio, e me endireitei um pouco mais alto para ver todos meus companheiros de equipe assentindo em acordo.

Eu era bom no futebol. Era realmente bom em algo.

Podia não ser o filho perfeito, o menino com melhor comportamento do mundo, mas isso não significava que era um completo fracasso como mamãe sempre dizia. Tinha encontrado algo que podia fazer bem e, ao que parece pela reação do treinador, era melhor que a maioria.

Os músculos do meu rosto se moveram, e pude sentir como começava a sorrir; era um sorriso pequeno, mas aí estava. Era algo que nunca, nunca fazia - expressar alegria - e quando Austin Carrilo, meu melhor amigo e companheiro de equipe, passou por cima e me deu um grande choque de cinco, me deixei ser feliz. Só por uma vez, deixei-me ficar contente por ser quem eu era: um quarterback, o melhor que o treinador tinha visto em vinte anos.

Não deveria ter me incomodado em ser feliz, entretanto. Porque, obviamente, no momento que baixei a guarda, ele chegou para escorrer tudo pela amurada.

O grande Bentley prateado se deteve justo ao lado do campo, e meu pai deu um passo fora: grande, sinistro e intimidante. Todos os pais deixaram de conversar e observaram Joseph Prince olhar para onde eu estava no campo. Estava vestido com seu traje de cor cinza prateada, exercendo poder dominante. Os outros pais mantiveram distância; as pessoas ao redor da Tuscaloosa sabiam que não deviam aproximar-se dele a menos que fossem convidados.

O treinador Dean não captou essa nota, entretanto, e ao ver meu pai chegar, aproximou-se dele, falando de mim, emocionado. É obvio, o treinador não sabia a opinião de meu papai sobre jogar futebol. Ninguém sabia. O treinador não tinha nem ideia do castigo que me esperava ao ser pego aqui no campo, ou por ter escapado do

meu quarto para o treinamento de hoje, atuando diretamente contra as ordens de meu pai.

Minha cabeça baixou enquanto nos aproximávamos, não podia ver o olhar a ira em seus olhos.

— Sr. Prince, estou tão feliz que tenha vindo. Tenho que lhe dizer senhor, nunca vi um talento como o de seu filho em toda minha carreira como treinador, e ele só tem dez anos! Sinceramente, acredito que poderia chegar longe.

O treinador pôs seu braço ao redor de meu ombro e o apertou.

— Seu filho vai jogar pelos Tide, recorde minhas palavras. Em oito anos, veremos como conduzirá 'Bama ao campeonato da liga de futebol!

Fiquei olhando o chão, sem me atrever nenhuma só vez a levantar os olhos.

— Romeo, entre no carro — ordenou papai friamente, e meu coração afundou quando rompi o agarre do treinador e corri para o assento de trás, tremendo com a temperatura muito fria do couro negro debaixo de minhas pernas.

Coloquei o cinto, observando o tecido das costas de meu pai enquanto falava com o treinador. O treinador Dean tragou, ouvindo estupefato o que meu papai estava dizendo. Estava dizendo que eu não podia voltar, que não podia perder tempo com futebol nunca mais, que tinha um dever como um Prince e que o futebol não fazia parte disso.

Deixando ao treinador ali de pé congelado em estado de choque, meu papai girou sobre seus calcanhares e entrou de novo no carro.

Fechando de repente a porta do lado do condutor, ligou o motor. Assegurei-me de manter a cabeça baixa. Sabia que estaria me olhando pelo retrovisor, seus olhos castanhos se iluminando com fúria, assim segui com meu queixo grudado a meu peito, evitando olhá-lo diretamente nos olhos.

— Fodeu tudo hoje, Romeo — disse com calma. Estremeci.

Romeo. Odiava esse nome. Sempre fazia que me encolhesse o estômago e ofegasse. Minhas unhas se cravaram nas palmas enquanto minhas mãos se apertavam em punhos. Tinha estado verdadeiramente zangado ultimamente, tão zangado que às vezes era uma luta contê-lo. Não sabia como fazer para detê-lo.

— Acredita que foi inteligente escapar e vir aqui quando já tinha dito que não? — Não lhe respondi, estava muito assustado, muito zangado para responder. — Me responda! — Gritou, golpeando o volante com sua grande mão.

— N-não, s-senhor, não foi inteligente — disse em voz baixa, tentando evitar que minha voz se rompesse. Ele se limitaria a rir se eu chorasse, sempre piorava as coisas. Dizia que me fazia fraco.

Meu pai odiava a debilidade.

— Quer que as pessoas por aqui falem sobre quão bom você é no futebol? — Eu queria, mas essa não era a resposta que ele esperava que lhe desse.

— Não senhor.

— Então, de agora em diante, faça o que te digo! Quantas vezes temos que nos enfrentar? Tenho planos para o Príncipe do Petróleo, planos que irá conhecer no seu devido tempo. O futebol é inaceitável, menino!

Ele conduziu o resto do caminho para casa em silêncio. Quando o Bentley se deteve na entrada, corri e subi ao meu quarto, me enrolando como uma bola pequena na parte superior da cama, esperando o que sabia que ia ocorrer a seguir.

E assim foi. Era a única constante em minha vida.

Depois de uns minutos, ouvi o rangido das antigas escadas e, um momento depois, a porta do dormitório se abriu e meu pai entrou em meu quarto, sem jaqueta e gravata, as mangas da camisa branca arregaçadas até os cotovelos. Sempre estava tranquilo, sereno. Realmente nunca o tinha visto alterar-se. Quanto mais tranquilo ele estava, mais medo eu tinha.

Hoje o silêncio era sepulcral.

Contive um grito quando me olhou e tomou um cinturão fino de couro negro entre suas mãos.

— Se levante, Romeo. Isto será mais rápido se não pôr resistência. Tem que ser castigado por desobedecer minhas ordens.

Tomando uma respiração profunda, pus-me de pé e me detive no centro do quarto, com os olhos fortemente fechados, com as mãos juntas para fora, esperando que as atasse, sabendo o que viria depois. Preferia a dor. O futebol era o que queria e não cederia a esse sonho, por nada no mundo...

Abri meus olhos, com meu corpo rígido com a velha lembrança que rondava meus sonhos, meu coração pulsando com força em meu peito e minha respiração irregular.

Foi só um sonho... Foi só um sonho, falei para mim mesmo uma e outra vez enquanto separava meu cabelo comprido e suado de meus olhos, inalando profundamente pelo nariz, tentando como o inferno me acalmar.

Meu alarme irrompeu através do pânico, a maldita coisa soava seu barulho do inferno a um volume estupidamente alto.

— Ehh, desliga — gemeu uma voz feminina.

Temendo o que iria encontrar a meu lado esta manhã, olhei para baixo, seguindo o som da voz. Contra meu peito nu, estava... estava... foda-se se eu sabia... uma garota ao azar.

Essa sensação familiar de mal-estar irrompeu em meu estômago e apertei os olhos com força.

Caralho, tinha que deixar a bebida e as farras. Este era meu momento do ano para levar a sério, sem mais distrações e sem me sentir como uma merda.

Levantei a cabeça com cautela, provando a gravidade de minha ressaca e estremeci ante o brilhante sol da manhã que entrava através da janela. Jesus, que demônios bebi ontem à noite?

A garota voltou a gemer com o movimento, e a separei de meu lado. Seu traseiro ossudo caiu no colchão enquanto eu deslizava pela borda da cama, suspirando com desgosto enquanto via a camisinha usada ainda em meu pênis. Bonito.

Olhando para trás, tentei recordar algo... algo, um pouco de informação a respeito de quem diabos era ela. Não havia nada, só flashs fragmentados de uma festa e de ir ao meu quarto... e logo nada. Merda. Tudo.

A mesma merda, em dia diferente.

Coloquei-me de pé, usando meus braços. Ao ver um vestido vermelho enrugado no chão de madeira, tomei-o e o atirei sobre o traseiro nu de Jane Doe.

— Vou para ducha. Vista-se e vá embora.

Ela murmurou algo ininteligível e pouco a pouco despertou ao escutar essas palavras. Fazendo o que lhe disse, vestiu o vestido, recolheu seus sapatos, e sorriu com satisfação enquanto saía do quarto.

– Nos vemos mais tarde, Bala. Você valeu a pena à espera. Todos os rumores eram verdadeiros.

Demônios, jogar significava mantê-las interessadas. No meu caso, simplesmente ser o quarterback titular dos Tide e fodidamente fazer o que eu mais gostava. Mesmo assim, elas vinham exigindo mais. Era uma novidade foder o grande Bala Prince.

Depois de um banho, coloquei minhas calças curtas de treinamento e camisa e, agarrando minhas botas de futebol, desci as escadas da casa da fraternidade. Austin e Reece já estavam esperando por meu preguiçoso traseiro na cozinha, assim peguei meus óculos na ilha e os deixei cair. Austin, o maldito, apenas riu de meu lamentável estado enquanto me preparava uma vitamina de proteínas, e nos dirigimos para a porta.

— E essa garota que se foi faz um momento Rome? —Perguntou Reece, quase correndo para manter o passo com Austin e eu enquanto caminhávamos para o ginásio.

Encolhi meus ombros e lhe respondi:

— Ela não é minha, mas toda a evidência sugere que a fodi.

— Será melhor que segure essa merda — disse Austin.

Maldito seja, ele estava certo. A última coisa que eu queria era que uma aspirante a esposa NFL sem importância me apanhasse com um filho.

— Trato feito. Nunca monto sem proteção. A evidência ainda estava em meu pênis esta manhã. Sou dessa classe.

Austin me deu uma palmada nas costas, rindo, e Reece me deu uma cotovelada nas costelas.

— Era sexy, homem. Recorda algo de como ela era? Foi bom?

Reece. Eu adorava o maldito menino, mas ele tinha que ter mais sexo e deixar de tratar com meus descartes. Reece aparentava ter doze anos - cabelo loiro, olhos azuis - e eu me sentia muito mal quando falava de foder com garotinhas. O filho da puta tinha muito bom gosto para se vestir, entretanto: com uma polo de manga curta parecia um maldito anúncio da Ralph Lauren.

—Nem uma maldita ideia. — Voltei-me para Austin, que estava sorrindo — Que demônios bebemos ontem à noite?

— Está mais para o que não bebemos.

Sim, isso eu gostei mais. Agora recordo por que me embebedei. Meus pais tinham me chamado... outra vez, sobre o maldito compromisso, e imediatamente comecei com a tequila. Austin, como meu melhor amigo, uniu-se a mim até nos embebedarmos completamente.

— Merda. O treinador terá nosso traseiro. Cheiro à maldita tequila — gemi. Tomei mais um gole da vitamina de proteínas, fazendo caso omisso de Reece, que sorria e dizia:

— Maldito seja, Bala. Sempre estou desejando estar contigo, e não como uma garota; toda a maldita faculdade segue todos seus

movimentos. Mas quando o treinador te olha com aquele olhar, faz você desejar não ter nascido.

O pequeno bode *Abercrombie e Fitch* estava certo: o treinador me faria pagar. Duro. Não era permitido beber durante a temporada sem obter algumas consequências graves e lançamentos livres e correr ao redor eram os castigos escolhidos para hoje. Os Tide ainda treinavam duas vezes ao dia, o que significava trabalhar como uma cadela e vomitar em cada tarefa. Doía, suava, mas eu adorava cada minuto disso. Me dava a oportunidade de desafogar, de golpear e arrancar minha ira... de acabar outro maldito dia desta lamentável vida. Somente mais dez meses para deixar de ser manipulado e controlado. Eu contava cada maldito minuto.



Capítulo 2

– Mamãe – Levantei-me imediatamente ao ver seu nome refletido na tela do meu iPhone.

– Venha jantar esta noite. – Ela ordenou. Apertei a mandíbula por seu tom mal humorado.

Apertei a mandíbula ante seu habitual tom gélido.

– Sinto muito, estou ocupado. – Retruquei.

– Então, se desocupe! Os Blair virão, e deve estar aqui para que possamos discutir o compromisso de casamento, os detalhes e concretizar isso de uma vez por todas. Shelly será a anfitriã da iniciação de sua irmandade das novas promessas esta noite, mas deve estar aqui apesar de sua ausência.

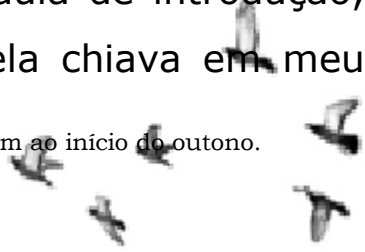
— Tenho treino. O treinador exigiu um two-a-days[1]. – Ouvi apenas silêncio no outro lado da linha. Já lhe havia dito isso.

Silêncio.

– Virá esta noite, Romeo. – Ela finalmente falou, suas palavras destilavam veneno.

Parei imediatamente, justo no caminho para o bloco de Humanas. Eu já estava atrasado para a maldita aula de introdução, devido a uma reunião de equipe e agora a cadela chiava em meu

[1] Two-a-days: Quando uma equipe pratica 2 vezes em um dia, geralmente terminam ao início do outono.



ouvido sobre este maldito compromisso e me chamava de bastardo, usando esse nome... De novo. Podia sentir minha tolerância por sua atitude a ponto de explodir.

Me beliscando na ponta do nariz, concentrei-me na relaxante sensação do sol de verão ardente, golpeando minhas costas, me acalmando.

Não funcionou, maldição. Nada ajudava.

— Olhe, vou ao treinamento. Não irei ao jantar. — disse-lhe com firmeza, apertei o botão de FINALIZAR e coloquei meu celular no bolso de meu jeans.

Fui para o interior do edifício, tentando deixar que o jorro de ar frio do ar-condicionado esfriasse a infernal e maldita ira habitual que me queimava de dentro para fora. Meu sangue parecia magma fundido bombeando através dos meus músculos com força imparável. Mas a abracei e dei-lhe boas vindas; inclusive a ira era um aviso constante de que eu tinha que me afastar dessa gente desprezível, por fim me liberar de seus métodos autoritários. Tinha tido que aguentar muitos anos seu lixo degradante. Não podia aguentar muito mais.

Às vezes me perguntava por que continuava a seu redor. Tinha meu próprio dinheiro, uma bolsa integral, mas a verdade era que me sentia preso. Eles me controlavam por completo e eu odiava esse cruel pedaço de realidade. Não tinha uma verdadeira família, salvo meus pais e, pateticamente, não podia suportar a ideia de estar sozinho. Além disso, tinha algumas boas lembranças de meu pai antes que o dinheiro o mudasse. Ainda lembrava a primeira vez que me levou a seu escritório no centro, me mostrando para seus colegas com orgulho, dizendo como chegaria um dia a ser o diretor geral da

Petróleo Prince, seu protegido. Lembrança que parecia importante... eu adorei inclusive. Mas quando os anos passaram e o futebol se converteu em minha paixão esse orgulho que meu papai tinha sentido por mim pareceu desvanecer-se, e continuou sua espiral descendente até que não ficou nada mais que desprezo.

Meus pais eram poderosos e desumanos, e na verdade estavam apavorados do que fariam se os envergonhasse publicamente ao me cortar. A reputação era tudo para as pessoas com quem se mesclavam e não tolerariam nenhuma humilhação de minha parte. Só tinha dez meses para superar antes que pudesse sair do estado, deixa-los, só dez meses mais para manter a farsa.

Me obrigando a voltar para o presente, em um golpe abri o segundo conjunto de portas, escutando a madeira bater contra a parede, e saí pelos corredores vazios. A pressão construía-se em meu peito com cada passo ao pensamento de me casar com Shelly.

Maldita Shelly Blair.

Cristo, fiquei com ela duas vezes no Ensino Médio e, estupidamente, uma vez no primeiro ano: agora ela atuava como se fôssemos companheiros de alma, apaixonados. Nem sequer sei se tenho capacidade de amar alguém. Acho que isso desapareceu de mim, há muito tempo. É incrível a pouca emoção que se pode sentir quando você foi destroçado diariamente, quando lhe diziam que não era amado em repetidas ocasiões, até que seu coração deixava de sentir algo mais. Bom, nada além de ira. O constante mau trato físico e verbal pareceu ajudar a fazer crescer essa merda.

Meu telefone vibrou de novo, mas não o olhei; Sabia que seria meu papai, exigindo que fosse esta noite. Mamãe teria chamado o peixe gordo.

Se respondesse ele diria que minha negativa era "Inaceitável, moço!" Depois me ameaçaria, chantagearia, diria quanto ele e mamãe me odiavam, lamentavam ser meus pais e como podia fazer de minha vida um inferno se o pressionasse muito.

O mesmo de sempre.

Dobrei a esquina, com os punhos fechados, com a ideia de ter que me sentar ao lado de Shel durante a próxima meia hora, em uma sala de aula e sem nenhuma maneira de sair do aperto de suas largas garras, escutando algo do presunçoso velho Brit sobre a maldita filosofia religiosa, de todas as coisas. Eu estava fodidamente zangado. Simplesmente não podia me sentar ao lado daquela cadela, enquanto ela tocava meus braços e esfregava minha perna, com a esperança de me deixar duro o suficiente para ceder e fodê-la depois da aula.

Isso. Nunca. Aconteceria. Nenhuma vez mais. Meu pau ficava inerte só de olhá-la. Ela pensa que é sexy, com o cabelo comprido, tetas de plástico e falsos lábios vermelhos. Mas tudo que vejo é uma maldita mantis religiosa[2].

Continuei andando com a cabeça encurvada, para a sala de aula quando a ouvi. A maldita risada da Shelly. A risada que soava como milhares de gatos sendo estrangulados... Lentamente, dolorosamente, um por um.

Não me orgulhei do que fiz a seguir.

O Bala Prince, o quarterback dos Crimson Tide, virou à direita e se escondeu atrás de uma escada, ocultando-se da atenção de Shelly.

---

[2]  - Louva a Deus. Inseto em que é comum após o acasalamento à fêmea devorar o macho.

Esmaguei minhas costas contra a parede branca e fria quando um movimento rápido me chamou a atenção. Uma garota segurando muitos papéis apareceu na esquina, murmurando para si mesma e olhando o relógio, todos os seus cachos castanhos estavam empilhados no alto da cabeça; grossos óculos pretos e os sapatos mais brilhantes que eu já vi completavam a imagem.

Os sapatos eram laranja néon... Cristo.

Não podia deixar de sorrir diante da visão. Quase toquei meus lábios só para comprovar que o sorriso realmente estava ali.

Qual foi a última vez que eu sorri? Quer dizer, quando foi à última vez que sorri por algo que não fosse olhar algum imbecil que eu tinha nocauteado cair no chão?

Sacudi a cabeça com incredulidade, enquanto me arriscava a dar uma olhada ao redor. Vi Shelly colocar seus olhos pequenos e brilhantes na garota com um sorriso malévolo, logo em seguida se virando e dizendo alguma coisa aos seus amigos. Endireitei a postura, de repente me sentindo protetor com a nervosa morena.

Eu não conseguia parar de olhar. Ela parecia tão trágica com seu cabelo maluco, óculos de lentes grossas e correndo pelo corredor, com sapatos de plástico rangendo contra o chão de mosaico a cada passo apressado.

Eu estava muito preocupado envolvido na cena, e me dei conta muito tarde que Shel estava tramando algo. Vi quando ela cutucou a garota ao passar, fazendo com que todos seus papéis caíssem no chão.

A fúria me possuiu.

Shel sempre tinha sido uma cadela sem coração, mas ver que ela fez isso com uma garota inocente me deixou com muita raiva. Demônios, não tinha precisado de muito, com o estado de ânimo em que eu estava.

Shelly disse algo à garota no chão - que não pude ouvir - mas a morena não levantou a vista; manteve a cabeça baixa, fazendo caso omisso do que imaginava ser um insulto malicioso.

Por que eu me importava, se nunca me importei com nada além de mim? Culpei os muitos golpes na cabeça durante o futebol. Isso e estar muito estressado para funcionar. Não entendia por que Shelly tinha que tratar às pessoas tão mal. Ela tinha tudo no mundo e mesmo assim, em algumas ocasiões, mostrava-se uma cadela de primeira. Até tinham alguns momentos em que ela parecia ser uma boa pessoa no fundo. Mas esses momentos não eram suficientes para salvar qualquer amizade que tivéssemos provado. Eu simplesmente não podia aguentar a garota.

Dei um passo fora do meu esconderijo e fui em direção a Shel, para dizer que deixasse a garota em paz, mas já era muito tarde. Ela já tinha ido para a aula.

Quando me aproximei, a morena se abaixou para recolher os papéis que tinham caído e eu quase gemi em voz alta, meu pau endurecendo na hora.

Caralho.

Que bunda.

Que bunda e que curvas perfeitas.

Rapidamente arrumei minha ereção na calça e tentei pensar em algo que me esfriasse. Jimmy-Dom de biquíni, Jimmy-Dom de

calcinha. Na realidade... Dei um sorriso zombador... Shelly chupando meu pau... Sim, isso acabava com meu tesão, na hora.

Passando as mãos pelo cabelo, caminhei até a garota, evitando olhar sua bunda e aquelas longas pernas, que eram muito irreais... me senti tentando a tocá-las e envolve-las ao redor da minha cintura.

Porra, meu pau endureceu de novo.

Abri a boca para ver se ela precisava de ajuda, justo antes que ela cuspisse:

– Fodidos bastardos! – Ela amaldiçoou para si mesma e ficou de pé, seus óculos caindo no chão no processo, parando justo ao lado dos meus pés.

O tempo parou.

De onde era esse sotaque? Inglês, talvez? Fosse o que fosse era a coisa mais sexy que eu já tinha ouvido em toda minha miserável vida.

Antes que eu pudesse evitar, uma gargalhada saiu da minha garganta, ao ouvir suas doces maldições. Ela parou quando me ouviu atrás dela.

Ela estava com a cabeça curvada, as costas tensas, e o suspiro que soltou dizia tudo. Derrota. Diabos, eu sabia como se sentia.

Agachei-me e recolhi seus óculos, então, agarrei seu braço, fazendo-a girar para mim. Jesus. Cristo.

Ela tinha grandes olhos marrons, carnudos e suculentos lábios rosa, a pele ligeiramente bronzeada e um suave rubor em suas bochechas, era realmente incrível. Estava tão perto que podia cheirar sua pele, doce como baunilha.

Porra, eu tinha que dizer algo, qualquer coisa, para não parecer algum horripilante inseto estranho, farejando o aroma de baunilha da sua pele.

– Pode ver agora? – Sussurrei. Minha voz, inclusive para mim, soou rude. Bom, Rome. Grunha para ela.

Seus olhos se estreitaram e ela os levantou. Assim, com os lábios entreabertos e os olhos atrás dos enormes quadrados, ela estudou todas as partes do meu rosto. Minha imagem refletia em seus óculos: olhos marrons, cabelo loiro comprido, pele bronzeada... o exterior perfeito, mas um puto interior amargo.

Estiquei-me, esperando o momento em que ela reconheceria quem eu era, Rome "Bala" Prince. Aí eu ficaria zangado e diria uma idiotice.

Apenas mais um dia normal.

Olhos marrons dourados me beberam como de costume e logo... nada. Segurando os papéis ela começou a ir embora. Nenhum reconhecimento, nenhuma paquera, apenas... Se afastar o mais longe possível de mim.

Isso...

Perguntei-me por um momento se ela não sabia quem eu era. Mas... Não, era impossível ela não saber, estávamos em Bama. Ela estava na UA (Universidade do Alabama). Cada filho da puta conhecia minha cara, eu gostasse ou não.

Sem me dar conta, agarrei sua mão.

– Está tudo bem?

Ela não levantou o olhar.

– Estou bem

Não parecia.

Ainda não havia contato com os olhos. Ainda não havia reconhecimento.

– Tem certeza? – Pressionei novamente, sem absolutamente nenhuma ideia do por que. Vi em seus ombros que ela estava farta do dia. E seus longos cílios negros tremularam sobre suas bochechas, seus doces olhos se fixaram nos meus. Deixei escapar um suspiro e não consegui me mover.

– Já teve um desses dias em que tudo se transforma em um pesadelo sangrento? — Perguntou com voz cansada.

Inglesa. Porra! Era sexy.

Aquele sotaque e sua expressão aberta me fizeram dizer:

– Na verdade, estou tendo um.

Seus olhos tensos se suavizaram e ela suspirou.

– Então somos dois — Seus grossos lábios se torceram em um sorriso.

Meu coração fez algo que nunca tinha feito antes. Sentiu.

Sentiu algo... indescritível. Cada pulso posterior parecia mais alto e mais pesado que nunca, e comecei a me assustar como a merda.

— Obrigado por me ajudar. Foi muito amável de sua parte — disse cortesmente, o sentimento me trazendo de volta à realidade.

Amável? Não acredito. Seus olhos me mediram, esperando pacientemente uma resposta.

– Amável. Normalmente não é o que as pessoas pensam quando falam a meu respeito — disse-lhe, por fim retornando a meus sentidos. Que diabos estava acontecendo?

Vi como seus lábios se separaram ligeiramente enquanto ela aspirava uma baforada de ar, surpreendida. Eu tinha que sair dali, ficar longe dela e deixar de atuar como um maldito brega estupefato.

Caminhei sem olhar para trás, me dando conta de que era a maldita conversa mais longa que eu já tinha tido com alguém em muito tempo... E não tinha nada a ver com o maldito príncipe de Bama ou a próxima grande estrela do futebol. Havia algo diferente nela, algo... interessante. Como se não lhe importasse uma merda do que pensassem dela. Ela também não estava apanhada no grande mundo do futebol. Seu traje e sua reação a mim eram prova disso. Era... refrescante, e um pouco estranho.

Quase como se fossem um órgão independente, minhas botas abruptamente pararam e olhei por cima do ombro. Ela ainda estava em pé no mesmo lugar. Logo ela se virou e encontrou com meus olhos.

– Sou Rome. – Falei, quase involuntariamente. As palavras saíram da minha boca enquanto seus olhos se encontravam com os meus.

Seus longos cílios revoaram para baixo, tocando as lentes de seus óculos e, quando se levantaram, um tímido sorriso transformou seu rosto.

– Molly.

Assenti e percorri a língua pelos lábios, observando-a dos pés a cabeça e logo fui para a sala de aula. *Molly. A pequena inglesa Molly.*

— Rome Prince, imagino? — disse a nova professora de filosofia com uma sobrancelha cinza levantada enquanto me aproximava da sala de aula, assentindo com uma saudação em silêncio e caminhando para meu assento na última fila. Ela, sem dúvida, tinha sido informada; os professores conheciam o marcador quando o futebol estava em temporada. É obvio, os de fora dos Estados nunca tinham a cabeça em torno do nosso feito, os jogadores, tinham uma permissão especial para faltar a classes, quando tínhamos partidas como visitantes, ou podíamos oscilar até tarde depois da prática sem repercussões.

Subindo as escadas lentamente, evitei a atenção de raio laser de Shelly até que já não tive outra opção. Deslizei em meu assento habitual a seu lado, com seu braço deslizando sobre minha coxa, logo que meu traseiro golpeou o assento de madeira. Ally, minha prima, de quem normalmente me sentava ao lado na classe, não poderia vir hoje, me deixando só com Shelly.

Perfeito.

— Olá, Rome — disse, toda ofegante, tentando todo o possível ser sedutora. Shelly, para a maioria da população estudantil masculina, era sexy, mas eu conhecia a garota por baixo, a que tinha toda a personalidade de um mosquito.

— Shel — respondi-lhe rotundamente, sem reagir a nenhum de seus golpes e carícias. Minha mandíbula doeu ao apertá-la com moléstia.

Uma enorme explosão soou, chamando minha atenção, e a porta da sala da classe de repente se abriu. Molly não caiu, fazendo um trabalho de merda para equilibrar todos seus papéis. Toda a classe se centrou em sua estupidez.

Ela se endireitou e soprou seu alvoroçado cabelo de seus olhos, empurrou seus grossos óculos de novo em seu nariz, corou e começou a se esquivar para a professora, com as costas quase apertada contra a parede enquanto fazia uma careta de vergonha. Estava tão malditamente linda toda nervosa, arrastando os pés ao passar junto à piçarra.

Ri involuntariamente, sentindo acelerar meu coração de novo enquanto ela deixava seus papéis e ficava ao lado da professora, brincando no ato.

— O que acontece com essa garota? — Grunhiu Shelly em voz baixa, empurrando a sua melhor amiga Tanya a seu lado. Estiquei-me, sentindo meu sangue através de meus ouvidos. Shelly se voltou para mim. — E você acaba de rir? — Sua boca vomitou em minha direção. Encolhi meus ombros, sem responder.

— Não acredito que alguém vestida assim tenha saído do kindergarten — queixou-se Tanya.

Shelly se aproximou mais de mim, o aroma de seu perfume forte, quase me fazendo vomitar.

Ela me tinha em sua armadilha, mas não tinha sentido descartá-la ainda. Ela tinha minha família ao seu lado, e se eu queria atravessar este ano sem muito de sua merda, tinha que ficar sob o radar, e não fazer nada para mover o bote... e logo esmagar os bodes egoístas quando chegasse meu bilhete de intercâmbio para sair daqui, esmagando todos seus planos avaros e fascistas de uma vez.

A professora pediu a Molly que se apresentasse. Observei, fascinado, como a torpe garota se transformava enquanto falava: de novo mais ereta, com o queixo alto, olhos brilhantes e cheia de confiança.

Sentei-me e escutei com atenção cada palavra que dizia.

Ela era inteligente, real e fodidamente *inteligente*... e a nova ajudante desta classe. Jovem, inglesa, e já em seu mestrado, com o objetivo de converter-se em professora de filosofia. E, o cúmulo dos cúmulos, estava em Bama para ajudar à professora a escrever um trabalho acadêmico. Merda. Envergonhava a todos os filhos de puta indecisos que conhecia.

— Então Rome, virá esta noite? — Shelly tentou falar comigo, sem escutar a apresentação, mas a fiz se calar. Precisava escutar Molly. Por alguma razão, queria ouvi-la falar de novo, queria conhece-la melhor.

Isso não impediu Shelly, entretanto, e enquanto sua mão acariciava meu estômago seus lábios aproximaram-se de meu ouvido.

– Perguntei se você virá esta noite?! Eu...

Me girando com rapidez para ela, minha cara se deteve em uma expressão dura, e cuspi em voz baixa:

— E eu te disse que calasse a boca! Não direi isso de novo. — Seus pequenos e brilhantes olhos azuis se estreitaram. Olhou para Molly, e logo depois de novo para mim, repetindo a maldita rotina umas quantas vezes mais, e vi o momento em que se deu conta de que a novata britânica tinha chamado minha atenção.

Molly ainda estava falando. Troquei minha atenção de novo para ela e ignorei a fúria crescendo em Shelly a meu lado.

— Eu adoro filosofia desde que posso recordar e estou feliz de estar aqui para ajudar à professora Ross nas conferências e seminários. Espero poder fazer o maravilhoso mundo da filosofia um pouquinho mais interessante para vocês!

As unhas largas de Shelly começaram a afundar-se no braço de sua cadeira enquanto Molly falava correntemente com a classe. Seu lábio superior se dobrou e eu só sabia que ela estava a ponto de entrar em modo de cadela total.

— Estarei encantada de responder qualquer pergunta sobre...

— Eu tenho uma — Shelly quebrou, interrompendo o discurso de Molly. Toda a classe jogou uma olhada enquanto ela sorria um sorriso petulante e feio. Vi como os olhos de Molly procuraram a multidão e se abriram um pouco quando aterrissaram em Shelly... e sua mão colocada perto do meio das minhas pernas.

Jesus.

— Não — Adverti só para os ouvidos de Shelly, tirando sua mão, mas ela me ignorou.

— Por que demônios você gosta de ser professora de filosofia? Desperdiçar um pouco sua vida?

Molly não se alterou e simplesmente respondeu:

— Por que não filosofia? Tudo na vida, na terra, pode ser questionado, por que, de que maneira, como pode ser isso? Para mim, o mistério da vida e o universo é inspirador, a imensidão de perguntas sem resposta me põem a prova, e eu adoro me inundar na trajetória acadêmica dos eruditos, tão antigos como novos.

Shelly riu debochante.

— Quantos anos tem, carinho?

— Ehh... vinte — disse Molly, uma cor vermelha cobriu seu rosto com rapidez.

— Vinte! E já está fazendo um mestrado? Maldita seja, garota, tem que deixar de ser tão nerd e viver um pouco.

— Bom, sim. Fui à universidade um ano mais jovem. Fui aprovada na secundária antes.

— Fodidamente séria para aprender tudo e estudar. Vá se divertir. Aliviar esse inferno!

O sangue em minhas veias se esfriou até gelar-se. Estava a ponto de dizer algo para calar Shelly de uma puta vez, quando ela acrescentou:

— Juro, nunca entenderei as garotas como você.

Rompi minha atenção de Molly, que tinha se movido de seu suporte de livro e colocado suas mãos em seus quadris. Um sorriso apareceu em minha boca outra vez enquanto ela estava ali, com ferocidade, a ponto de enfrentar a Mega Bruxa de Bama.

— Garotas como eu? — perguntou com frieza.

Ela era uma zangada Mary Poppins. Descobri que eu gostava ainda mais disso. Tinha vida, estava disposta a lutar pelo que acreditava.

— Vermes sabichonas, nerds... aspirantes a professoras! — Shelly arrastou as palavras. Estou seguro de que ainda pensava que estava na secundária, só capaz de sentir-se melhor por meter-se com uma garota nova. Patética.

— O estudo e o conhecimento, acredito, dão poder a uma pessoa, não o dinheiro, o status ou que estilista veste — respondeu Molly com frieza, mas podia ver o fogo em seus olhos dourados, inclusive através desses malditos óculos grossos.

— Sério? Realmente acredita nisso? — perguntou Shelly, soando menos confiante agora.

— É obvio que sim. Abrir sua mente a possibilidades desconhecidas e aprender como funcionam outras culturas, o que acreditam, dá às pessoas uma compreensão mais rica, mais completa da condição humana. A filosofia oferece respostas a uma série de perguntas. Por exemplo, por que algumas pessoas atravessam a vida com facilidade, carentes de toda compaixão pelos outros? Enquanto que outras, bom, são carinhosas, seres humanos honestos, e recebem um golpe atrás de outro, mas de algum modo encontram a força interior para seguir adiante. Não acredita que se mais pessoas tivessem consciência dos problemas da humanidade, então talvez o mundo fosse um lugar melhor?

Nunca tinha ouvido nada igual. Era como se ela me analisasse. Todo mundo pensa que se você faz parte da família mais rica do Alabama e pode lançar uma bola ao seu rival Peyton Manning, então você é de ouro sem quaisquer preocupações na maldita vida. Mas então, ninguém sabe dos problemas com os quais cresci, o que venho passando todos os dias, e não sabem porque não entenderiam. Mas por um breve segundo, entreteve-me a ideia de que talvez ela o fizesse. Parecia que falava por experiência de sua própria dor pessoal. Que tinha chegado a descobrir que só outras pessoas em situações similares poderiam perceber isso de outro alguem, como se houvesse algum tipo de sinal oculto de que estavam em uma carga inteira de dor também.

— É por isso que estudo ao invés de me embebedar todas as noites. O mundo merece ter gente que pense nos outros antes de si mesmo, que se esforce para ser menos egoísta e superficial. — Olhei-a da cabeça aos pés: um corpo firme, mas com curvas, pele

suave ligeiramente bronzeada, a cara iluminada pela discussão, e rapidamente decidi que havia uma espécie de puta quente debaixo de toda essa... perfeição.

— Espero que isso te ofereça uma ideia de por que quero ser professora. É o que sou e estou muito orgulhosa disso.

Rapidamente olhei para Shelly grudada em sua cadeira. Claro, ela podia ter a aparência e o dinheiro, mas com certeza não tinha um alto coeficiente intelectual. De fato, estou bastante certo de que um ouriço do mar tinha mais inteligência que ela. Sabia que era uma imbecil, mas ver a titã da moda de Bama sentada ali se contorcendo, testemunhar essa morena desafiá-la e derrubá-la, alegrou a porra do meu dia.

Antes de que pudesse me deter, brinquei em voz alta:

— Porra! Eu te disse Shelly! Eduque-se!

Um bufo zangado soou a meu lado, mas não pude distanciar o olhar da morena britânica, inclusive com Shelly me dando uma olhada. Molly me devolveu o olhar e seus lábios se moldaram em um sorriso satisfeito. Meu pênis se endureceu. De fato, ela tinha me feito feliz.

Merda.

— Tanto faz! Boa sorte por meter-se aqui agindo assim! — espetou Shelly, mal-humorada. Sabia que provavelmente só tinha piorado as coisas, mas vê-la menosprezada, quando era ela que habitualmente fazia isso com todos os outros... realmente me fez não pensar nas consequências do que eu falava.

A professora sussurrou algo a Molly, e observei quando a vi reagir às palavras da mesma. Sem querer, Molly captou minha atenção, e Cristo, se não me sentia como um perseguidor, com os olhos grudados nela fazendo seu caminho por cada fila, entregando

esses papéis que só alguns minutos antes estavam espalhados por todo o chão do corredor.

Shelly fez sua reclamação, quase montando sobre minhas coxas, enquanto Molly se aproximava de nossa fila. Perguntei-me se Shelly disse algo a ela a princípio, no corredor. Estava muito ocupado tentando conseguir uma leitura da garota nova, totalmente envolvido pelas coisas que acabava de dizer. Isso foi até que Shelly espetou:

— Bonitos sapatos, Molly. Todas as futuras professoras de filosofia têm fantástico gosto para moda?

Escutei uma forte, rápida e ligeira respiração e decidi que era suficiente. Afastei as pernas de Shelly das minhas, contando com a sorte para que não a lançasse do outro lado da habitação, e sussurrei:

— Já basta, Shel. Por que tem que ser uma fodida cadela todo o tempo? — Os outros estudantes não se atreveram a me olhar nos olhos. Foi a única vez que me alegrei de estar de mau humor: eu era um bode arrepiante com quem ninguém se atrevia a se meter.

Os pés de Molly mudaram de um lado a outro e ela olhou para todo lado, exceto para mim. Sentia-se mortificada e claramente queria desaparecer.

Mas eu precisava de algo dela antes. Precisava saber se ela acreditava em tudo o que dizia ou se era só uma merda acadêmica regurgitada para impressionar sua nova classe.

Seus olhos se encontraram com os meus novamente e respirei profundamente, perguntando:

— Acredita verdadeiramente no que acabou de dizer?

Ela franziu o cenho, como se se tratasse de uma pergunta estúpida.

— Que parte?

Senti Shelly e suas barbies escutarem atentamente nossa conversa, mas eu precisava saber, algo em mim realmente precisava saber.

— Sobre a vida ser injusta. Que a filosofia nos dá respostas do porquê algumas pessoas têm merda e outras não.

Seus olhos intensos se encontraram com os meus e sem deixar absolutamente nenhum espaço para a dúvida, respondeu:

— Claro. — E isso foi tudo. Um fluxo de algo suave pareceu assentar-se em meu peito e sim, podia parecer afeminado, mas era a primeira vez que senti como se pudesse respirar em anos. Ela conhecia a dor também. Tinha passado por alguma merda também. Ela era alguém com quem eu poderia me identificar.

Molly foi rapidamente para seu escritório e a aula terminou. Enquanto tomava minha mochila do chão, Shelly agarrou meu braço.

— Rome, não se esqueça da iniciação esta noite. Seus irmãos são parte da tarefa. Virão também, certo?

— Não conte com isso — disse-lhe em resposta. Podia sentir o duro olhar de Shelly enquanto me levantava da cadeira, completamente perdido em meus pensamentos. Não podia me mover normalmente, estava muito ocupado refletindo sobre as coisas que Molly havia dito.

Por que algumas pessoas transitavam facilmente pela vida... enquanto outros recebiam um golpe atrás de outro? Enquanto a sala começava a esvaziar, saí de meu atordoamento e sai rapidamente.

No momento em que saí da sala de aula, dois braços foram ao redor de meu pescoço e eu grunhi.

— Shel, vá à merda!

Enquanto virava, um par de lábios vermelhos franzidos se sobressaiu e grandes olhos cor avelã se apertaram.

— Não sou Shel, Bala!

Suspirei enquanto me empurraram agressivamente contra a parede.

— Caroline — saudei alto enquanto ela esfregava tudo o que tinha contra meu pênis. Não fiz caso dos estudantes que olhavam enquanto passavam. Sem dúvida Shelly também viu, o que em realidade decidi ser algo bom. Se ela estivesse zangada talvez conseguisse que me desse um tempo.

— Volte ao meu quarto — disse Caroline sedutoramente, suas unhas afiadas deslizaram debaixo da minha camisa e se afundando na pele - ela era uma puta perversa. Cerrei os dentes pela dor e seus olhos se iluminaram com excitação. Inclinando-se, murmurou — Estive sonhando com seu pênis em minha boca toda a semana.

Cristo. Fechei os olhos por um segundo, debatendo se poderia fazer esta nova mudança de estilo de vida que me tinha imposto, e a empurrei, decidindo manter meu plano original. Pela primeira vez na história, Caroline e sua boca estranha tinham absolutamente zero de atração. Era hora de colocar meu plano em ação, sacrificar todas as distrações. De qualquer forma, ela era muito pegajosa.

Encontrando os olhos famintos de Caroline, disse:

— Isso não vai acontecer. De fato, estou cortando isso para sempre. Vá chupar outro. Não quero nada mais de você.

— Mas... mas... por que não? Você nunca me nega isso! — Era verdade, nunca fiz isso antes, mas, diabos, tinha terminado.

— As coisas mudam. — Suas unhas, cravaram—se mais em meu estômago com minhas palavras, e seu rosto ficou vermelho de raiva. Olhando-a, agarrei-a pelos punhos e a afastei.

— Mudança? Você? Desde quando? — Chiou.

— A partir de agora, porra! Não precisarei nunca mais de você — gritei e ela empalideceu, correndo pelo corredor. Era certo. Precisava mudar. Estava enojado até os dentes das seguidoras, das putas famosas. Dez meses, recordei-me. Tão somente mais dez fodidos meses. E me virei contra a parede, com a cabeça contra a pintura creme fria... restavam somente dez meses.



Capítulo 3

— Não, não vou — disse pela quinquagésima vez para Austin, Reece e Jimmy enquanto relaxávamos no salão da casa da fraternidade, eu recostado de barriga para cima no sofá lançando uma bola no ar, eles vendo algum reality show de merda a respeito de quem sabe que porra.

— O que vai fazer então? Ficar aqui sozinho? — Austin perguntou da poltrona reclinável. Austin era um ex-marginal: italiano, com muitas tatuagens, piercings por toda parte, tampões auditivos, trabalhador e parecia tão temível como o diabo, mas era o melhor tipo que conhecera e uma das únicas pessoas às que realmente podia tolerar.

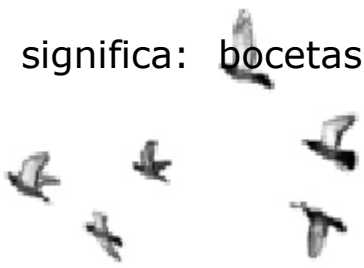
— Sim, suponho.

Um grupo de garotos - em sua maioria jogadores dos Tide - entrou formando um grande alvoroço na sala, agitados e trazendo barris. Sentei-me e movi meu queixo para Porter. Era um idiota, mas continuava sendo um companheiro de equipe, por isso tinha que aguentar sua merda...

— Por que diabos está tão feliz?

Porter deu um passo adiante, esfregando as mãos.

— Iniciações e, cadelas! Sabe o que isso significa: bocetas bêbadas de cerveja.



— Elas têm que estar bêbadas para foder sua bunda rançosa — comentou Austin, e sorri diante de seu tom feroz. Não havia absolutamente nenhum afeto entre os dois receptores, história longa e antiga.

— Vamos, meninos, vamos. Podemos sair se for um fracasso — disse Reece, com um toque de desespero em sua voz. Quando chegou à faculdade no ano passado, o treinador me pediu que lhe ensinasse as coisas, sabe, como líder. Eu não tinha sido capaz de me livrar do pequeno bode depois disso.

Girando minha cabeça para trás, queixei-me, lançando uma almofada na cabeça do segundo quarterback.

— Porra, Reece, você tem que foder sem ajuda. Estou farto que seu cu obsceno precise de mim. Você é um jogador de futebol. Porra, utilize os benefícios! Qual é a vantagem de jogar para os Tide se não consegue obter sua própria garota?

Ele abaixou-se, ignorou meu golpe e sorriu.

— Vamos logo! Deixe eu me trocar.

Esfreguei as minhas mãos no rosto com exasperação, ouvindo a porta fechar quando Reece saiu do quarto. Ao olhar para trás, notei que Austin olhava para o chão e Jimmy, meu outro amigo íntimo, movia a cabeça para mim, dando a entender que deveria falar com ele.

Merda. Nem sequer tinha me dado conta de que algo não ia bem...

— Está bem, irmão? — perguntei-lhe

Austin ergueu seus olhos rapidamente em resposta. Nós três somos íntimos. Conhecia Austin toda a minha vida, os dois meninos fodidos desde sempre, nos encontrando através do futebol. Jimmy chegou durante nosso primeiro ano. Ele era um vaqueiro texano

grande e o menino mais autêntico que jamais tinha conhecido. Fodidamente divertido também. Reece não nos conhecia muito bem ainda, e Austin não confiava plenamente nele, não confiava em ninguém. Era óbvio que Austin estava preocupado com algo, e no momento em que Reece saiu, tinha deixado cair seu escudo.

— São meus irmãos, homem — disse com voz tensa — Levi se meteu no bando, e o maldito Axel deixou que o fizesse, dizendo que era necessário para pagar pelos gastos médicos da minha mãe. Levi tem quatorze anos. É muito jovem para ser arrastado para essa merda!

— Eu não tenho dinheiro para dar. Axel me disse que mantivesse em dia os pagamentos do futebol e que ele se encarregaria do resto. Preciso me destacar este ano desesperadamente. — Ele inclinou a cabeça para o teto e logo deixou que caísse de novo, seus malditos olhos torturados encontrando os meus — Vamos à iniciação dessa noite, Rome. Vou enlouquecer se ficar aqui pensando em tudo. Tenho que sair, tenho que me esquecer de toda esta merda por um momento.

Pude ver o que estava lhe fazendo mal. Seu irmão mais novo Leví era um bom menino. Axel, seu irmão mais velho, nem tanto. Austin tinha lutado para manter Levi fora do bando que há muito tempo tinha capturado Axel, e pude ver como lhe doía saber que Levi estava indo pelo mesmo caminho.

— Sabe que lhe darei o dinheiro. Basta pedir — disse em voz baixa. Os olhos de Austin escureceram de vergonha.

— Rome, sei que tem boas intenções, mas não há maneira que tire algo de você. Cuidarei disso. Sempre consigo resolver.

Sim, conseguia, mas frequentemente não de maneira legal.

— Você quer que façamos uma visita ao seu irmão? Falar com ele? Procurar uma maneira de tirá-lo de toda essa merda? — Ofereceu Jimmy.

Austin negou.

— Não se pode sair uma vez que está dentro do inferno, olhe o que ainda esperam que eu faça. — Colocou uma mão sobre o ombro de Jimmy — Agradeço por isso, entretanto, é um negócio familiar. Não vou envolvê-los.

Deslocando-se impacientemente do sofá, Austin perguntou:

— Vamos?

— Trato feito. Vamos — respondi.

Jimmy se levantou e estendeu a mão para mim. Puxou-me do sofá com um enorme sorriso feliz, e logo que Reece desceu sua bunda para o andar de baixo, nos dirigimos à porta.

— Hey, meninos! Todas estão esperando no quarto de trás – disse minha prima Ally com ar aborrecido, enquanto entrávamos pela porta da casa da irmandade. Ela estava sentada em um tamborete na entrada, representando seu papel de "comitê de boas-vindas".

Aproximou-se de mim, rodou os olhos e me beijou o rosto.

— Não pensei que veria você por aqui. Não é exatamente a sua praia.

— Sim, me vi um pouco forçado a vir. — Vi como os meninos entravam na sala, depois inclinei o queixo para a porta — O que Shell fará com que façam esse ano?

Ally sacudiu a cabeça com desgosto.

— Beijar um irmão e adivinhar o que ele acabou de comer.

Passei a mão pela cabeça.

— Merda, que idade elas tem?

— Eu sei! De qualquer forma, há promessas de todas as idades este ano. Precisamos de estudantes. Inclusive, nós conseguimos um gênio britânico ou algo assim. A maioria das garotas está contente com esta aquisição, porque todas as outras irmandades queriam essa garota para encher suas cotas. Embora eu não tenha conhecido nenhuma das novatas ainda, espero que nem todas sejam mini-Shels e ao menos uma delas tenha um cérebro e não fique toda confusa em seus jogos.

Passando uma mão por meu cabelo, perguntei-lhe:

— Gênio britânico? — Tentei soar casual, mas saiu de forma idiota.

Os olhos de Ally se estreitaram e ela inclinou a cabeça, me olhando astutamente.

— Sim, está fazendo um mestrado ou algo assim. Parece que é ajudante da professora em nossa classe de filosofia também. Não sei. Por que está tão estranho de repente?

Inspirei e cruzei meus braços sobre o peito.

– Não tem motivo. – Apontei para a sala. — As promessas estão ali?

Ally deu um passo para trás e cruzou os braços, imitando minha postura.

– Você vai entrar?

— Sim.

— Vai mesmo?

— Sim!

— Senhor, você realmente se envolverá nas grosseiras iniciações de Shelly?

Enquanto eu caminhava diante da minha prima incomodada, ela me agarrou pelo braço, me impedindo de entrar.

— O que é que você não entendeu? — falei, me soltando de suas garras.

— Você odeia fodidamente toda a merda grega! De repente quer...

—Tenho curiosidade — respondi-lhe, tentando parecer casual, mas ela continuava me olhando com um brilho desconcertantemente suspeito em seus olhos castanhos.

Saí chateado com a dor na bunda da minha prima, com os ombros tensos por seu interrogatório e passei pela porta do fundo da sala.

Elevando a vista através da densa multidão, a primeira coisa que notei foi uma grande lista de promessas embelezadas com togas ajustadas e, frente a elas, uma fila de jogadores de futebol, a maioria mostrando duras ereções enquanto esperavam seu turno para beijar a garota com os olhos vendados diante deles.

Shelly era tão infantil às vezes, eu não podia acreditar que estivesse fazendo essa merda com essas garotas.

— Que diabo? Está realmente desfrutando do espetáculo? — Você está... bem? — disse Austin do seu lugar de descanso contra a parede, soando mais que surpreso por minha presença. Decidi ignorá-lo enquanto procurava ao longo da fila.

Bingo.

Molly estava no final, torpemente de pé, inquietamente nervosa, mas sem deixar de parecer como uma garota realmente sexy por debaixo da grossa venda negra. Inferno se minha mente não vagava ao que poderia fazer com esse pedaço de tecido e todas as formas de fazê-la gritar. Shelly passou junto a cada promessa, sorrindo e rindo,

Vi seu sinal para Brody MacMillan, o tipo com pior aparência na equipe, um tipo que esperava ao menos duas semanas antes de tomar banho. Seu rosto de bêbado se iluminou e ficou diante do de Molly. Instintivamente, ela levou a mão à boca, e eu sabia que tinha cheirado nele seu aroma corporal e seu total desprezo pela higiene. A Mac não importava, entretanto, isto nunca o tinha incomodado.

Ele se inclinou, mas meus pés já estavam em movimento e, no momento em que seus lábios estavam a ponto de tocá-la, minhas mãos posaram em seu peito e o lançaram fora do caminho, caindo em sua bunda gorda no chão, agitando seus braços e derrubando a mesa de vendas enquanto tentava ficar de pé.

— Mova-se, MacMillan. Acredito que está em meu lugar — disse-lhe de uma maneira que não o convidava a me questionar.

Não podia tirar os olhos de Molly enquanto seu polegar se dirigia a sua boca. Estava duro, muito duro e não podia esperar nem um maldito minuto sequer para saboreá-la.

— Ah n-não... P-pare! Shelly disse que... - Olhei-o no chão, sua barriga cervejeira caindo sobre suas calças muito apertadas, com seus olhos rodando por todo o maldito lugar.

— Não me importa merda nenhuma o que ela disse. Vá procurar um maldito gole, se deprima ou algo assim. Entendeu?

Ele se deixou cair no chão e deu luz verde para que alguns dos jogadores do primeiro ano o levassem para fora desta sala e para uma cama.

— E-entendido. Entendido, homem. — disse arrastando as palavras enquanto o arrastavam pelos braços.

— Espere! Mac tem a...

Levantei minha mão e olhei para Shelly enquanto se aproximava.

— Feche sua puta boca, Shel! — disse um pouco agressivamente, e ela escapuliu de novo com suas amigas, com cara indignada e em plena ebulição frente a Molly. Ainda não podia me importar menos.

Virando novamente para Molly, me aproximei. Ainda cheirava ligeiramente a baunilha e não podia recordar outro momento em que desejei tanto beijar alguém.

Movendo sua mão de sua boca para minha cintura, quase gemi quando seus dedos avançaram pouco a pouco por meus flancos, seus lábios exalando um pequeno suspiro. Com essa pequena reação, sabia que ela estava sentindo esta estranha energia também.

Segurei seu rosto para que não pudesse escapar e assim que pude controlar todos nossos movimentos me inclinei, roçando um beijo em seus lábios. Estava tentando ser suave, gentil. Deus sabe que não é assim que estou acostumado a agir. Mas então sua mão caiu sobre meu estômago, roçando acidentalmente a ponta de meu pênis, e me perdi. Simplesmente perdi completamente qualquer grama de controle que me sustentava.

Em um instante, a sufocava, tomando tudo o que estava disposta a dar. Minha língua mergulhou em sua boca e puxei seu corpo com força junto ao meu, a sensação do contato só forçava a minha língua a trabalhar mais arduamente contra a dela. Porra, queria isto, a queria, e a estava tomando, e agradecendo fodidamente que ela estivesse me dando isso de volta, reagindo perfeitamente a cada um de meus movimentos de avanço. Finalmente, retirou-se, mas não antes de lamber meus lábios com a ponta da sua língua, essa ação por si só quase me fazendo perder minha maldita mente.

— É hortelã. O sabor em sua boca é... — Começou com a maldita tarefa de iniciação, mas eu necessitava mais dela, e nesse momento, o que eu queria triunfou sobre todo o resto.

Cortando sua resposta, gemi em voz alta e mergulhei de novo, terminando o que comecei. Ela antecipou minha agressividade e me agarrou pelo cabelo, me levando a ela tanto quanto eu podia ir, encontrando cada movimento brusco com o seu próprio. Minhas mãos começaram a vagar. Precisava sentir mais de seu corpo. Estava a ponto de explorar cada uma das curvas que Deus lhe deu, mas Shelly teve que escolher esse momento para deixar voar sua maldita boca.

— Basta! Que demônios, Rome? Se afaste dela, agora!

Tanya se moveu por trás de Molly e desamarrou a venda de seus olhos, franzindo o cenho para mim. Entretanto, minha atenção se dirigiu diretamente a Molly, e ao olhar de assombro que me dirigiu quando seus olhos revoaram para os meus e se deu conta de quem eu era.

— Olá, Mol — disse, sem estar ainda preparado para deixa-la escapar de meus braços.

— Olá, você — ela respondeu, e porra, com essas simples palavras eu a queria de novo. Comecei a alcança-la uma vez mais, até que o pesadelo de minha maldita vida me agarrou pelo braço e puxou-me para trás, golpeando meu rosto no processo.

Com isso eu tinha o suficiente. Shelly finalmente me venceu. Estendi minha mão e a agarrei pelos pulsos.

— Porra, nunca mais volte a me tocar. Nunca mais.

Odiava que me batessem. Sim, dizer isso é uma estupidez. Ninguém gosta, bom, a menos que você siga por esse caminho, mas eu só me lembrava do que tinha tido que passar a maior parte da minha vida: espancado sem sentido.

— Rome, tem gosto de hortelã. Isso é o que você queria, não? Para que servia esta tarefa ridícula de iniciação? — cutucou Molly, sem parecer intimidada em absoluto pela merda de Shelly e parando imediatamente de me explorar em sua raiva.

Fiquei olhando para ela, não podia deixar de fazê-lo, enquanto seu olhar se encontrou decididamente com o meu. Tinha que sair antes que minha ira se transformasse em muito ou me rompesse completamente e começasse a cravar Molly ao chão.

— Tem razão. Acabei de mastigar chiclete.

Com isso, saí da sala, só parando brevemente para me encontrar com o olhar pormenorizado de Ally na saída. Dei-lhe meu melhor olhar deslumbrante de "não comece" e logo sai da maldita casa.

— Rome, homem! Espere! — Austin gritou atrás de mim.

Virei para olhá-lo, levantando a mão.

— Estou bem... eu... merda, só preciso ficar sozinho.

— Que raios aconteceu? Quem é essa garota? E por que diabos você a estava beijando?

Olhei meu melhor amigo, apertando a mandíbula.

— Mano, só esqueça. Não posso estar perto de Shel neste momento, assim estou indo, combinado?

— Tem certeza? — Podia ver as perguntas em seus olhos, mas simplesmente concordei, indo em direção as escadas para o andar de cima, na sacada privada de Ally, enquanto gritavam meu nome.



Capítulo 4

Três garrafas de cerveja, duas longas horas observando às pessoas, e cinco mensagens depois. Não... Espere... revisei meu telefone. Foram seis.

Não pode evitar isto por mais tempo. Falei com Martin Blair esta noite. Será um casamento de verão no próximo ano depois da formatura. Não estrague isto. E a partir de agora, você virá aos jantares que eu decidir organizar. Não é um pedido.

Papai

Apaguei a mensagem e inclinei a cabeça para trás, procurando as estrelas apenas para distrair minha mente.

Não funcionou.

Verão. Um casamento de verão.

Perfeito.

Minha mente vagava sobre como seria estar casado, ou inclusive estar apaixonado. Não podia imaginar como seria minha garota ideal, de que diabos falaríamos, se ela seria capaz de fazer frente as minhas mudanças de humor, meu passado.



Neguei com a cabeça, tratando de me desfazer de meu mau humor. Podia ouvir as risadas e a música abaixo de mim, no pátio. Os barris foram aparecendo e os amigos estavam tomando chops, mas nada disso me chamava, e para arrematar, ainda podia sentir o aroma de baunilha de Molly em minha camisa.

Maldita seja.

E eu gostava. A forma que ela beijava, a forma que se agarrava a meu cabelo, me aproximando com os punhos, e, sobretudo, a forma com que não se alterou por toda a merda do futebol. Ela não me olhava e imediatamente pensava*: "QB dos Tide, devo tenta-lo e domá-lo".*

Estava no meio do meu auto castigo por pensar muito em Molly quando, de repente, a porta do quarto de Ally se abriu. Estiquei o pescoço para tratar de ver quem estava ali.

— Al, É você?

Não houve resposta, assim me pus de pé, disposto a jogar para fora qualquer bode excitado que tivesse entrado. Só queria que me deixassem sozinho. Entrei no quarto e parei bruscamente.

Falando do diabo e ele se manifesta, pensei distraidamente. Molly. A fodida inglesa Molly, agarrando o pilar da cama em estado de choque. Molly com uma toga justa mostrando sua figura, me olhando com esses olhos enormes e espetaculares, e Deus, vê-la agarrada a esse pilar me deu algumas ideias muito interessantes.

— Este quarto está proibido, Mol — disse-lhe com voz rouca enquanto observava cada zona de seus lábios carnudos, cativado pela maneira que seus olhos percorriam meus braços nus. Ela estava afetada por mim.

Bom, não era só eu, então.

Rapidamente tomei um gole de minha cerveja para acalmar os nervos. Sentia-me nervoso pela primeira vez em minha maldita vida. Isso nunca tinha acontecido, não no futebol, nem sequer quando se tratava de meus pais, mas aqui estávamos, uma bibliotecária desajeitada com um gosto de merda para se vestir, fazendo-me sentir estranhamente desconcertado, de pé numa sacada. Fiquei olhando para ela por mais um momento e me virei. Ela levantou uma chave no ar e disse em voz baixa:

— Sim, eu sei. Ally me deu a chave de sua maldita cama convidativa, para usar seu banheiro.

Lá de fora, puxei minha cadeira, apoiei minhas pernas sobre a mesa e lutei contra meus sentimentos em conflito. Não pude tirar a ideia da minha cabeça de convidá-la para vir para a sacada, mas sabia que deveria deixa-la e não ceder ao meu desejo.

Recordei que ainda tinha dez meses. Não podia deixar que nada estragasse, nem sequer uma bonita moça inglesa com habilidade inata para endurecer meu pau.

Decidido a afastar meu interesse por ela, me acomodei melhor, vendo a multidão lá embaixo. Gargalhei enquanto olhava Jimmy receber um golpe do equivalente feminino dele: grande, forte e country até a medula. A garota se dirigiu diretamente para ele, enganchou seu braço ao redor de seu pescoço, e lhe plantou um beijo úmido em seus lábios agitados. Jimmy-fodido, o melhor tipo que tinha conhecido: amável, divertido e excessivamente leal. Estava feliz de que finalmente ele tivesse conseguido uma, embora a garota daqui de cima parecesse temível como a merda.

Meus ouvidos se ergueram quando ouvi o som do clique da porta fechada do banheiro, e tive que tomar uma decisão: deixar que Molly

escapasse sem nos fazer dano, ou aproveitar o dia e tê-la aqui comigo, para conhecê-la de verdade.

A loucura se impôs e antes que eu pudesse me deter, rapidamente gritei:

— Mol? — Mas só houve silencio no quarto. Meus pés tocaram o chão e minha cabeça sacudiu em direção à porta.

— Mol? Você já foi?

— Sim? — Sua voz tímida finalmente soou do interior.

Exalei em alívio e deixando de lado todas as minhas preocupações, perguntei:

— Quer ficar um pouco aqui... comigo?

— Sim... está bem.

Estávamos sentados na sacada, só falando. Não acredito ter estado alguma vez com uma garota a sós durante tanto tempo sem estarmos nus. As garotas vinham para mim por uma coisa: uma boa foda. Mas isto era diferente. Queria conhecer um pouco desta garota fora do quarto.

Depois de beber quase toda sua garrafa de Bud, ela perguntou:

— Diga, por que você está aqui escondido?

— Não me sinto com ânimo esta noite.

Ela deixou cair a mão em seu peito e arfou.

— O Sr. Capitão Estrela não quer misturar-se a seus fãs?

Cada grama de mim congelou. Ela descobriu que eu jogava futebol. Perfeito.

Arranquei a etiqueta da cerveja: era isso ou lançar o vidro marrom na parede.

— Bom, isso não levou muito tempo. Quem lhe contou?

— Lexi e Cass.

— Quem? — perguntei-lhe em um tom muito longe de ser amistoso. Seus olhos caíram e ela começou a mexer suas mãos novamente. — Minhas companheiras de quarto, elas me disseram depois que...uhm, depois que...bem..já sabe...

— De nos beijarmos?

— Pois é... sim.

— Então, o que disseram a meu respeito pra você? — pressionei.

— Que é Romeo Prince, o extraordinário Quarterback do Crimson Wave e que é como o príncipe William para o futebol americano universitário, blá, blá, blá...

— O que? — perguntou, vendo meu rosto lívido.

— Dos Tide — corrigi, a raiva aumentando e rasgos de sarcasmo tomando seu lugar.

— Hã? — perguntou de novo, completamente confusa por sua expressão mais que clara. Provavelmente era a primeira vez em anos que sua bunda de gênio havia se sentido confusa.

— São os Crimson Tide. Não Wave. — Não pude evita-lo. Ri incontrolavelmente, apertando o estômago, rompendo em gargalhadas. Não "os Crimson Wave". É o código para uma garota que está brincando ou algo assim? Deus, podem linchá-la se falar por aqui assim dos queridos campeões nacionais.

— Que seja. Tomate, Tomato. — Acenou com um gesto informal da mão.

— Bom, será melhor que fique entre nós. Não é tomate, tomato por aqui. É... tudo. É a vida e a morte. — E não era tão somente a maldita verdade? Às vezes a pressão para ser perfeito era uma loucura.

Podia sentir seu olhar, sua mente inquisitiva trabalhando horas extras.

— Portanto, Romeo, né? — finalmente perguntou depois de um minuto de silêncio, e fiquei gelado.

— É Rome — corrigi imediatamente. Eu era "Rome" para todos, menos para meus putos pais, e odiava qualquer lembrança de que na verdade era o nome de um idiota dominado, intoxicado de álcool.

Seu rosto se iluminou com diversão e ela meio dançou, meio arrastou os seus pés sobre o chão.

— Ah-ah! É Romeo! Fui informada de fonte confiável.

— Ninguém me chama assim, Mol. — Tratei de ser o mais amável possível, porque diabos, ela não sabia, mas esse nome me dava vontade de quebrar o pescoço de alguém.

— Assim como ninguém me chama de Mol — respondeu ela imediatamente, sem prevenir-se de meu mau humor de merda.

Nessa rajada de confiança, não queria nada mais que me aproximar e beijar esse impressionante cenho franzido de seu rosto.

— Touché, Molly...? — Esperei que pusesse fim, me relaxando um pouco no novo rumo da conversa. Merda, estava me divertindo. Realmente divertindo. Alertem aos malditos meios de comunicação: Rome Prince se tornou meio louco!

— Molly Shakespeare.

De acordo, suspendam a imprensa. Voltei a estar fodido de novo.

— O que? — perguntei, chegando mais perto.

— Shakespeare. Molly Shakespeare — respondeu com voz vibrante e um ligeiro tremor nas mãos.

Alguém me fez uma armadilha.

Possivelmente Michaels?

Esse filho de puta gostaria muito de me foder.

— Está tentando ser engraçadinha? — perguntei com amargura.

— Não. Romeo, sou uma Shakespeare nascida e criada. — Diabos, estava dizendo a verdade. Shakespeare. Seu maldito sobrenome era Shakespeare! Isto não estava acontecendo...

Não pude evitar de rir, e ela me disse:

— Isso não é o mais estranho em nossos nomes.

— Sério? Porque as coisas foram ficando cada vez mais estranhas hoje. Não estou certo de entender o que significa isto tudo ainda. — O que era a mais pura verdade. Dizem que sua vida pode mudar em questão de minutos, mas até agora, nunca tinha dado muito crédito a esse pensamento.

— Bom, consiga uma entrada para a cidade dos loucos então, meu amigo, porque meu segundo nome, Romeo, é Julieta.

Homem, isso era uma ideia certamente fodida. Era uma armadilha! Tinha que ser. Não podíamos realmente ser tão... trágicos, tão patéticos...

Ou poderíamos?

Romeo Prince e Molly Julieta Shakespeare... não me diga... Ou era um presságio, uma grande merda de néon piscando "Mantenha-se longe de uma puta vez! A tragédia espera!" Maldita seja.

— Fala sério? — finalmente perguntei.

— Sim, meu pai pensou que seria uma homenagem merecida ao nosso sobrenome familiar.

— Muito apropriado. — Mas tudo o que vinha a minha mente bêbada quando pensava em Romeo e Julieta era a morte, os pais fodidos, e esse tipo do Gângster de Nova Iorque procurando a essa garota de Homeland através de um tanque de peixes.

— Sim, mas ao mesmo tempo, é algo vergonhoso. — Sacudi a cabeça, voltando a me concentrar em Mol. Maldita Molly Julieta.

— Bom, Shakespeare, vai me tratar agora de maneira diferente também? Agora que sabe que sou Romeo "Bala" Prince — perguntei-lhe, tratando de ver se sua atitude por mim tinha mudado depois do dia de hoje.

— Bala?

Ela não tinha nem ideia.

— Sim. Apelido do Futebol Americano. Por causa de meu braço. — Confusão. Inexpressividade completa caiu sobre seu bonito rosto. — Meu braço para lançar...

Ainda nada.

Provei uma nova tática, assinalando a mim mesmo, falando lentamente. Talvez ela não estivesse entendendo o acento. O meu é bastante forte.

— O capitão... Os capitães atiram a bola... no futebol... aos outros jogadores... Eles controlam o jogo.

— Se você diz — disse ela com um tom igualmente condescendente.

Falava a sério. Suponho que eu poderia lançar um balão em sua cabeça e não perceberia.

— Merda, realmente não sabe nada de futebol, verdade?

— Nop. E sem ofender, nem quero tampouco. Não me interessa. Os esportes e eu não nos misturamos. — Merda. Pensava que saber dos Tide era um requisito para colocar um pé no estado. Obviamente não. Perguntava-me que diabos faziam os britânicos para se divertirem.

— Eu gosto que não saiba nada de futebol. Será uma mudança falar com alguém a respeito de algo que não seja o novo blitz ou difundir a informação.

— Como...?

— Eu adoro que não tenha nem ideia do que estou falando. — Movi-me mais para perto dela, sentindo o calor de sua pele suave.

— Feliz de estar a seu serviço — disse com um sorriso desconcertado. Era libertador falar com alguém novo que não sabia quem eu era, não entendia o nível de meu esporte e não fazia Ideia de quem meus pais eram. Isso se sentia terrivelmente bem. Garantindo um dia frio no inferno, relaxei, pela primeira vez em meses. Tomei um par de cervejas, golpeando a parte superior de ambas contra a mesa e comecei a falar, decidido a averiguar mais.

— Assim, Shakespeare, qual é seu problema? Suponho que é uma gêniazinha se já está em seu mestrado e é assistente da professora Ross nos últimos dois anos. De fato, deve ser fodidamente fantástica para que ela trouxesse você de tão longe ao Alabama?

— Er, sim. Mais ou menos isso.

— Você não gosta de falar do quão boa é em sala de aula, verdade? — Modesta também. Tinha ganhado na maldita loteria.

— Na verdade não. Torna-se embaraçoso falar de ser boa em algo. Qualquer pessoa que desfrute desse tipo de atenção, eu acredito que é estranho.

— Então isso é algo que temos em comum. — A frase "subir em um pedestal" veio à minha mente, mas não podia acreditar que fosse tão boa, e estava à espera de algum tipo de falha nela, algo que fizesse eu me afastar.

— Bom, isso e nossos épicos nomes dramaturgos isabelinos — brincou, e vi como seu olhar se precipitou. Nossos braços se tocaram e um rubor de cor vermelha brilhante cobriu todo seu rosto e peito. Tratei de não me centrar muito nessa zona.

— Isso também — respondi com um sorriso relutante. E logo Shelly interveio da grama.

— Rome? Rome? Alguém viu o Rome? Aonde foi?

Essa garota bastarda ainda iria acabar comigo. Estava me procurando só pra foder. Louca. Como. A. Merda. De repente me lembrei de por que evitava noites como esta.

Molly bruscamente se levantou de sua cadeira, a parte branca de seus olhos brilhando na penumbra, sua respiração superficial.

— Vai a algum lugar? — perguntei imediatamente.

Vi quando ela apareceu no corrimão da sacada, olhando por cima da parte superior. Ia sair e partir. Ao diabo com isso. Ficaria. Queria que ficasse comigo. Para sentir esta conexão um pouco mais de tempo, embora pudesse ser só por esta noite.

— Não vai vê-la? Parece muito bêbada por seu aspecto.

— Porra, não! Só deseja atenção. Ela vai dormir com algum outro cara, eventualmente — atirei sem rodeios, chutando a cadeira que estivera ocupando seu caminho, indicando para que se sentasse. — Sente sua bunda de volta, Shakespeare e tome outra cerveja com seu trágico personagem mais celebre. Não vai me deixar ainda. —Por um momento, pensei que tinha ido longe demais, sendo muito cedo para insistir tão abruptamente.

Mas ela me surpreendeu de novo, rodando os olhos castanhos dourados e brincando.

— Se não deixar de beber logo, serei eu quem cambaleará pela grama. Quer que eu grite por você, também? — Ela afastar-se-ia se soubesse o quanto eu queria fazê-la gritar.

Viu minha língua se mover ao redor de meu lábio e olhei a sua em troca. E ali estava, a química que havia sentido antes, o puxão, a atração.

— Você soa mais tentadora cada segundo — disse em voz baixa, meu doloroso membro cada vez mais duro em meus jeans.

Seus olhos se dirigiram de novo para o pátio traseiro. Tinha ido muito longe, precisava mudar o rumo da conversa.

— Então você se uniu a uma irmandade de mulheres? — Seus ombros relaxaram.

— Sim, e Ally quer que eu me mude para a casa principal, com Lexi e Cass, é claro. Não é exatamente a minha, mas estou fazendo o meu melhor esforço para abraçar a vida universitária.

Ally? Que diabos estava fazendo?

— Você e Ally estiveram conversando?

— Sim. Depois que se foi... da sala... antes... depois do... uhm...

— Do beijo. — era somente nisso que eu podia pensar, tomar essa boca de novo, saboreá-la de novo... degusta-la por toda parte.

— Err, sim. Bom, Shelly gritou que eu saísse e Ally me defendeu e basicamente disse a Shelly que parasse.

Bem. Agora estava agradecido de que minha prima interviesse. Podia imaginar Ally golpeando Shelly verbalmente.

— Ela não é exatamente a maior fã de Shel. Al é genial. Será uma boa amiga para ter por aqui. É minha prima e melhor amiga, portanto, tenho a chave de reserva de seu quarto para vir quando fica muito louco por aí.

— Parece agradável.

— É a melhor. — Molly sorriu e concordou.

— Assim, Shakespeare, de que parte da Inglaterra você é? Não se atreva a dizer de Stratford-upon-Avon ou me interno mesmo em um manicômio.

— Não, nem de longe. Sou de Durham.

Eu não era exatamente muito bom em geografia e não tinha ideia a respeito de Durham, Inglaterra.

— Não, nunca ouvi falar.

Fez uma pausa e pensou muito duro, com o rosto repentinamente aceso.

— Assistiu ao filme Billy Elliot?

Vergonhosamente, sim. Foi uma das sessões de ânimo de Ally depois que meu pai tinha me destroçado de novo sobre o futebol. Ela estava tratando de me mostrar que apesar de se estar atolado na merda, ainda se pode alcançar os sonhos...

Sutil.

— O filme sobre o menino que dança?

— Sim. Bom, sou exatamente do mesmo estado que ele vive no filme.

— Sério? — Quebrei a cabeça tratando de recordar algo sobre o lugar. O menino era pobre, verdadeiramente pobre. Isso significava... Merda. Aqui estava eu deprimido, mas uma coisa que nunca me preocupou foi o dinheiro. Tinha isso em abundância. Meus avós me deixaram a maior parte de sua fortuna, que era quase o suficiente para me estabelecer por toda a vida, apesar das objeções de meus pais.

Sua mão posou na minha e pulei, surpreso.

— Está bem. Sei que sou pobre. Não tem que se sentir mal por pensar nisso.

— Eu não est...

— Estava. — Não havia julgamento aí, embora a força por trás de seus olhos me derrubasse. Fui pegar sua mão, mas me apoderei dela, girando-a para nos conectar palma com palma.

— Sim, você estava pensando isso. Está bem. Sei que o lugar de onde venho não pode ser considerado como glamoroso, mas estou orgulhosa de todos. É o lugar onde cresci e o adoro, apesar de sua reputação e embora não viva lá há anos.

— Sua família ainda mora lá? — perguntei-lhe com curiosidade. Molly mudou imediatamente. Começou a tremer visivelmente e esfregou o peito. Seus olhos eram enormes e sua respiração ficou agitada.

— Está bem? Ficou pálida — disse-lhe, detendo o pânico, esfregando suas costas para acalmá-la.

— Sim, obrigada — sussurrou ela, parecendo um pouco melhor.

Nunca tirei minha mão de suas costas. De algum jeito eu gostava de tocá-la.

— Não, eu não tenho família — anunciou, com voz apenas audível.

Me coloquei para trás, fazendo uma careta por minha estupidez, e perguntei

— Merda, você é órfã?

— Não, mas não tenho nenhuma família. Não estou certa de que um adulto pudesse ser classificado como um órfão.

— Sua mãe?

— Morreu me dando a luz.

Deus.

— Pai?

— Morreu quando tinha seis anos.

Jesus.

— Não há avós, tias ou tios?

— Um deles, uma avó.

Obrigado, merda. Ao menos tinha uma pessoa.

— E?

— Morreu quando tinha quatorze anos.

Merda.

— Mas então, Onde...?

— Em orfanatos.

— E isso é tudo? Você esteve vivendo sozinha desde... Tem vinte anos, não?

— Sim.

— Durante seis anos? — Meu peito realmente doeu. Tinha perdido a todos. Todos.

— Bom, fui à universidade, assim tive alguns amigos lá, e a professora Ross me pegou como assistente de investigação em meu primeiro ano e cuidou de mim quando se deu conta que eu não tinha nenhuma família. Mas sim, estive sozinha muito tempo. Foi... difícil.

Inclinei-me, tentando lhe dar consolo, mas porra, não sabia que diabos dizer. O que eu posso dizer? Estava completamente sozinha.

Seus dedos tocaram meu braço e ela disse:

— Não quero ser grosseira, mas esta conversa me derrubou, Rome. Morte e Budweiser nunca devem andar juntas.

Estava tentando brincar, mas não tinha humor para a mão de merda que lhe tinha sido dada. Tive a sensação da dor dentro dela em sala, mas porra, não no nível em que estava.

— Assim, você e Shelly? — interrompeu meus pensamentos com o pior tema possível.

— Boa mudança de assunto — respondi secamente.

— Bom, tinha que haver uma razão pela qual estivesse tão zangada com nosso beijo. Mesmo que fosse somente pela iniciação.

— Somos... complicados. — Nunca falei disto, nem mesmo com Ally. Mas ela tinha compartilhado comigo quem ela era e pela primeira vez na história eu queria fazer o mesmo.

— Isso soa como uma desculpa, se alguma vez ouvi uma.

— Não, não é uma maneira de escapar. Ela esteve atrás de mim desde o sexto ano. Nossas famílias estão nos pressionando para um

compromisso, entende? Visam proteger seus investimentos, manter o dinheiro da empresa na família. Nossos pais são sócios. Ela nem sequer me agrada. É só um grande e velho espinho em meu flanco. — Isso o colocava suave.

— Mas... você vai continuar com isso? O compromisso, quero dizer. Fico surpresa que você se conforme com alguém que não quer. Ou inclusive, se os rumores forem certos, se estabeleça.

E ali estava. A merda que vem comigo já tinha chegado a seus ouvidos, em questão de horas. O moinho de intrigas fazendo seu fodido trabalho à perfeição. É hora de compartilhar umas quantas verdades com ela.

— Malditos rumores. Olhe, as garotas só se jogam para mim. Quando se oferecem, eu pego. Por que não? Não tenho uma namorada, nunca tive. O sexo ajuda a me acalmar por estar tão irritado todo o tempo e ainda mostro às pessoas que definitivamente não estou com Shelly. Não vou pedir desculpas por isso. Eu gosto muito de foder e nunca com a mesma garota duas vezes. — Vi sua mandíbula cair, mas ela quem tinha perguntado. Era a verdade. — Meus pais têm um plano estabelecido. Esperam que eu me forme, me case com Shelly, assuma o negócio familiar e viva o puto sonho americano.

— Assim sendo, você não quer jogar futebol profissionalmente? Parece que ouvi dizer que estava destinado para coisas maiores?

Isso mudou meu estado de ânimo completamente.

— Sim, quero jogar. Eu adoro. É tão natural para mim, é como respirar... a velocidade, a camaradagem, o rugido da multidão nos dias de jogo, quando faço o perfeito tiro a touchdown. Meus pais não suportam. Simplesmente... diabos, não lhes importa. Só odeio fodidamente que minha vida seja comandada por meus pais, isso é

tudo. — quero dizer algo a ela, dizer a alguém a respeito deles, estava me ajudando a liberar o meu ódio.

— Então faça o que quer. Ao diabo com todos os outros — disse ela simplesmente.

— É mais fácil dizer que fazer. — Sua mão apertou suavemente a minha.

— Não pode viver sua vida pelos outros, Rome. Tem que fazer as coisas que você quer, alcançar seus sonhos, da forma que desejar fazê-lo. Se for feliz, então seus pais certamente o estarão também, e se não, vão superar com o tempo. Não fique com alguém que você não gosta como Shelly. Você tem que estar com uma garota a quem não possa resistir, que realmente deseje acima de qualquer outra pessoa. Alguém com quem se conecte.

O que estava dizendo?

— Como você, Mol...? Uma garota como você?

— Você nem ao menos me conhece. — Ela estava me afastando. Então, passando meu dedo por seu rosto e amando o efeito que isto teve em sua respiração, eu disse a primeira coisa que me veio à mente:

— Romeo e Julieta olharam-se uma vez e seu destino já estava selado. Talvez eu seja como o meu xará, e talvez você seja como a sua.

Suave, Rome, muito suave. Oh, eu estava certo de que esse comentário era uma cantada padrão de um milhão de homens, mas teve o efeito desejado. Ela me queria, e merda, nesse momento, eu a queria também.

Coloquei minha mão em seu joelho nu e segui deslizando para sua coxa. Quanto mais me aproximava entre suas pernas, maior o calor de sua pele. Meu pênis estava duro como granito, enquanto

olhava seus lábios carnudos. Eu me movi, a ponto de toma-la, quando o trinco da porta de merda começou a tremer.

— Rome? Rome? Abra! Sei que você está aí!

Molly conteve o fôlego e, sacudindo minha mão de sua coxa, endireitou sua roupa. Arruinado.

— Merda! — gritei, levantando e jogando minha cerveja no lixo, ouvindo o vidro quebrar.

— Essa garota! — sussurrou Molly e me olhou diretamente nos olhos, esperando que dissesse algo. Enquanto olhava o seu rosto esperançoso, a realidade veio abaixo. Que diabos eu estava fazendo? Molly estava machucada, muito machucada para uma foda. Por tudo o que me dissera, o sexo sem sentido só seria cruel, e merda, não podia lhe dar mais nada. Precisava pôr o inferno fora da Bama, tinha que fazê-lo, e ficar com uma garota que não fosse Shelly só iria me causar uma tormenta de merda de problemas com meus pais. Não valia a pena.

— Já vou, Rome — disse finalmente com um suspiro de decepção — Deixo você com ela. Provavelmente é o melhor.

— Mol... — comecei, mas provavelmente ela tinha razão. Era o melhor. Mas quando passou diante de mim, algo me deu... um clique, e agarrei sua mão, puxando-a contra meu peito. Seus olhos dourados eram enormes quando me olhou, esperando... fodidamente esperando algo.

— Eu gostei de falar com você, Shakespeare. Foi diferente... — finalmente confessei com voz tensa.

Agarrando sua toga, a atraí para mais perto de mim, sustentando a parte posterior de seu pescoço em minha mão, mas seu olhar espectador me disse que necessitava de mais. Seu rosto caiu quando parei, e ela disse, decepcionada:

— Eu também, Romeo. Mas nossa pequena conversa parece ter chegado ao fim. Imagino que, de toda forma, provavelmente é o melhor.

Antes que pudesse detê-la ela se afastou, caminhando para o quarto, e eu a segui. Mol pegou o trinco e a porta abriu de repente, Shelly chegou correndo diretamente em mim, pulando em meus braços e esmagando seus grossos lábios contra os meus.

— Desejo você, Rome. Me foda, aqui e agora.

Suas pernas se apertaram ao redor de minha cintura e ela começou a mover sua calcinha contra a bifurcação das pernas do meu jeans. Juntando a parte superior de seus braços, empurrei-a para trás, fixando minha atenção na porta. Estava fechada, e Molly já tinha ido.

Merda!

Virando, afastei Shelly de mim e a joguei sobre a cama.

— Que merda, Shel? — assobiei.

Cambaleou sobre seus joelhos, sorridente, seu lápis labial vermelho manchando seus dentes.

— Papai me ligou, disse que estaremos nos comprometendo no próximo mês de julho. Queria comemorar com você.

Algo dentro de mim quebrou, e o conselho de Molly rodeou meu cérebro. Não pode viver sua vida por outros, Rome. Tem que fazer as coisas que deseja, alcançar seus sonhos, da forma que quiser fazê-lo.

Ela tinha razão. Porra, sim, tinha razão! Que diabos eu estava fazendo? Olhando para Shelly na cama, perguntei—lhe:

— Por que quer se casar comigo, Shel? Você não me ama. Eu não amo você. Qual é a atração?

— Quero você! Sempre quis — disse, arrastando as palavras.

Sacudindo a cabeça exasperado, argumentei:

— Não, você gosta da ideia de mim. Porra, Shel, você nem ao menos me conhece. Como pode me amar? Como pode querer este "maldito compromisso"? Não deseja um homem que ame você também?

Seus olhos brilharam e seus ombros caíram.

— Meu pai quer que aconteça. Minha mãe me ensinou desde muito jovem o que seria se casar por dinheiro, e como a maioria das mulheres em minha posição, teria que permitir que você fizesse suas coisas, tivesse suas pequenas aventuras. Aceitar. Mas aos olhos da sociedade, eu sempre seria sua esposa. Estaria em seu braço nas funções sociais e seria a mãe de seus filhos. Poderíamos ser o que todos, nossos amigos e a sociedade da Tuscaloosa, esperam.

Seu olhar caiu durante seu discurso, mas então ela me olhou novamente. Com os olhos injetados de sangue ela disse:

— Não sou estúpida, Rome, apesar do que pensa. Já sei que não me quer, mas, sejamos sinceros, não se trata de amor, não é mesmo? É o que somos, para o que nos criaram.

— Não deseja mais para você? Não tem sonhos? Coisas que deseja obter longe de toda a pressão de ser algo que não somos? Inferno, Shel, não sou feito para esse tipo de vida! Sou jogador de futebol. Nasci para ser isso, não para ser um engravatado miserável!

Sua cabeça começou a oscilar para frente e atrás.

— Não! Eu não tenho algo como o futebol como alternativa. Não tenho um GPA de quatro pontos ou alguma outra habilidade para usar como alternativa. Sou Blair, e sabe o que, Rome? Quero a vida que minha mãe tem, e necessito de você para fazer com que isso aconteça. — Seus olhos se estreitaram e, olhando para a sacada aberta, declarou — E farei o que for preciso para conseguir isto.

Endireitei-me ante sua velada ameaça, me dando conta de que não ia conseguir chegar até ela neste estado.

— Não vai acontecer, Shel. Sinto muito.

Açoitando de novo para me confrontar, ela uma vez mais adotou sua habitual fachada de cadela e gritou:

— É um idiota egoísta! Pense em mim! Se trata-se de sexo, não se preocupe. Já sabe que foderia você em qualquer momento que quisesse. Está tudo aqui para que tome! A vida perfeita numa bandeja de prata!

— Tenha um pouco de maldito orgulho, mulher!

— Tenho orgulho, mas estou começando a me perguntar se você ainda tem um pau ou está apenas fugindo de seu dever, atuando como uma putinha gritalhona ao invés de fazer o que lhe dizem!

Caminhei até o final da cama, Shelly se arrastando para trás diante do olhar severo em meu rosto.

— Você e eu... nunca acontecerá. É patética e odeio tudo o que representa. Nunca me casarei com você. Nunca. Entendeu?

Ela vacilou por um momento antes de responder:

— Você fará, Rome. Conheci você por toda minha vida e sempre tem feito o que seus pais lhe dizem para fazer. O que mudou?

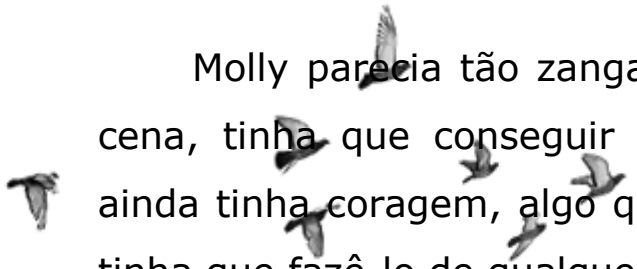
Era retórico, mas a fulminei com o olhar durante um longo tempo antes de sorrir vitoriosamente.

— Tudo.

Abandonei o quarto de Ally, sem me incomodar em desalojar Shelly, e fui em busca de Molly para me assegurar que estivesse bem. Abaixo, na grama, pude vê-la em um banco com Ally, Jimmy, a moça sinistra que tinha visto com Jimmy Mais cedo e uma garota com os lábios escuros e cabelo negro azeviche.

Molly parecia tão zangada, tão triste e, sem querer causar uma cena, tinha que conseguir sair dali. Precisava fazer algo enquanto ainda tinha coragem, algo que de nenhuma maneira ia ser fácil; mas tinha que fazê-lo de qualquer maneira para finalmente me libertar.

Só esperava que não viesse a lamentá-lo.







Capítulo 5

— O Sr. Prince verá você agora, Rome.

Levantei-me do frio e duro sofá de couro no amplo vestíbulo branco, escassamente decorado e, ajeitando o jeans, a assistente de meu pai me indicou a porta. Entrei em seu escritório, fechando a porta firmemente atrás de mim.

Ali, sentado detrás de sua mesa, estava o rei de todo o maldito mundo, vestido em seu poderoso traje negro listrado, com o cenho franzido enquanto me aproximava.

— Rome. A que devo este prazer? — Apanhei o sarcasmo em sua voz, mas o ignorei e desabei na cadeira livre em seu escritório.

— Tenho que falar com você — disse-lhe com firmeza, abraçando o mal-estar que sempre senti em sua presença.

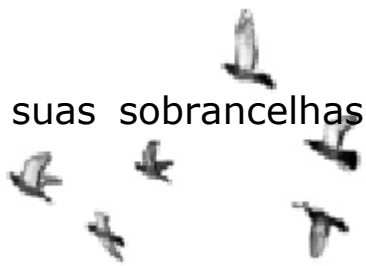
Ele colocou-se para trás, sorrindo, cruzando os braços. Nunca tinha vindo até ele assim antes, e é claro que tinha colocado o bastardo de bom humor.

— Adiante. Sou todo ouvidos.

Tomando uma respiração profunda, encontrei-me com seus olhos frios e declarei:

— Terminei.

Isso acabou com o sorriso de seu rosto, e suas sobrancelhas grisalhas se arrastaram juntas em confusão.



— Terminou com o que, rapaz?

— Tudo isso. Sua merda controladora, mamãe sendo dominante e me jogando sua frustração sem parar por ser um maldito erro para os dois. — Inclinei-me para frente para colocar o último prego no caixão da Prince Empire, vendo os lábios do meu pai curvarem-se com desgosto pelo gesto audaz. — E não me vou casar com Shel, por nada no mundo. Não há suficiente dinheiro no mundo ou qualquer ameaça que possa emitir que faria eu querer me unir legalmente a ela para o resto da minha vida. Me deixem fora de suas vidas, se quiserem, mas não posso e não vou fazer continuar com isso.

O silêncio era sufocante na sala espaçosa, decorada em estilo antigo, enquanto os dois homens Prince olhavam fixamente um ao outro. Finalmente, meu pai se inclinou para frente, tranquilo como o mar, e disse:

— Não sei de onde diabos você tirou a ideia que tinha alguma opção nisto.

Exatamente a resposta que estava esperando.

— Sim, eu tenho opção. E não vou mais fazer isto. Vou entrar no projeto, e desta vez não pode me deter. Vou deixar este lugar de uma vez por todas, e viver a porra da minha própria vida. Deus, vocês deveriam estar orgulhosos! Porque eu tenho a única matriz de toda Alabama. Que pai não quer que seu filho entre na NFL? Sou bom, papai, muito bom, se você só se desse conta disso. Talvez se vier para um de meus jogos, verá que não sou adequado para uma vida no mundo dos negócios.

Papai ficou parado, com o rosto queimando furiosamente. Então ele se levantou, golpeando com força sua mesa. Ele me pegou completamente de surpresa, e me inclinei para trás em meu lugar. Ele sempre foi forte e dominante, mas esta reação parecia um pouco

extrema, até mesmo para ele. Sempre estava tranquilo e sereno, especialmente em público, especialmente no trabalho.

Golpeando suas mãos na mesa de mogno sólida, gritou:

— O fará, rapaz! É seu dever! A Oil Prince precisa dos Blair, e não vou permitir que um ninguém fora da família se infiltre em minha companhia quando Shelly finalmente se casar! A empresa foi passada a seguinte geração durante anos, mas, OH, não, eu tenho um filho vândalo que se opõe! Jesus Cristo!

Rapidamente me pus de pé e, surpreso com sua explosão, gritei:

— Que demônios? O que há de errado com vocês? Por que está reagindo assim? Isto não pode ser só porque não quero me casar com Shel. Está agindo como um louco. O que realmente está acontecendo?

Seus olhos se estreitaram e uma expressão estranha, quase como pânico, atravessou seu rosto.

— Isto é sobre o casamento! Você vai fazer, nem que seja a última coisa que faça!

Passando as mãos pelo meu cabelo, suspirei profundamente e comecei a voltar para a sala.

— Já terminei. Lide com isso. E não se incomode em tentar me convencer do contrário.

Abri a porta da entrada, e o Sr. Blair, pai de Shelly, viu-me.

— Rome! — Manteve os braços estendidos, com seu excessivo sorriso de coberta. Ele não era um homem mau, só tinha suas prioridades equivocadas: o dinheiro e a posição social primeiro, e elas triunfavam sobre todo o resto. Shelly claramente tinha problemas com seu pai, e com a forma que ele pôs a maioria das coisas por cima dela, não era preciso ser um gênio para descobrir porquê.

— Olá, Sr. Blair, — disse enquanto me abraçava.

— Está aqui para falar sobre o casamento? Acho que por este tempo no ano que vem você será oficialmente família. — Meu estômago caiu e dei um passo atrás. O Sr. Blair perdeu o sorriso enquanto olhava por cima do ombro e viu o estado do escritório de papai.

— Joe? O que dem...?

— Não vou casar com sua filha, senhor. Não a quero como minha esposa e não quero ter nada que ver com a empresa, tampouco. Só vim aqui para que meu pai soubesse que estou falando sério. Desculpe se causar algum problema, mas simplesmente não posso fazê-lo. — Com isso, saí do edifício.

Eu encarei meu pai. Realmente, porra, o fiz. Mas o olhar determinado em seus olhos quando saí me fez sentir nada... nem o medo do que eu sabia que me esperava.



Texas A & M, KYLE FIELD, COLLEGE STATION, Texas.

— O que aconteceu filho? — O treinador sentou diante de mim no vestiário. Tínhamos acabado de jogar com os Aggies[3]; e dizer que acabo de ter um pesadelo de jogo seria um eufemismo. Três passes interceptados... Seis sacks[4]... Seis fodidos sacks!

Sentado com a cabeça baixa, ainda com o uniforme sujo, ainda com minhas botas de futebol, eu dei de ombros.

[3] Aggies: é a denominação que recebem as equipes esportivas da Universidade do Texas A&M, é este caso faz referência à equipe de Futebol americano

[4] Sacks: Pilhagem fazer frente por detrás da linha de golpeio a um quarterback que tenta acontecer a bola

— Não posso me concentrar. Merda! Fui terrível! Agradeço fodidamente que ganhamos ou estariam me jogando fora da Tuscaloosa! — Joguei minha cabeça para trás, passando minhas mãos sobre meu rosto, me sentindo completamente exausto.

O treinador suspirou, movendo sua cadeira para sentar-se frente a frente comigo.

— Rome, te conheço há quase quatro anos agora, fui a alguns de seus jogos do ensino médio antes de te convencer a se juntar aos Tide. Este não é o momento para que meta a perna. Todo mundo sabe que certamente será escolhido para a primeira rodada de recrutamento. — Ficou em silêncio um momento antes de perguntar: — São seus pais?

Isso me surpreendeu; girei a cabeça de volta para ele.

— O que?

— Olha, filho, não sei muito a respeito de sua situação familiar. Você mantém sua vida pessoal bastante apartada. Mas sei quando alguém não tem o apoio de seus pais. Estive treinando muito, muito tempo, e você não é o primeiro jogador a escapar de sua vida privada no campo.

Um nó cortou minha garganta. Verifiquei ao meu redor, só para descobrir que o resto da equipe se foi há tempo. Fiquei olhando o treinador diretamente no rosto e assenti.

— Eles não querem que eu entre no projeto. Eles querem-me para assumir os negócios da família e me casar com uma garota que não quero. Tive uma grande discussão com meu pai há alguns dias sobre tudo isto. Não consigo parar de revivê-la.

— E o que é o que você quer, Rome? — O treinador perguntou baixinho. Não podia haver nenhuma dúvida.

— Futebol. É tudo o que sempre quis.

— Não sou ninguém para te dizer o que fazer, Rome. Mas vou dizer-te algo. É um dos melhores... se não o melhor quarterback que tive a honra e o privilégio de treinar. Está em uma encruzilhada em sua vida. Somente você pode estragar as decisões que deve tomar. — Durante uns segundos, deixou-me refletir o que havia dito, e logo continuou. — As equipes da NFL lhe têm em seu radar. Todo mundo espera que vá para o próximo nível.

Fiquei olhando o chão sujo de azulejos brancos, sem realmente vê-lo, quando o treinador suspirou profundamente.

— Olhe, o que posso dizer? Tente com todas as suas forças entrar em um lugar melhor. Rome... não importa o que custe... sim?

— Sim, senhor! — Exclamei, levantando a cabeça e olhando para o treinador diretamente nos olhos... e ao mesmo tempo agradecendo silenciosamente ao Senhor que ele não tivesse ameaçado me deixar no banco.

Lentamente ficando de pé, me dando um tapinha paternal no ombro, disse em voz baixa:

— Se troque. Saímos em vinte minutos.



Capítulo 6

Isso foi há dois dias. A equipe... minha equipe... agora estava de volta aos treinos. Após a conversa do treinador comigo, as coisas ficaram mais fáceis, e eu estava agradecido de estar de volta em Tuscaloosa. É obvio, as mensagens de casa me ordenando discutir o assunto do casamento eram constantes, mas decidi que tinha que pôr um pouco de espaço entre meus pais e eu por um tempo.

Pensei muito a respeito do que disse o treinador e bolei um plano. Um: manter minha cabeça no futebol. Dois: aguçar o meu foco no que faço melhor. Três: priorizar e tentar com todas minhas forças afastar toda a minha vida da fodida merda de beber álcool e andar com putas ao redor.

Minha prima e eu estávamos caminhando para a classe, e Ally estava falando sem parar a respeito de uma garota que vivia para fazê-la louca. Eu me deixei vagar para outro lugar, ficando realmente emocionado com a sensação no estômago que senti enquanto nos aproximávamos do edifício 53 de Ciências Humanas. Sim, isso nunca tinha ocorrido antes, e muito menos pela filosofia, mas aqui estava eu, quase correndo para chegar à sala de aula. Já não estava nem negando o porquê disso.



— Demônios, Rome! Mais devagar! — Disse Ally enquanto corria, tentando acompanhar meus passos. — Por que demônios está com tanta pressa?

— Nada. Simplesmente não quero chegar atrasado.

Sua mão agarrou meu cotovelo, fazendo-me para parar e me olhando com enormes olhos castanhos.

— Desde quando? — Perguntou com uma risada incrédula.

— Desde quando o que? — Tentei fugir de seu questionamento. Ela era fodidamente muito intrometida para seu próprio maldito bem.

— Você! Por que está tão preocupado com as aulas, de repente? Não é exatamente o estudante do ano.

— Vamos ou vou deixar sua bunda para trás. — Comecei a caminhar de novo, e ela deixou escapar um enorme suspiro trás de mim.

Virando-me, eu reclamei com exasperação.

— E agora o que?

Seus lábios fizeram uma careta e em seguida abriram-se em um sorriso.

— Estou atrás de você. — Fazendo caso omisso dela, dirigi-me à classe. À medida que passávamos através da porta, Ally seguia rindo ao meu lado, o que só serviu para me deixar ainda mais furioso. Imediatamente olhei para a mesa de assistente de Molly, me sentindo decepcionado quando descobri que ela não estava ali. Por mais difícil que fosse admitir para mim mesmo, senti falta de vê-la durante toda a semana. Estava farto de sua imagem em minha maldita cabeça, me impedindo de dormir, e pensei que estava fodidamente perto de vê-la pessoalmente de novo.

— OH, Rome, viu isso?! Nada de Molly — disse Ally com voz cantada enquanto subia as escadas. Estava acostumado que ela

tentasse me tirar do sério, como uma irmã mais nova tornando-se irritante, mas desta vez ela estava realmente conseguindo.

Alguém entrou na sala, e dei uma olhada com o canto do meu olho. Era Molly, com a cabeça para baixo, vestida com short jeans, uma camiseta branca apertada, e uma versão em branco dos horrendos sapatos fodidos. Contornou passando diante de mim para sua mesa, e nem sequer me reconheceu.

Isso me incomodou.

— Shakespeare. — Saudei-a, tentando chamar sua atenção. Mas nada ainda. Ela estava me ignorando por completo e eu não me sentia bem com isso. Meu bom humor desapareceu por completo.

Fiz o meu caminho pelas escadas até meu assento ao lado de Ally, tentando não prestar atenção em Shelly. Ela, como sempre, começou a bater os cílios em minha direção.

Sacudindo a cabeça, perguntava-me por que ela estava sendo tão estúpida. Não podia acreditar que mantivesse as falsas paqueras depois da merda que foi nossa última reunião.

Sentei-me em meu lugar, me perguntando agora por que Molly estava sendo tão estranha. Ela avançou para o púlpito, com a testa carrancuda, tocando o pequeno microfone, os surdos golpes ecoando e atraindo a atenção de todos.

— Olá a todos. A professora Ross me pediu que dirigisse o seminário de hoje, sobre a introdução ao utilitarismo, e nas próximas sessões, vou dar-lhes algumas notas breves sobre os principais argumentos antes de explorar alguns exemplos para a discussão.

Ela tinha essa confiança novamente, quase arrogância, quando se tratava de seu tema. Ela mudou-se do púlpito, deixando cair suas notas, sua bunda apertada flexionando sob os shorts. Movi-me enquanto meu pau endurecia. Ela lambeu os lábios, ajustando seus

óculos, e eu lutava para não gemer em voz alta pelo que tinha à vista.

— Em termos simples, a ideia do utilitarismo é a teoria de que as ações de um indivíduo são baseadas no fato de que nós, como humanos, procuramos ativamente pelo prazer ao tomar decisões. Portanto, este argumento é visto como o enfoque hedonista à ética, onde fazemos as coisas apenas para nos sentirmos bem, impulsionados pela busca de prazer. Jeremy Bentham propôs que os seres humanos funcionam sob um princípio de prazer-dor, o que significa dizer que procuramos o prazer e evitamos a dor a todo custo.

Nenhuma só vez me olhou enquanto falava. A classe era pequena e ela olhou a cada par de olhos na sala, exceto os meus. Chegou a mim... fodidamente chegou.

— Bentham acreditava que este princípio poderia ser adaptado à sociedade em um todo e que funcionaria melhor se operado em um sistema que considera o maior bem-estar para a maior quantidade de pessoas. Isto é evidente em muitos setores da sociedade, mas um bom exemplo disso é a forma de se votar em uma democracia. O voto da maioria beneficia à maioria das pessoas. Portanto, a maioria das pessoas nessa sociedade é feliz, quer dizer, sente prazer pelo resultado, criando uma sociedade mais ativa. — Depois de alguns minutos em que ainda não recebi nada, nem sequer uma sugestão, decidi que era hora de cortar a merda e fazê-la me reconhecer. O que Shakespeare não sabia era que tinha uma sólida compreensão deste tema. E o usaria para lhe mostrar que eu não gostava de ser ignorado.

Esperei até que fez uma pausa em sua palestra e deixei escapar uma dramática tosse, me movendo para frente em meu assento e fingindo escutar com atenção, sendo deliberadamente desagradável.

Seus olhos presos nos meus se estreitaram. Perfeito. Tinha começado a ficar com raiva também.

— Onde estava? — Disse em voz alta, de maneira sutil com um olhar de reprimenda em minha direção. — OH, sim. Hoje vamos discutir o conceito do princípio de prazer-dor e se os humanos realmente funcionam desta maneira. Eu, por minha parte, tendo a estar de acordo com a maior parte desta teoria....

— Sério? — Soltei, interrompendo-a na metade de seus comentários. Meus companheiros de classe me olharam chocados. Sim, eu nunca participei de uma aula.

Diabos, a maioria destas pessoas provavelmente não tinha me escutado dizer nada por quase quatro anos nesta sala. Eu sabia que tinha a reputação de ser um esportista mudo, e o que me importava? Deixei que os bastardos acreditassem no que queriam. Eu ia falar hoje, no entanto, tudo porque queria a atenção de uma garota.

Molly tinha paralisado, seu pulso em seu pescoço batendo furiosamente debaixo de sua pele exposta.

— Perdão?

Ali estava, esse fogo, essa faísca que mantinha tão bem escondida. Tomando meu lápis, virei-o em meus dedos, como se não me importasse uma merda, e pela expressão de seu rosto, estava conseguindo aumentar sua irritação.

— Estava expressando minha surpresa que esteja de acordo com Bentham, em sua maior parte. — Disse-lhe, exagerando as últimas quatro palavras.

— Então, a resposta é sim, ouviu direito. — Atirou-me.

Cristo, ela parecia ainda mais linda quando estava zangada como o inferno, e sua atitude estava me fazendo dar voltas — Né! — murmurei, mordendo o lápis. A sala estava absolutamente silenciosa,

e inclusive a professora estava nos observando com grande atenção. Ally me bateu com o cotovelo em minha costela e assobiou.

— Já basta, Rome. Ela não vai achar divertido. Deixe-a sozinha, babaca. —Por um momento, senti-me um pouco culpado, mas estava me divertindo muito com essa luta para me importar realmente uma merda.

— Né, O que? Romeo? — Perguntou ela com um sorriso malicioso. Isso me silenciou, e qualquer humor que tinha logo se transformou em raiva. Ela usou esse maldito nome, sabendo exatamente como me sentia sobre isso... E também em público? Era tão desprezível que era glacial e não podia acreditar que ela tivesse feito isso, não acreditava que ela poderia ser tão malditamente cruel.

Sua sobrancelha se levantou, um claro desafio, e eu gemi. Ela queria jogar sujo? Que comece o jogo.

Tomando uma respiração profunda, eu disse:

— Acredito que é absurdamente idealista pensar de tal maneira, Shakespeare, e para alguém com sua suposta inteligência, estou surpreso de que isso saísse absolutamente de sua boca.

— Rome! — Ally me advertiu silenciosamente ao meu lado, mas não podia parar. Tinha um ardente desejo de transar com ela depois que me chamou por esse bastardo nome tão maliciosamente.

— Quero dizer, olhe à analogia de votação que deu: maior bem-estar para o maior número de pessoas. Mencionou como era considerado bom para a sociedade, quando a maioria das pessoas estaria feliz com o resultado, mas tudo o que vejo são defeitos. E se a "maioria" das pessoas que votam são ruins ou têm más intenções e a minoria são pessoas inocentes e boas pessoas que estão em perigo pelo fato de que estão em desvantagem? O que acontece se a pessoa

na qual votaram tem segundas intenções e trai o que disse que iriam fazer?

Ela abriu a boca para obter uma palavra, mas segui meu caminho, levantando a voz ainda mais forte para que ela não pudesse me deter em meu discurso retórico.

— Olhe para Hitler. Foi eleito pelo voto democraticamente, e por um momento, ele era considerado certo para a maioria das pessoas que estavam vivendo na pobreza sem nenhuma esperança real. Mas veja como isso terminou... Eu só estou dizendo que, embora pareça boa em teoria, a parte prática realmente não funciona, não é?

Levantando meu queixo com arrogância, desafiei-a a intensificar seu jogo. Ela deixou a proteção do púlpito enquanto caminhava para frente, com o propósito de se aproximar de mim, seu cabelo ricocheteaando, com longas mechas castanhas caindo em seus olhos.

— Para começar, me conceda a honra de permitir que eu termine meu raciocínio antes de interromper bruscamente. — Seus dentes estavam cerrados juntos, seus olhos ardendo de raiva. — Em segundo lugar, o que defendo nessa ideia é que os indivíduos vivem sim, em muitos casos, com a ideia de prazer sobre a dor, pelo menos em sua maior parte. Certamente que estaria de acordo com isso, Sr. óh tão fantástico QB. Afinal, não toma a maioria de suas decisões com base em sua ilustre carreira no futebol, algo que lhe dá prazer?

Então, ela estava indo para a jugular, tentando me derrubar. Fiquei imaginando o que diabos tinha feito para merecer sua ira.

— Você tem razão, eu faço, mas também faço isso para os espectadores, para meus companheiros de equipe. Eles encontram alegria no futebol, ao contrário de alguns — eu disse incisivamente.

Suas mãos repousaram em seus quadris.

— O que significa isso?

— Significa que em Alabama, Shakespeare, o futebol é o maior prazer que há; você joga, você assiste, você treina. Meu treinamento, e, portanto, meu sucesso, beneficiam tanto a mim como aos outros. Você parece ser a única que não gosta.

Seus lábios tremeram e um sorriso vitorioso tocou seu rosto.

— Isso demonstra que tenho razão. Em Alabama, o maior bem para o maior número de pessoas é o futebol americano, já que dá prazer à maioria da população.

— Neste sentido, pode estar certo, mas nem sempre é assim tão simples. – Ela continuou com os braços cruzados sob seu peito, seu pé tocando ruidosamente contra as escadas de madeira. — Você fala que os indivíduos fazem as coisas por prazer e para evitar a dor, coisas que não gostam?

— Sim.

— Mas muitas pessoas fazem coisas que causam a si mesmos dor ou desagrado, somente para satisfazer as necessidades e desejos de outras pessoas. — Ela deve ter entendido a referência. Cristo, ela era a única pessoa em quem tinha confiado. Só ela sabia da pressão de meus pais para me casar com Shelly e cumprir suas ordens. Que me crucifiquem se ia deixar que seguisse cuspindo novas coisas de mim diante de estranhos.

— OH, não estou segura de que é sempre tão doloroso fazer certas coisas ou certos atos que outros querem, quero dizer. — Sim, ela estava indo para lá, e quase quebro a mesa da raiva.

— Precisa ser mais clara, Shakespeare. Qual é o seu ponto? — Agarrei o lápis como uma bola contra estresse.

— Bom, vamos usar o sexo como exemplo. Uma das duas pessoas envolvidas no ato quer mais, e a segunda pessoa é indiferente em seus afetos para com a primeira. Mas, a segunda

pessoa cede e em última instância mantém relações sexuais com a primeira, apenas para fazê-la feliz. No entanto, e aqui reside a ironia, a pessoa que não esta emocionalmente envolvida e mantém relações sexuais apenas para contentar o parceiro ainda encontra a liberação sexual. Portanto, a prática do ato sexual não faz o mártir sentir desconforto em tudo. Ou faz?

Merda. A realização me bateu. Todo este tempo, se tratava de Shelly. Ela pensava que eu tinha fodido Shelly na noite que falamos na varanda, e claramente não gostou dessa ideia.

O lápis em meus dedos se quebrou bruscamente, junto com minha paciência e tolerância, pela forma pública que ela encontrou de vingar-se... E por ser hostilizado por algo que não fiz, porra! Então ela queria expor toda a sujeira? Pois bem, então eu iria jogar a merda no ventilador.

— Ou que tal uma pessoa que decide que seria uma boa ideia beijar outra, devido a alguma estranha e inexplicável atração, para logo em seguida perceber que cometeu um maldito erro? Que falou de coisas pessoais pela primeira vez com alguém diferente, alguém novo, pensando "talvez possa confiar nesta pessoa e deixar que ela conheça o verdadeiro eu?" Apenas para perceber que o que fez foi estúpido e nunca deveria ter acontecido. Proteger as pessoas é apenas uma grande decepção! — Corri minhas mãos pelo cabelo, deixando cair o lápis agora destroçado ao chão.

— Jesus, Rome — sussurrou Ally a meu lado, seu olhar simpático caindo sobre Molly. Eu olhei para cima para ver o que a deixava tão chateada. Molly estava de pé no segundo degrau, com lágrimas nos olhos e completamente envergonhada. Merda! Como diabos tinha ocorrido isto? Devia ser um debate estúpido, não um massacre verbal

completo. Porra, mas a garota podia me tirar do sério em mais de um sentido.

Seus olhos dourados deixaram rapidamente os meus, e ela olhou para o relógio, anunciando em voz baixa:

— No próximo seminário serão analisadas as notas pessoais de Bentham. A leitura essencial está no esquema do curso. Classe dispensada.

Pendurando a mochila no ombro, corri pelas escadas, sem nem sequer olhar Molly em sua mesa, a necessidade de sair da sala tão sufocante oprimiu todo o resto. Shelly irrompeu passando junto a mim, quase deslocando meu ombro no processo, e outros companheiros de classe corriam em sussurros apressados. Caminhando para a esquina do corredor, apoiei-me na parede, respirando profundamente. Uma tosse leve irrompeu através de meu atordoamento.

— O que? — Disse, sabendo que era Ally.

— Você está bem? — Perguntou em voz baixa. Abri os olhos e ri sarcasticamente.

— Fodido de cor rosa! Eu adoro que minha vida pessoal seja objeto de boatos na UA.

Ela me olhou fixamente durante um momento antes de sacudir a cabeça.

— Tenho que chegar a minha próxima classe. Não faça nada estúpido.

— Cale a boca, Al.

— Estou falando sério. Sei que está esperando-a. — Eu estava. Shakespeare e eu precisávamos ter uma pequena conversa privada a respeito de como manter um maldito segredo. — Olhe, Rome, tornei-me muito próxima a essa garota ultimamente. Diabos, ela tornou-se

uma de minhas amigas mais próximas. Não quero que de a ela um momento difícil, está me ouvindo? Não está acostumada às pessoas como você. Machuque-a e terá que lidar comigo!

Cruzando os braços sem dar uma resposta, deixei cair meu olhar, observando os pés de Ally quando ela saiu com um suspiro de frustração. Dois minutos mais tarde, Shakespeare saiu da sala de aula e, imediatamente, eu estava na sua frente.

— Que merda foi isso?

Sua surpresa com minha presença era evidente em seus olhos enormes e sua respiração gaguejou.

— Você foi grosseiro. — Disse com firmeza, verificando ao nosso redor.

Estávamos sozinhos, tinha me assegurado disso. Isto era entre ela e eu.

— Estava debatendo. Isso é o que se faz em filosofia. Você o fez pessoal. —Podia ouvir a borda áspera em minha voz, mas Molly não se intimidou; manteve-se firme, mantendo meu olhar fulminante com o dela.

— Você também o fez! — Ela devolveu o golpe, com o rosto ruborizado de raiva. Ela não podia ver o que tinha feito? Como tinha me levado à beira de perder a compostura na frente de uma classe com suas palavras...? Com esse maldito nome?

— Por que discutiu em público o que conversamos na outra noite? O que falamos foi em confiança. Te disse coisas que nunca disse a outra pessoa, nunca, e você joga isso na minha cara, publicamente, durante uma classe? — Aproximei-me, cheirando esse maldito aroma de baunilha dela... O que era, porra? Seu cabelo, sua pele? Deus, estava me deixando louco. Assim de perto, notei mais coisas sobre ela, como o quanto sua pele era perfeita, sem marcas ou

manchas, e que seus olhos tinham uma estranha sombra cor caramelo ao redor da íris. Jesus, estava furioso, mas não queria nada mais que leva-la contra a parede. Fodê-la até submetê-la. Fodê-la até que aprendesse a não me desafiar. Voltando a orientar minha mente, eu disse:

— Depositei minha confiança em você, e o que você fez foi mostrar as sujeiras em sua conferência, para o seu próprio maldito benefício de sabe tudo?

Minha mandíbula se apertou quando ela revirou os olhos e riu.

— Confiança, maldição! Todo mundo sabe que você usa às garotas da faculdade para ter relações sexuais, o que, sinceramente, faz-me sentir doente.

Ela acabava de ganhar o primeiro ataque.

— E na outra noite com Shel? O que você fez então, justamente depois que confidenciou não gostar dela? Depois de ter se conectado tão profundamente comigo? Hm?

Dois ataques.

— Onde está a moral nisso? Suponho que não pôde resistir a suas pernas abertas?

Porra, três ataques!

Perdendo por completo minha prudência, fiz Molly se mover contra a parede a um canto escuro. Estávamos completamente escondidos da vista. Me aproximando cada vez mais, perguntei:

— Por que você se importa? O que significa para você? — A fúria foi rapidamente substituída pela luxúria, as duas misturando-se em minha mente. Sua respiração agitada e os arrepios em sua pele só me incitavam ainda mais.

Ela pode não ter percebido, mas não conseguia afastar o olhar de meus lábios.

— Não significa nada para mim — Disse ela com os dentes cerrados, mas aqueles olhos apertados me deram todas as respostas que precisava. Ela também me desejava infernalmente, mas não podia sair e simplesmente dizê-lo, não é? Não, Mol se contentava com pressionar cada maldito botão que eu tinha. Bati minha mão contra a parede, me inclinando mais perto, até o ponto em que quase estávamos nos tocando.

— Está mentindo. - Disse de forma eloquente! Seus seios firmes estavam pressionados contra meu peito, enquanto ela disse entre dentes.

— Não estou mentindo! Assim como não me interessa com quem você fode.

— Bobagem! Não acredito nisso, porra! — Cuspi quando ela bateu em meu peito, e tentei de novo. — Eu disse que não acredito! Me diga por que merda isso te importa e não minta para mim, porra! — Senti suas mãos tocando meu estômago, quase me fazendo gemer alto.

— Muito bem! — Gritou. — Eu me importo porque você me beijou! Beijou-me como se não tivesse outra opção, caramba! Eu não gosto de ser só outro brinquedo quando confiei em você. Nunca faço isso e agora eu me lembro exatamente por que!

Agora estávamos chegando a algum lugar.

— Para sua informação, eu não a fodi. Na verdade, eu lhe disse diretamente que não ia ficar com ela. O que você me disse fez sentido... sobre viver minha própria vida. Você conseguiu chegar ao meu coração. Você... afetou-me. E entenda isto claramente... você não é o brinquedo de ninguém, Shakespeare. Posso andar fodendo por aí, mas não vou jogar com você.

Esses malditos lábios se abriram novamente, mas eu já estava cansado de sua merda, então coloquei meu dedo em sua boca, prendendo-a em meu aperto.

— Você é corajosa, Shakespeare, ao falar comigo assim. Eu não tolero essa atitude de ninguém. As pessoas por aqui sabem que não devem se aproximar de mim. Eles têm o bom senso de deixar as coisas em paz.

Seus olhos se estreitaram e ela perguntou:

— Você está me ameaçando?

Meu pênis estava duro como ferro, minhas forças a ponto de se quebrarem, mas esta pequena inglesa me tinha aceso como um gladiador.

— Não estou te ameaçando, Shakespeare, estou te aconselhando. Reconheço que você e essa sua boca são verdadeiramente excitantes. Mas estou mais interessado em te ensinar como mantê-la fechada.

Seu corpo a estava traindo; eu peguei sua garganta tragando e o torcer de suas coxas. Ela gostou da forma como estava sendo com ela, e a ideia de que esta boa senhorita na realidade pudesse gostar duro simplesmente estava me deixando louco.

— Guarde esse tipo de conversa para quando se afundar em Shelly novamente. — Retrucou.

— Eu disse que não a toquei, caramba! — Tentei falar com calma, mas saiu mais como um rosnado.

— Isso não é o que ela esteve dizendo. — Sua voz estava embargada; estava perdendo a atitude chuta bunda que tinha adotado.

Com ambos calmos agora, tentei lhe fazer compreender como me sentia.

— Não poderia me importar menos com o que ela diz. Pensei que fosse diferente, Mol. Por que fazer grande coisa a respeito de Shelly, ou mesmo sobre o futebol, depois que eu já expliquei exatamente o que aconteceu? Ou melhor, não aconteceu.

Respirando com dificuldade, ela começou a esfregar as têmporas.

— Olhe, simplesmente estou em um humor de merda. Não deveria ter te atacado dessa maneira e me desculpo por ter traído sua confiança. Foi rude de minha parte. Estava com raiva de você, estive com raiva de você durante dias. Não sei como agir em torno de você. Você... me confunde.

Fale-me sobre conflito. Estava muito zangado com ela por sua pequena apresentação anterior, mas a desejava. Não tinha ideia de por que, mas eu nunca tinha desejado uma garota como ela antes, cada fibra de meu ser gritava para leva-la, possui-la. À medida que minha mente rodava com estes pensamentos, Molly tentou afastar-se de mim.

— Onde diabos pensa que vai? — Espetei.

— Vou embora. Já terminei com isto... Eu acabei com a gente e com o que diabos seja que aconteceu.

Acabar? Eu não tinha terminado. Estávamos apenas começando.

Quando tentou passar por mim outra vez, renunciei a minha moderação e rosnei:

— Você está me deixando malditamente louco, Shakespeare! — E segurando firme em torno de seu pescoço, pressionei esses malditos lábios franzidos contra os meus.

Merda, sentia-me tão bem.

Comi sua boca, devorando tudo o que tinha, como um homem faminto em um banquete. Minha língua explorou incansavelmente e

ela acolheu tudo que eu dava. Foi perfeito, ela foi perfeita, e eu estava ficando mais que um pouco obcecado.

Ouvi o baque surdo de seus livros quando os atirou ao chão e senti o aperto de sua mão no material solto de minha camisa. Eu estava tomando e ela estava dando de volta. Queria isto tanto quanto eu.

Eu era um homem possuído. Agarrando-a firmemente ao redor de seus braços, empurrei-a contra a parede, meu pênis pressionando contra sua vagina, moendo, e gemendo contra sua boca. Ela soltou um forte gemido e, de repente, a realidade voltou. Estava forçando-me com dureza em Mol em um maldito corredor.

O medo se construiu em meu estômago. Eu devia evitar fazer merda como esta e conseguir terminar esse ano com facilidade. Molly estava demonstrando ser uma grande maldita distração. Por um lado, queria provar mais dela, mas, por outro, queria que ela ficasse fodidamente longe.

Expulsei um grunhido irritado.

— Porra, Mol, por que não posso te tirar da minha cabeça? É tudo no que fodidamente penso, e não sei como lidar com isso.

Ela estava deslumbrante: o rosto vermelho, os lábios inchados, os olhos brilhando de desejo.

— Realmente? — Ela sussurrou, e podia ver que gostava das palavras que foram derramadas de minha boca estúpida.

— Cada minuto. De. Cada. Dia.

Empurrando minhas mãos atrás da minha cabeça, vi quando começou a recolher suas coisas, preparando-se para sair. Tínhamos que esclarecer esta merda entre nós, qualquer que fosse.

— Não sei o que fazer contigo. Está me confundindo e eu não gosto. Nunca estive assim por uma garota. — Amaldiçoei-me por

dizer isso. Era com Molly que estava falando, não uma maldita fã. — Mas também não acho que você seja apenas mais uma garota. Pensei isso no momento que te vi toda nervosa no corredor no primeiro dia de aula. Cristo, não fui capaz de provar nada exceto você desde que nos beijamos na maldita iniciação.

Esperei sua resposta, mas em vez disso ela se foi, correndo, gritando de volta:

— T... Tenho que ir à biblioteca.

Quase bati na parede enquanto seu rabo apertado escapava de mim tão rápido quanto possível. Comecei a segui-la, mas decidi deixa-la ir e me forcei a ficar quieto. Observei-a afastar-se, mas quando ela timidamente olhou para trás, assegurei-lhe:

— Isto está muito longe de terminar, Shakespeare... longe de terminar, porra! — E então ela se foi, me deixando com raiva reprimida, confuso como o inferno e ostentando a maior ereção que já tive na vida.

Molly Shakespeare ia me matar.

Capítulo 7

FAYETTEVILLE, Arkansas

— Merda, Bala, essa garota não pode tirar os olhos de você! — Disse Reece entusiasmado. Levantei a cabeça de minha cerveja, verifiquei a loira atraente, prendendo seu sorriso acolhedor, mas balançando minha cabeça em negação.

Jimmy pôs sua mão em minha cabeça, fingindo verificar minha temperatura.

— Sente-se bem?

Com um sorriso eu disse:

— Sim, só não estou interessado.

— Você tem certeza de que está bem? — Desta vez foi sério. Sua boca estava aberta e me olhava com surpresa. Assenti com a cabeça lentamente em resposta, e bati minha cerveja com a sua, rindo.

— Como pode não estar interessado nisso? É uma maldita deusa! — Reclamou Reece, levantando do sofá, e andando pelo corredor para tentar a sorte com a loira.

— Cinquenta dólares que ela o recusa — disse Austin com um sorriso enquanto cutucava meu braço.

— Demônios, ela não vai nem toca-lo. Ela é um nove. Ele... não. Estaria dando meu dinheiro aceitando essa aposta.

Jimmy caminhou para o sofá e estendeu a mão.

— Ouça, agora, dê-lhe uma oportunidade. Ele será o QB titular no próximo ano. Inferno, Rome, ele será você! Vou aceitar a aposta... de ambos.

Nós três nos sentamos de novo e observamos Reece enquanto desfilava na direção da loira, presunçoso como a merda. Ela me olhou por cima do ombro, mas o que quer que Reece lhe disse a fez repentinamente ficar de pé e seu sorriso de "foda-me" caiu de seu rosto.

Ele trabalhou o bom bate-papo, sussurrando em seu ouvido, tocando sua bochecha e seu braço nu com os dedos.

Austin me olhou boquiaberto, claramente pensando o mesmo que eu: o pequeno filho de puta estava dentro.

A loira passou a mão por seu peito, em seguida, tomando sua mão, começou a leva-lo fora do salão. Reece nos olhou, o maior maldito sorriso em seu rosto, em seguida desapareceu escada acima.

— Menos mal! Sabia! — Gritou Jimmy, de frente para Austin e eu: —Paguem, cadelas! — disse com um sorriso de comedor de merda.

Balançando minha cabeça, coloquei a mão no bolso tirando cinquenta. Austin fez o mesmo. Cada um deixou o dinheiro na mão estendida de Jimmy. — Nunca pensei que veria o dia que ele marcaria por sua conta.

— Esteve te observando, no campo e fora dele, como um maldito falcão. Vai ser fodidamente perigoso no próximo ano — disse Jimmy em tom de brincadeira e moveu-se do sofá para unir-se a alguns de

nossos companheiros que se dirigiam para o pátio traseiro em busca de comida.

Estávamos em uma festa numa casa cedida por um dos principais jogadores dos Hogs. Era o costume, circular solícitos, licor fluindo... o incomum era que eu não tinha um pingo de interesse em nada disso. Estava muito ocupado me perguntando o que estava fazendo Molly em casa, muito ocupado me perguntando se ela tinha visto meu show de merda no jogo.

Eu quase tinha desistido de tentar tirá-la de minha mente.

Austin se levantou para pegar mais cerveja. Alguns minutos mais tarde a almofada do sofá se afundou ao meu lado, indicando seu retorno. Me lançando outra garrafa, perguntou:

— Você está bem?

Assenti, mordendo a tampa com os dentes antes de tomar um longo gole.

— Conseguirá estar em forma de novo, já sabe. Só está tendo um mal começo na temporada.

— Mal começo? Merda. Não posso jogar mais. Nada do que tento vai bem. Ultrapassei-me no passe para você hoje, uns cinco metros — murmurei asperamente.

— Se cale, Rome. É o maldito melhor jogador do estado, demônios, do país. Simplesmente está passando por muito e não pode deixar que essa bagagem te tire do jogo.

— Como sabe pelo que estou passando?

Austin deu de ombros.

— Eu já vi isso antes, quando aceitou a bolsa de futebol na UA. Seu pai te bateu tanto que quase te enviou para o hospital, e você, filho de puta sádico que é, simplesmente deixou.

Essa lembrança era difícil de esquecer. Eu tinha ido diretamente para a minha casa dizer ao meu pai que tinha aceito uma bolsa com os Tide. O treinador tinha vindo a alguns de meus jogos do último ano na escola secundária e quando escolhemos a universidade, ele me ofereceu um lugar na UA no ato. Foi um dos dias mais felizes de minha vida. Isso até que eu contei ao meu pai. Acredito que ele tinha assumido que finalmente eu teria concordado com sua forma de pensar, que renunciaria a toda a merda do futebol, seguiria seus passos e entraria no negócio família. Mas ele não entendia a paixão que eu tinha pelo jogo, nunca o fez, e aí foi onde começaram nossos problemas atuais.

No momento em que lhe disse que tinha conseguido uma bolsa de estudos integral, ele surtou. Lembro de ter me dado por conta, naquele exato momento, que ele nunca iria deixar eu ter minha própria vida. E vai entender o porquê, mas naquele momento, eu fiquei diante do meu pai irado, enquanto o homem corpulento lançando golpe após golpe... E eu tomei cada um. Sorri através de cada golpe. Em seguida, sangrando e espancado, arrumei minhas coisas e dormi no chão de Austin durante várias semanas, antes de ter que voltar para casa e aguentar o resto do ano. Evitei meus pais durante meses, ficando fora de seu caminho, vivendo principalmente na velha cabana em suas terras, para em seguida sair para o campo de treinamento de verão com os Tide. Nunca olhei para trás.

Voltando ao presente, com música metal batendo através dos alto-falantes, disse-lhe:

— Não tinha sentido me defender. Tinha aprendido que só iorava as coisas.

— Então, o que acontece agora? Ele ainda esta tentando te impedir de entrar no Draft1?

— Sim, nada novo — Deixei escapar uma risada cansada. — Mas agora também quer que me case com Shelly. Recusei-me, é obvio, e não falei com ele desde então, mas sei que não vai render-se. — Lancei uma olhada na garrafa em minha mão e disse: — Nada muda para nós, não é irmão?

Balançando a cabeça, Austin disse:

— Às vezes, Rome, gostaria de saber como chegamos até esta merda de vida. Você com todo o dinheiro do mundo, mas com os piores pais na terra. — Na verdade eu ri disso. — Ou eu, com nada mais que um pedaço de reboque de lixo, com dois irmãos cabeça oca e uma Santa por mãe que mal pode caminhar.

Inclinei minha garrafa de cerveja em sua direção e ele bateu a sua contra a minha. Não haviam mais palavras que precisassem ser ditas.

A festa continuou, a maioria dos jogadores encontrando garotas para a noite. Jimmy voltou a entrar na sala apenas para encontrar Austin e eu ainda no mesmo lugar

— Meninos! Um grupo de nós está indo para um bar, vocês vem?

— Sua garota não vai ficar com raiva de você se o fizer? — Perguntei-lhe com um sorriso zombador.

Jimmy era louco por sua nova garota; não deixou de falar da maldita loira texana em todo o caminho para Arkansas. Aparentemente, a garota era aventureira como o inferno na cama, o que descobri depois da sétima explicação detalhada de suas dez melhores posições sexuais.

— De jeito nenhum! Provavelmente Cass chutaria minha bunda se não saísse e bebesse, ela sabe que não me desviaria.

Eu acreditei nele. Ele era um bom rapaz.

— Vou passar — disse-lhe. — Acredito que só vou voltar para o hotel. Inclinando-se, Jimmy pressionou sua mão contra minha cabeça novamente.

— É sério, Bala, está doente? Realmente? Primeiro, nenhuma mulher em semanas e agora se negando ir a um bar? Você estando de acordo com a Invasão dos Ladrões de Corpos está me assustando!

Rindo, eu estava de pé, batendo-lhe nas costas.

— Estou cansado de tudo, homem. Preciso baixar minha cabeça e me focar. Até mais tarde.

Austin olhou para mim, algo claramente incomodando-o também, mas sabíamos não interferir nos problemas um do outro e, em troca, falamos de futebol todo o caminho de volta a nossos quartos.

Uma vez na cama, fechei os olhos, e foi o rosto de Molly que eu vi e o beijo dela que provei. Suspirando, comecei a contar as horas até que pudesse voltar a vê-la.

Estava tão malditamente na merda.

Assim que o avião atingiu o asfalto, as mensagens começaram. Meu pai escrevendo que queria me ver, que precisava me ver, me advertindo que faria bem em ir vê-lo porra!

Em seguida, às seis e meia da maldita manhã, ele ligou. Decidindo responder e terminar de uma vez com seu sermão, eu cumprimentei-o com um relutante.

— Papai.

— Estou quase nos terrenos de sua escola. Sugiro que me encontre imediatamente. Não me faça ir te buscar. — Meus punhos se apertaram e quase quebraram o bastardo celular em minhas mãos.

— Vejo você no pátio.

Recolhendo minhas chaves, saí rapidamente do meu quarto, quase correndo para o pátio, ainda vestindo a mesma roupa com a qual viajei. O lugar estava deserto, muito cedo para os alunos se levantarem, mas o sol já estava escaldante, o campus estranhamente silencioso.

Ao virar a esquina, não demorou muito para detectar o precioso Bentley de meu pai, prateado, ostentoso, e me detive na calçada, à direita sobre o capô do carro.

Meu pai abriu a porta, seu terno ligeiramente desalinhado e seus olhos marrons cansados. Por um momento hesitei, pensando que estava aqui para dar más notícias, até que o vi rangendo os dentes e soube que estava aqui por mim.

— Romeo — saudou, cruzando os braços sobre o peito.

Odiava que estivesse assim tão calmo e sereno, com sua voz tranquila e baixa. Nunca poderia prever o seu estado de espirito quando estava assim; nunca soube se me preparava para um soco ou se estava a ponto de ser chantageado para fazer alguma merda que não queria.

— Papai — disse com cautela.

— Esteve ignorando minhas chamadas, mensagens, e-mails...

— Precisava de um descanso. O futebol foi intenso, e a escola está tornando-se mais louca conforme me aproximo da graduação. Eu sei que ainda quer que me case com Shelly, e não queria discutir sobre isso nunca mais. — Seus olhos acenderam com isso.

— Maldição, claro que quero este casamento. — Deu um passo mais perto, mas com meus um e noventa de altura ainda me elevava sobre ele. — Olhe, preciso que te case com ela. Tenho que manter o negócio entre as duas famílias.

Meu pai estava agindo de forma estranha. Podia sentir o desespero em sua voz, vê-lo em sua postura, na forma em que constantemente estava passando a mão pelo cabelo. Minhas suspeitas aumentaram. Algo mais que o casamento claramente o estava incomodando, mas maldição se podia adivinhar o que era. Meu pai nunca me diria isso se lhe perguntasse. De maneira nenhuma ia mostrar fragilidade na minha frente, mas eu tinha que tentar.

— Me diga por que está pressionando tanto isto – Eu exigi, vendo a raiva em seus tensos traços com minha linha de questionamento. Essa era uma das muitas coisas que eram proibidas, questionar as instruções de meu pai. Franzindo seus lábios com desgosto, ele empurrou um dedo para meu peito.

— Faça o que lhe digo. Execute a tarefa pela que lhe mantivemos! — E ali estava. O aviso não tão sutil de que nunca fui amado.

Eu mantive minha posição

— Sabe o que, velho? Que se foda seu casamento arrumado. Nada mudou. Nada vai mudar. Desista.

Sua raiva tomou o controle e o homem com o qual tinha crescido mostrou sua feia cabeça, a falsa cortesia esquecida enquanto agarrava minha camisa em seus punhos.

— Insolente de merda! Por que ousa me desafiar a cada passo? — Seus olhos estavam assustados e isso só confirmou minhas suspeitas.

Algo maior tinha que estar por trás disso. Ele não tinha sido assim tão físico em anos. Não lutei com ele, mas respondi:

— Porque não quero esta vida para mim. Não quero ser você!

Inclinando-se para meu ouvido, ele disse em voz baixa:

— Você nunca foi bom o suficientemente para esta família! — E instintivamente retirou a mão, mas parou, claramente tentando conter-se de sua antiga forma de castigo. Eu podia me defender agora que era maior, mais forte, e o velho bastardo sabia. Tinha dezessete anos a última vez que tinha deixado ele me bater, mas nunca tinha me tocado em público. Não havia maneira de que ele arriscasse sua perfeita reputação. Mas ali estava, atacando a plena luz do dia, sua composta pessoa desintegrando-se.

— Faça! — Rosnei, inclinando meu queixo em oferta.

— Não me tente, rapaz! — Ameaçou, e apenas sorri em resposta. Eu tinha aprendido que se conseguíssemos um bom golpe fora do caminho, isso me compraria um par de semanas de silêncio. Precisava umas poucas semanas de calma.

Desesperadamente precisava delas.

Empurrei seu peito e gritei:

— Faça-o! Me bata! Sei que isso é o que quer! — Seus lábios se apertaram enquanto decidia o que fazer, assim sorri de novo, realmente incitando-o, e esse foi o momento em que ele quebrou. Ele puxou o punho e em segundos bateu em meu rosto.

Imediatamente deixou cair a mão, andou para trás e garantiu:

— Não vou parar até que esteja caminhando por esse maldito corredor. É imprescindível que se case com Shelly Blair! Imprescindível! — E com isso saltou de retorno em seu Bentley e partiu.

Capítulo 8

O sangue de meu lábio escorria pelo queixo, mas eu deixei. Minha bochecha latejava e minha mandíbula doía, mas me lembrou por que não podia me casar com Shelly. Eu simplesmente não poderia viver isto para sempre, e finalmente acabaria recorrendo ao álcool como minha mãe, para suportar o sufocante mundo de jantares de sociedade e deveres.

Fui direto para a árvore mais próxima e bati na casca até que minhas mãos estavam dormentes, meus músculos doessem e o sangue derramasse dos meus dedos. Com o peso de meus suspiros esgotando meu corpo, desabei no chão, olhando sem ver a grama diante mim.

Merda! Não podia continuar vivendo neste constante inferno, nesta escuridão. Como diabos foi tudo a merda tão rapidamente? Podia sentir o peso de tudo pressionando sobre mim; meus amigos, o futebol, a escola... e mal podia respirar ou pensar. Só queria me enrolar em uma bola aqui no chão, sem realmente me importar com quem encontraria o grande "Bala" Prince reduzido a uma confusão sangrenta lamentável.

Escutei o som de um galho seco romper-se ao me lado e, quando levantei a cabeça, Molly estava de pé diante de mim, com as mãos tremendo e com lágrimas nos olhos, sussurrando:

— Romeo, Deus...

Parecia como a porra de um anjo.

Ela caiu de joelhos ao meu lado, seus olhos castanho-dourado se suavizaram em simpatia. Começou a limpar meus cortes, mas nada disso se registrou realmente; minha mente estava perdida em uma densa névoa.

— Dói? — Ela parou para perguntar, mas só pude sacudir a cabeça. Ela se aproximou mais, seu pequeno corpo apertado entre minhas pernas, e pressionou um pedaço de tecido rosa em meu lábio. Mesmo assim, só podia olhar.

— Enxague sua boca, Rome. Esse sangue não pode fazer muito bem. — Deu-me uma garrafa e fiz o que disse, cuspindo a água no chão, a terra seca misturada com vermelho. Então ela me surpreendeu, pegando suavemente minha mão e sentando-se junto a mim. Ao olhar seus pequenos dedos envolvidos ao redor de meus, percebi que essa garota estava se tornando tudo o que eu necessitava, mas nunca sonhei ser capaz de conseguir. Na superfície, ela era exatamente meu oposto, mas muito no fundo, estava me entendendo como ninguém tinha feito antes.

Sentindo sua mão apertar em apoio, saí de meu torpor e disse com voz rouca:

— Olá, Mol.

— Olá, você.

— Quanto você viu? — Perguntei, temendo a resposta.

Movendo-se mais perto, seu braço roçou o meu. Pondo sua cabeça em meu pescoço, ela respondeu:

— O suficiente.

Então alguém finalmente tinha visto meu pai em ação. Me sentindo como se tivesse oito anos outra vez, deixei cair minha

cabeça contra a árvore, me sentindo humilhado porque ela me viu assim, estupidamente uma vítima de meu pai.

— Quem era o homem no Bentley?

— Meu pai — admiti depois de alguns segundos de silêncio.

— Seu pai? — Isso a impressionou e seus olhos cerraram com raiva, seu corpo curvando-se para mim protetoramente. Essa era, sem dúvida, a primeira vez. Não podia falar diante do gesto, um momento de felicidade apoderando-se da minha voz. Nunca tive alguém me confortando antes, nunca tive alguém que se preocupasse o suficiente para me confortar antes. Estar ao redor do Molly me fazia feliz... merda... ela realmente me fazia feliz...

Mantive sua mão apertada na minha porque não queria deixar ir este sentimento.

— Você está bem? — perguntou de novo.

— Não — disse, as lágrimas ameaçando a cair.

— Quer falar disso? — Não queria absolutamente, assim neguei com minha cabeça.

— Te bate sempre?

Decidi não dizer nada. Ela tinha visto mais do que qualquer outra pessoa, não havia necessidade de pretender outra coisa.

— Não tem muita oportunidade mais. Estava zangado com algo que tinha feito. Chamou-me para nos reunir e... bom, você viu o resto.

Ficando na minha frente, perguntou:

— O que fez de tão ruim para que ele te batesse dessa maneira?

Queria responder com a verdade, dizer que eu era uma desgraça em suas vidas perfeitas, um aviso de algo que prefeririam esquecer, mas nunca iria aí, nunca ia revelar isso, assim simplesmente disse:

— Dinheiro, decepção, não ser o filho obediente. O de sempre. Entretanto, nunca tinha chegado tão longe em público antes. Nunca o vi tão zangado.

— Mas você é seu filho! Como se atreve a te tratar assim? Que demônios tem feito para merecer que lhe batam?

Não ia dizer nada.

Sentando-se frustrada, mas aceitando que não ia obter uma resposta, Molly mudou de assunto, perguntando sobre a partida em Arkansas. Confessei que não tinha jogado bem.

— Nunca tinha tido um começo tão mal numa temporada em toda minha vida. É meu último ano, o que se supõe que serei recrutado, e tudo está indo pelo cano.

— Por que vai tão mal? — Suas sobrancelhas foram para baixo, com seu óculos grossos deslizando uma fração por seu nariz.

Empurrando-os de volta a sua posição normal, revelei:

— Porque não posso completar sequer um de meus passes. Estou decepcionando a equipe e os fãs. Meus pais não vão deixar de me atormentar por Shelly; o que acaba de presenciar é a insistência de meu pai sobre essa questão. Ela está sendo uma sanguessuga maior do que o normal e estou constantemente brigando com ela. Minha cabeça está dispersa, não posso dormir ou me centrar, e ficar pensando em certa moça inglesa me mantém acordado toda a noite. Cada maldita noite. Ela está infestando meus sonhos.

Precisando sentir seu toque, pus sua mão contra minha bochecha, o contato me acalmando.

— Sim, sei o que é isso. — Sua resposta foi dita em um sussurro.

Era hora de lhe dizer algumas verdades.

— Pensei em nosso último encontro sem parar enquanto estive fora.

— Sim. Eu também. Foi... diferente... ter a cabeça cheia de pensamentos com um bombom que não tem nada a ver com Dante, Descarte ou Kant. — Queria rir de seu lindo como o inferno sotaque e agradecer a Deus que estivesse pensando em mim também.

— Acha que sou um bombom? — perguntei brincando, empurrando seu braço.

— Hm? — seu nariz se enrugou ao sorrir e esse rubor subiu por suas bochechas. E eu só havia passado de odiar ao mundo a me sentir no topo.

— Onde estava indo a esta hora da manhã quando viu este bombom recebendo uma surra? — Precisávamos nos mover desta árvore, mas estava seguro como o inferno que ela não ia à escola. Queria estar onde for que ela estivesse e eu fazia mais ou menos sempre o que queria.

— Rome... — ia dizer algo, mas se interrompeu.

— Responda a maldita pergunta, Shakespeare.

— À biblioteca. Tenho umas notas que preciso escrever para a Professora Ross. Ela tem um escritório aí onde posso trabalhar sem ser incomodada. Vi... o que aconteceu contigo e seu pai e pensei que talvez você precisasse mais de mim do que o emocionante mundo da academia me necessita agora.

Levantando-me e arrastando-a comigo, anunciei:

— Vamos.

— Onde? — franziu o cenho em confusão.

— À biblioteca. Vou te ajudar. Não podemos decepcionar ao mundo da academia agora verdade? — Levantei sua bolsa do chão e a coloquei em seu ombro.

— Romeo... está seguro que não quer ir para casa ou fazer algo mais? Poderíamos falar mais se quiser. O que necessite.

Jesus, falar mais sobre minha vida em casa não era o que queria. Diabos, o que realmente queria era levar Molly de volta a minha casa e não me incomodar em sair até que tivesse o suficiente dela, mas não estava seguro de que essa sugestão era o melhor agora.

Pegando sua mão, disse:

— Não. Vamos à biblioteca e vou te ajudar com seu ensaio.

— Vai me ajudar com filosofia? — Devia ter me sentido insultado por sua incredulidade, mas esse ar de arrogância que sempre tinha quando se referia a seus estudos só me deu vontade de lhe demonstrar que estava equivocada.

Girando-a e envolvendo meus braços ao redor de seus ombros, sussurrei:

— Ouça, só porque sou um atleta não significa que seja estúpido. Para sua informação, sou sobressalente nessa classe. Possivelmente seja capaz de te mostrar uma coisa ou duas.

Deixei-a ir e citei:

— Por exemplo, Immanuel Kant era um verdadeiro maricas que raramente era estável.

Deixando escapar uma risada emocionada, cantou:

— Heidegger, Heidegger era um mendigo bêbado que poderia pensar debaixo da mesa.

— Aristóteles, Aristóteles era um bode pela garrafa e Hobbes estava afeiçoado com seu copista — Fiz um gesto para que terminasse.

— E Rene Descarte era um chato bêbado. Bebo, logo existo.— Era britânico, depois de tudo.

— Assistir Monty Python é como um rito de iniciação ou algo assim? — Seu enorme sorriso me disse que acabava de somar uns pontos em seu livro.

— Assim é um fã de Monty Python? — perguntou emocionada.

— Bom, não se pode estudar filosofia e não estar familiarizado com "o Bruces" a canção dos filósofos — A verdade era que um de meus primeiros professores de filosofia no segundo ano estava acostumado a reproduzir essa canção todo o maldito tempo. Depois disso, vi cada filme que fizeram.

— Estou de acordo, mas nunca te identifiquei como um fanático da comédia britânica.

— É Python — disse simplesmente. Estendi minha mão — Vamos. Surpreendi-te uma vez com meu conhecimento de filosofia. Estou bastante seguro que posso fazê-lo de novo.

— O que você diga, tem vinte e um anos. Eu tenho só vinte e já estou fazendo mestrado. Duvido que haja algo que possa me mostrar, super estrela. Esta é minha especialidade.

Aí estava essa boca outra vez. Segurando sua mão, a puxei para meu peito, sujeitando-a fortemente, e inclinei-me para sussurrar:

— Possivelmente não em filosofia, mas estou seguro como o inferno que posso te ensinar outras coisas, Mol, em minha área de especialização.

— E qual é essa? — perguntou e sorriu. Eu podia sentir seu coração pulsar como louco em seu peito.

Percorri meus lábios pela pele de seu pescoço, beijando seu pulso e provocando.

— Coisas muito mais... prazerosas que trabalho.

Apanhei a pausa em sua respiração, satisfeito que fiz repicar seus nervos, e arrastei-a comigo.

— Vamos, mega cérebro, vamos estudar e tirar de sua mente suja as vulgaridades...

Isso lhe ensinaria a não me provocar.

Trabalhamos na biblioteca durante horas. Nem uma única vez ela me pressionou para falar sobre meu pai ou sobre algo mais; sua mente estava completamente focada em sua tarefa. Recordava ao Rain Man quando trabalhava, totalmente absorta em seu próprio mundo pequeno.

— Vamos, Shakespeare, vou te levar para casa — disse finalmente quando Molly bocejou pela quinta vez no espaço de dez minutos. Minha bunda tinha começado a doer depois de estar sentado em um só lugar tanto tempo.

— Sim, está bem — concordou ela cansadamente. Saiomos da biblioteca; só havia uns estudantes passando nos pisos quase vazios.

O campus estava bastante tranquilo enquanto caminhávamos pelo caminho principal. Aproveitando que ninguém estava ao redor, agachei-me, tomando a mão de Molly na minha. Ao princípio seus dedos se esticaram ante a ação e ela me lançou um olhar inquisitivo, mas vendo minha negativa de soltá-la, só o deixou ser. Me fazia bem tê-la perto, e eu gostava que se alguém nos visse pareceria que ela era minha. Esse sentimento me agradava mais do que deveria. Eu era Rome Prince. Não me comprometia com garotas. Mas Molly estando em meu braço parecia malditamente perfeito.

Na metade do caminho para sua casa, Molly perguntou:

— Rome?

— Sim?

— Divertiu-se quando esteve em Arkansas?

Essa pergunta me pegou despreparado. Olhei para baixo a sua cabeça estava encurvada e me perguntei para onde se dirigia esta conversa.

— Não realmente. Na verdade, não podia esperar para voltar. — Atraí-a para mim para que me olhasse, tratando de ler seu humor: — aonde quer chegar?

Chutando seus dedos na grama debaixo de nós, olhou-me e disse timidamente:

— Cass colocou algumas fotos da festa que esteve no Facebook.

Franzindo o cenho, perguntei:

— Sim, e?

— Bom, vi o que alguns dos meninos estavam fazendo. Já sabe... cerveja... mulheres... não vi nenhuma de você, mas... — sua voz se foi apagando.

Colocando um dedo debaixo de seu queixo, obriguei-a a encontrar meu olhar outra vez.

— Quer saber se fiquei com alguém?

Seus olhos se entrecerraram.

— Bom, não o teria posto tão grosseiramente, mas sim, suponho que sim. Sei que não é meu assunto, assim sinta-se livre para me dizer se tiver ido muito longe. —Seus olhos caíram ao chão outra vez.

— Olhe pra mim — instruí e ela o fez cautelosamente. — Muitas fãs tentaram me paquerar. Sempre o fazem. Não tenho sequer que me esforçar muito duro, Mol.

— OH! — sua cabeça se inclinou e seus ombros caíram em decepção. Fez-me além de malditamente feliz que a ideia de eu ter estado com alguém a incomodasse tanto.

— Mas disse a todas que fossem a merda e fui para casa, sozinho. — Terminei, e sua cabeça se elevou bruscamente.

— Fez isso? — disse com um tom surpreendentemente feliz.

— Sim — inclinei-me e sorri. — Nenhuma delas podia discutir sobre o utilitarismo de merda!

Ela começou a rir e voltou a tomar minha mão. Terminei de acompanha-la de volta a sua casa, sua mão desta vez um pouco menos tensa na minha.

Era a primeira noite em um longo tempo que dormi sem pesadelos... nada em minha mente salvo certa linda morena.





Capítulo 9

No dia seguinte, depois do treino da manhã, tomei banho e vesti minha calça e camisa em tempo recorde. Austin e Jimmy olharam um para o outro do outro lado dos vestiários, confundidos ante minha pressa.

— Vai a algum lugar? — perguntou Austin.

Passando meus dedos por meu cabelo molhado, respondi evasivamente:

— Sim, vejo vocês mais tarde. — Com isso, corri à biblioteca e diretamente ao escritório da professora Ross, provando o trinco.

Bloqueado.

Merda.

Olhei a hora, Molly não demoraria a chegar. Só havia uma coisa por fazer. Teria que ver a senhorita Rose. Um calafrio percorreu minhas costas, sabendo que no minuto em que ela me visse ficaria muito excitada e grudenta.

Dirigindo—me ao escritório, vi um cabelo comprido e cinza e, me apoiando sobre o mostrador, com entonação falei:

— Olá senhorita Rose, como vai você? Parece bem. O vermelho é sua cor.

Ela girou lentamente ao ouvir minha voz e sorriu.



— Rome Prince! Querido, que bom te ver! — aproximou-se do escritório, mostrando seus dentes amarelos enquanto jogava para trás seus magros lábios em um sorriso amplo, movendo-se para parar justo a minha frente. Merda, como ela ainda trabalhava em sua idade era um mistério para mim. Devia estar chegando aos cem.

— O que te traz por aqui tão cedo?

Dando-lhe meu melhor sorriso sedutor, disse:

— Preciso de um favor.

Ela inclinou sua cabeça, divertida.

— Agora, sabe que não posso te dar nenhum tratamento especial. Tenho que dar a todos os estudantes o mesmo trato.

— OH, sei disso senhorita Rose, mas pensei que, bom, porque somos tão bons amigos, faria uma exceção. Só desta vez?

Acariciando minha mão com seus dedos ossudos, falou efusivamente:

— Rome Prince, menino mau! E o Senhor sabe que nunca fui capaz de resistir a um menino mau, especialmente um tão bonito como você! Carinho, o que necessita?

Sempre funcionava.

— Pode abrir o escritório privado da professora Ross para mim? Estou trabalhando aí hoje e esqueci a chave.

Piscando os olhos, ela levantou-se do mostrador e arrastou dolorosamente seus pés para o elevador.

— Vamos, antes que me meta em problemas por quebrar as regras.

A senhorita Rose abriu o escritório, acendeu a luz e me deixou, mas não antes de bater firmemente no meu traseiro ao passar.

Olhei-a boquiaberto, em estado de choque, enquanto se retirava. Sério? Lançando minha bolsa à mesa, me rendi a sua audácia, sentei-

me e fiquei cômodo, esperando que chegasse certa senhorita Shakespeare.

Trinta minutos mais tarde a porta rangeu abrindo-se, e Molly saltou surpreendida ante minha postura preguiçosa, recostado em meu assento.

— Já era hora, Shakespeare. Já escrevi uma maldita tese te esperando.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, e o maior sorriso do mundo brilhava em seu rosto.

Levantando-me do assento, movi-me para parar diante dela, dizendo:

— Estou aqui para ajudar a assistente. Ponha-me para trabalhar. Estou impaciente para te agradar. — Disse meneando minhas sobrancelhas para efeito adicional.

Deixando seu livro, olhou-me especulativamente.

— Quer me contar como entrou aqui, em uma sala fechada com chave?

— Tenho uma admiradora secreta na biblioteca. Abriu a porta para mim depois de uma pequena e doce conversa. — E de tocar meu traseiro, mas não me sentia completamente cômodo compartilhando essa informação.

— A senhorita Rose? Tem noventa anos! — disse Mol, engasgando-se com uma risada.

— E parece como um puma caçando — transmiti com uma careta e olhos muito abertos. Molly perdeu seu senso de humor e me estudou.

— Mm-hmm. E por que, Romeo, quer me ajudar a escrever notas de novo?

Meu estômago caiu. Nunca tinha considerado que ela poderia não querer que eu interrompesse seus estudos de novo. Merda! Cruzei meus braços e resmunguei:

— Não me quer aqui? Irei se estiver me intrometendo em seu caminho. Não quero estar onde não me querem.

Seus olhos se suavizaram e colocou suas cálidas mãos sobre minhas ásperas bochechas, seu polegar roçava minha arroxeada bochecha e lábio.

— Ouça, não disse isso. Só estou surpresa pelo fato de que queira estar aqui comigo. É... agradável estar contigo, em qualquer momento.

Alívio correu por meus músculos tensos, e movi minha cabeça para pressionar um beijo em sua palma.

— Mol, também gosto de estar perto de você. Sinto-me bem quando estou. Além disso, devo-lhe isso pelo que fez por mim ontem.

— Não me deve nada — sussurrou, sacudindo sua cabeça profudamente.

Sentindo-me completamente tranquilo e inclusive feliz, acariciei minha bochecha em seu ombro.

— Quero ficar com você.

— O que vai fazer com suas aulas?

Que se danem minhas aulas.

— Vou ficar com você. Converti-me em uma espécie de viciado.

— Viciado? — perguntou receosa.

Cada vez mais perto, riscando ao longo de seu quadril com minha mão, confessei:

— Isso é correto. De você e sobre como me faz sentir.

— Bem, bom... vamos trabalhar então — disse, tropeçando em seus pés e falando.

Era tão malditamente linda.

As horas passaram sem nós tomarmos nenhum descanso. Eu estava faminto. Fiquei de pé, olhando Molly, que rabiscava furiosamente em seu caderno, seu cabelo soltando-se de seu coque, murmurando para si mesma sobre Paley e seu relógio. Não ia parar tão logo.

Sai do escritório e dirigi-me à cafeteria dos estudantes, me abastecendo de rosquinhas de queijo e nata e cappuccinos. Depois de pagar os aperitivos, percebi esse filho da puta do basquete, Michaels, me olhando de sua mesa do outro lado da lanchonete. Era evidente que estava de novo junto com a garota que fodi pelas suas costas. Garota com classe. Uma idiota que estava aceitando de volta seu traseiro imundo.

Passei a frente, tratando de ignorá-lo, mas ele tinha outros planos.

— Perdeu-se?

Detive-me e girei para enfrenta-lo.

— O que? — perguntei cansadamente.

— Eu disse: Está perdido? — disse lentamente, como se eu fosse mudo, rindo para sua garota, que manteve firmemente sua cabeça para baixo. Golpeando a mesa, cuspiu:

— Merda, não admira que você esteja gastando tempo na biblioteca. Você ainda está tentando aprender o alfabeto, não é?

Sim, fodi a sua garota. Entendo-o, mas em minha defesa eu nem sequer sabia quem era ela até que ele esteve sobre mim depois do treinamento dois dias mais tarde. Posso não ligar muito para moral, mas eu não pegaria a garota de outro cara se soubesse, me de um pouco de crédito porra! Foi em uma festa, eu estava bêbado e ela me levou para cama. Tinha sido breve, mas Michaels não podia esquecer.

As pessoas no café deixaram de conversar, escutando.

— Michaels, vou lhe dizer mais uma vez. Fecha a sua maldita boca. Hoje não estou com humor para sua merda — adverti. Só queria voltar para junto de Molly. Brigar com este imbecil era a última coisa que estava na minha mente.

Observei quando um lento sorriso se estendeu por seu rosto. Ao que parece ele não estava sentindo o mesmo.

— Tem razão. Deixarei que volte para a seção de retardados no primeiro piso.

Se a comida em minhas mãos não fosse para Molly, que se encontrava escada acima trabalhando, teria jogado tudo em sua puta cabeça e golpeado seus dentes dianteiros. Mas simplesmente sorri e respondi:

— Farei Michaels, e deixarei que volte para sua cópia do Kama Sutra. — Cruzei os dedos de minha mão direita e os mostrei, sorrindo sarcasticamente. — Não falta muito agora para que possa fazer com que sua garota goze sem um vibrador e deixe de ir à procura, pelo campus, por substitutos. — Com isso, deixei Michaels furioso em seu assento, olhando a sua garota que seguia de cabeça baixa, enquanto os estudantes escutavam e riam de nosso show.

Cinco minutos mais tarde e de volta ao piso superior, suspirei enquanto via que Molly ainda estava escrevendo furiosamente e ficando mais que exausta, uma enorme pilha de notas amontoadas a sua direita. Minha entrada finalmente a separou de sua zona de filosofia, e ela me olhou em estado de choque.

— Precisamos fazer uma pausa — eu disse severamente.

— Quanto tempo estivemos aqui? — perguntou bocejando, enquanto estirava seus músculos com câimbras e esfregava seus olhos sob os óculos negros.

— Perto de seis horas — respondi com um tom de reprimenda enquanto lhe entregava uma rosquinha.

— OH. Merda.

— Sim, merda — respondi com um sorriso, seu acento exagerado me divertia muito. Nunca tinha conhecido um britânico antes de Molly e, às vezes, as coisas que saíam e a forma como pronunciava merda era malditamente hilariante.

Não podia tirar meus olhos dela enquanto se esticava em seu assento, e o mais importante, não podia separar meus olhos da língua de Molly, enquanto a passava ao longo de ambos os lábios enquanto olhava sua comida. Apertei minha mão sobre meu café em um agarre de morte, imaginando sua boca lambendo ao redor da ponta do meu pau. E quando tomou um gole de seu próprio capuccino, gemendo satisfeita em voz alta, apertei tanto o copo que a bastarda tampa se desprendeu e o líquido quente caiu sobre meu peito.

— Merda! — gritei, me levantando de repente, afastando o tecido de minha camisa cinza úmida e fervendo.

— Está bem? — perguntou Molly, com uma sobrancelha levantada.

— Simplesmente... Mol, não faça esse tipo de ruídos a meu redor — instruí fortemente, me movendo para ajustar meu pau agora como uma rocha dura em meus jeans. A respiração de Molly aumentou ante minhas palavras e seus peitos empurraram contra seu vestido. Desejava-a, malditamente tanto, mas sabia que ela não era como as outras garotas. Não era só uma foda, não dava atenção a qualquer um que vestisse uma camiseta dos Tide. E o mais chocante é que rapidamente estava me dando conta de que a queria para algo mais que uma noite.

Sim. Imagine isso. Meus sentimentos por ela se encontravam descontrolados, confundindo toda a merda fora de mim.

Tomando assento, ambos nos olhamos em silêncio, a tensão pulsando uma vez mais, até que fiz soar meus nódulos e estendi meus braços, dizendo:

— Já deve ter quase terminado agora. Nunca vi ninguém trabalhar tão duro em algo. Diabos, não tenho dúvidas de que vai ser uma boa professora.

Enquanto eu em perdia no rubor de suas bochechas acaloradas, ela encolheu os ombros e disse:

— Eu adoro estudar. Mantém-me ocupada.

— Do que?

— De pensar em outras coisas.

— Como? — A desolação que apareceu em seu rosto ante essa pergunta me chegou ao coração.

— Coisas más... coisas inquietantes... coisas de meu passado.

Eu sentia essa dor, conhecia essa dor. Assim, me aproximei e agarrei sua mão que estava apoiada sobre a mesa, lançando toda precaução ao vento e confessando:

— Assim, estudar é para você como aquilo que você me faz?

Sua mão sacudiu ligeiramente a minha. Puxei sua mão, trazendo-a mais perto.

— É verdade, Mol. Está fazendo algo por mim.

— Eu... O que? Você...? — murmurou de mau humor, puxando sua mão quando eu ri. Logo em seguida, ela me lançou um pedaço de sua rosquinha, supus que mirando minha cabeça, mas na verdade acertando meu peito. Pode ser que fosse um gênio, mas tinha uma pontaria de merda.

Meu coração quase estalou de alegria enquanto o impedia de saltar pela minha boca e ela não pode conter sua risada. Parecia que éramos bons um para outro, aliviando nossos estados de ânimo depois de nos haver perdido nas lembranças de nossos tempos escuros.

— Então, como se sente hoje? — perguntou com sincera preocupação em seu tom. Alguém estava sinceramente preocupado comigo. Sentia-me... bem.

— Melhor — respondi sorrindo — Esta linda garota me ajudou a passar por uma merda pessoal.

Ela inclinou sua cabeça e levantou seu olhar brincalhão através de suas largas pestanas negras, fingindo procurar debaixo da mesa e ao redor da habitação.

— Que garota? Que aspecto tem?

Enrugando meu rosto e fingindo concentração respondi:

— Morena, sotaque quente, malditamente sexy como o inferno, estilo bibliotecária com óculos.

Molly sacudiu sua cabeça em rechaço.

— Certo. Mas sério, você está bem?

Tempo de cortar a merda. Ela merecia saber, e o mais importante, eu finalmente queria me abrir com alguém, inclusive se fosse só um pequeno vislumbre de quem eu era.

— Vou tentando. Um dia de cada vez — confiei em voz baixa.

Assentindo com orgulho, Molly voltou para suas notas, compreendendo que eu não podia ser pressionado. Amava isso dela. Não podia tirar meus olhos dela enquanto bebia seu café. Era bonita, não havia dúvida disso, mas não se esforçava em fazer-se mais formosa, não tinha nenhum vestígio que fosse de maquiagem ou roupa ajustada. Mas sentada frente a mim neste momento, via-a

como uma supermodelo, a garota mais impressionante que já vi. Sua fácil aceitação de minhas malditas formas esfarrapadas a converteu para mim, na garota mais formosa do mundo.

Nesse momento, minha decisão estava tomada. Queria-a, estava consumido por minha necessidade dela, e decidi confrontar as consequências.

Estava fazendo meu movimento.

Ela deixou o copo sobre a mesa, uma pequena gota de espuma em seu lábio. Levantando-me de meu lugar, espreitei ao redor da mesa, vendo que abria seus olhos nervosamente enquanto me aproximava. Agachei-me, prendendo-a na cadeira, minha atenção firmemente fixa em meu objetivo.

— Romeo, que... — sussurrou, mas me inclinei, tirando rapidamente minha língua e lambendo a espuma de seus lábios suaves.

— Tinha espuma sobre seu lábio — disse tão casualmente como pude, empurrando-a de volta.

— OH, eu... — Decepção crua escurecia seus olhos dourados. Era tudo que eu precisava. Agarrando suas bochechas em minhas mãos, movi-me, colocando nossos lábios juntos e agarrando seu cabelo grosso em meus punhos, ao ponto de perder o controle enquanto gemia de desejo puro contra minha boca ocupada.

Tive que parar antes que as coisas fossem muito longe. Tanto como queria afundar-me profundamente em Molly, não ia fazê-lo na biblioteca, pelo amor de Deus. Queria mais quando se tratava dela, assim, a contra gosto, me afastei.

— E então? — perguntou sem fôlego quando acariciou seu nariz com minha mão. Ao tocar minha face contra a dela, confessei:

— Bom, então, só queria te beijar.

Seus lábios tremeram e um tímido sorriso iluminou seu rosto.

Animado por suas reações, caí de joelhos, passando minhas mãos por suas coxas nuas, e lhe pedi:

— Vem para o jogo este fim de semana.

— Tenho que estudar.

Meu coração desabou em meu estômago.

— Mol, é só por umas horas.

Ela começou a me tocar com suas mãos e sacudiu sua cabeça.

— Sei, mas me pagam para ajudar à professora e me orgulho por ter tudo feito a tempo. Rome, preciso do meu salário para sobreviver. Viver na casa da irmandade é caro. Estarei aqui no sábado, quando a partida começar.

Sua resposta desdenhosa me desconcertou e entrei em pânico, pensando que tinha me equivocado. Por que não ia vir a minha partida? Podia estudar antes ou depois. De repente me ocorreu que possivelmente ela não sentia o mesmo que eu, e esse pensamento quase me rompeu.

Suspirando profundamente, disse:

— Está bem, eu não gosto, mas entendo.

Suas mãos suaves sustentaram meu rosto, olhos dourados me implorando que entendesse.

— Por favor, não fique decepcionado. Os esportes não são a minha coisa. Não tenho nem ideia sobre futebol americano, ou quarterbacks, recorda? — Terminou com um sorriso apaziguador.

Brevemente fechando meus olhos, respondi:

— Entendo você, Mol. De todos os modos, nunca tenho ninguém para me apoiar. Nada novo. — Mentira. Ally, e em algumas ocasiões seus pais, eram os únicos que alguma vez se incomodaram em apresentar seus traseiros para me apoiar.

— Romeo... — sussurrou, sua voz soando em conflito.

Sair, a decepção não me deixava outra opção exceto sair, assim me pus de pé, olhando à porta, e falei sem pensar:

— Tenho treinamento. Melhor ir.

Não tinha, não tinha absolutamente nenhum lugar no qual estar, mas me sentia um pouco humilhado ante sua recusa.

Molly estendeu sua mão e entrelaçou seus dedos com os meus, me detendo. Olhei para baixo, para nossas mãos, e logo ao pânico em seu rosto.

Jesus. Não podia conseguir uma maldita leitura do que infernos ela queria!

— Vou estar aqui umas horas mais ainda. Vou te ver depois, está bem? —ofereceu cortesmente, apenas para me confundir mais.

Tentando encontrar algum tipo de resposta, agachei-me, olhando-a aos olhos, captando o interesse evidente em suas profundidades.

Aí estava, esse olhar, o que me dizia que ela também me desejava, e só precisava de um empurrãozinho suave em minha direção.

Deixei a sala, e uma vez no corredor, tirei de minha mochila lápis e papel e escrevi uma nota rápida:



Por favor, venha a partida.
Quero você ali.
Seu Romeo

Li a nota de novo para mim mesmo e quase a amassei. Maldita seja, isso era brega. Seu Romeo? Que demônios eu estava pensando?

Mol se viu bastante contente com nossa conexão estilo Shakespeare a outra noite, mas estava levando-o muito longe? Convencê-la-ia a ir ao jogo, ou simplesmente lhe faria acreditar que eu era um puto tolo?

Beliscando a ponte de meu nariz, ri da situação ridícula. Cristo! Cheguei no fundo do poço da história de Rome Prince, suspirando por uma garota que não tinha caído imediatamente a meus pés. Mas infernos, por razões que eu não podia explicar por completo, queria-a na arquibancada me observando jogar. Queria lhe demonstrar que eu valia a pena, que era bom em algo. Queria, não, necessitava, que acreditasse em mim.

Comprovando que não havia ninguém ao redor, deslizei a nota debaixo da porta, me afastando rapidamente e mais do que nunca, desejando que ela fosse a única pessoa em minha vida que não iria me decepcionar.



Capítulo 10

Minha respiração ecoou em meus ouvidos, assobiando em voz alta. O rugido das cem mil pessoas entre a multidão foi afogado pelo duro golpe de meu coração enquanto esperava que o apito soasse.

O árbitro se colocou em posição para o terceiro intento, o som do apito só aumentou minha antecipação e minha respiração.

— Vermelho oitenta e três, vermelho oitenta e três — disse na recontagem forte. A defesa não o tragou; ninguém se moveu. Gritei a jogada de novo, acrescentando desta vez:

— Down, set, hut hut! — Quase em silêncio, o estalo saiu fora da escopeta.

Capturando a bola, dei um passo atrás, um, dois, em busca do Carillo entre o mar de defensores. Ali estava ele, sendo bloqueado por um só homem. Levantei meu braço, retirei minha mão e logo soltei a bola, vendo o espiral frouxo no ar... aterrissou longe de Austin por um metro e meio... outra vez.

Droga!

Não perdi a crescente decepção que emanava ao redor do estádio. Trotei fora do campo de jogo, incapaz de soltar meu punho fechado de meu capacete enquanto gritava uma série de impropérios no ar, golpeando minha mão livre no maldito campo. Observando

meu treinador me olhando da barreira, preparei-me para sua chamada.

— Bala, tenha a cabeça no jogo! Te centre no Carillo, comprova ao Porter para completar o maldito passe! — Terminou seu discurso inspirador arrojando as fotos das jogadas em minha mão — Estuda-os! Agora!

Agarrando as imagens, revisei minhas opções de receptor, endireitando meus ombros, tratando de manter minha cabeça no jogo, mas tudo o que pude sentir foi uma onda esmagadora de pressão.

Com cada foto que via, as palavras de meu pai ecoavam em minha cabeça. *O futebol nunca vai passar, moço*! *Cumpre com seu dever*! As brincadeiras de minha mãe seguiram. *Vai arruinar o futebol de todos os modos, igual arruína todo o resto! Nasceu para ser um fracasso*!

Era-o. Estava jogando tudo no lixo e minha equipe não merecia me ter estragando a temporada para eles nunca mais.

Reece se moveu a meu lado, lançando seu braço ao redor de meus ombros.

— Tem isto, Bala. Se concentre! — Sabia que o menino estava tratando de ser solidário, mas se mais uma pessoa me mandasse me concentrar, ia investir meu punho através de sua cabeça.

Repetidamente.

Sem lhe fazer caso, minhas pernas tremiam pela adrenalina, e tratei de visualizar o seguinte down, como o treinador tinha me ensinado. Imaginei que ia perfeitamente, imaginei que os Tide anotavam um touchdown,e a multidão rugia de felicidade. Antes de me dar conta, estava de volta no campo. Tem isto, Rome. Tem isto, disse a mim mesmo, tentando como o inferno me dar um bate-papo

animado. Se a psicologia esportiva nunca funcionava para mim, para minha equipe e para minha escola, bom, tinha chegado seu momento.

E então estive no jogo. Estalo. Apanhada. Lançada.

A bola navegou para Carillo, nem sequer se aproximando de suas mãos estendidas, e chegou em espiral diretamente à multidão. Qualquer quantidade de coração que tinha deixado neste jogo imediatamente se afundou em meu estômago quando os fãs começaram a cair em seus assentos com exasperação ante minhas jogadas de merda sendo executadas como passe.

Um menino da liga mirim de futebol podia lançar melhor.

Dando as costas a meus companheiros de equipe igualmente frustrados, vi a tela 84 gigante, esperando ver meu replay horrendo de merda, mas em seu lugar vi uma briga estalando na seção inferior de estudantes dos degraus, à direita, perto de onde estava sentada Ally, e fui testemunha de uma garota sendo golpeada no chão pelos idiotas. Uma garota morena, que, quando a multidão se acalmou, sentou-se, aturdida, tampando o nariz.

O reconhecimento me golpeou como um maldito caminhão. Merda. Shakespeare!

Atuando por puro instinto, desabotoei meu uniforme, arranquei meu protetor de cabeça, e me dirigi para lá, ignorando por completo todo o corpo técnico no campo gritando à minhas costas, e meus companheiros de equipe olhando um ao outro com absoluta incredulidade.

Saltei a barreira dos degraus, abrindo espaço entre os alunos que seguravam minha camiseta e fazendo caso omisso das meninas que tentavam esfregar-se contra mim.

Um caminho apareceu ante mim, e em seu extremo Molly olhou a seu redor, parecendo tão sexy com um vestido branco curto e botas

de vaqueiro marrom que mostravam suas pernas bronzeadas à perfeição. Mas isso não me distraiu do pânico que se filtrava por minhas veias ao pensar que estava ferida... por meu passe de merda.

— Merda, Shakespeare! Sinto muito. Está bem? — Deixei cair o protetor ao chão com um golpe, e corri através da multidão até Molly com seu rosto avermelhado com vergonha e, sem pensar, tomei suas flamejantes bochechas em minhas mãos, minha prudência, uma vez mais, saindo sem deixar rastro.

Grandes olhos dourados se lançaram em todas as partes, expressando claramente sua falta de comodidade em ser o centro das atenções, mas a merda com isso. Precisava saber que estava bem. E mais que isso, rapidamente me dava conta que tinha vindo. Merda. Tinha vindo aqui por mim... por essa nota... Realmente tinha feito o que lhe pedi... Ela tinha decidido vir por mim.

— Rome, estou bem. Salvo meus óculos. Eles puseram suas vidas em perigo para salvar a meu nariz. — Sustentou as monstruosas rodas em suas mãos, as mantendo constante contra seus olhos, e não pude deixar de rir. O estádio se desvaneceu quando ela se queixou com os meninos bêbados que a golpearam no rosto, mas tudo o que podia pensar enquanto divagava era que ela estava aqui.

Rocei meu polegar sobre sua bochecha, sacudi minha cabeça e ri.

— Tinha que ser você. Fora de todo o mundo em todo este puto estádio, tinha que ser você a se machucar. — Inclinando a cabeça, continuei — Já não me surpreende; que sempre esteja aí. Acredito que alguém está tratando de me dizer algo.

Um rubor alagou suas bochechas, o calor da ação esquentando minhas mãos.

— Ia buscar uma Coca-Cola — respondeu, e não pude deixar de rir dela agarrando as duas partes de plástico quebrado em seus olhos, só para poder seguir olhando seu rosto.

— Durante minha jogada? — brinquei com irritação fingida.

Mordendo a língua e enrugando o maldito nariz, ela confessou:

— Bem, sinceramente, eu não sabia o que diabos estava acontecendo, e tinha sede.

O ruído no estádio aumentou a um volume ensurdecedor, mas ainda podia ouvir o treinador gritando meu nome, a ira fervendo à vista de seu QB saindo de campo até o meio do estádio, o que lhe obrigou a pedir um tempo precioso. Sabia que ia conseguir minha bunda chutada por correr fora do campo, mas a única coisa em que podia pensar era Molly.

Olhando para ela, sua atenção imediata, disse simplesmente:

— Você veio.

Todo seu corpo parecia derreter-se em meus braços e suspirou.

— Vim — disse com o sorriso mais impressionante, roubando meu maldito fôlego.

O desespero se apoderou de meu cérebro e espetei:

— Por que mudou de opinião?

Precisava saber. Tinha estado tão malditamente relutante.

Encolhendo-se em brincadeira, disse em voz baixa:

— Conseguiu chegar a meu coração. — E com isso, algo dentro de mim se rompeu. Qualquer preocupação bloqueando minha mente se esclareceu, e todos os pensamentos das merdas de meus pais que tinha estado afetando meu jogo se evaporaram.

Um gordo de merda tentou afastar Molly de meus braços. Lançando lhe uma careta ameaçadora, perguntei a Molly uma vez mais se estava bem. Depois de me assegurar de que estava, ela

tentou se sentar, mas isso não ia acontecer. Precisava saboreá-la. Sem pensar em nada mais, esmaguei seus lábios contra os meus, puxando-a tão perto que não seria capaz de se mover. Foi breve, doce, e me fez sentir como se fosse um maldito rei.

Retrocedendo, olhei a boca torcida de Molly neste espetáculo de afeto em público, e sorridente, corri de novo ao campo, sem me importar uma merda que o treinador me rasgasse verbalmente de novo, ou que Austin e Jimmy sacudissem suas cabeças ante minha maldita estupidez. Molly tinha se apresentado, e imediatamente eu soube que não ia estragar este jogo. Soube que não ia perder. Ela se daria conta de que eu era digno.

Convocando à ofensa em um círculo, gritei:

— Oitenta e três, vermelho.

Austin sacudiu a cabeça. — Escolha outra jogada, Bala.

Sim, eu sabia que ele não confiava em meus passes depois de quatro erros consecutivos, mas algo dentro de mim tinha mudado.

Mantendo meus olhos nos seus, grasnei:

— Oitenta e três, vermelho! E malditamente não me questione!

Olhando para trás e com vontade de discutir, mas sabendo que nunca se questionava o quarterback em campo, Austin só suspirou e pôs sua mão no centro enquanto gritava:

— Um, dois, três, Break! — E todos se colocaram em posição, cada fibra de meu corpo estalando a vida.

Tinha encontrado meu estado de fluxo. Estava na zona.

O tempo pareceu deter-se quando Jeremiah Simms, o central, soltou a bola para mim, e em um estado de calma mental completa, localizei Austin, o número 83 branco em sua camiseta carmesim. Brilhava como um farol.

Entrei em um saque enquanto corria ao campo baixo. Uma intensa gratificação me atravessou quando a bola chegou em espiral perfeitamente em suas mãos na rota do destino na zona de anotação.

O estádio estalou em celebração por isso. Um touchdown de um passe de quarenta jardas, o que tinha que ser a melhor espiral que tinha atirado em toda a temporada, infernos, talvez em todos os tempos.

Meus companheiros de equipe me alcançaram, saltando sobre minhas costas, e desfrutei de sua celebração. Jimmy me levantou em seus braços, só para me pôr abaixo e gritar:

— A partir de agora, será melhor que dê um beijo em Molly antes de cada maldita partida!

Com minhas sobrancelhas franzidas, perguntei-lhe:

— De que merda está falando?

Golpeando minha bochecha brandamente, respondeu com uma risada emocionada.

— Beijou Molly, homem! Não quero ofender mas, diabos, Bala, tem jogado como merda durante semanas, e com um beijo dela começou a lançar como um maldito demônio!

Olhando aos fãs gritando por todo o estádio, um bufo de incredulidade saiu de minha garganta.

— Merda, tem razão.

Agarrando meu pescoço, Jimmy me aproximou e declarou:

— Cada partida, entende? — Um lento sorriso saiu de meus lábios. Demônios, sim. Como se inclusive necessitasse de uma desculpa para provar esses lábios de novo ou tomar essas malditas curvas de perto. Os fanáticos de Bama poderiam ser além de supersticiosos, e com muito gosto daria a eles seus caprichos.

Com muito prazer.

Quinze minutos mais tarde, nós ganhamos. Joguei como se estivesse possuído. Perguntei-me se estava, afinal, infernos, estava absolutamente obcecado com Molly e não podia conseguir o suficiente do que sentia estando perto dela. Era como se meus problemas não existissem... Como se me entendesse... A mim, Rome, não Bala, não o famoso quarterback... apenas eu.

Ao final da partida, o treinador, as animadoras e a banda invadiram o terreno de jogo, enquanto os jornalistas em suas massas se dirigiram diretamente na minha direção, fazendo as mesmas malditas perguntas de sempre, as quais eu dava as mesmas respostas, evitando qualquer menção a Molly ou qualquer explicação sobre o beijo.

Depois de me livrar de Shelly e esmagar sua missão de conseguir que nos vissem como um casal na câmera, dirigi-me diretamente aos assentos de Ally, precisando ver Molly de novo.

Ally estava de pé junto a Jimmy e sua nova garota, que estavam um em cima do outro. Parecia aliviada e jogou os braços ao redor de mim em um abraço.

— Bem feito, carinho! — gritou de emoção. Não estava exatamente atento a tudo que ela dizia, muito ocupado procurando nos assentos dos arredores por Molly, mas não havia nem rastro.

— Ouça, estou falando aqui! Prima devota cantando seus louvores, sendo totalmente ignorada! — Ally gritou em meu rosto.

Voltando-me para ela, dei-lhe outro rápido abraço e lhe perguntei:

— Onde ela está? — Cruzando os braços sobre seu peito, ela sorriu, melodiosa.

— Quem, carinho?

— Corta a merda — disse secamente — Onde ela foi?

Deixando cair seu sorriso de suficiência, encolheu-se de ombros.

— Disse que tinha que estudar.

Meu coração se quebrou nisso.

— Não podia ficar um pouco mais?

Jimmy e sua nova garota chegaram todos alegres, e a grande loira estendeu a mão em minha direção.

— Cassie, querido, mas meus amigos me chamam Cass.

— Rome.

Suas sobrancelhas dançaram.

— Sei. — Deu um passo para frente, colocando sua mão sobre meu ombro — Uma coisa que precisa saber a respeito de Molly é que o estudo vem primeiro, todo o resto em segundo lugar. Se ela não conseguir um mínimo de dez horas de estudo por dia, não se vê produtiva e enlouquece como a merda. Não sei que mais dizer. Todo esse tempo passado em seus livros a mantêm afastada — Isso resumia bem tudo que eu mesmo tinha presenciado.

Olhando para trás para minha prima, disse:

— Festa esta noite. Traga-a. Não me decepcione.

Ally sacudiu a cabeça.

— Tentarei, mas não contenha a respiração, Rome. Ela não é exatamente uma garota festeira.

— Faz. Conto contigo.

Com isso, me dirigi às duchas, dizendo aos outros jogadores que corressem a voz sobre a festa e para abastecerem-se de cerveja.

Não haveria mais espera, não pensaria nas consequências de estar com a garota que queria... Esta noite a faria minha. E malditamente moeria a golpes qualquer um que se colocasse em meu caminho.

Capítulo 11

— Então... quer me mostrar seu quarto?

— Negativo.

Unhas vermelhas afiadas correram pelo meu braço.

— Aww, vamos, Bala. Posso te mostrar coisas que nunca viu antes... Estive te desejando por anos.

Esfregando minha mão sobre minha cara, inclinei-me para trás e gemi um frustrado:

— Por favor, só vai a merda!

O arranhão de uma cadeira me disse que tinha dissuadido com êxito outra maldita fã. Apostava que suas mamães e papais estariam orgulhosos sabendo que estavam pagando para que suas filhas entrassem na universidade, não para aprender, mas para oferecer-se em uma bandeja dourada ao QB dos Tide.

Um aplauso baixo chamou minha atenção. Quando abri os olhos, Austin estava de pé diante de mim, rindo.

— Rome Prince! Mostrando certa maldita moderação com o sexo oposto! — Seu sorriso vacilou quando olhou para a porta, e girando para ver o que tinha conseguido sua atenção, avistei Ally, Cass, e essa garota gótica (Lexi?) entrando na festa.

Perguntei-me por que demônios estava agindo tão estranho quando ele deslizou fora da porta de trás sem dizer nada mais,

jogando um olhar frustrado a Lexi. Seu rosto caiu enquanto o via escapulir, e ela girou sobre seus pés e se dirigiu a um grupo de animadoras na cozinha.

Perguntei-me sobre que demônios seria isso, mas coisas mais urgentes estavam em minha mente.

Coloquei-me de pé, caminhando em sua direção. Ally me viu primeiro, seguida de Cass, que tropeçou para mim, com os braços estendidos enquanto caía sobre meu peito, quase me atirando no chão. Inferno, estava bêbada.

Empurrando-a de volta e ajudando-a a equilibrar-se, movi meu queixo para minha prima.

— Onde está?

A cara de Ally caiu.

— Não quis vir.

Ira e decepção se fundiram em meu peito, e grunhi em voz alta:

— Por que diabos não?

— Disse que estava cansada.

— Pelo amor de Deus! — gritei, fazendo Cass saltar a uma posição vertical sustentando seu celular.

Brincando com a tela, ela o pôs em sua orelha, me piscou os olhos, e logo mal articulou:

— Molls, traga sua bunda suculenta inglesa fora! Estamos nos embebedando e necessitamos da quarta mosqueteira! — Cass sorriu, assentindo com ar de suficiência, como se pensando que sua pequena chamada bêbada funcionaria. Não podia ouvir o que Molly estava dizendo, mas pela queda na expressão de Cass, dava-me conta que não estava recebendo a resposta que queria.

Ally fez um gesto de estrangulamento detrás das costas de Cass e arrebatou o dispositivo de sua mão. Cass tratou de lutar para tê-lo

de volta, mas se distraiu ao ver Jimmy descendo as escadas e, gritando de emoção, correu para seus braços abertos, basicamente atirando-o ao chão.

Ally agora estava falando no celular de Cass.

— Está segura que não quer vir, querida? Eu não gosto que esteja sozinha em seu quarto e todo mundo esteja aqui tendo um bom momento.

Contive a respiração, sem tirar os olhos de Ally, mas quando os olhos dela perderam o brilho com decepção, bebi o resto de minha cerveja, escutando Ally despedir-se, terminando abruptamente a chamada com um movimento de cabeça.

— Diz que só está cansada. — Estendendo-se, Ally pôs sua mão em meu braço nu — Molly é extremamente cautelosa, Rome. Realmente não deixa entrar ninguém. Ela é a pessoa mais privada que conheço.

Não é verdade, ela tinha me deixado entrar, no balcão de Ally, na noite na iniciação. Eu era diferente para ela. Sabia que era, mas ela unca apresentar-se ou ficar ali por mim estava realmente começando a me zangar.

Em um segundo, decidi-me... Tempo de dar à senhorita Shakespeare uma visita. Não iria deixar que ela se escondesse de mim.

— Conheço essa cara — disse Ally com cautela, uma avalanche de perguntas em seus olhos. Retrocedendo à porta de entrada e sorrindo a sua cara de recriminação, gesticulei com a mão.

— Nos vemos mais tarde. Tenho um lugar no qual estar.

Golpeando suas mãos na cintura, Ally gritou:

— Rome, não estou tão segura que seja uma boa ideia ir lá sem convite! Ela não é uma de suas putas! — Fingindo não escutar a

preocupação e censura em seu tom, segui adiante através da multidão, mas sorri quando ouvi seu grito a contra gosto: — É o balcão à esquerda do meu, na planta superior! Mas não diga que não lhe adverti!

Saindo da porta de trás da minha casa de fraternidade e correndo pela rua, encontrei-me debaixo do balcão de Molly, olhando as colunas de pedra, uma tênue luz provindo de seu quarto, e sacudi a cabeça com incredulidade completa.

Romeo abaixo do maldito balcão de Julieta.... Merda. Que. Me. Fodam. Estendendo a mão para meu pau, comprovei que minhas bolas ainda estavam ali... Já sabe, só em caso que tivessem sido revogadas ante este ato tão patético e desesperado, mas sim, seguiam intactas e doloridas pela garota nesse quarto.

Agachei-me e recolhi um pouco de cascalho vermelho que estava no jardim e rodei as pedras em minhas mãos. Estava a ponto de atirar em sua janela quando meu celular vibrou em meu bolso. Meus dedos se abriram e o cascalho deslizou através deles.

Movendo-me para um escuro lugar isolado, deixei-me cair sobre a erva cálida e li a mensagem.

Papai: ***Olhe, filho, fui muito longe contigo o outro dia. Vamos falar disto com calma. Realmente necessito que faça este matrimônio com Shelly acontecer. O negócio o necessita, a família o necessita, e se quer manter as coisas bem entre nós, necessita que aconteça também*****.**

Minha cabeça caiu para frente. Inclusive quando estava tentando ser amável, não podia deixar de lançar uma ameaça. Não sabia de quem o tinha tirado. Meus avós eram as pessoas mais agradáveis na

Terra. Seu irmão, o pai de Ally, um santo. Mas meu pai foi arruinado pelo dinheiro e pela cobiça, e conhecer minha mãe, que era igualmente faminta por dinheiro, converteu os dois em um pesadelo.

Meu estômago se afundou um pouco ao pensar em meus avós paternos. Eram muito jovens quando se mudaram para a Florida, e ambos faleceram pouco depois de partir.

Recordo meu avô me levando a liga infantil de futebol pela primeira vez. Ele tinha estado tão orgulhoso de mim nesse dia, orgulhoso que seu neto tivesse se mostrado uma boa promessa. Mas nunca chegou a me ver jogar apropriadamente... eu teria gostado se pudesse estar ao redor por mais tempo para ver o que me tornei. Lembro de me sentir tão diferente ao estar perto de meus avós; inclusive quando menino pequeno me dei conta disso. Eles sempre se preocupavam comigo, e em meu décimo oitavo aniversário, inteirei-me de quanto. Eles tinham me deixado um fundo fiduciário, um enorme fundo fiduciário de merda, que meus pais não podiam tocar. Meu pai enlouqueceu quando lhe disse que um advogado se apresentou em minha casa de fraternidade com os detalhes, e foi a partir desse dia que ele soube que já não podia usar o dinheiro para me controlar - por isso trocou à chantagem pela humilhação.

Lutando com a urgência de gritar e golpear os punhos contra a parede, olhei para o céu, sumido em meus pensamentos.

O que estava fazendo? Meus pais nunca vão me deixar sair desta merda de matrimônio, e uma parte de mim gostaria de ceder só para ter uma vida mais fácil. O problema é que a maior parte de mim queria resistir com cada fibra de meu ser.

Girando meu pescoço, olhei fixamente a sacada de Molly. Se seguisse por este caminho com ela, sabia que existiria um perigo muito real que nunca fosse capaz de deixa-la ir. Não era estúpido,

Cristo, ela já se colocou em minha cabeça e inclusive já estava meio doido, apenas arranhado a superfície de quem ela era na realidade. Mas estava viciado, não obstante, e tinha que decidir agora mesmo se ela valia a pena... Merecia desobedecer meus pais... Merecia enfrentar meses de inferno... Merecia baixar minhas barreiras.

Pensamentos do jogo de hoje se juntaram em minha mente. Tinha-lhe pedido que estivesse ali para mim, para me apoiar, e embora não fosse o que ela queria, veio de todos os modos, sacrificando seu valioso tempo de estudo... Por mim. Tê-la ali mudou totalmente meu jogo, esse beijo me relaxando pela primeira vez em muito tempo. Não poderia jamais dizer o mesmo de meus pais, ou qualquer outra garota que comi. Muitas pessoas me fizeram mal até o ponto de me romper, mas não Molly. Ela escutou, consolou-me, e me tranquilizou em seguida. Quem não se voltaria desesperado para ter esse nível de conexão todo o maldito tempo?

Molly me fazia sentir bem comigo mesmo. Cristo, ela me fazia sorrir, e a forma que tinha feito frente a tanta merda em sua própria vida me deu esperança, esperança de que talvez pudesse conseguir atravessar meus obstáculos também... Um dia... Talvez com sua ajuda.

Merda! Ela era digna de cada mensagem de merda, cada insulto agressivo, e cada golpe vindo em meu caminho.

Depois de estar sentado debatendo minha situação durante quase uma hora, coloquei-me de pé com um novo sentido de determinação, recolhendo cascalho enquanto caminhava, e me pus a lança-lo às portas fechadas da sacada de Molly. Pensei que se esse filho de puta fraco do Montesco poderia conseguir seu prêmio desta maneira, eu tinha muito boa oportunidade de fazê-lo também.

As sombras dançavam detrás das cortinas brancas e as portas da sacada se abriram lentamente.

— Shakespeare? — chamei em voz baixa, revisando os terrenos da casa da irmandade para me assegurar que não havia ninguém ao redor.

Houve alguns momentos cheios de sons de pés arrastando-se antes que uma massa de cabelo comprido e castanho caísse sobre o corrimão da sacada e um par de óculos olhasse para baixo, para mim.

— Olá, Mol — Disse, meu peito já se sentindo mais leve em sua presença.

— Olá, você. O que está fazendo aqui? — Perguntou, suas sobrancelhas unindo-se em um cenho franzido.

— Vim te ver.

Endireitou-se um pouco e perguntou:

— Sério? Por quê?

Porque não posso deixar de pensar em ti. Porque quero beijar esses malditos lábios outra vez tão forte que não posso suportá-lo... Então quero continuar para o sul até que te prove em minha língua quando te tocar e te fizer retorcer contra minha boca... Só para logo te despir e saboreá-la até que não o possa suportar. Não acreditando que essa verdade pudesse ir muito bem com uma garota como Molly, simplesmente respondi:

— Porque percebi que você não estava. E queria me assegurar de que estava bem depois de hoje. Estive pensando em ti toda a noite.

Empurrando seus óculos quebrados de novo no nariz, perguntou-me:

— Não deveria estar com Shelly?

Essas palavras fizeram endurecer minhas costas e lhe espetei:

— Por que diabos ia estar com ela?

O simples fato de Molly pensar que eu estaria com Shelly, entre todas as pessoas, me deixava fervendo de raiva.

— Shelly! Por que tudo sempre gira em torno dela?

Esclarecendo sua garganta, Molly respondeu:

— Ela estava com você depois da partida. Os dois pareciam cômodos. Pensei que poderia querer celebrar com ela esta noite.

Apesar de ela estar lutado para ocultá-lo, vi a decepção em sua voz. Captei-o. Tinha escutado todos os rumores sobre mim, através de qualquer maldito pedaço de bunda que se movia, assim por que deveria confiar em mim? Por que ia pensar que ela era diferente para mim? Precisava convencê-la.

Coloquei-me debaixo da sacada e sujeitando-a com meu olhar, disse-lhe:

— Vamos esclarecer isto agora mesmo. Ela não é fodidamente nada para mim. Nunca vai ser.

Todo o corpo de Molly se relaxou visivelmente e um pequeno sorriso irrompeu em seus lábios. Espera...

— É por isso que abandonou a festa? Pensou que eu estaria com essa porra...? — Inclusive na escuridão, pude ver o sufocante rubor em suas bochechas pela culpa.

Merda. Por isso desprezou meu convite e não ficou ali para mim no final do jogo.

— Romeo, simplesmente não queria ir à festa esta noite, isso é tudo. Vá e desfrute. Não precisava vir me checar.

Ela estava tentando me afastar. Sabia que era uma ideia aterradora para ela, infernos, para a maioria, mas esta era uma briga que ia perder. Ela era uma garota que simplesmente não podia me afastar.

— Não vou a nenhuma parte. — Assegurei, com voz severa e autoritária. Fiz uma careta internamente, sem saber se meu tom poderia assustá-la. Mas infernos, este era eu: teimoso, estrito, um filho da puta mal humorado, e albergava uma desesperada necessidade de ter o controle.

Como sempre, a garota me surpreendeu, e em lugar de estar me dissuadindo e dizendo que eu fosse à merda, estalou em uma risada histérica.

Não estava seguro se deveria ficar zangado ou me unir à diversão.

— O que há de engraçado, Shakespeare? — perguntei-lhe, minha voz rouca.

Inclinando-se mais para frente, assobiou:

— Que Romeo veio a minha sacada para lutar por minha atenção.

Quase nem notei que disse esse maldito nome; Eu estava muito hipnotizado pela ascensão de seu espírito.

Juntando as mãos, recitou:

— Os muros desta porta são altos e não se podem escalar, poderia encontrar a morte. Considerando quem é, se os muros não o matarem, algum de meus parentes aqui... o matarão.

— Como diabos sabe isso de cor? — Perguntei, lutando para não devolver o amplo sorriso que estava em seu maldito rosto lindo.

— Tenho lido a respeito umas centenas de vezes. É maravilhosamente trágico. — Apontando para mim, logo a si mesmo, disse:

— Um pouco como nós. Não acredita?

Ela tinha acertado. Éramos trágicos, bastante fodidos. Mas poderíamos estar fodido juntos, nos equilibrar.

Corri ao lado do terraço, vi uma grade e gemendo pela maldita ironia, comecei a subir pela parede como um possesso.

— Romeo, tome cuidado! Que demônios está fazendo? — Sussurrou Molly, me olhando com horror.

— Subindo para ver minha Julieta — Disse em brincadeira, vendo seu rosto pálido enquanto cambaleava para trás, surpreendida; Logo subi o resto do caminho e saltei no terraço. Golpeei o chão com um ruído surdo, mas quando ela me olhou... Eu quase tive um acidente vascular cerebral.

Cabelo marrom até a cintura, o suficientemente grosso para agarrar, e o mais curto e mais delicado tecido rosa que mal cobria suas curvas impressionantes, as pontas de seus mamilos visíveis, tentando-me a só um passo de toma-los em minha boca. Meu pau se endureceu imediatamente em meus jeans, e me aproximando dela, observei o aumento acelerado de sua respiração e a queda de seus peitos sem sutiã. Estendi a mão, acariciando seu suave cabelo; nem sequer o magro envoltório com fita adesiva no centro de suas lentes poderia me distrair do fodidamente impressionante corpo que tinha justo aqui diante de mim.

Em um movimento instintivo, sua mão encontrou a minha, e aproveitando a aparição da luxúria em seus olhos, movi-me, passando meu dedo por seu pescoço, minha moderação pendurada por um fio.

— Romeo? Eu... O que está fazendo? — perguntou Molly, sua pergunta mais um gemido afogado que qualquer outra coisa.

— Não estou seguro. Mas não quero parar — sussurrei contra seu pescoço. Ela. Era. A. Maldita. Perfeição.

— Romeo, não acredito... — deteve-se no meio da frase quando olhou para baixo no pátio traseiro, o medo em seu rosto. Os

estudantes encheram o pátio, a festa continuando neste lado da rua. Não me importava uma merda. De fato, não poderia me importar menos se todo o corpo estudantil nos visse desta maneira. Assim com mais agressividade, fechei seu corpo contra o meu e beijei ao longo da pele nua de seu pescoço, continuando onde o deixamos.

— Nós... Precisamos parar. — Sussurrou Molly em meu ouvido, mas não havia convicção em seu tom, só suplicas entrecortadas me estimulando.

— Não, Mol. Mantive-me afastado durante tempo suficiente. Tentei levar as coisas com calma, mas não mais. Não vou seguir sendo nada para ti nunca mais. Eu te quero. Desejo-te tão fodidamente mau... — disse em voz baixa, com a voz rouca pela necessidade, meu desespero aumentando a cada segundo. Realidade e fantasia eram imprecisas entre si, e não podia deixar de imaginar a imagem de nós dois entrelaçados na cama. Quase gemi em voz alta ante a ideia de que em uns dez minutos eu a deixaria nua, e poderia inundar-me profundamente em sua vagina.

Mãos suaves perambularam pelos meus braços nus, parecendo tão malditamente bem contra minha pele.

— Romeo. Isto não é uma boa ideia. Não posso fazer isto. — Mas ela não se afastou; seus quadris e peitos ainda estavam pressionados contra meu corpo.

— Tenho certeza que podemos. — Murmurei, minhas mãos à deriva lentamente para baixo, para ouvir sua respiração ofegante enquanto acariciava sua cintura.

Essas malditas mãos suaves de repente me empurraram para trás, ajustando-me crueldade à realidade.

— Por favor... Só... Espere um momento — disse em um suspiro, fechando seus braços entrelaçados para evitar que me aproximasse mais.

Bom, essa era a primeira vez que uma garota me impedia de fode-la. Não tinha tido que trabalhar por sexo desde que estava na escola secundária; de fato, nunca o fiz. As garotas terminavam sempre atraídas por mim. Não Molly, entretanto; ela estava demonstrando ser um fodido osso duro de roer.

— O que? — perguntei de repente, e me dava conta de que estava imitando uma maldita estátua, de pé olhando-a em choque. Ela ainda ofegava, tratando de recuperar o fôlego.

Arrastando os pés torpemente, admiti:

— Nunca ninguém me disse não antes. — Sua boca caiu como uma maldita personagem de desenhos animados, e ela emitiu uma risada incrédula.

— Fala sério?

— Sim — respondi entre dentes. Porra, sentia-me como se estivesse ferido. Meus punhos se apertaram enquanto meu pau palpitava em minha boxer.

Uma risada escapou de sua boca, e ela disse:

— Isso... é patético.

Sim... Suponho que era.

Arrastando os dentes ao longo de meu lábio inferior, movi-me para seu corpo tenso e a abracei pelos quadris. O maldito som doce de sua risada se rompeu através da grossa parede de minha agressão, e com o fantasma de um sorriso, confessei-lhe:

— Mas é verdade.

Ela sacudiu a cabeça, parecendo realmente muito chateada, e inclinou o queixo para o céu. Me ocorreu que talvez meu passado com as garotas a estivesse fazendo distanciar-se.

Com temor em meu peito, armei-me de coragem para lhe perguntar:

— Você não quer isto? Não quer... A mim? — Estava tão malditamente assustado de ouvir sua resposta. Em realidade assustado pela primeira vez em anos.

— Romeo... Eu...

— O que? — interrompi lhe. Não queria que sentisse pena. Não seria ridículo. Não por ela. Nem por qualquer pessoa.

Vi o conflito em seus olhos, mas com uma baixada de seus ombros, ela finalmente cedeu, seu desejo por mim, por nós, dominando sua lógica.

— É muito para assumir, já sabe — disse com um suspiro derrotado, mas seus dedos envoltos em minha camiseta Red Tide, sutilmente me levando mais perto.

— Sei — respondi com sarcasmo, sentindo como se acabasse de ganhar na maldita loteria.

Aqueles olhos castanho-dourados hipnotizantes olharam nos meus, confusão passando através deles, e confessou:

— Não sei o que quer de mim. Confunde-me e não estou acostumada a isso.

Você, quero só a ti, pensei. Mas em voz alta, disse-lhe:

— Então me deixe te mostrar o que quero. Deixa malditamente de lutar contra isto. — Não podia seguir fazendo frente a suas fugas, não podia tolerar um dia mais sem saber que a tinha como minha.

Seus braços inquietos tentaram se soltar, mas a agarrei com força, o que lhe fez murmurar:

— Não, Romeo, isto é somente... Só...

Bem, verdadeiramente tinha tido suficiente destas idas e vindas de merda.

— Quero estar contigo — Disse-lhe, perdendo a paciência, meus braços atarraxando-se ao redor de sua cintura.

— Vamos, Mol. Necessito-te. Me diga que me entende. Me diga que está tão fodidamente interessada em mim como eu em ti.

Fechou seus olhos caramelo, e qualquer pedaço restante de resistência abandonou seu corpo rígido. Logo, uma palavra de sua boca mudou tudo.

— Entra.

Exalei um comprido e reprimido suspiro. Só pude responder da melhor maneira que sabia, com um terminante e sincero:

— Merda. Sim.



Capítulo 12

No momento em que entramos em seu quarto, me joguei sobre Mol, mãos vagando por seu estreito corpo, fazendo um punho de sua camisola e pouco a pouco a fiz retroceder para sua cama. Nossas bocas enredadas furiosamente, nossas línguas golpeando juntas quando golpeamos o colchão, e me pus a fazer o que fazia melhor.

Molly agarrou minha camisa com força, gemendo em minha boca, e quando suas mãos encontraram a pele nua de minhas costas, foi a luz verde que tinha estado esperando.

Me afastando de sua boca, deslizei minha mão por sua coxa, trabalhando para seu centro, quando ela me fez frear em seco com um férreo controle em meu pulso.

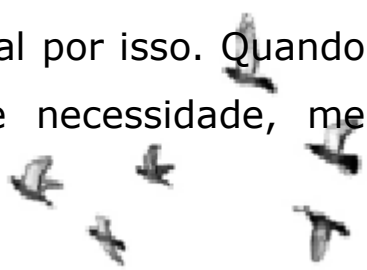
— Eu... Não posso. Estamos indo muito rápido.

Inclinando a cabeça para trás, quase gritei de frustração. Estava tão fodidamente aceso que estava quase cego pela necessidade. Molly lançou um gemido envergonhado, e ao ver sua cara avermelhada, imediatamente me senti como um asno.

— Não faça isso — disse-lhe, sustentando seu rosto entre minhas mãos.

— Fazer o que?

— Se sentir mal por parar. Nunca se sinta mal por isso. Quando eu te tomar, você vai estar se retorcendo de necessidade, me



implorando pra que te foda. Nunca se sinta mal por parar. Quando se entregar a mim, estará tão úmida que não poderá suportá-lo.

Suas pupilas se dilataram e seus lábios se entreabriram.

— Quando me entregar a ti?

Ela era tão malditamente linda.

— Quando te entregar a mim.

Deslocando-se um pouco longe de mim, disse ofendida:

— Está muito seguro. Poderia te rechaçar.

Ela não o faria. Sim, pode ser que soasse como um arrogante imbecil, mas a forma como seus olhos devoravam meu corpo, não havia nenhuma maneira de merda que ela aguentasse muito tempo.

Ela ainda estava me olhando, esperando que eu falasse. Então eu disse:

— Vai acontecer. Nos dois sabemos que é verdade, e estou contando os dias até estar dentro de você e te fazer gozar... Uma e outra vez. Porra, contando os minutos...

A luxúria tomou conta e ela quase se equilibrou sobre mim no ato, mas a empurrei de volta ao colchão. Ela era a única garota que não queria simplesmente foder e sair assim que o tivesse feito.

— Não deveria ter te pressionado. Não está preparada.

— Não o fez. É que... É que... Eu... Não sou muito experiente... E eu...

Sentei-me, a realidade me golpeando.

— Merda, você é virgem?

Ela moveu-se diante de mim, ruborizou-se e confessou:

— Não, não sou virgem, mas não sou exatamente muito perita em todas as coisas... De seduzir. Só dormi com uma pessoa e só uma vez, o ano passado.

E só assim, acabei realmente desejando que ela fosse virgem, desejando fodidamente demais matar algum imbecil desconhecido.

Um indigno filho da puta teve a minha Mol.

— Quando aconteceu isto? — perguntei-lhe, os dentes um pouco apertados.

— Quando estava em Oxford. Oliver e eu...

— Oliver? — interrompi-a.

Suas sobrancelhas se juntaram e ela disse:

— Sim, Oliver Bartholomew.

Não pude evitar, mas ri de minha irritação. A forma em que disse esse puto nome inglês do pomposo asno de merda era divertida. Bartholomew? Porra, e pensei que Romeo Prince era bastante mau.

— O que? — questionou, parecendo muito zangada comigo.

Esclarecendo minha garganta e tratando fodidamente de ocultar meu sorriso com minha mão, disse-lhe:

— Oliver Bartholomew? Muito... Britânico.

Seus olhos se estreitaram detrás dessas lentes grossas e destacou:

— Ele é britânico! Assim como eu! Deixa de chatisse!

Com um gemido de frustração, Molly se voltou de costas para mim, fazendo com que tragasse minha maldita risada antes de agarrar suas costas contra meu peito.

— De acordo, de acordo, sinto muito.

Ela sacudiu a cabeça, mas quando lançou um pequeno sorriso, soube que estávamos bem.

— Assim, Oliver era seu namorado? — perguntei-lhe, de repente nesse estado estranho da mente em que não se quer saber a resposta, mas se necessita-a desesperadamente ao mesmo tempo.

— Sim, suponho. Tentei tê-lo como um namorado de todas as formas.

— Tentou? — questionei a estranha resposta.

Suas pestanas revoaram enquanto seus olhos encontraram rapidamente os meus, e ela disse:

— Sim. Eu... Realmente não sou muito próxima com as pessoas. Eu lidei com isso, mas, ao final, simplesmente não pude. Nós tínhamos sido namorados há alguns meses, coisas como encontros para tomar café, companheiros de estudo, esse tipo de coisas, e me decidi dar o seguinte passo, simplesmente superar isso tudo de uma vez. Ele queria muito. Eu era indiferente. Assim pensei, por que não? Olly era doce para mim e eu gostava muito dele. Do sexo, nem tanto.

— O que? Você não gostou do sexo? — quase gritei. Como poderia alguém não gostar do sexo?

Seu rosto ficou vermelho como meu maldito pulôver dos Tide, e admitiu:

— Foi incômodo, feito torpemente, e não foi tão alucinante como prometia ser.

Olhando-a aos olhos, disse:

— Imagino que contigo, Shakespeare, seria incrível. Nunca quis nada tanto em minha maldita vida, te provar, te sentir... Te ouvir gritar meu nome.

O pulso de seu pescoço se desatou como os golpes de um tambor e a atração que ambos sentimos começou a atrair-nos mais perto.

— Romeo... — Ela se apartou, mas puxei seu braço para mantê-la perto.

— Vou parar, mas não vou ocultar o fato de que te quero realmente muito, Shakespeare. Real e fodidamente mau.

Vi quando suas coxas se apertaram juntas e meu pau se apertou contra minha braguilha. As coisas estavam muito tensas, mas Molly conseguiu difundir o momento empurrando um travesseiro sobre sua cabeça e advertindo:

— Temos que encontrar algo que fazer Romeo. Realmente preciso me distrair agora mesmo!

Retirando o travesseiro e sustentando a risada, eu disse:

— Roubou minha frase, Shakespeare. Acaso não sou eu que deveria dizer isso?

— Provavelmente, mas estou a ponto de saltar sobre seus ossos e preferiria conseguir evitar isso esta noite. Eu gostaria de não ir de quase virgem a prostituta depois de uma noite em sua maldita companhia!

Fui incapaz de deixar de rir desta vez. Gargalhei por um tempo, caindo sobre minhas costas e a puxei para coloca-la sobre meu peito.

— O que devemos fazer, então, quase virgem, para que resista, e não salte sobre meus ossos? Embora seja muito tentador para mim te deixar fazer isso.

— Tenho apenas a coisa perfeita, se estiver no clima.

Vimos um filme. De fato, vi um filme com uma garota e não fiz nada para seduzi-la... Não muito. Ainda tomei um beijo e uma carícia ocasional, mas o mais surpreendente, eu gostei simplesmente de passar um bom tempo com Mol. De certo modo me sentia como se tivesse doze anos de novo, em algum primeiro encontro que nunca tinha tido, mas foi bom... Fez-me sentir um pouco normal.

Isso foi até eu foder tudo por me ofender com sua brincadeira.

Só estava levando a última das pipocas à boca quando Molly arrancou a travessa de minhas mãos.

— Está destinado a ser um atleta! Isto não é algum tipo de sobrecarga de carboidratos de merda para ti ou algo assim? Limpe se por acaso for pouco, maldito ambicioso!

Soltando uma gargalhada, flexionei meus bíceps, captando os pequenos suspiros impressionados do Mol, e lhe disse:

— Sou a porra de uma máquina, Shakespeare. Pipocas de milho não são páreo para mim!

— Sinto muito, esqueci que estava falando com a Bala! — brincou, mas suas palavras foram um balde de água fria sobre minha cabeça.

— Não. — Sussurrei-lhe, perdendo todo o humor.

— *Alaaabbbaaammmmaaa! Levantem-se para receber seu quarterback local, Romeo... "Bala"... Prince! Há uma bala na pistola. Há um fogo em seu coração. Moverá todas as montanhas que se interpõem em seu caminho...*

Molly ria enquanto cantava essa maldita canção que os meninos do IT sempre tocavam no Bryant—Denny cada vez que estava na tela grande, mas tudo o que eu sentia era raiva. Ela não estava recebendo o sinal de que eu falava a sério.

Segurei seus pulsos e a puxei até que seus olhos se encontraram com meus e grunhi:

— Deixa isso, Shakespeare. Merda!

Quase se engasgando com suas palavras, virou-se para trás.

— Só estou brincando. Não tem que ser tão condenadamente mal-humorado comigo.

Merda. Não tinha intenção de ser, mas odiava esse nome filho de puta. Bala era quase tão mau como Romeo. Odiava o desdobramento publicitário do futebol condenadamente demais; e sempre a merda feita em casa era muito pior.

Dando outro olhar no rosto ferido de Molly, suspirei.

— Sei, sinto muito, mas fodidamente odeio toda essa merda. Não sabe quanto. Não quero ser o 'Bala' contigo. É a primeira pessoa que não se afeta por toda a fama do futebol. Para ti... Só quero ser Romeo.

Molly me entendeu. Entendeu que não queria entrar nisso, a fama de futebol me incomodava muito, e nos movendo desse tema incômodo, perguntou-me:

— Assim... MPV[5]?

— Sim. Louco, tendo em conta que não pude acertar um único passe na primeira metade do jogo.

Quando lhe dizer que vê-la nos degraus mudou tudo, sem revelar muito a respeito dos meus sentimentos? Como podia lhe dizer que foi a primeira pessoa que via alguma vez através de mim sem ter que explicar meu passado e minha família?

Não podia encontrar as palavras. Assim em vez disso, só informei do bate-papo de vestuário.

— Os fanáticos e a equipe estão pressionando, dizendo que "isso" é por sua culpa. Que é meu amuleto da boa sorte, por causa desde doce beijo.

E logo ela se moveu de um fodido puxão, disparando-se à posição sentada, lutando para respirar e esfregando seu peito. Parecia que estava tendo um maldito ataque do coração.

— O que? O que acontece? O que eu disse? — Perguntei-lhe freneticamente.

Seus olhos eram tão grandes como a maldita lua e quando tentou falar não saiu nada. Meu coração golpeou muito rápido, então segurei sua mão e a observei enquanto acalmava seus próprios

[5] Jogador Mais Valioso (do original Most Valuable Player), também conhecido pela sigla MVP, é um prêmio geralmente conferido ao atleta ou atletas de melhor desempenho num torneio.

demônios, a cor retornando aos poucos a seu rosto pálido. Fiquei olhando nossas mãos unidas em confusão, me perguntando que demônios tinha acontecido?

— O que é, Mol? Me diga. — Empurrei, necessitando alguma explicação de por que acabava de quase paralisar.

Tomando uma respiração profunda, disse:

— Sinto muito, é só algo que minha avó estava acostumada a me dizer. Isso me levou de volta para aqueles dias. Entrei em pânico. Eu só... Fiquei surpresa quando disse isso. De todas as formas de dizer o que disse, citou palavra por palavra.

— O que você diz? O que eu disse? — Me dando um sorriso quebrado, disse em voz baixa:

— Que tinha beijos doces. Avó dizia que um beijo doce de minha parte faria qualquer problema um pouco mais fácil.

— Acredito que ela poderia estar certa. Deve ter sido uma mulher sábia, porque isso é exatamente o que fez por mim esta noite no jogo.

— Era sim. Ela era tudo para mim. — As lágrimas caíam de seus olhos enquanto seus dedos se apertavam contra os meus.

— Estávamos acostumados a dizer que éramos uma engrenagem. Quando morreu, levou a metade de minha alma com ela. Eu não gosto de pensar muito em meu passado... Me mata recordar tudo o que perdi.

Fiquei em silêncio. Não havia palavras para consolar alguém que tinha perdido às pessoas mais próximas. Assim lhe deixei tirar tudo quando a apertei a meu lado, recostada na cama, usando meu toque para mantê-la calma. Merda. Meu toque a tinha mantido calma.

— Então, como foi sua própria festa? — Perguntou Molly finalmente enquanto olhava ao teto. Me dei conta que, em realidade, ela podia estar tão fodida quanto eu.

— Você não estava lá.

Molly deslocou suas pernas para mim e nervosamente perguntou:

— Você se importa muito comigo?

Queria rir em sua cara, convencido de que se soubesse a gravidade de minha obsessão por ela, teria saído correndo e gritando para as malditas colinas.

— Realmente não sabe?

Ela sacudiu a cabeça, por isso, empurrando suas costas no colchão, confessei:

— Eu gosto da forma como está comigo. Eu gosto quando estou contigo. Sinto como se pudesse te dizer tudo, que poderia suportar a porra da minha alma negra. Faz-me sentir... Bom... Já sabe... Me entende? — Era um total idiota e evidentemente não era bom em fazer a merda romântica.

Mas Molly acariciou com um dedo minha bochecha, e com um sorriso tão condenadamente grande, disse:

— Eu te entendo, Romeo.

Ficamos assim por um tempo, só falando. Desculpou-se por nosso enfrentamento na conferência, admitindo que estava zangada comigo depois de acreditar que tinha dormido com Shelly. Disse-lhe a verdade, que o fiz com todo mundo menos ela, e parecia mais que feliz com este fato.

Depois de um tempo, a música começou a todo volume do pátio traseiro e estava claro que a festa era cada vez maior. Não podia me queixar, entretanto, porque Molly me pediu que ficasse.

— Só para dormir! — Declarou.

Eu não podia me sentir mais feliz.

Molly se movia na cama, nervosa mordendo o polegar e observando cada movimento que fazia. Quando me meti na cama junto a ela e apertei sua bunda, ela começou a mover-se contra meu pau, e tomou toda minha força de vontade não levá-la agora. Me controlando, cheguei mais perto e sussurrei:

— Temos que tratar de dormir ou as coisas sairão de controle. Só tenho certa moderação.

— Tudo bem — sussurrou de volta, e envolvi meu braço ao redor de sua cintura enquanto ela se aconchegava mais próxima de mim. Sentia-se tão condenadamente bem.

— Boa noite, Shakespeare — disse em voz baixa.

— Boa noite, Romeo — respondeu, e não podia deixar de rir com incredulidade. Ela ficou rígida ante minha diversão, assim que me expliquei rapidamente.

— De fato, eu gosto do som de meu nome em seus lábios. Algo que nunca pensei que ia acontecer. Acredito que é o acento Inglês. Soa todo correto, igual à forma em que Shakespeare pretendia. Ninguém me chama de Romeo, jamais me chamaram de Romeo. Não o permito. Mas estranhamente, eu gosto quando você o faz.

Ouvi-a exalar e percebi que ela virou de frente para mim. Por alguma razão não podia deixa-la também, superado pela emoção de tê-la me olhando nos olhos, para ver os demônios que lutavam em meu olhar. Mas quando ela sussurrou:

— O que há em um nome? *Isso que chamamos rosa com qualquer outro nome cheiraria igual a doce? Romeo seguiria sendo ele se não se chamasse Romeo?* —Sentia-me como se não pudesse

respirar. As lembranças, a dor que esse nome agitou em mim era muito.

— Não... Por favor... — roguei—lhe, incapaz de lhe dizer por que esse nome era uma carga tão pesada.

— Por que não o permite?

— É uma longa história. — disse evasivo, meu pânico agora saindo à superfície.

— Temos tempo.

— Agora não — disse-lhe mais duro do que pretendia, mas não podia ir ali ainda. Talvez nunca. Era simplesmente muito.

Molly suspirou com decepção, mas me alegrei quando ela trocou de tema e perguntou:

— O que diz a tatuagem nas costelas?

— O lucro maior não consiste em nunca cair, e sim em nos levantar de novo quando caímos. É de Vence Lombardi.

— É lindo. Este filósofo Vence Lombardi deve ser bom. Por que eu nunca ouvi falar dele? — E de qualquer jeito, ela me tirou de um lugar mau. Só Molly tinha sido capaz de fazer isso por mim... Era aditivo.

— E agora? — Queixou-se enquanto eu ria de cada pequena coisa que ela disse errado.

— Ele era um treinador de futebol. Um muito famoso treinador de futebol.

— OH. Realmente tenho que me atualizar em tudo o relacionado ao futebol.

— Eu gostaria que não o fizesse. Não está impressionada pelo alvoroço que vem comigo jogando e nunca quero que seja assim tampouco. É melhor se não conhecer a fundo o que significa tudo isto para a gente daqui.

— Quer dizer que realmente não quer que te chame de Bala?

— Porra, não.

— Ok, o que te fizer feliz.

Eu juro que ia me matar.

— Dorme Mol, ou vamos terminar fazendo o que me faria incrível e fodidamente feliz.

— Uma pergunta mais, então eu vou dormir.

Apertando—a com força, disse—lhe:

— Uma mais. Está tentando à sorte.

— Por que um Dia?

Lembranças de conseguir a tatuagem no quadril jogaram através de minha mente, e finalmente tomando um risco, disse-lhe o que nunca havia dito a ninguém.

— Porque sairei deste lugar um dia. Porque serei eu mesmo, um dia. Porque farei o que quiser... Um dia.

A mão de Molly apertou na minha.

— Sempre foi tão mau para ti?

Não pude, não podia falar desse tema, alguma força estranha dentro de mim roubava minha voz, assim respondi:

— Essas foram duas perguntas, Shakespeare. Estive de acordo em uma. Agora dorme.

— Romeo? Não quero que todos saibam a respeito de nós ainda. Quero manter nossa relação para nós mesmos — soltou Molly de repente quando estava na metade do caminho de adormecer

A ira golpeou através de mim a um ritmo alarmante, me acordando, e tive que me mover sentado na beira da cama.

— Eu entendo. Está envergonhada de estar comigo. O Bala, o agressivo, o prostituto QB, o não material para namoro, verdade? Mas bom para uma foda em segredo... — Odiava a maneira em que estava

falando, dura, maliciosa, mas ela dizendo isso me fez sentir envergonhado. Não acreditava que era digno de estar com ela em público.

A cálida respiração de Molly se propagou em minhas costas e seus braços se envolveram ao redor de minha cintura.

— O que? Não! Eu só... Estou nervosa! — disse. Fiquei preso no pânico. Senti como se um peso tivesse se levantado. Voltei-me, tomando suas mãos e perguntei:

— Nervosa por quê?

Tomou a mão e alisou o cabelo grosso e a prega de sua camisola.

— Olhe, não sou o que persegue normalmente. Não me pareço com as outras, polida, perfeita, das que se veem bem de todos os ângulos. Por favor, podemos esperar um pouco mais antes que todo o campus saiba? Por meu bem? Vai tomar algum tipo de ajuste de minha parte para estar contigo. Só necessito um pouco de tempo.

Impressionante, pensei. A única garota que quero ter em meu braço para que todo mundo o veja, e quer ela quer manter tudo em segredo.

O Carma é uma cadela.

Ao pressionar minha cabeça com a dela, disse-lhe:

— Quero mostrar a todo mundo que estou contigo agora. Não vou nos esconder, e não me importa uma merda o que as pessoas pensem. Quanto a meu passado, isso não é o que quero contigo. Quero mais. Não entendeu ainda a estas alturas? Cristo!

— Por favor. Só por um tempo. É Romeo Prince. Sua reputação... Me assusta um pouco. Vamos ser nós em privado por um tempo, ver como vai sem que ninguém interfira.

— Porra, Mol! — Gritei um pouco ruidoso. Estava zangado. Sim, minha reputação era como um pequeno filho de puta de merda, mas eu era diferente com ela, e ficaria feliz de nocautear qualquer um que dissesse o contrário. Queria protege-la.

— Por favor! — Rogou uma vez mais, e inferno, não pude resistir a esses olhos suplicantes. De maneira nenhuma ia abandona-la. Se tivéssemos que ficar em segredo por agora, só ia ter que fodidamente me ajustar.

Reuni-me com o olhar apreensivo de Molly e disse:

— Muito bem! Guardaremos o segredo... Eu fodidamente não quero isso, mas vou fazer por ti.

Um puto segredo. Perfeito. Diabos, isto não ia ser divertido...

Capítulo 13

Meu celular vibrou em meu bolso, e meu estado de ânimo imediatamente se amargurou.

— Papai, que amável me ligar de novo — Disse sarcasticamente enquanto caminhava através da universidade em direção a cafeteria para o almoço, meus músculos ainda doloridos por minha sessão de peso.

— É um bom dia, Romeo! Martin Blair aprovou o acordo pré-nupcial. Quando você se casar com Shelly, Martin finalmente se retirará e te dará de presente trinta por cento de seus cinquenta por cento como presente de casamento. Ele queria se afastar por um tempo, e você vai assumir o comando da gestão do dia a dia da empresa junto comigo. É exatamente o que queremos, o controle total da Prince!

Nunca tinha ouvido meu pai soar tão fodidamente feliz. Eu, entretanto, estava em plena ebulição.

— O que *você* queria. — Imediatamente me estresso.

— O que? — ele retrucou. Seu momento de euforia logo esquecido.

Me preparando para o que vinha, disse-lhe:

— O que você queria. Eu te disse uma vez e não vou continuar repetindo. Não. Me. Casarei. Com. Shel!

O silêncio reinou. Então, me surpreendendo, ele perguntou com calma:

— O que posso fazer para que mude de opinião? O que você quer? O que quiser que eu faça pra que isto aconteça, farei para você.

Isso me impactou até o ponto em que não pude me mover. Estava o grande Joseph Prince realmente tentando negociar?

Beliscando a ponte de meu nariz, respondi:

— Nada. Nada vai me fazer mudar de opinião. Sinto muito, papai, sei que pensa que estou falhando em meu dever como seu filho. Mas é minha vida e não vou casar com alguém pelo bem de seu negócio já estupidamente rico... Não vou me casar só para que possa obter mais dinheiro... Não fui feito para essa vida. O futebol é o que vou fazer no futuro.

Uma tosse profunda soou ao outro lado da linha e ele disse:

— Não vai mudar de opinião sobre isto? Entendi bem?

Exalando um forte suspiro, respondi:

— Não, não vou mudar de opinião.

— Então, será a sua maneira.

Fiquei imóvel, olhando sem ver, através das janelas da cafeteria.

— Que diabos significa isso?

— Fez sua escolha. Agora terá que viver com isso. Não vou te agradar.

— O que significa isso? — gritei de novo, tratando de manter a voz baixa, já que os estudantes que me rodeavam começaram a olhar em minha direção.

Me dei conta que o telefone ficou mudo, e ao ver o tambor de lixo diante de mim, gritei com frustração e enviei o maldito cilindro de estanho pelos ares através da calçada com um enorme pontapé. Os chiados impressionados das garotas me rodeando só me enfureceram

mais. Entrei na cafeteria, ignorando as olhadas inquisitivas dos outros e cai em minha cadeira, perdido em meus pensamentos.

Que demônios ele quis dizer? Jesus! Ele sempre estava fodendo com minha cabeça. Preferia receber uma surra que esta maldita tortura mental. Pelo menos com um soco sabia onde me encontrava.

Levantei a cabeça, procurei no estabelecimento, necessitando desesperadamente ver Molly, e quando o fiz, encontrei esses olhos dourados já cravados em mim. Suas sobrancelhas se juntaram com preocupação, e me senti um pouco mais tranquilo sabendo que ela estava perto, e dei-lhe uma inclinação tranquilizadora com meu queixo.

Não ser capaz de tê-la em meus braços estava me matando. Não ser capaz de puxa-la para meu colo, beijar seu maldito pescoço, e mostrar ao mundo que ela era minha estava me matando.

A seguinte hora ia ser uma tortura.

Eu estava certo. O almoço parecia prolongar-se. E quando Caroline se exibiu e tentou flertar cuspindo um pouco de merda sobre destronar a cadela rainha Shelly, não me importei, não estava nem remotamente interessado em sua oferta. Despedi-me com um gesto de desprezo e um cortês 'Vai à merda!'.

Chris Porter me olhava com curiosidade de uns assentos à frente, com um sorriso em seu rosto bajulador.

— De que diabos você está rindo, Porter? — Rosnei, minha voz letal ate mesmo para meus ouvidos.

— Você está do outro lado agora? — Ele tentou brincar, então lhe mostrei o dedo, ouvindo meus amigos rirem em resposta.

Em uma forte explosão, olhei para a entrada da cafeteria. E Shelly entrou na sala, imediatamente observando o rosto de Molly. Eu assisti a fúria construindo-se dentro de mim quando ela arrancou os óculos de Molly, atirando-o no chão. Aconteceu tão rápido, que Mol nem sequer teve a chance de fazer algo sobre isso.

— O que aconteceu? Mamãe e papai não tem dinheiro querida? Pobre Molly? — sussurrou Shelly, alto o suficientemente para que toda a sala escutasse cada palavra. Não ouvi o resto do que estava cuspindo; meu sangue corria por meus ouvidos, abafando o som.

Molly se levantou da cadeira com um olhar furioso em seus olhos, mas Shelly a empurrou de novo na cadeira.

Minha paciência para lidar com idiotas se desgastou completa e totalmente. Batendo com o punho sobre a mesa, coloquei-me de pé e ordenei:

— Chega! — Tão forte que pude sentir as vibrações nas cadeiras de plástico. Olhei diretamente nos olhos de Shelly e falei:

— Afaste-se dela. O que você tem, vinte e um ou doze anos?

A cafeteria parou ao ouvir minhas palavras, e sem me importar uma merda com as reações de Shelly, aproximei-me de Molly. Peguei seus óculos do chão e os coloquei de novo em seu rosto ruborizado antes de pressionar minhas mãos em seus ombros, consolando-a.

— Tira suas mãos dela! – falou Shelly do meu lado, como se tivesse uma maldita propriedade, algum direito sobre mim. Dei uma olhada rápida pela sala, observando muito olhos me olhando fixamente, aturdidos.

Este dia foi uma merda absoluta! Primeiro meu pai me chantageava, lançando ameaças, agora a garota de ouro abria sua maldita boca para uma das duas únicas garotas que eu me importava. Quem sabe o que meus pais fizeram. Descobriria isso com o tempo.

mas ia parar a ilusão de Shelly agora e a tiraria de seu pedestal publicamente.

Sentindo uma onda de controle apoderar-se de meu corpo, circulei Shelly, elevando a voz para que toda a sala pudesse me ouvir.

— Entenda isto. Não estamos juntos, nunca estaremos. É hora de cortar a merda. — Apontando para Shelly, enfrentei à multidão boquiaberta — Apesar da merda que ela possa ter dito, saibam que não estou com ela, nem nunca estive. E tudo, tudo o que ela diz é absoluta merda!

Assegurei-me de que Molly estivesse bem, então virtualmente a levantei de seu assento e lhe instruí.

— Pegue sua bolsa, Shakespeare. Estamos saindo.

Fazendo o que lhe pedi, Molly me seguiu para fora da lanchonete e para o pátio. Com cada passo, enfurecia-me mais. Ninguém poderia inclusive emprestar a Molly um pingo de atenção se não fosse por mim, se Shelly não suspeitasse que estivesse com ela. Uma garota inteligente como Mol nem sequer aparecia no radar de ninguém e suas vidas tristes seriam piores. Minha garota estava sendo assediada por minha causa, e se ela não tivesse a intenção de nos manter em segredo, podia dizer a todos que era minha e que necessitavam fodidamente se afastar dela. Bem. Entendia, e não queria sacudir muito esse barco, assustá-la antes que tivéssemos a oportunidade de começar, mas não seria mais um alvo por causa desses estúpidos óculos de merda. Iria me assegurar disso.

— Romeo, mais devagar. Onde estamos indo? — ofegou Molly atrás de mim. Não me detive, nem lhe dei uma resposta, incapaz de parar, por medo de voltar a lanchonete e dizer a todos a verdade sobre nós.

— Entra — Falei entre dentes uma vez que chegamos a minha caminhonete.

Logo depois de deixar a escola para trás, cada segundo na presença de Molly me tranquilizava ainda mais, permitindo me perguntar-lhe: — Você tem certeza que está bem? — Ela não havia falado nada desde que estivemos na estrada, compreendendo que eu não podia falar nesse momento, que precisava de um pouco de tempo para relaxar.

Com uma agitação nervosa, Molly respondeu:

— Sim. Um pouco envergonhada, mas estou bem.

Envergonhada? Eufemismo de merda! Odiava a atenção, e hoje, Shelly a tinha empurrado diretamente ao centro de atenção.

— Como se atreve a falar com você dessa maneira? É uma cadela! Por que diabos perco grande parte de meu maldito tempo com ela? — desabafei, mais para mim que para ela. Estava com tanta raiva que eu mal podia funcionar.

— Você tirou as palavras de minha boca. — Joguei uma olhada a Molly e ao ver seu pequeno sorriso de orgulho ante meu comentário, minha raiva descongelou, e não pude evitar sorrir um pouco em troca.

Esta garota me surpreendia. Shelly tinha insultado seus pais na frente de uma boa parte dos estudantes, seus pais mortos que ela nunca falava. Mas tomou os comentários de Shelly como uma campeã, seguindo o caminho ético, colocando a minha reação tipicamente agressiva na vergonha.

— Mol, lamento muito que o que ela disse a respeito de seus pais. Não posso imaginar como deve ter se sentido.

Uma mão suave acariciou meu joelho.

— Não tem nada do que se desculpar.

Agarrando seus dedos, respondi:

— Não é verdade. Ela estava te incomodando porque vê meu interesse por você. Viu desde nosso primeiro beijo. Você é o inimigo agora Mol, e eu não posso pedir suficientes desculpas por isso. Eu coloquei você nesta posição, e ela vai tentar fazer sua vida um inferno.

Com um sorriso deslumbrante, ela se aproximou, colocando sua cabeça em meu ombro; seu fôlego esquentava a pele nua de meus bíceps. Ela não tinha medo, nunca se importava com o que outros pensavam. Meu corpo relaxou e, envolvi meu braço ao redor de seu ombro, passei meus dedos através de suas mechas de cabelo. Foi o primeiro pedaço de paz que tinha sentido nas últimas semanas. Aqui mesmo, agora, só nós dois... Era perfeito.

Pelo menos era até que ela me perguntou:

— Rome, com quem estava falando no celular mais cedo na cafeteria?

Merda. Não esperava que a conversa fosse por ai. Limpando minha garganta, perguntei:

— Você me viu?

— Sim — respondeu ela com tristeza.

— Realmente não quero falar sobre isso. — Realmente não queria. Que diabos ia lhe dizer? OH, sim, era meu pai. Ele esteve negociando meu contrato pré-nupcial com Shel. Você já sabe... a garota que te destroçou por ser pobre? Bem, ela. Nunca quis Molly na merda entre eu e meus pais, nunca quis que estivesse no extremo receptor de meu lixo; infernos, eu nem sequer queria que eles soubessem da existência de Molly, ela era muito importante para mim para coloca-la nesse tipo de situação.

— Está bem. Basta responder uma coisa. Eram seus pais? — perguntou cuidadosamente, me trazendo de novo para o aqui e agora.

— Sim — admiti finalmente.

Ela apertou minha cintura por uns segundos, em seguida se moveu para trás e olhou pela janela, sem mais perguntas sobre os meus pais.

— Por que estamos aqui? — Suas sobrancelhas se juntaram enquanto observava o grande Shopping Center.

Saindo da caminhonete e ajudando Molly a sair do carro, falei:

— Vamos comprar óculos novos. Vamos.

Tentei caminhar para o oftalmologista, mas ela cravou seus saltos no chão e me parou. Olhando-me fixamente com firme determinação, falou:

— Romeo, eu não posso pagá-los ainda.

Isto não estava acontecendo! Encontrando seu olhar decidido, repeti:

— Eu comprarei para você. Agora vamos! — ela ficou cravada no chão, e comecei a enlouquecer de novo. Queria ajuda-la, maldita seja, mas estava sendo teimosa e toda orgulhosa. Só queria cuidar dela: o que eram uma centena de dólares para fazer sua vida infinitamente mais fácil na faculdade?

— Romeo, não sou uma obra de caridade. Vou conseguir meus malditos óculos quando tiver juntado dinheiro suficiente. Você não vai compra-los para mim. Não vou deixar. Ser pobre não me envergonha. Aceitar dinheiro por piedade sim!

Gemi e a puxei para mim, amando o jeito que a luxúria florescia em seus olhos cada vez que seu corpo se encontrava com o meu.

— Molly, maldita seja, não comece com isso. Indiretamente fui eu quem quebrou o maldito óculos com meu passado de merda. Fui eu quem ficou irritado com Shelly por mostrar a todos que eu gostava de você, e permiti que seu ego se inflasse por tolerar sua merda de rainha de Bama nos últimos três anos. Vou te comprar óculos novos e você me permitirá isso, não tem outra fodida opção. Não se trata de vergonha; trata-se de proteger o que é meu.

Seus olhos arregalaram-se enquanto olhava para mim. Sim, podia estar com raiva do meu tom agressivo, mas me entenderia. Era minha e não deixaria que fosse confrontada por algo... nem por ninguém.

Molly estava calma, mas nunca vacilou em seu olhar. Ambos tínhamos penetrantes olhares, ambos nos negando a submeter-nos. Gemendo exasperado, agarrei seus cabelos em minhas mãos, inclinei-me e lhe perguntei com dureza:

— Você entendeu?

Seus olhos dourados arregalaram-se um pouco diante do meu movimento agressivo e, com um movimento suave de sua cabeça, seguido de um sorriso divertido, sussurrou:

— Eu entendo.

Claro que fazia.

Fodida Molly Shakespeare, cedendo e renunciando o controle, me dando o que eu precisava, o que eu desejava. Foda-se. Eu a queria tanto que era doloroso.

Sentindo uma estranha explosão de algo em meu peito, beijei-a na cabeça e a levei ao shopping.



Capítulo 14

— Meu deus, Rome, isto é incrível — sussurrou Molly enquanto observava meu lugar secreto com o maior sorriso no rosto. Graças às novas lentes de contato, pude ver o quão brilhantes seus olhos estavam, e seu rosto bonito, formoso, que me roubava o maldito fôlego.

Pegando sua mão, levei-a até o riacho. Este lugar era meu refúgio, o único lugar onde ninguém me incomodava. Meus pais possuíam hectares de terra, mas nunca colocaram os pés na maior parte. Nunca antes tinha compartilhado com ninguém este lugar, nunca tive a necessidade. Agora tinha.

Molly tinha que ver este lugar; algo dentro de mim simplesmente sabia que adoraria.

— Está bem, agora a sério tem que me dizer onde estamos. É possivelmente o lugar mais bonito da terra — disse enquanto nos sentávamos sob o grande carvalho ao lado da água.

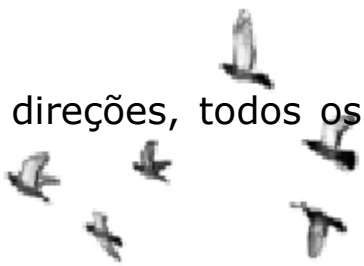
Aqui vamos nós. Com um profundo suspiro, disse-lhe:

— É o riacho da parte traseira da casa de meus pais.

Suas sobrancelhas franziram.

— A casa de seus pais? — Observei sua garganta engolir e a apreensão cobriu seus traços faciais.

Esticando o pescoço, ela olhou em todas as direções, todos os campos aparentemente intermináveis.



— Eles são donos de tudo isto? — Sua voz enfraqueceu, e eu pude ver que o entendimento da riqueza de minha família estava pesando.

Orando para que esta revelação não mudasse nada entre nós, eu falei, a contra gosto.

— É uma plantação, Mol.

Seus enormes olhos eram quase cômicos.

— Plantação? Seus pais são donos de toda uma plantação?

Meus pais nem sequer lhe davam um maldito uso correto, como uma fazenda, eles só queriam o maior e melhor de toda a Tuscalona. Exibicionismo total.

Olhando de novo para Mol, pude ver que seu olhar era nervoso enquanto verificava o entorno.

Rindo levemente, assegurei-lhe:

— Relaxe, não vão nem sequer saber que estamos aqui. Eu venho aqui sempre. É o lugar onde me afasto de tudo.

Ela inclinou a cabeça, olhando-me com um olhar incrédulo.

— O que?

— Isto. Você. Uma plantação. Somos de mundos completamente diferentes. — Captando a centelha de dúvida em seus olhos castanhos, agarrei sua mão, beijando-a, e falei: — Isto não sou eu, acredite em mim. Se você soubesse... tudo isto pertence a meus pais, não a mim. Eu sou o mesmo e você é apenas você, Molly. Romeu e Julieta.

O sorriso desses condenados lábios carnudos quase me teve derrubando-a no chão.

— Venha aqui. — Exigi, puxando-a para derruba-la na grama do meu lado. Uma risada escapou de sua boca enquanto eu sorria. Não podia tirar meus olhos de seu rosto.

Porra, ela era incrível.

Sem pensar direito, falei:

— Não posso acreditar em como você está linda com essas lentes de contato. Seus olhos são da cor de chocolate com um toque de ouro... Estou tentando com todas as minhas forças evitar te tocar da forma que quero.

Esse maldito dedo polegar dela foi para sua boca e rosnei baixo em minha garganta, meu pau entrando em ação. Estávamos sozinhos; eu a queria, a necessidade de toma-la como queria, sob meus termos, começou a tomar força. Ela tinha estado só com um outro homem em sua vida e admitiu que não gostou. E o meu estilo quando se tratava de sexo, bom, não era exatamente gestos românticos e carícias amorosas. Estava com medo que lhe mostrar essa parte de mim pudesse danificar tudo.

E então cinco palavras saíram de sua boca, me sobressaltando.

— Pode me tocar se quiser.

Tomando uma respiração profunda, como se acabasse de receber um golpe em meu peito, eu a avisei:

— Não brinque com fogo, Shakespeare. É muito forte para uma menina inglesa brincar.

Um tímido sorriso apareceu em seus lábios. Jesus! Eu estava me segurando por um maldito fio, e pela aparência das coisas, ela sabia.

— O que posso dizer...? — respondeu em brincadeira — Sou uma pessoa que gosta de risco.

— Mol.... — lhe adverti de novo entredentes. Com os olhos entreabertos com luxúria, minha garota se apoiou sobre suas mãos e joelhos e começou a arrastar-se para mim, o totó desaparecendo, uma porra de gatinha sexy tomando seu lugar.

Ela tinha uma última chance para fugir antes que eu realmente me perdesse.

— Mol... — a adverti uma última vez, mas ela não se deteve, e quando se ajoelhou na minha frente, o aroma de baunilha me fez perder toda prudência. Agarrei suas coxas nuas, nunca rompendo o contato visual, e deslizei minhas mãos pela pele, até que meus dedos correram pela linha de sua calcinha.

Molly estava ofegante e, inclinando-se, roçou seus lábios contra os meus. Era muito suave, com pouco contato, mas a deixei marcar o ritmo.

Ela ainda era bastante inexperiente e eu não queria ficar muito exigente. Mas quando sua mão se moveu por meu estômago, metendo-se em meu jeans, quase tocando a ponta do meu pau, merda, esqueci-me de ser cavalheiro e perdi a paciência. Eu ia fazê-la gozar, ver seus medos caírem, e desfrutar de cada maldito segundo.

Agarrando suas coxas, a espalhei sobre minha virilha, seus seios pressionados contra meu peito, minha mão segurando firmemente ao redor de sua nuca. Minha boca esmagou a dela com fúria e, tomando vantagem da posição, apertei meu pau duro na sua buceta, deixando que seu desejo anulasse qualquer outra coisa.

Massageando suavemente seu seio com minha mão, pressionei-me mais contra sua boca, e logo movi minha mão para sua buceta, ouvindo seu gemido carregado de desespero por meu toque. Fiquei louco. Ela estava mais que gostando do que eu estava fazendo, como eu estava fazendo... era da maneira que ela precisava.

— Romeo... — gemeu de frustração, seus olhos rodando de prazer e frustação enquanto eu brincava com meu dedo contra seu clitóris coberto pela calcinha.

— Mol... eu... eu... — Queria lhe dizer como estava me sentindo, mas estava lutando contra um bloqueio de cicatrizes de toda uma vida em minha garganta.

— Por favor... — gemeu outra vez, apertando-se com força contra minha mão.

— Mol... Deus... está me deixando fodidamente louco...

Ela gemeu, mordendo meu ombro nu, tentando me acalmar.

— Rome... Agora! — Exigiu ela, o que irritou o meu velho eu.

A tomei de surpresa, afastando sua calcinha para um lado e trazendo sua boca à minha, a calando de uma vez, e a empalando com meu dedo. Trabalhando para trás e para frente, sentindo o calor se construir e suas paredes internas apertarem-se.

A afastei, e ela me olhou. Eu não conseguia me desviar desses olhos.

— Não volte a me dizer o que fazer — disse-lhe com firmeza. Dobrando meus dedos só o suficiente, rocei a almofada do meu dedo médio através desse suave lugar que sabia que a faria gritar, provocando-a, fazendo-a desejar mais. — Você me escutou? — falei de novo, a necessidade de controlar minha garota estava circulando em cada célula de meu corpo. Neste ponto, eu tinha ido longe demais para esconder meu verdadeiro eu.

— Sim. Sim — ela gemeu, empurrando-se com mais força sobre meu dedo. Merda. Ela era perfeita, um ajuste natural, abertamente receptiva a minha aspereza. Eu nunca tinha me permitido ser assim com nenhuma das minhas fodas antes, nunca estive sóbrio o suficientemente para que me importasse em tentar. Mas aqui, neste momento, era tudo, completa e total exposição de quem era eu.

Minha atenção se fixou em cada suspiro de Molly, cada contração de sua buceta, no rubor cobrindo cada centímetro de sua pele nua e

bronzeada. Então seus olhos se abriram e, mordendo seu lábio inferior, sua mão deslizou para meu jeans. Meu pau estremeceu no pensamento de sua mão ao redor da base, acariciando a ponta, mas fiquei imóvel e falei com voz dolorosamente rouca.

— Mol, não, você não... — Minhas palavras ficaram presas em minha garganta quando sua mão macia enrolou ao redor do meu pau e suavemente começou a acariciar-me de cima abaixo.

Merda. Era bom demais para parar.

— Deixe que eu cuide de você. Deixe-me te dar o que precisa. Por favor... — ela suplicou, rolando seus malditos quadris contra minha mão.

Ao olhar seus olhos, eu estava perdido, cego por ela. Não havia outros sons, além de nossos suspiros e gemidos nos quilômetros de terras de cultivo, e nada mais se registrava exceto o prazer insano que estávamos dando um ao outro. Na verdade, isso era uma mentira. Eu estava sentindo uma tonelada, provavelmente muito para revelar a minha garota agora. Eu nunca tinha sentido nada tão real antes, e eu precisava de tempo para digeri-lo.

— Ah, Rome... eu... — Molly me cavalgou mais rápido, sua buceta me agarrando enquanto eu me concentrava em seu ponto G e clitóris com meus dedos, ao mesmo tempo.

Ela estava queimando. Seus mamilos duros como pedras, o rosto avermelhado e os olhos pesados, sabia que estava a ponto gozar com força.

—Goze Mol... Maldita seja, goze para mim — Eu lhe dava instruções, e com um último impulso, ela gritou em voz alta. Queria devorar seus gritos, assim esmaguei seus lábios nos meus, sua mão implacável no meu pau enquanto ela gozava.

Na visão dela gozando, minhas bolas apertaram e, levantando Mol rapidamente, rodei meus quadris para um lado, gemendo enquanto correntes de sêmen caiam na grama ao meu lado. Ela lentamente moveu sua mão, mas eu não retirei meu dedo de seu interior, não estava preparado. Não queria que este sentimento viciante chegasse ao fim.

A realidade do que acabava de acontecer entre nós penetrou na mente nublada de Mol, que se inclinou para frente, beijando e mordiscando minha pele úmida. Meu dedo acariciou suavemente contra seu clitóris, sua respiração engatando quando estava muito, muito sensível.

Saindo da segurança de meu abraço, ela sorriu timidamente. Maldição, ela era linda.

— Olá, Mol — sussurrei minha mão tirando uma mecha de seu cabelo do seu rosto.

— Olá, você — sussurrou ela em resposta, mas não estava revelando nada. Na verdade, ela estava sendo muito tímida. Imediatamente comecei a sentir pânico de que eu tivesse sido muito rude, muito agressivo para ela.

Porra, estava ferida?

— Está tudo bem? — Lhe perguntei secamente, cada fibra dos músculos tensos por sua resposta.

Seus doces olhos fixaram o chão e a vergonha se apoderou de mim. Eu me conhecia, sabia como era, e estava muito fodido para que alguém como Molly pudesse me entender.

Mas então ela falou, quase me jogando no chão em estado de choque.

— Mais do que bem.

— Olhe para mim — falei imediatamente. E foda, ela fez... Procurando seus olhos, perguntei: — Você gostou disso? Você gostou de como falei com você, como lhe ordenei?

Ela encontrou meu olhar intenso, mas não disse nenhuma maldita palavra. Deixando-me nervoso, falei novamente.

— Mol, você gostou...?

Merda. A ideia de perdê-la me matava. Minha voz travou pela emoção.

Passando a mão pelo meu rosto, sua expressão enchendo-se com afeto, ela sussurrou:

— Sim, Romeo. Eu... eu não sabia que eu gostaria... bem... mas... eu acho que nós dois vemos que sim.

Os músculos se estiraram, os lábios se estenderam, e soube que estava fodidamente sorrindo, infernos, não, estava rindo, estava radiante. Precisando de outra oportunidade para tocá-la, segurei suas mãos, balançando minhas sobrancelhas, e passando suas mãos por minhas costelas. Um questionador sorriso surgiu de seus lábios.

— Estão todas aí? — Perguntei, amando sentir esta liberdade, amorosa e leve o suficiente para brincar. Ve seus lábios franzirem-se com a confusão, sem entender o que eu quis dizer, logo antes de ela perguntar:

— O que?

— Minhas costelas. Falta alguma?

Inclinando-se para frente e segurando a minha cintura, ela murmurou com diversão.

— Bem, acredito que você perdeu um parafuso. Você acha que perdeu uma costela?

— Só pensava que Deus pegou uma das minhas quando fez você. — Eu sabia que soava pouco convincente, mas foda, soava

romântico, e uma garota como minha Mol, bem, ela deveria ter o melhor, as palavras mais românticas escritas para ela. Eu não tenho isso em mim, não poderia lhe dar o que merecia... Mas tive sorte que ela me amava apesar de tudo, e por último, todos esses malditos anos na escola dominical foram finalmente úteis. Porra, da forma que estava me sentindo neste momento, eu iria parar no centro do Bryant-Denny[6] e recitaria uma maldita poesia se isto a fizesse sorrir.

— Rome, às vezes você é muito doce, sabia?

Doce? Bem, tome isso.

— Apenas para você.

Molly pegou minha mão entre as suas e colocou lentos beijinhos na palma da minha mão, perdendo-se em seus pensamentos. Com os olhos vidrados de preocupação, lambeu seu lábio inferior.

Algo estava definitivamente incomodando-a.

– No que você está pensando?

— Quando diz que você gosta de mandar, até que ponto tem a necessidade de dominar? — ela sussurrou, com seu rosto vermelho de constrangimento ou vergonha. Não estava certo.

Não pude evitar, comecei a rir. Droga! Ela pensava que eu queria amarra-la a uma maldita cama e chicoteá-la? Mmm... Podia ver como isso seria tentador, mas não era exatamente a minha coisa.

Enfrentando Molly, mais uma vez, com o polegar de novo em sua boca, eu a tranquilizei:

— Não sou um sádico, assim pode tirar essa expressão de sua cara bonita. Eu gosto de ter controle... não sei... Sou assim. Há algumas coisas muito fodidas na minha vida onde eu não posso ter o poder, então eu preciso de coisas que me fazem bem. Simplesmente

[6] O estádio Bryant-Denny se localizado na Tuscaloosa, Alabama, Estados Unidos é o estádio da equipe de futebol americano da Universidade de Alabama.

ter a certeza de que estou no comando. Sou um bom zagueiro porque gosto de liderar, dirigir o espetáculo. É o mesmo com o sexo.

Inclinei meu queixo, a deixando responder.

Engolindo em seco, ela sussurrou:

— Eu gostei como tomou o controle. Estou tão acostumada a ter que ser independente e autossuficiente, sempre tomando as decisões, e eu odeio isso. Isso foi... Liberador... Me entregar a você, entregar as rédeas, as decisões, o controle.

Envolvendo-a em meus braços, a puxei sobre meu peito, meu desespero por ela mais forte que nunca.

— Agora você é minha Mol. Você sabe disso, certo? Eu nunca tive ninguém que respondesse para mim como você faz, cada movimento, beijo, carícia, e a entrega total de você mesma. — Trabalhei um dedo novamente, ainda dentro dela. Precisava vê-la gozar de novo. Mas esta vez ela estaria gozando como minha mulher, a revelação completa... agora a possuía, e ela a mim.

— Sim, eu sou sua — ofegou, seus quadris empurrando, logo rodando para trás e para frente.

Trabalhei bem, e quase gozei enquanto ela explodia com um grito, suas coxas apertando quase dolorosamente contra minha mão com seu orgasmo, para logo cair pesadamente contra meu peito, completamente esgotada.

Depois de alguns minutos de silêncio, sua respiração acalmou-se e eu sorri, me dando conta que Mol dormia em meus braços. Olhando para o céu, me dei conta de que algo aconteceu. Com Molly em meus abraços, me aceitando em todos os níveis, meus problemas e minha necessidade de controle, minhas prioridades mudaram. Tudo mudou para mim nesse momento, agora que tinha minha garota comigo.



Capítulo 15

Vimos o pôr do sol, juntos.

Sim, eu, Rome fodido Prince, despertando com uma garota que dormia em meus braços para ver um maldito pôr do sol... e era, porra, incrível. Nunca tinha conhecido tal paz antes. Nunca tinha conhecido tanta felicidade. Tinha conhecido uma vida dura com meus pais, mas até que Shakespeare chegou a minha vida, nunca parei para pensar a respeito do quão fodido era tudo.

O quão fodido eu estava.

Minha garota estava apertada entre meus braços, e eu queria saber mais sobre ela, sobre sua família, queria saber mais que todo mundo. Merda. Por tudo que pude ver, ela tinha tido muita complicação em seus vinte anos. Onde eu queria que meus pais desaparecessem, Molly daria qualquer coisa para ter os seus de volta. Ela nunca me disse como morreu seu pai, assim realmente sem pensar bem, perguntei, e foda-se, não esperava a resposta que ela me deu.

— ...Lembro-me como se fosse ontem. Cheguei da escola e minha avó estava chateada. Nos sentamos na sala e ela me disse que meu pai tinha sido levado pro céu. — Ela riu, mas não foi engraçado. Eu podia sentir sua tensão e sabia que vinha da dor real. — Nesse momento pensei que tinham me castigado por ser uma menina má. Logo ficou claro que não tinha morrido de uma enfermidade ou

porque Deus estava me castigando. Ao invés disso, ele se levantou como de costume, viu-me, sua garotinha, me levou para porta da escola, entrou no banheiro e cortou seus pulsos com uma lamina de barbear.

Droga. Não esperava por isso. O que demônios você fala para uma pessoa cujo pai cometeu suicídio de tal maneira?

— Merda baby. Eu não acho que... Sinto muito.

Ela continuou me falando como lutava diariamente com sua escolha, e por que o fez. Contou-me como ela enfrentou quando sua avó morreu, e porra se eu não tive que lutar com um nó na garganta ao pensar em minha garota sozinha, cuidando da sua avó, e então a única pessoa que amava morrendo em seus braços. Não podia deixar de imaginar os minutos que seguiram à morte de sua avó, como teria se sentido, o golpe da compreensão de que estava sozinha no mundo.

Molly tinha quatorze anos quando perdeu seu último parente, quatorze malditos anos. Eu sabia que a estava abraçando com muita força, mas quando ela olhou para mim com esses olhos lindos, ela só sorriu e colocou um beijo em minha boca. Ela era tão forte.

Enquanto ela falava de suas temporadas em orfanatos, me senti momentaneamente irado com seu pai. Sim, é um erro pensar mal dos mortos, mas durante três anos ela tinha sido obrigada a suportar a solidão em casas de estranhos tendo que correr atrás da única coisa que ela amava, estudar, para poder sobreviver. Mas, que merda, não a conhecia, e não sabia de sua situação, assim senti que eu não deveria julgar. Dava medo, mas, a sua vida naqueles anos era como um reflexo da minha - sempre sozinhos, correndo atrás das nossas paixões como distração, e as utilizando como um salva-vidas para sair do desastre, ainda que fosse temporalmente.

— Quando tinha dezessete anos, passei nos exames antes, para ir à faculdade um ano mais jovem, — saí de meus próprios pensamentos e escutei com atenção uma vez mais — e me ofereceram um grau avançado em Oxford. Formei-me e vim para cá. E vou me mudar para outro lugar para fazer meu doutorado.

Isso me parou... Assustando-me também. Ela nunca tinha estado em um lugar por muito tempo.

— Então você fugiu?

Quebrando a tranquilidade em que tínhamos estado, Molly segurou meus braços, tentando soltar minhas mãos ao redor de sua cintura. Não havia uma maldita chance que a soltasse.

— Não lute. Responda à pergunta. — A segurei com mais força.

— Você não tem ideia do que foi minha vida! Não tem direito de me julgar! —gritou.

— Não estou te julgando. Mas você fugiu dos seus problemas?

— E daí? Não tenho casa, nem família. Por que ficar presa em um lugar?

— Isso pode ter sido verdade antes, mas agora tem pessoas que se preocupam com você, realmente se preocupam. Não vou deixar você fugir de mim.

Eu precisava que ela acreditasse nessas palavras, que acreditasse em mim. Agora que a tinha, não havia nenhuma maneira no inferno que a deixaria fugir de mim quando as coisas ficassem difíceis, isso era inaceitável.

Não era ingênuo. Sabia que estar com Molly poderia causar uma grande quantidade de problemas com meus pais. Bem, isto se alguma vez eles descobrissem, pois ia evitar a todo custo. Mesmo tentando fugir, coloquei a minha boca em seu ouvido.

— Não vou permitir que você me deixe.

Toda a luta desapareceu de seu pequeno corpo. Foi a primeira vez que tinha visto sua pesada guarda emocional ruir. Molly quebrou. As comportas se abriram e ela chorava, incapaz de parar durante um tempo. A abracei até que seus soluços pararam. Poderiam ter sido minutos, horas, dias, e quando os únicos sons foram uns suspiros entrecortados ou um estranho soluço, lhe perguntei:

— Por que fugiu de Oxford e veio até aqui?

Sua cabeça recostou de novo em meu peito e depositei um beijo em sua testa.

— Oliver queria mais de mim. Ele ficou para fazer seu doutorado e queria dar um passo a mais. Não ele não sabia nada sobre mim. Nunca falei.

— Depois que fomos para cama, eu sabia que não poderia fazer isso. Pensei que ter intimidade com ele me ajudaria a me aproximar mais, que derrubaria minhas paredes. Mas tudo o que senti foi uma decepção estrangulada. Pensei que era incapaz de estar perto de outra pessoa novamente. No final, fiquei com medo. Simples. Ele acordou e eu tinha ido embora. Não falei com ele desde então.

Saber que um chato filho da puta britânico teve a minha garota nua, embaixo dele, corroía meu interior, a raiva batendo em minhas veias. Eu não podia falar. Era como se estivesse possuído, e por um momento, a gravidade dessa posse me assustou. A garota fodidamente me enfeitiçou.

Pela inquietação do corpo de Molly, sabia que queria falar algo, mas não podia, não podia enfrentar o pensamento dela com outra pessoa. Finalmente ela se aquietou, aceitando minha incapacidade para falar, e com um suspiro tranquilizador, confessou

— Isso foi até que conheci você. Fiquei perto de você. Deixei você entrar. Talvez eu não esteja tão danificada como pensava.

Jesus. Essas palavras fizeram algo em meu interior, como se um raio de luz subisse através de meu corpo. Perto de mim, ela me deixou entrar. Eu era um filho de puta que não a merecia, completamente inútil, tinham me dito isso toda minha vida, mas isso só fez que ficasse muito mais especial. Para ela, eu era digno.

Sentindo-me no topo do mundo, disse baixinho:

— Você não é a única que se sente enlouquecer quando as coisas ficam difíceis, baby, mas a partir de agora, não vou deixar que você corra para qualquer lugar se eu não estiver correndo a seu lado.

Então ela perguntou por mim, minha família, e uma onda de pânico bateu em mim. Como eu ia contar meus problemas? Estava além de fodido, e não podia falar disso.

— Temos que ir — falei rapidamente, quando senti arrepios de frio com a brisa da tarde.

Esticando-se, ela protestou:

— Eu não quero ir ainda. Quero saber de você.

Mas eu não queria que ela soubesse, não queria manchá-la com essa merda. Molly era agora uma parte de minha vida, além de futebol, que os meus pais não tinham controle, e que me amaldiçoem se a infectassem com esse veneno.

Tinha terminado com qualquer conversa sobre meu passado, meus pais. Levantando da grama, me esquivei das suas perguntas e a conduzi em silêncio à caminhonete.

Enquanto dirigia, minha mente estava trabalhando. Tentei encontrar uma razão pela qual Molly quisesse estar comigo, com as lembranças de meus pais me falando que ninguém me amaria rodando meu cérebro. Ela não dava a mínima para o meu dinheiro, não tinha a menor noção de futebol, e mesmo assim, quando tinha me visto jogar, não parecia preocupada com toda a publicidade. Não

ligava para posição social, não se importava com minha popularidade; ela tinha suas próprias metas, seus objetivos, nenhum dos quais se viam favorecidos por mim. Só me levou a uma conclusão, na qual eu não me atrevia a acreditar.

— Você está bem? Parece que está a quilômetros de distância — Molly perguntou, pegando minha mão, me olhando com esse lindo rosto.

— Sim.

— Você tem certeza? Não parece. — Voltei minha cabeça para olhar seus olhos preocupados, e não consegui pronunciar as palavras. Por que você me ama? Não sou bom o suficientemente para você. Deve sair antes que seja muito tarde.

— Rome, você está bem? — perguntou desta vez com mais insistência.

Limpei a garganta e murmurei envergonhado.

— Não sabia antes desta noite o que era se sentir amado... só por mim. — Vi a tristeza mostrando-se em seu rosto, mas precisava saber de algo para minha saúde mental, por isso perguntei. — Porque me quer, Mol? Estou tentando descobrir.

— Simplesmente amo você — ela falou, aproximando-se e se pressionando ao meu lado, beijando meu ombro nu.

— Isso é o que não entendo. Por que me ama sem motivo? Nunca ninguém me amou assim antes. Estou cheio de merda as vinte e quatro horas do dia, sete dias da semana. Sou possessivo e não sou bom com compromissos. Onde está o atrativo?

— Então sou a primeira, porque quero você sem nada em troca. Por que se ama outra pessoa? Meu corpo reconhece você como algo que é bom para mim. Minha mente reconhece você como alguém que

é certo para mim, e minha alma reconhece você como alguém que está destinado a mim.

A sinceridade preenchia cada palavra que falou.

Eu relaxei, envergonhado pelo fato de que, pela primeira vez em toda minha vida, me queriam... Só por mim. Saboreando a satisfação que estava se acomodando em meu sangue, sussurrei:

— Estamos profundamente fodidos, não é verdade, Shakespeare?

— Acho que isso é um eufemismo — disse Molly com o impressionante sorriso dela. Quando olhei para seu rosto feliz, eu não pensava mais em estacionar e foder com ela até a próxima semana. Não pensava em como a faria retorcer—se na minha língua. Só a queria junto de mim, assim, me querendo. Inclinando minha cabeça, lhe ordenei:

— Vem aqui. — E ela obedeceu, sem fazer perguntas, me entendendo como ninguém antes.



Depois de deixar Mol em sua porta, voltei para minha casa de fraternidade, estacionei, e caminhei à entrada principal. Passei na sala de TV e vários dos caras, incluindo Austin, Reece e Jimmy, olharam para cima quando entrei. Já me sentia estranho, não estar com Mol e estar de volta com os caras... Sentia-me um pouco mal, cada célula de meu corpo insistindo para ir com ela novamente.

Indo para a cozinha, precisando de uma distração, abri a geladeira e agarrei uma cerveja. Quando fechei a porta, Austin estava encostado contra a ilha, me olhando.

— Onde diabos você estava? Você ignorou os pesos esta noite. Tive que ter o Reece me apoiando e esse cara é fraco! — Ele parecia irritado.

Apoiando-me sobre o balcão, dei de ombros.

— Só saí.

Suas sobrancelhas levantaram.

— Estava com essa garota britânica, Molly, não é mesmo?

Eu fiquei tenso. Austin captou e sorriu.

— Escutei que você causou uma cena na lanchonete, brigando com Shelly, e depois arrastando à garota para sua caminhonete. Os caras não sabem o que demônios fazer com você. Você, agindo todo louco com essa garota.

Ocupei-me rasgando o rotulo da garrafa de cerveja, sem falar absolutamente nada em resposta.

— Rome — falou Austin, e ergui os olhos somente para vê-lo com os braços estendidos, esperando uma resposta. Droga. Molly não queria que contasse uma merda a ninguém sobre nós dois como um casal, infernos, e não ia quebrar essa promessa, por isso peguei minha garrafa e saí da cozinha sem falar uma palavra.

Subi as escadas em direção ao meu quarto, fechei a porta e me sentei na cama sem fazer nada, bebendo minha cerveja e pensando em minha garota. Me pau endureceu.

Enquanto me lembrava dela gozando em minha mão, abrindo a boca de prazer, enquanto a marcava como minha.

Deslizei a mão em minha calça e comecei a acariciar meu pau para cima e para baixo, passando meu polegar pela ponta como ela fez. Mas não era o mesmo, assim bombeei mais duro, sendo áspero, como normalmente eu gostava.

Nada. Nada parecia com o que Mol me fez sentir, e eu estava desesperado para ter isso outra vez.

Extraindo minha mão do meu jeans e gemendo de frustração, me recostei na cama e fechei os olhos. Perguntava-me o que ela estaria fazendo neste momento. Estaria pensando em mim também? No que fizemos nesta noite? Estaria excitada pra caralho como eu, tentando sentir esse mesmo prazer outra vez?

Esse pensamento me fez levantar de repente.

Porra. Não ia ficar aqui sentado toda a noite, obcecado com o pensamento de estar tocando-a enquanto ela estava do lado da rua. Intenso ou não, eu ia dormir junto dela a partir de agora.

Pegando minhas chaves e a carteira da mesa, corri pelas escadas, quase derrubando Austin no corredor quando passei.

Ele me olhou surpreso, e cruzou os braços, sorrindo.

— Me deixe adivinhar, vai sair?

Bufando uma risada, lhe dei um murro no ombro.

— Você sabe. — Ele jogou sua cabeça para trás, rindo também, e continuou subindo as escadas.

Em poucos minutos tinha chegado à casa da irmandade de Mol e, pegando algumas pedrinhas no pátio, comecei a jogar na sua varanda. Segundos depois sua porta abriu-se de repente e ela olhou para baixo, sorrindo, e eu não consegui evitar sorrir de volta. Rapidamente subi na grade, e ao vê-la de pé na minha frente na sua varanda com uma pequena camisola roxa, seus seios livres e sua minúscula calcinha, onde praticamente podia se ver através do semi tecido, eu sabia que tinha tomado a decisão certa ao aparecer.

Agarrando sua cintura, a levei diretamente em meus braços.

— Voltei para a casa da fraternidade e imediatamente me perguntei o que você estava fazendo. Decidi parar de me perguntar e vim descobrir.

Colocando seus braços ao redor do meu pescoço, inclinando seu queixo para que pudesse vê-la, ela brincou.

— Tudo o que você quer é transar outra vez, não? Você pretende fazer disto uma coisa normal?

— OH, pode contar com isso, querida. Depois de hoje, eu tenho direito a certos privilégios.

Merda. Eu me sentia bem. Pra caralho.

— Sério? E quais são eles? – Ela perguntou arqueando sua sobrancelha.

— Você saberá no seu devido tempo, Shakespeare. Agora eu sugiro que a sua bunda vá para cama e para meus braços.

E maldição, ela fez o que lhe mandei, mas olhou para trás enquanto se arrastava pelo colchão em suas mãos e joelhos, e me mostrou uma visão de sua magnifica bunda cheia de curvas.

— Não me lembro do Romeo sendo tão insistente com a Julieta!

Meu pau mostrou reconhecimento de sua posição, e tive que me conter para não pular sobre ela.

— E olhe como isso funcionou para eles. Meu sistema é melhor, menos morte, mais orgasmos.

Ela começou a rir e apontou o caminho e as instruções:

— Você. Cama. Agora.

Rapidamente tirei minha roupa e a cueca boxer e me dirigi para a cama, me deitando a seu lado, me deleitando com seus olhos de ouro esquadrinhando cada um dos meus músculos.

Imediatamente a beijei e lambi seu pescoço, chegando ao redor e afundando meus dedos em sua calcinha. Deus estava tão quente, úmida e pronta para mim.

Um forte gemido surpreso veio diretamente de sua boca, fazendo-me deslizar meus dedos em seu calor, murmurando.

— Agora sobre esses privilégios...

As costas de Mol arquearam-se e ela levou seu braço para cima e envolveu ao redor do meu pescoço, balançando-se contra minha mão.

Nunca sairia desta maldita cama de novo...



Capítulo 16

Na manhã seguinte, o treinamento foi o melhor que tive nesta temporada. Não perdi um passe, fiz um novo recorde pessoal em minhas rotinas de peso, e cada arremesso que passei foi perfeito.

O treinador se aproximou sorrindo, e falou.

— Tudo que você fez para te tirar de sua má sorte Bala, diabos, continue fazendo! Com certeza, conseguiremos outro campeonato nacional se mantiver o treinamento desta maneira!

Tomando banho rapidamente, sentindo-me malditamente bem, me vesti e fiquei de encontrar com Austin e Reece para almoçar em poucas horas. Enquanto saía do ginásio para ir a minha classe de econômicas, vi Shelly encostada na grade do estádio, esperando, supus, por mim.

Parando em meu caminho, inclinei minha cabeça para trás, gemendo. Preparei-me para passar rapidamente por ela, mas então vi seu rosto. Estava tão fodidamente miserável que não pude deixar de suavizar um pouco. Sabia que a tratei como lixo na maior parte do tempo, mas houve um tempo que tínhamos sido amigos. Crescemos juntos, sendo obrigados a ir juntos a cada maldito baile e festa, e eu até gostava dela, como uma amiga, por um tempo.

Mas então a pressão de nossos amigos para ficarmos juntos se tornou uma loucura e nos distanciou. Ou pelo menos fez com que eu me distanciasse - ela foi à loucura com a necessidade de me apanhar

em suas garras. Queria a vida que esperava e que estava se esvaindo diante de seus olhos.

Sabia que, nos últimos anos, me ver com diferentes garotas a tinha matado. Deus, mesmo só pensar em outro homem além de mim tocando Mol me teria louco, então, pela primeira vez em muito tempo, eu realmente me senti mal por ela. Estava falhando em seu dever, tanto como eu, e embora Martin Blair não fosse tão fodido como meu pai, não era exatamente fácil de levar.

A contra gosto me aproximei de onde estava cabisbaixa e com seus braços cruzados e falei:

— Shel.

Quando ela levantou a cabeça, eu pude ver que esteve chorando.

— Olá Rome — disse com voz rouca.

— O que está errado?

Olhando fixamente para o horizonte, encolheu os ombros.

— Só queria me desculpar por ontem. Odiei a forma que falou comigo na lanchonete. Sei que provavelmente merecia isso, estava de mau humor, mas... É só... Só... — Colocou suas mãos sobre seu rosto e seus ombros começaram a tremer pelos soluços.

Apertando minha mandíbula, olhei em nosso redor antes de colocar uma mão em seu ombro.

— Shel, acalme-se.

Ela moveu-se para frente, pressionando seu rosto no meu peito, e eu fiquei rígido antes de acariciar suas costas algumas vezes para consolá-la. Vi alguns caras da equipe caminhando por nós, jogando gestos sugestivos ou sorrisos de cumplicidade. A maior parte da equipe a teria agarrado em um piscar de olhos. Mas eu nunca senti vontade. Porra, eu teria feito da minha vida um inferno muito mais fácil se tivesse feito.

Dando um passo para trás, Shelly me olhou, sorrindo envergonhada.

— Sinto muito por tudo isto.

Balançado a cabeça descartando sua desculpa, respondi:

— O que aconteceu?

— Meu pai e eu tivemos uma briga... Sobre você.

Passando minhas mãos pelo meu cabelo, amaldiçoei.

— O que aconteceu?

— Papai disse que era minha culpa que você recusasse o casamento, que não me esforcei o suficiente para ser sua garota. Disse que só quer que tome seu lugar como Príncipe do Petróleo para mantê-lo na família, e se você não fizer isso, não será capaz de aposentar-se como planejava. Ele já tem problema cardíaco e disse que ia terminar trabalhando até sua morte.

Merda. Não podia imaginar o senhor Blair sendo tão duro; ele, porra, adorava a Shelly... mas olhe os meus pais. As pessoas são completamente diferentes quando o mundo não os vê.

—Shel, sinto muito. Se isso te ajudar, sei como você se sente.

Suspirando, ela olhou-me e sorriu.

— Sim, eu sei.

Levou alguns momentos incômodos de silêncio, então, de repente, ela moveu-se, jogando seus braços ao redor de meu pescoço e pressionando seus lábios contra os meus. Só me levou um segundo para me dar conta do que estava acontecendo e, segurando seus braços, os tirei a afastando de mim, gritando:

— Shel, que merda?

— Eu só... só... Por que você não me deseja? Todo mundo nesta maldita universidade faz, exceto você! Não o grande Príncipe Romeo!

— Fiquei tenso quando me chamou assim. Só Mol poderia se safar ao me chamar assim.

— Acalme-se agora, merda — falei secamente.

Respirando profundamente ela pareceu acalmar-se suavemente.

— Simplesmente não te entendo. Tem esta vida perfeitamente desenhada para você, mais rico de que poderia sonhar, mas escolhe lutar todo o caminho, e para que? Pelo futebol americano, uma carreira que vai durar, o que? Talvez dez, quinze anos, se você tiver sorte, se conseguir cumprir com o plano. Eu não entendo essa vida, e isso é tudo o que eu sempre quis... Não sei mais que o fazer para te fazer mudar de opinião!

— Bem, Shel, sinto muito, mas não me vou casar com você. E é isso. — Cruzei os braços sobre meu peito para me manter sob controle.

Uma expressão fria cruzou seu rosto.

— Rome, aceite. Este matrimônio tem que ocorrer. Quanto mais rápido você aceitar isso, melhor.

— Tudo isto, esta pequena atuação, era tudo falso, não é? — sussurrei entre dentes — Não brigou com seu pai?

— Não, acredite em mim, aconteceu, está acontecendo, e estou farta disso! Pensei que talvez se visse o que sua teimosia estava fazendo, você reconsideraria. Seria um pedaço de papel. Nem sequer teria que ser um casamento real. Assim, por favor, eu te imploro, mude de opinião!

— Shel, não posso. As coisas para mim são diferentes agora.

Ela estreitou seus olhos.

— É por causa dela, não é?

— Quem? — Eu respondi, fingindo confusão.

— Molly! — Pude ver a incredulidade em seu rosto quando falou. — Rome, por favor. Quanto mais rápido você superar sua pequena obsessão com esse espetáculo de Brainiac[7], melhor será para todos nós. Todos podem ver como você a olha. Se você me perguntar isso, é estranho pra caralho. As pessoas têm falando, e só para você saber, vou contar a seus pais, e ambos sabemos que não vão ficar felizes.

Foda! Não queria que Mol tivesse que lidar com meus pais e também com Shelly jogando muito duro. Ameaçando contar a meus pais, porem, ela acabava de começar um perigoso jogo de merda. Entretanto, uma coisa me fez sentir melhor, e era a informação de que, ao que parece, todo mundo já viu meu interesse em Mol, sabiam que andava ao redor da garota. Perfeito. Então, já não precisava manter em segredo.

Me inclinando para Shelly, adverti-lhe em voz baixa:

— Permaneça fodidamente longe de mim, me ouviu? E se for o caso, de Molly também.

— Rome, está escolhendo errado.

— Ao diabo se estiver! Sabe Shel, nem sempre você foi tão cadela. O que aconteceu com a garota despreocupadamente feliz que conheci quando éramos crianças?

Ela pareceu engasgar com uma risada amarga.

— O mesmo aconteceu com o menino que você foi uma vez... a vida! Rome, ambos somos peões, e ambos temos nossa parte no jogo.

[7] Pertence ao universo dos (quadrinhos) da DC Comics, aparecendo mais frequentemente como oponente do Superman.



O inferno bateu em casa. Suponho que de algum jeito, somos iguais, ambos cansados. Mas isso não mudava nada.

Virei bruscamente, tão rápido como foi possível antes que as coisas saíssem do controle, ouvindo o clique dos saltos de Shelly enquanto caminhava com raiva. Quanto mais rápido tivesse Mol em meus braços, onde pertencia, melhor. Minha garota me odiaria por isso, fazendo-o público, mas hoje, no final das aulas, todo o maldito campus saberia que ela era minha. Não mais nos esconder, não mais fingir que não pertencíamos um ao outro.

Bem quando estava a ponto de entrar em minha aula de negócios, uma mensagem de texto chegou a meu celular. Preparei-me, esperando que fosse de meu papai sobre Shelly, possivelmente sobre Molly, mas era Ally.

Al: Fará um hábito subir e descer pelas varandas???

Fechei meus olhos, e suspirei. Minha prima sabia.

OH, bem. Uma pessoa a menos a quem contar.

— Quer sair para comer? Tenho um desejo de comida mexicana — perguntou Reece, enquanto me encontrava com ele e Austin fora do prédio de Economia para o almoço.

— Não, vamos para a cafeteria — respondi e comecei a caminhar, deslizando sobre a minha sombra.

— Por que comer ali de novo? — queixou-se. Austin revirou seus olhos para Reece e sua atitude irritada antes de lhe dar um tapa sobre a cabeça.

— Há algo que preciso fazer — respondi.

— Na cafeteria? — perguntou Reece uma vez mais, com o cenho franzido enquanto esfregava sua cabeça.

— Sim! Ou no pátio. Pare de reclamar e vamos!

Austin parou a meu lado, deixando Reece arrastar-se atrás de nós, carrancudo como um menino pequeno e silencioso.

— Que merda está fazendo? Rome, conheço esse olhar em sua cara. Está tramando algo.

— Sim. Algo que deveria ter feito há muito tempo. — Austin me olhou com curiosidade, mas permaneceu em silêncio enquanto continuava caminhando a meu lado.

Caminhamos a grandes passos através do pátio; o lugar estava repleto de gente. A temperatura estava malditamente quente, e todo mundo estava aproveitando antes que chegasse o inverno.

No meio do caminho, vi Jimmy, Cass, Ally e Lexi sobre a grama. De repente Cass se afastou de Jimmy e foi então que vi Molly, sentada frente a eles, sorrindo de algo que estavam dizendo. Estava deslumbrante, e um raio de felicidade me golpeou enquanto a via muito relaxada, passando o tempo com seus amigos.

Era vagamente consciente que as pessoas estavam observando nós três caminhando para ela. Sempre olhavam boquiabertos à equipe de futebol, mas não lhes dei atenção, estava muito ocupado olhando a minha garota.

No momento em que levantou seu olhar de seus amigos, nossos olhos se encontraram. Um pequeno sorriso apareceu em seu rosto. Sabia que o que eu ia fazer a envergonharia até a medula. Por um momento me perguntei se era correto fazê-lo, mas decidi seguir com o plano... Precisava fazê-lo.

— O que está fazendo aqui conosco? — perguntou Jimmy quando os alcançamos.

Ninguém esperava a resposta que ia dar, mas, me aproximando dos olhos de Molly, pude ver que se deu conta do que estava por vir.

— Apenas vendo minha garota.

Molly abriu sua boca em estado de choque. Sentei-me, puxando-a sobre meu colo, e me virei para lhe dar um beijo. Porra, a possuiria com esse beijo, mostrando ao mundo que estávamos juntos.

Me puxando para trás, ambos sem fôlego, perguntei:

— Querida, como você está hoje?

Preparei-me para que estivesse chateada, mas quando sorriu e respondeu:

— Estou bem. Na verdade, ótima. — Sabia que tinha feito o correto. Estava feliz que todos soubessem sobre nós, e era a maldita melhor sensação do mundo.

— Bom, suponho que isso responde minha pergunta se ele gosta de você! —deixou sair em voz alta Cass, mas eu não podia ficar irritado enquanto minha garota relaxava de novo em meus braços.

Encontrei meu olhar com o de Ally por um segundo, e ela me deu uma piscada. Sabia que estaria zangada que não lhe contei sobre nós, mas me dava conta de que independentemente disso, estava feliz por mim. Ela amava cada parte de Mol, rapidamente viraram boas amigas. Era a única garota pela qual Ally não me daria uma merda por estar namorando.

— Ontem na cafeteria, pensei que algo não se encaixava. Todos sabem que Bala não se relaciona, então pensei que estava sendo estranhamente agradável. Mas as lentes de contato, Molls desaparecendo durante horas... tem totalmente sentido agora! — prosseguiu Cass, sua voz soando cada vez mais animada com cada palavra que soltava. Conhecia minha reputação, sabia que as amigas

de Molly provavelmente se preocupariam que não fosse fazer o correto por ela. Precisava demonstrar o quanto significava para mim.

— Isto é diferente. Estamos juntos, um casal, certo Shakespeare? — disse à Molly, depositando beijos sobre todo seu rosto.

Corando e baixando seus longos cílios, concordou:

— Sim. Estamos juntos.

Pressionei um beijo ao lado de seu pescoço, e ela se inclinou para trás contra meu peito. Podia ver os estudantes ao redor olhando fixamente, completamente surpresos, mas eu adorei, eu adorei que as pessoas soubessem que realmente tínhamos uma relação. Reece estava como uma estátua vendo minha garota e eu, o filho de puta com tesão provavelmente em duelo pelo fato de que já não podia ter meus refugos semanais. Junto a ele, Austin inclinou o queixo com conhecimento. Sim, suponho que tinha descoberto um pouco na noite passada, mas ele parecia bem com isso, inclusive feliz por mim. Lexi, entretanto, espetou Molly por não lhe dizer antes, mas superou e então não podia tirar esse maldito sorriso atordoado de seu rosto muito branco.

Enquanto conversávamos, vi várias de minhas velhas conquistas com o cenho franzido e tirando sarro de Molly de longe, e minha ira estava construindo-se gradualmente. Mas quando esse imbecil jogador de basquete, Michaels, o cara que mais me odiava, nos viu, um sorriso cruel se espalhou em seu rosto. Merda. Ele estava esperando para revolver a merda comigo durante meses, e acabava de lhe dar a oportunidade perfeita.

Prometi a mim mesmo que se ele viesse a poucos metros de nós, arrancaria a porra de seu coração.

Ele e eu iríamos brigar em algum momento; isso era um fato. Era apenas uma questão de quando, e pela forma que olhava a minha garota, parecia que ia ser hoje.

Michaels ficou de pé e congelei, o olhar de Molly disparando ao sentir meu mal-estar. Observei cada movimento que ele fez, e meu sangue ferveu quando o vi virar de propósito para o caminho que conduzia diretamente para o nosso grupo. Quando Michaels nos alcançou, riu bem na cara de Mol, e disse:

— Porra, Bala, se não visse não acreditaria! Renunciou a todas as vaginas do campus por isso? Me diga, ela pelo menos chupa um pau bem?

Isso? Isso? Estava falando sério? Mol estava se tornando tudo para mim e ele teve a audácia de parar aí e lhe destroçar em pedaços... na minha frente! Deixando que minha raiva tomasse conta, agarrei Mol e, movendo-a para o lado, me levantei e derrubei o filho de puta no chão, investindo meu punho direto em seu rosto. Um profundo sentido de satisfação se estendeu pelo meu peito enquanto via o sangue explodir de seu nariz, mas o imbecil simplesmente não sabia quando parar.

— Hora da revanche, Bala. Vou foder a sua garota, ver se você gosta.

Avançando lentamente, meu braço pressionado contra seu pescoço, sussurrei:

— Como se tivesse oportunidade. Ela nunca te foderia, nem sequer daria a um desgraçado como você uma hora do dia.

Sorrindo com a boca cheia de sangue, sussurrou de volta:

— Nunca diga nunca. Você vai estragar tudo, você sempre faz, e quando chegar esse momento, serei eu a fode-la com tanta força que ela esquecerá que você existiu.

Vi vermelho e golpeei seu rosto, dei joelhadas em suas costelas repetidamente. Fazendo uma pausa por um momento, ameacei-o:

— Não se atreva a falar fodidamente assim de Mol outra vez. Entendeu imbecil?

Mas ele apenas sorriu e tossiu:

— Essa cadela, é uma merda para se ver, mas claramente fode bem se domou sua bunda. Não é? Fode como uma prostituta experiente?

Levantei meu braço para finalmente nocauteá-lo, quando alguém agarrou meu pulso. Quando olhei para trás, Molly estava atrás de mim, com medo em seus olhos.

Meu estômago se afundou.

— Romeo, não — suplicou.

Uma guerra estalou dentro de mim. Michaels tinha que pagar por falar de minha garota dessa maneira, mas a forma que ela estava me olhando, como se eu a estivesse decepcionando, estava me matando.

Michaels riu, e minha decisão estava tomada.

— Merda, volte Mol — ordenei e a afastei. Ela soltou meu braço e minha atenção se centrou na cara presunçosa abaixo de mim.

Levantei meu braço de novo, mas Mol de repente gritou:

— Romeo pare. Agora. Você é melhor que isso!

Fazendo uma careta frente a suas palavras, fiquei quieto, Michaels aproveitando para zombar:

— Sim Romeo, pare. Escute a sua garota.

Com um último olhar a Molly e seu rosto devastado, afundei-me. Que diabos estava fazendo? Aqui estava eu tentando ser melhor para ela, ser o que ela merecia, então escutaria e retrocederia neste momento.

Mas apenas por ela.

Olhando para baixo para Michaels, cuspi:

— Tem sorte que não faça um buraco em seu maldito crânio, mas não vou fazer diante da minha garota!

Levantei bruscamente, e vendo Molly atrás de mim, curvada e nervosa, abracei-a contra meu peito, respirando a baunilha em sua pele, usando o seu cheiro para acalmar o inferno dentro de mim.

Levantando os olhos, vi Michaels ser levantado do chão por seus companheiros de equipe. Ele levou dois dedos a sua boca e estendendo-os abertos, estalando a língua para as costas de Molly. Foi preciso toda a força que tinha para não ir atrás dele, o pervertido.

— Foda-se Michaels, e saia da minha frente antes que mude de ideia e acabe com isto! — gritei, falando a seus amigos para arrastarem sua bunda para longe.

Agarrei Molly, o movimento de suas mãos em minhas costas me acalmando pouco a pouco. Depois de alguns minutos, disse:

— Precisava bater nele depois do que disse. — Não fui mais longe nos detalhes, não me atrevi a repeti-los.

Voltando para me olhar nos olhos, Mol disse:

— Não, não precisava. Que sentido teria tido? Nós dois sabíamos que estar em uma relação "oficial" ia causar alguma fofoca.

— Sim, mas ele merecia há muito tempo, baby. O maldito mereceu uma boa surra.

Podia vê-la pensando, sempre malditamente pensando. Me olhando fixamente nos olhos, perguntou:

— Por que estava tão hostil com você em primeiro lugar?

Merda! Nunca quis que meu passado a afetasse. Estava tão envergonhado da forma que tinha vivido antes que ela chegasse a minha vida.

— O que? — perguntou ela, tragando o receio em minha negativa à falar.

— Eu... eu...

Merda! Não podia lhe dizer que... ela me odiaria, ficaria envergonhada.

Os olhos dourados se nublaram e ela pressionou:

— Você o que?

Entrei em pânico. Não queria que o que acabamos de encontrar um no outro fosse posto em perigo. Precisava que ela ainda me quisesse igual a esta manhã, como na noite anterior.

— Apenas cuspa Rome — disse ela, mas desta vez com muito mais força. Me concentrando no chão, admiti: — Dormi com sua garota há alguns meses.

Olhando para cima, pude ver a decepção em sua expressão e ela deu um passo para trás, com as mãos estendidas em desaprovação, me rechaçando.

Fodido Michaels!

— E agora você está zangada comigo.

Não conseguia tirar aquele olhar de censura de seus olhos, mas quando me virei para ir, uma mão suave agarrou a minha.

— Deixe-o — sussurrou em voz baixa.

— Está com raiva, certo?

— Bem, não estou exatamente dando cambalhotas ao ouvir que fodeu sua namorada, ok?

Uma completa carga de dor era evidente em sua voz, mas ela me falando assim tão mal, acima de tudo hoje, realmente me incomodou.

— Vou deixa-lo ir desta vez, já que está claramente irritada, e suponho que com razão — disse mal-humorado. E então ela voltou à

me surpreender, sorrindo fodidamente para mim. Ela agora estava achando tudo divertido? Deus santo, não tinha nem ideia do que diabos pensar! Um minuto ela estava zangada, no seguinte rindo... porra de mente complexa.

— Ouviu o que disse de você? — empurrei.

Encolhendo os ombros, ela respondeu:

— Sim, mas não me importo. Nunca me importou o que os outros pensassem de mim. — Ela estava dizendo a verdade; a expressão em branco em seu rosto me disse isso.

— Venha, sente-se comigo um pouco mais. — Minha garota me estendeu a mão, mas não pude pega-la. Este tratamento ia continuar. Eu tinha feito um monte de merda nos últimos anos, coisas que daria qualquer coisa para recuperar neste momento. Precisava colocar um fim a isto.

— Mol, me deixe colocar aquele filho da puta em seu lugar de uma vez por todas. Isso enviará uma mensagem a todos para que nos deixem em paz. Há muitos mais idiotas que enchi o saco e que desfrutarão de nos incomodar por estarmos juntos.

Mas ela não o faria e estendeu a mão de novo, assentindo severamente para que levasse a sério. Estava tão malditamente linda, sendo toda insistente. Porra, eu adorava esta garota.

— Foda Mol, vou ter uma nova reputação: Rome Prince, novo membro do "Obedientes e Amarrados"!

Sentamos sob uma árvore e abracei Molly com força. Ela brincava com meus dedos, beijando suavemente cada um e peguei nossos amigos nos olhando, uma mescla de incredulidade e felicidade em seus rostos.

Molly apenas me fazia melhor. Ela fez tudo em minha vida melhor.

— Que diabos é isso? — Fechei meus olhos com exasperação quando reconheci a voz.

— Ahh, foda que merda, Shel. Já tive o suficiente de luta com imbecis por um dia!

Olhando-a nos olhos, pude ver que ela sabia que estava me referindo ao nosso enfrentamento anterior fora do ginásio.

— Está falando sério sobre ela? — A surpresa em seu rosto era cômica. Ela sabia que eu gostava de Molly; deixei isso claro, talvez inclusive esperava que a fodesse, mas obviamente nunca pensou que algo teria saído disso, que ela se convertesse em minha garota.

Olhando seu rosto surpreso, abaixei e tomei a boca de Molly com a minha, como um maldito, brusco e possessivo homem das cavernas, mostrando a Shelly e a qualquer outra pessoa que continuasse olhando que ela era minha.

Me separando, respondi:

— Sim, é sério estou com ela.

— Sabe que não ficará com você, certo querida? — Shelly dirigiu-se a Mol.

— E por quê?

— Porque mamãe e papai Prince não aceitarão uma puta caça fortunas para seu filho, e realmente podem ser persuasivos. Eles me querem e vão conseguir, pode contar com isso. — Meu coração caiu frente a menção de meus pais, que era a única área cinza que tinha com Mol. A única parte de minha vida que tinha mantido privada dela.

— Engraçado, uma puta caça fortunas, isso é exatamente o que Rome disse sobre você.

Quase urinei de rir, mas quando Shelly se lançou para frente com fúria em seu rosto, gritando:

— Você não é nada! Pedaço de pura...

Tive que interromper.

— Fecha sua maldita boca e saia antes que faça algo do que me arrependa.

Shelly sabiamente se retirou de Mol, mas quando me olhou, o sangue em minhas veias se converteu em gelo.

— Vou lhe dar um mês e então veremos o que seus pais fazem. Estará de volta em meus braços a qualquer momento. A sua mamãe vai ter um ataque!

Nesse momento, soube que meu tempo terminou. Shelly diria a meus pais sobre eu estando oficialmente com Mol, e eu, sinceramente, não sabia que demônios iriam fazer. Shelly parecia convencida de seu plano, entretanto, esse brilho de esperteza em seus olhos me fez dizer entre dentes:

— Nunca te tocaria de novo e não ficaria com você nem que fosse a última pessoa na Terra. É uma cadela vingativa e amarga. Quanto a meus pais, estou aprendendo rapidamente que me importa uma merda o que dizem. Quero Mol e ela me quer. Fim da discussão. Nada que você ou meus pais digam fará uma maldita diferença para mudar isso. Agora nos deixe em paz, caralho.

Percebi as conversas ao redor de nós, por isso gritei:

— Isso se aplica a todos, nos deixem fodidamente em paz ou vão se ver comigo! A próxima pessoa que interferir ou mesmo respirar errado em nossa direção, não vou ser tão indulgente!

Shelly saiu rapidamente e os espectadores se viraram. Mas Mol, Mol estava ficando louca. Ela tinha ido de toda tranquila a fechada em si mesma em questão de segundos.

— Ignore, ok? O que disse, são apenas palavras. Não confunda com a verdade.

Sem me responder, Mol se levantou e se afastou para sentar-se sozinha. Ela tinha ido do completo anonimato a ser o tema de fofoca do campus em questão de minutos e foi evidente que não lidou bem. A realidade de estar comigo estava golpeando-a no rosto, com toda sua força.

Deixei-a sozinha por todo o tempo que pude, e então me agachei em frente a ela, dizendo:

— Ficou muito calada comigo Shakespeare. Eu não gosto.

— Estou bem, querido. Não se preocupe. — Ela tentou me assegurar, mas pude ver através de sua merda. Decidi seguir adiante com a exposição, como um curativo, puxando rapidamente, mostrando ao maior número possível de pessoas que estávamos juntos. Então com sorte as coisas se estabeleceriam.

Fizemos planos para sair com nossos amigos depois da partida deste fim de semana, e Molly parecia um pouco menos tensa quando a levei para a aula, sua mão na minha. Eu sozinho rezava para que a partir deste momento, nossas vidas fossem menos... dramáticas.



Capítulo 17

— Molly...

Beijo.

— Baby...

Beijo.

— Shakespeare...

Beijo.

Desci da cama, pressionando suaves beijos ao longo do pescoço de Molly, em sua clavícula e de volta a sua boca fazendo beicinho.

Grunhindo, ela levantou sua mão e me empurrou, puxando o cobertor de volta sobre seu corpo. Ela não era boa de manhã. Abrindo um olho, me viu, ainda me abaixando por cima dela, e afundou sua cabeça no travesseiro.

Não pude deixar de rir, e puxei a colcha para baixo.

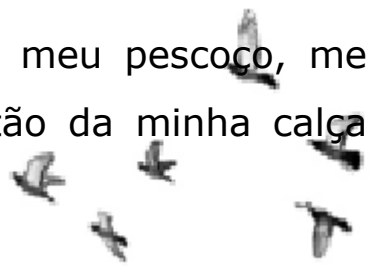
— Baby, eu já vou. Tenho treino até tarde.

Rodando a cabeça e suspirando derrotada, me olhou, perguntando:

— Estará fora o dia todo? — Enquanto esfregava o sono dos olhos.

— Sim, te ligo mais tarde, ok?

Sorrindo, enganchou seu braço ao redor de meu pescoço, me puxando para sua boca. Uma mão parou no botão da minha calça



jeans, e me puxou em cima dela, envolvendo suas pernas ao redor de minha cintura. Usando meus braços para me segurar em cima dela, encontrei sua boca com avidez antes de rir de novo contra meus lábios.

— Mmm... Eu quero você — murmurou, agarrando-se a mim como um maldito macaco-aranha.

— Tenho que ir, baby. Tenho que começar a treinar.

— Não, tem que ficar comigo. — Estendi a mão até meu pescoço, quebrando seu aperto. Por fim abriu os dois olhos e fez um beicinho. — Por favor? — disse com seu maldito lindo sotaque.

Fixando seus braços sobre sua cabeça, inclinei-me e mordisquei seu lábio inferior.

— Se continuar me implorando, vou te foder Mol, ok? Vou te amarrar na maldita cama e te foder... duro. Estou tentando ser um cavalheiro e esperar até que esteja preparada, mas está fazendo isso malditamente difícil. — Ficou sem fôlego, e se arqueou para lamber o fundo de minha garganta, fazendo com que grunhisse em resposta.

— Estou pensando que isso soa como uma boa ideia Rome. Estou começando a me perguntar por que diabos estamos esperando de qualquer maneira. Estou preparada.

Isso fez me calar, e quando um maldito sorriso irritante se estendeu sobre seus lábios, disse que era brincadeira. Sai da cama dizendo:

— Tome cuidado menina...

Voltando para debaixo dos lençóis, fechou seus olhos.

— Divirta-se no treino. Vou voltar a dormir para sonhar com coisas ruins sobre você... e eu... e o que teria acontecido se tivesse ficado aqui em vez de ir para o futebol, grunhir e jogar com outros homens.

E maldita seja, conseguiu; em questão de segundos ela estava fora, a pequena tentadora, e me deixou com uma ereção do inferno.

Ao meio-dia, estava quase terminado. O treinador tinha nos empurrado até o limite para conseguir que nos preparássemos para a partida deste fim de semana. Voltando para meu armário, peguei meu celular e fones, precisando de música para levantar pesos, quando uma pessoa apareceu na tela: Mamãe. Tentei pensar sobre que inferno poderia querer. Ela nunca me ligava; demônios, passaram meses e não poderíamos ter dito mais de duas palavras um ao outro.

Desliguei a chamada, mas quando ela começou a chamar de novo, gemi e respondi:

— Mamãe?

— Rome, preciso de um favor. — Direta ao ponto. Mas ao menos não havia nenhuma pretensão no que se referia a ela e a mim. Ela não tinha nenhum problema com a forma que me tratava, não ocultava sua completa indiferença para mim como seu filho.

— Sim?

— Preciso de uma camiseta assinada para um almoço de caridade que vou fazer amanhã. Suponho que pode arrumar isso?

— Sim, posso consegui-la para você. Para quando precisa?

Houve uma pausa, e então disse:

— Na verdade, vou estar no almoço esta tarde. Poderia arrumá-la nas próximas horas e deixa-la no caminho?

— Estou fazendo musculação no ginásio agora, então parece estar bem. Onde estará?

— No centro, no Lorenzo. Digamos à uma e meia?

— Está bem.

E com isso, cortou a chamada, sem dizer adeus ou obrigado.

Liberei toda a tensão em meu corpo através de meus pesos. Era sempre assim quando falava com minha mãe. Era como se eu tivesse algo como uma fodida síndrome de Estocolmo ou algo parecido. Sempre tive um impulso dentro de mim a respeito de fazer o que pedia sem argumentar, sempre lutando por sua aprovação. Eu, literalmente, não tinha lembranças dela sendo afetuosa, sendo amável, nenhuma memória da qual pudesse me lembrar dela sentindo-se orgulhosa. Tudo o que tinha eram as lembranças de dor. Não, não físicas, meu pai foi o único que usou seus punhos, mas a dor de sua hostilidade comigo, o desprezo absoluto que tinha com seu próprio filho.

Passando aos pesos livres para fazer minha série de abdominais, não pude evitar lembrar todas as vezes que tentei e fracassei em ganhar sua aprovação. A primeira lembrança foi o dia das Mães quando tinha uns seis anos. Minha professora tinha todos da classe fazendo cartas para dar a nossas mães depois da escola.

Lembro-me de ir para casa, emocionado, esperando que o que tinha feito a faria feliz. Procurei na casa de cima a baixo e a encontrei finalmente no salão na parte de trás da nossa enorme casa, bebendo de novo. Naquela época não me dava conta que minha mãe era uma bêbada.

Corri, mostrando com orgulho o cartão vermelho, com desenho de um coração na frente, dentro a mensagem dizia: "Te amo muito, mamãe."

Lembro-me dela rodando seus olhos quando entrei na sala, perguntando:

— Que diabos você quer? Estou ocupada.

Caminhando, com um grande sorriso, convencido de que seria este o dia que diria que me amava, mostrei-lhe a carta, querendo que soubesse que também a amava.

Pondo seu uísque sobre a mesa, pegou o cartão e leu a mensagem em silêncio. Contive a respiração, meu coração batia rápido de nervoso. Mas então levantou a cabeça e começou a rir e rir. Eu comecei a chorar enquanto ela rasgava o cartão vermelho em dois, jogando o cartão destruído no chão a meus pés. Por causa das minhas lágrimas, riu ainda mais alto.

Pegando sua bebida, olhou pela janela, negando-se a me olhar nos olhos e disse:

— Não volte a fazer algo assim nunca mais! É insultante.

E nunca mais fiz. Nunca chorei diante dela outra vez depois desse dia. Cristo. Tinha seis anos.

O treinador de repente parou na minha frente e tirou o fone Beats de meus ouvidos.

— Chega Rome. Está pressionando muito duro. Não vai querer ter uma lesão. — Lançando a pesada barra ao chão, peguei minha toalha e fui para a ducha. A equipe assinou a camiseta vermelha oficial e me dirigi para a cidade.

Não podia acreditar no que via. Ao me aproximar do restaurante Lorenzo, planejando fazer tudo isto rápido e doce, imediatamente vi minha mãe no terraço. Sentada junto a ela estava a senhora Blair e a fodida Shelly no lado oposto, as três sorrindo, a imagem perfeita da alta sociedade.

Logo se tornou claro que tinha sido uma armadilha. Então, virando lentamente, movi-me para me afastar quando escutei:

— Rome, aonde vai? Estamos bem aqui! — Tomando uma respiração profunda, dei a volta para ver minha mãe parada, Shelly e a Sra. Blair sorrindo alegremente em minha direção.

Mantenha a calma. Seja casual. Termine isto, disse-me enquanto tomava uma segunda profunda e relaxante respiração. Não queria fazer uma cena, não queria que minha mãe suspeitasse.

Agitando a mão em reconhecimento, entrei no restaurante, congelando quando minha mãe me beijou na bochecha, tudo parte do show. Shelly e a Sra. Blair fizeram o mesmo. Minha mãe vivia a perfeita vida dupla: a dama da sociedade por excelência no exterior, e o terrível pesadelo no interior.

— Aqui está a camiseta que me pediu — disse, entregando-lhe.

—Perfeito! Sente-se. — disse, apontando para a cadeira desocupada ao lado de Shel.

Mordendo a língua, sentei a contra gosto, seguindo o jogo, e disse:

— Não sabia que todo mundo estaria aqui. Pensei que ia te deixar isto e ir. —Assinalei a camiseta dos Jersey, minha voz perfeitamente monótona, não traindo minha ira.

Minha mãe se inclinou para frente, os olhos autoritários.

— Bem, tivemos uma chamada interessante de Shelly ontem. Ela nos disse que fez um grande anúncio na escola. Algo sobre uma britânica transferida da qual você está... um pouco apaixonado?

Detectei a raiva, a ameaça em sua voz, e seus olhos azuis não se moveram dos meus. Meu coração pulsava em meu peito, tão forte que me senti como se estivesse golpeando contra minhas costelas. Sabia de Molly, mas estaria condenado se demonstrasse que me incomodou. Tinha que protegê-la. Precisava lançar minha mãe fora de cena.

— E então? — A senhora Blair pressionou. Shelly se inclinou sobre a mesa para escutar minha resposta.

Dando de ombros, disse com desdém:

— Sim, estive vendo-a, casualmente, mas não é nada sério. Você me conhece. Não sou do tipo monógamo. Simplesmente foi uma boa distração durante um tempo. Terminamos agora.

Shelly pôs sua mão em minha coxa de emoção.

— Quer dizer que todo este tempo esteve brincando com ela? OH, Meu Deus, Rome, isso é hilariante. A forma que essa garota o olha, ela obviamente está apaixonada! Estará devastada quando terminar com ela.

Shelly não podia deixar de rir, e queria lhe chutar a cadeira. Suas palavras, entretanto, rondaram minha mente, a forma que essa garota o olha, ela obviamente está apaixonada. Estava? Mol estava apaixonada por mim?

— Melhor que isso seja verdade, Rome. E todas essas garotas, isso tem que parar. Shelly deve ser seu único objetivo agora. Já esteve brincando tempo suficiente, mas é hora de crescer, é hora de agir com responsabilidade.

Fiquei em silêncio. Não ia entrar em uma discussão com estes três abutres sobre este maldito ridículo casamento. Minha mãe sabia onde eu estava em toda essa maldita farsa. Estava certo que meu pai tinha dito algo, e não ia levantar toda essa merda aqui neste maldito terraço, em público.

Shelly se aproximou mais, e percebi pelo olhar em seu rosto que ela tinha acreditado em tudo o que acabava de dizer. Foi a única vez que estive agradecido por ter dormido com várias garotas ao longo do meu passado; minha desistência de Molly era um comportamento acreditável para o "Bala".

Quando Shelly colocou sua mão ao redor de minha cintura, essa sensação sufocante deslizou até minha garganta, mas tive que fingir que não me incomodava, apesar de sentir vontade de virar a mesa diante de mim.

A senhora Blair passou a me perguntar sobre o futebol e lhe dei alguma resposta de rotina sobre as vitórias, a prática e os campeonatos. Shelly riu a meu lado, já que não sabia uma merda, então colocou sua mão sobre meu peito, me dando um maldito beijo na bochecha. Minha mandíbula se apertou na ação, minhas mãos se fecharam em punhos. Quando levantei os olhos, minha mãe me olhava como um falcão, com o cenho franzido.

Estava me observando. Não lhe escapavam muitas coisas e quase podia ver as engrenagens zumbindo em sua cabeça.

— Bem, bem, meninos! Como é bom vê-los aqui!

Minha atenção se ajustou ao lado do restaurante. Ally estava de pé na calçada, além da cerca branca, com os braços cruzados e olhando Shelly praticamente fodendo em seco minha perna.

— Aliyana, sempre é um prazer — minha mãe cumprimentou com frieza.

— Tia Kathryn, prazer em te ver — repetiu com igual desdém.

— O que faz aqui, Al? — perguntei, esperando que recebesse a mensagem para que se fosse, para que não se envolvesse nesta merda.

— Bom, estava fazendo compras com algumas amigas. — Meu coração caiu quando vi o aviso em seu rosto. — Sim Rome, todas estão um pouco além da rua. — Virou-se, apontando uma fila de lojas, e vi Cass e Lexi de pé diante de Molly. Elas claramente estavam tentando evitar que me visse. Molly me olhava com o maior maldito olhar em seu rosto, seus olhos completamente focados na mão de

Shelly sobre meu peito, antes de se mudar para segurar as minhas, a devastação em sua expressão.

Merda.

Duramente retirando Shelly de cima de mim, fiquei em pé, gritando com Ally:

— Está chateada?

— Que diabos está pensando? Todo seu maldito dia acaba de ser arruinado por você, imbecil!

— Merda! O que está dizendo? Vai terminar comigo? — Não respondeu imediatamente, então perguntei de novo. — Al! Ela vai terminar comigo? O que ela disse?

— Acredito que sim. Não sei? Ela está em choque. Tentei lhe dizer que não era nada, mas, bem... – Apontou Shelly. — É algo que parece ruim de onde ela está.

Uma dor aguda disparou em meu peito e, grunhindo com fúria, atirei minha cabeça em minhas mãos.

— Rome, pensei que havia dito que ela não era nada para você — Shelly perguntou ao meu lado enquanto Ally lhe lançava adagas com seus olhos.

— Cala a puta boca, Shel! — grunhi, fazendo com que a senhora Blair ofegasse e minha mãe saltasse a seus pés com indignação.

Jogando um olhar para Molly, vi a aflição em seu rosto, e me perdi no momento em que a vi fugir. Virou pela rua, acenando sua mão para um táxi.

Empurrando Shelly fora do caminho, gritei:

— Molly! — tão forte como pude. Ela parou e ficou quieta em seu lugar, e me senti respirar de novo. Seus ombros se afundaram, e lentamente ela se virou. Nossos olhos se encontraram e tentei lhe demonstrar o quanto sentia em meu olhar, mas quando respirei o

forte perfume de minha mãe a meu lado e ouvi sua risada zombadora em meu ouvido, congelei.

— Romeo, eu a destruirei. Este é o momento em que você decide se quer destruir a vida de alguém. Menino, acredite. Você a escolhe e destruirei a ambos.

A indecisão me atormentava. Minha mãe sempre queria dizer o que dizia. Nunca se detinha até que conseguia o que queria. Tinha-a visto em ação. Quando queria a liderança de algum maldito comitê, ela manchava a reputação de outros no caminho até que ganhava. Quando queria que minhas notas fossem mais altas do que eram na escola, chantageava a professora até que minha média milagrosamente aumentava.

Se quisesse Molly agora fora de cena, todos os meus instintos me diziam que ia encontrar uma maneira para conseguir fazê-lo. Não podia deixar que Molly passasse por isto. Cristo, já tinha tido o suficiente, seu pai, sua avó, para citar apenas alguns, mas não podia perder a minha garota.

— Rome! Não a escute. Não pode te controlar mais!

Olhei fixamente a minha prima, mas não podia falar, o que a fez gemer exasperada e lançar suas mãos ao ar.

Praticamente podia sentir minha mãe sentindo-se vitoriosa, um puta sorriso petulante estampado em seu rosto de botox, mas quando os olhos dourados de Molly caíram ao chão e parou um táxi que desacelerou, meu instinto de briga me golpeou.

Virando para minha mãe, disse:

— Acabou. Não vai se aproximar de mim ou de Mol de novo. Se o fizer, se arrependerá. Essa é uma promessa que me assegurarei de manter. — Foi a primeira vez em toda minha vida que me impus frente a ela e a primeira vez que a vi desconcertada, sem palavras.

Saltando por cima da pequena cerca branca, comecei a correr através da rua, desviando dos veículos que vinham, ignorando a minha mãe frenética que gritava:

— Rome, nem pense nisso! — atrás de mim.

Molly subiu no táxi. Corri para ele, incapaz de suportar a ideia de que se afastava de mim. O táxi começou a se mover. Forçando minhas pernas tão duro como pude, saí correndo ao lado dele, puxando a maçaneta da porta, freneticamente implorando que parasse para me ouvir. Estava tão fodidamente quebrada, sentada, tão pequena no assento traseiro. Isto fez com que doesse meu coração quando virou seu rosto para mim e o táxi chiou afastando-se, me deixando de pé, sozinho no meio da rua.

Voltando para a calçada, corri para minha caminhonete, ignorando os transeuntes surpresos frente a mim. Ally, Cass e Lexi ainda estavam de pé na calçada na minha frente. Quando Cass me viu me aproximando, parou direto em meu caminho, bloqueando meu trajeto.

— Cass, se mova — avisei, mas me ignorou, e maldita seja, essa mulher louca balançou seu punho direto no meu fodido estômago.

— Estúpido imbecil! Como se atreve a tratar a Molly assim?

Ofegando e me agachando ligeiramente, argumentei:

— Não era o que parecia. Estava fodidamente protegendo-a. Nunca enganaria Mol. Pelo amor de Deus! Ela é tudo o que eu quero!

— Bem, claro que parecia que algo estava acontecendo, e com essa cadela magra, também! — Cass estava respirando pesadamente, e pude ver a fúria em seu rosto vermelho enquanto me olhava.

— Cass, querida, deixe-o em paz. — Lexi alcançou Cass, acalmando-a, antes de me olhar, timidamente. — Rome, Molly não

levará bem isto. Ela não confia nas pessoas com facilidade e acredito que hoje quando te viu com Shelly, quebrou seu coração.

— Eu sei Lexi, mas escute isto: ela é minha e farei o que for para protegê-la. Te dou minha palavra.

Inclusive para mim, minha voz soava estrangulada. Mas Lexi deve ter ouvido minha sinceridade porque sorriu e apertou meu braço em apoio.

Ally me puxou para um abraço rápido, sussurrando:

— Vá em frente. Isso era exatamente o que pensava fazer.

Deixei minha caminhonete no estacionamento, e corri para o pátio traseiro da casa da irmandade, subindo até a varanda de Molly, apenas para ser recebido pelas portas fechadas.

Merda! Nunca fechava as portas da varanda; era claro o que estava tentando dizer.

Sentindo pânico, agitei a maçaneta repetidamente e gritei:

— Mol! Porra abre. Sei que está aí! — Bati na porta, quase a tirando de suas dobradiças, mas não se movia.

Pude ver a silhueta de Mol encolhida sobre sua cama, e precisava que me escutasse, mas estava claro que não ia abrir as portas e me deixar entrar.

Descendo de volta pela varanda, corri ao redor da casa e entrei pela porta principal. Uma garota com corpo atlético veio correndo no corredor e começou a tentar me empurrar novamente para fora da porta enquanto eu começava a subir as escadas.

— Que diabos? Não pode entrar aqui... espere! — gritou, saltando direto em meu caminho.

— Saia! — gritei. Não o fez, então, agarrando sua cintura, movi-a para o lado, e saí correndo. Novamente a morena musculosa imediatamente me seguiu.

Ao ver a porta de Molly, apressei meus passos, a garota atrás de mim gritando:

— Molly! Molly! Tome cuidado...

Vendo Molly através da porta, encontrei-a sentada em sua cama, com os olhos vermelhos, boquiaberta e sem palavras.

— Tentei detê-lo, mas não quis sair. Quer que chame os seguranças?

Pude ver que Molly estava considerando. Mas nenhum filho da puta me faria ir a nenhuma parte. Ela ia me escutar, gostando ou não.

— Não faça isso. Nem pensar. — disse com voz severa, observando Mol suspirar derrotada e então negar com a cabeça para sua amiga.

— Tem certeza? — Voltou a perguntar a garota. Homem, estava a ponto de empurrar à maldita garota pela porta eu mesmo.

— Sim. Cait, obrigada — respondeu Mol com um pequeno sorriso agradecido.

Quase rosnando para mim com desgosto, Cait insistiu:

— Grite se precisar de mim. — saiu e o silêncio que enchia o quarto era insuportável.

— Romeo, basta ir. Não tenho nada a dizer — disse Molly friamente, parecendo tão malditamente pequena no centro de sua cama.

Ela havia desistido de mim, isso era óbvio. Levei minha fúria desesperada, e minhas mãos estavam ligeiramente tremendo de medo. Me dirigi à cama e gritei:

— Bem, eu tenho algo a dizer!

Levantando suas sobrancelhas marrons, avançou:

— O que? Que vem mentindo e me enganando todo esse tempo quando dizia que estava treinando no ginásio, quando a verdade é que estava vendo sua querida mamãe e essa puta?

— Isso não é o que fodidamente aconteceu!

Tentei explicar, mas levantou sua mão e sussurrou:

— Tanto faz. Não me importa. Vá.

Não podia deixar que fizesse isso, não podia deixar que me afastasse sem me escutar, então estendi minha mão, segurando-a em meus braços, obrigando-a a me escutar.

— Minha mãe me pediu que nos encontrássemos hoje. Algum lugar de caridade para as crianças pediram uma camiseta dos Tide autografada para um leilão. Fui lhe entregar e quando cheguei ali, Shelly e a senhora Blair estavam esperando com ela no restaurante.

Ela franziu seus lábios, como fazia quando estava estudando, e sabia que tinha sua atenção. Colocando-a de volta na cama, expliquei:

— Elas fodidamente me bombardearam. Shelly lhes contou sobre você e começaram a falar sobre quão irresponsável era e toda essa merda. Minha mãe se inclinou para mim e me disse que se não rompesse com você, ela se asseguraria de fazê-lo. Não podia deixar que isso acontecesse.

Como podia entender o verdadeiro significado do que estava dizendo? Nunca tinha lhe contado a respeito de quão maus meus pais eram. Viu meu pai me batendo, e agora minha mãe me manipulando, mas isso era apenas uma amostra de como poderia ser. Como podia lhe dizer até onde chegava sua crueldade?

Vendo nada, exceto compreensão nos olhos da minha garota, confessei:

— Meus pais... eles... Olha baby. Eles me tratam muito mal. Não é normal, mas fazem, e sou seu fodido filho! Não podia deixar que a incomodassem da mesma maneira, então disse um pouco de merda sobre você sendo apenas uma aventura, uma amiga. Shelly é muito estúpida para entender que estava mentindo. Fiquei durante o almoço para apaziguar minha mãe. De maneira nenhuma vai acontecer alguma coisa com você. Teriam que passar sobre mim primeiro.

Levantando sua cabeça, perguntou:

— Por que mentiu e disse que foi ao ginásio? Por que não foi apenas honesto comigo?

— Fui honesto, juro. Ela me ligou quando estava terminando. O plano era simplesmente deixar a camiseta e sair.

— Mas Shelly estava te tocando. Te beijou e você a deixou fazê-lo! Como pôde fazer isso?

Deus, como podia lhe fazer entender?

— Porque não quero que meus pais venham sobre você! Tive que fingir... para te proteger. Não entende como são Mol, poderosos. Por aqui, são fodidamente poderosos.

Me inclinando, segurei o rosto avermelhado de Molly entre minhas mãos.

— Deus, baby. Nunca faria nada para te perder. Acredite quando digo que me sentei lá e suportei o inferno de suas intrigas para te proteger. À puta Shelly, nem consigo suportar a cadela! De verdade. Qualquer respeito que sentia por essa garota foi completamente destruído nos últimos dias.

Passando uma mão no meu rosto, eu disse:

— É claro, agora nada disso importa.

— O que foi?

Nem sequer tive tempo para pensar sobre o que tinha feito hoje e não pude evitar soltar uma risada nervosa enquanto o fazia.

— Porque disse a minha mãe que fosse a merda com o casamento Blair/Prince quando saí correndo atrás de você.

— Disse? — disse, esperançosamente, e soube que tinha conseguido, seu corpo rígido relaxando pela primeira vez desde que entrou no táxi.

Molly me observou enquanto me aproximava da cama, subindo, obrigando-a a deitar sobre suas costas com o peso de meu corpo.

— Mmhmm. Disse que nunca me casarei com Shelly porque estou com você. Que terminei com sua merda porque estou com você. Além disso, corri pela rua atrás de seu táxi, gritando e batendo na lateral. Tenho certeza que enfatizei meu ponto.

Suas pupilas se dilataram. Ela agarrou meu cabelo, me puxando para seus lábios, só para dizer:

— Tem que me dizer se passar por essas coisas com seus pais. Me diga isso e então não poderei duvidar de você. É difícil para eu confiar, mas estou aprendendo a confiar em você. Por favor... Confie em mim também.

Queria, mas ainda não estava preparado. Nunca havia dito a nenhuma maldita alma a verdade sobre meus pais, sobre os anos de abuso que sofri... Nunca verdadeiramente o admiti, até que Molly entrou em minha vida, e me mostrou que as coisas poderiam ser diferentes, que poderia escolher um caminho diferente.

— Baby... está segura comigo, e eu teria contado tudo o que aconteceu quando chegasse em casa. Não esperava te ver. Deus, quase me destroçou quando vi sua reação do outro lado da rua... e então começou a correr, depois que me prometeu que nunca fugiria de mim.

Arrastou-se debaixo de mim, e com o movimento, meu pau endureceu e empurrei contra sua virilha.

Respirando forte, murmurou:

— Confio em você. A... apenas parecia ruim. Ela te beijou. Não... eu não gostei. Precisava me afastar.

Balançando mais forte eu disse:

— Shakespeare, nunca vou te trair. Você é muito importante para mim para isso. Disse que nunca ia foder ao seu redor, e eu não gosto que duvide.

— Está certo — espetou, agora sua respiração entrecortada e desigual.

Mas eu não ia fodê-la secamente, como um maldito adolescente quente. Se ela o queria e precisava, eu iria fazer direito.

Empurrando suas coxas e prendendo-as em sua posição com minhas mãos, inclinei-me e passei minha língua desde sua buceta até a ponta de seu clitóris. Seus quadris se levantaram quase fora do colchão quando gritou, pondo a prova as raízes do meu cabelo enquanto envolvia seus dedos ao redor das largas mechas.

Tentou mover suas pernas, mas a abracei com força enquanto trabalhava com minha língua, saqueando, entrando e saindo, e sugando seu clitóris. Seus gemidos estavam construindo-se e estava ficando mais quente, sabia que estava perto. Meu pau latejava e sabia que precisava que ela gozasse antes de gozar como um maldito adolescente em minha boxer.

Com um gemido entrecortado, Mol gozou, apertando suas coxas, seus dedos puxando meu cabelo.

Ela era linda.

Me movendo de volta ao travesseiro junto a ela, abracei-a com força em meus braços, me aferrando a ela como se fosse mudar de

ideia, como se fosse se dar conta e me empurrar como uma merda de sua vida há qualquer momento.

Depois de permanecer imóvel durante vários minutos, Molly levantou sua cabeça, com um sorriso perturbado em seus lábios.

— Deus, Rome. Você me confunde. Nunca sei se vou ou venho com você.

Não podia deixar passar, exceto para fazer uma brincadeira.

— Sempre vem, espero.

Rindo, me deu uma cotovelada nas costelas, mas o peso de hoje começou a jogar em minha mente, sua expressão agora preocupada me pressionando a confessar:

— Não tenho certeza que entenda o que significa o que fiz hoje ao vir atrás de você deixando minha mãe assim.

Nunca iria dizer isto a Molly, mas estava cagando de medo, petrificado frente ao que poderiam tentar fazer. Enquanto olhava os olhos dourados de Molly, sabia que não iria sobreviver se a perdesse.

— Não me deixe nunca — sussurrei, as palavras verdadeiras quase involuntariamente saindo de minha boca em um momento de fraqueza.

— Ouça, o que é tudo isto? — perguntou docemente enquanto pressionava beijos carinhosos em cima da minha cabeça.

— Simplesmente não posso acreditar que tenho você em minha vida. Faz com que tudo seja melhor e não quero te perder.

— Não vou te deixar.

— Quase me deixou hoje. Você me disse para te deixar — Soou como acusação, mas essa merda doía, doía saber que ainda não tinha sua total confiança.

— Foi um mal-entendido — disse firmemente, mas escutei os batimentos do seu coração aumentando ligeiramente à medida em

que colocava minha cabeça sobre seu peito. Fazendo isso levantei meu olhar com preocupação.

Tomando coragem, perguntou:

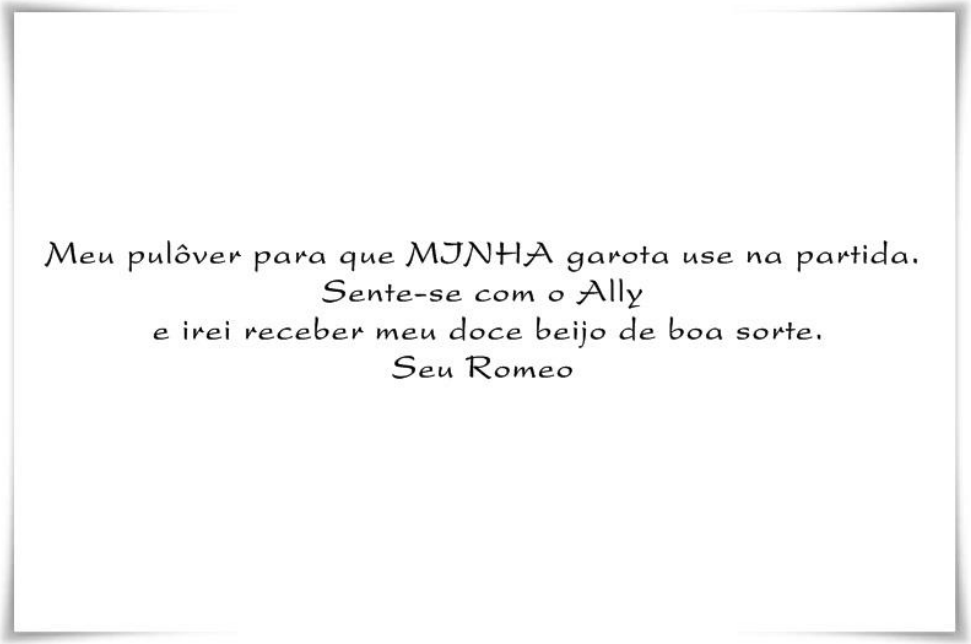
— Seja sincero, Romeo, quantos problemas seus pais vão nos causar?

Não sabia a resposta. Eu gostaria de saber. Existia a possibilidade de que me deixariam tudo e depois cortariam todos os laços comigo de uma vez por todas, mas conhecendo meus pais, estava-me preparando para exatamente o contrário. Realmente poderiam tratar de nos fazer mal. E eu iria proteger a minha garota mesmo que fosse a última coisa que fizesse.

Capítulo 18

"O QB dos Tide tem beijo da sorte com sua namorada para salvar a temporada!"

Sorri para Reece enquanto lia a manchete desta noite no relatório da partida, pensando divertidamente em Molly envergonhada nos degraus enquanto o público gritava para que ela fosse ao campo e me beijasse, usando a camiseta dos Tide que tinha deixado no travesseiro para ela esta manhã, com meu número na parte de trás, obvio, e com outra nota brega anexada.



Sim, sim, eu estava dominado, e sinceramente, não dava a mínima importância para isso. De fato, eu adorava.

Suas pernas vinham andando todo o caminho do campo, mas o orgulho estalava meu peito enquanto mostrava aos cem mil aficionados no estádio e milhões de pessoas ao redor do mundo que Molly Shakespeare pertencia a mim.

Quando ela se aproximou do meu lugar na linha de banda, pude ver seus olhos fixos no chão, movendo os lábios enquanto murmurava palavras de conforto para si mesma. Aposto que ela nunca pensou, nem em um milhão de anos, que a esta altura estaria em meu jogo. Que sairia da biblioteca todas essas semanas atrás para ser colocada no centro das atenções para beijar seu namorado, o quarterback, devido a uma superstição coletiva.

Quando ela já estava de pé diante de mim, andei um pouco para frente, agarrando-a pela nuca, fazendo com que só estivesse focada em mim. Pressionando minha testa com a dela, sussurrei:

— Olá, Mol. — E com isso ela relaxou, com um pequeno sorriso em seus lábios rosados.

— Olá, você.

— Vai me dar esse doce beijo da sorte?

— Se isso for o que você quer.

Não tinha ideia de quanto.

— Sem dúvida é. — Com isso me inclinei para beijá-la, minha língua procurava a sua batendo-se em duelo, lambendo, possuindo. Logo me separei, antes de ficar muito duro em minha calça apertada de futebol, tendo em conta que era um jogo familiar e tudo.

Os Tide ganharam.

Molly foi elogiada pelo poder de seu beijo da sorte, e logo minha maldita prima me afastou da minha garota e me ordenou voltar esta noite às nove; ela tinha planejado algo para Mol. Mas só Cristo sabia o que estava fazendo.

Agora já passava de oito e quarenta e cinco e eu não poderia esperar mais. Junto com os meninos nos dirigimos à casa da irmandade de Mol. Era como retroceder à quando estávamos separados, e sabia que provavelmente não era saudável, mas francamente, também não dou a mínima para isso.

Batendo na porta da casa de irmandade das mulheres, Reece, Austin, Jimmy e eu fomos recebidos pela atleta da outra noite. Cait, verdade? Perfeito, caiu bem na primeira vez.

Depois de revirar os olhos e gemer de decepção justo na minha cara, Cait deixou a porta aberta e se dirigiu subindo as escadas, olhando para trás só para avisar:

— Fiquem aí. Não venham pra cima! Direi às garotas que todos vocês estão aqui.

Jimmy me olhou e tirou o chapéu Stetson, sacudindo a cabeça.

— Cait Turner, a jogadora de futebol e campeã de todo o estado. Moeu a golpes Cody Brown por agarrar sua bunda há algumas semanas. — Levantando sua sobrancelha, perguntou: — O que tem feito para que tire sua pistola por seu sangue?

Dei de ombros, e respondi:

— Briguei com Mol outro dia e estava tentando subir pelas escadas enquanto ela tentava me tirar a força.

Austin somente sacudiu a cabeça, rindo.

— Juro Romeo, você sim sabe como tratar às mulheres. Se elas não estão se abrindo amplamente pela sua bunda rabugenta, estão tentando chutá-la!

— Querido, vai à merda.

Enquanto esperávamos pelas garotas, Jimmy contou uma história sobre um de seus irmãos do Texas que corria com alguns caminhões monstros. Ele estava falando animadamente de um

assunto quando Reece começou a me dar golpes no braço. Ignorando-o, voltei minha atenção ao Jimmy, tentando descobrir como diabos a história tinha virado para tirar vacas na travessa, mas Reece continuou, e depois de uns segundos, estava disposto a bater no pequeno bastardo.

Olhei em volta, e perguntei:

— O que foi? Merda cara, me deixe em paz! — Mas Reece apenas apontou para a escada, ignorando minha atitude, com a boca aberta.

Olhando para cima, rapidamente percebi o que tinha levado Austin, e agora Jimmy, a ficarem de boca aberta. Molly. Minha Mol, parecendo como uma maldita supermodelo descendo pelas escadas.

Afastei-me da parede, e bati em Reece com o ombro para que ficasse fora do meu caminho, ignorando a forma que sua língua estava praticamente pendurada para fora de sua boca ao ver a minha garota.

Ally piscou pra mim quando passou, mas eu só tinha olhos para Shakespeare: um vestido preto apertado que mostrava suas curvas irreais, com o cabelo castanho comprido caindo em suaves cachos sobre seus ombros, e seu rosto ruborizado sorrindo nervosamente. Tão malditamente linda que quase me fez cair de joelhos.

Estendendo as mãos, envolvi meus braços ao redor de sua cintura, lutando contra o pior caso de bolas azuis que jamais havia tido. Pressionando um beijo em seus lábios carnudos, disse em voz baixa, em seus ouvidos:

— Foda-se, Mol. Está colocando a prova todo o meu autocontrole de tão linda que está. Como no inferno devo passar a noite? Vou bater com um pau nos meninos se eles continuarem a te olhar por mais um segundo.

Era verdade; até agora realmente não tinha que me preocupar com os meninos olhando Mol. Ela sempre desaparecia sob seu radar. Mas o inferno estava de 0 a mais de um puto dez, parada de frente para mim agora; sempre tinha sido linda para mim, mas agora o mundo a veria. Não estava seguro de poder suportar que outros caras a olhassem e imaginassem estar entre suas pernas. Eu ia ficar louco, enquanto assegurasse que ela era minha e só minha.

Esta noite seria uma prova, isso era certeza.

Sentamo-nos em uma das cabines privadas do Clube Flux e pedimos umas bebidas de uma garçonete loira que me parecia vagamente familiar. Estava certo que esta noite seria uma prova; já que eu tinha ganhado a desaprovação de Molly por quase golpear um fã dos Tide muito entusiasmado que a tinha agarrado para felicita-la pelo seu beijo. Tinha perdoado, mas quem sabia quanto tempo ia durar.

A loira voltou com nossas bebidas, sorrindo sugestivamente, e a lembrança começou a ressurgir.

Foi na temporada passada, talvez depois do Iron Bowl contra Auburn? Estava totalmente bêbado quando ela fez seu movimento, sentando-se em meu colo enquanto quase perdia o conhecimento em minha cadeira, e logo me levou a parte trás do clube. A tinha fodido por trás, com sua cara apertada contra a parede, assim não tinha que ver com quem estava fodendo. Nunca tinha importado; uma foda era uma foda. Mas com Mol, ela estaria olhando diretamente em meus olhos e saboreando cada maldito segundo.

Enquanto tirava a lembrança de minha mente, concentrei-me de novo na garçonete. Ah, inferno. Pelo olhar no rosto da loira isto não ia sair nada bem.

Molly ficou rígida em meus braços, e tratei de ignorar a garota enquanto ela fazia tudo, exceto despir-se diante de mim. Logo desistiu de tentar chamar a minha atenção e, finalmente, disse:

— Olá lindo, como está?

Como estou? Nem sequer conhecia a maldita garota.

— Terminamos aqui — Disse.

Um repentino desafio se acendeu nos olhos da garçonete, e Molly começou a inquietar-se. Ally sutilmente me bateu sob a mesa, e Austin esfregou os olhos com frustração ao ver claramente onde se dirigia isto. Os dois só estavam me irritando mais. Não precisava que me lembrassem que esta ia ser uma situação realmente fodida.

— Nunca me ligou depois de nossa noite juntos — disse a loira, e percebi que isso era demais. A primeira noite de Molly em um clube e boom! Uma foda barata tenta me marcar como seu território. Se invertessem os papéis, já teria matado a filha de puta neste exato momento. Como era, não estava muito certo de quão ciumenta Molly poderia ficar. Não podia prever como ia me livrar dessa porcaria.

— Nunca a chamaria. Digo outra vez... terminamos aqui. Ou se precisar de uma resposta mais simples... Saia — grunhi.

Sua boca se apertou e alfinetou:

— Tinha ouvido falar que foi dominado, maldita forma de desperdiçar um bom tempo. — Olhou para Mol, assimilando suas curvas naturais e sua impressionante cara, e franziu os lábios. — E para isso também. Ela deve foder melhor do que usa esse vestido de merda. — Captei a aguda inalação de Molly ao respirar. Sabia que ela pensava que não estava à altura de outros, e esse comentário lhe tinha feito mal.

Mol saiu de meus braços e me deu uma bofetada, o que era uma primeira vez. Sua reação me deixou louco, mas antes que eu pudesse

lhe dizer alguma coisa, ela correu para o banheiro... Tinha corrido, maldição.

— Maldição, Romeo! É melhor resolver isso! — gritou Ally, chutando-me por debaixo da mesa.

— Você fodeu com essa garçonete? Cara, você pode me apresenta-la? — Olhei para Reece, lutando contra a vontade de jogá-lo em cima da mesa. Tato, homem, o menino não tinha tato ou sentido de sobrevivência neste maldito momento.

— Vai, rápido, antes que eu te bata outra vez! — Cass empurrou meu braço, e me levantei do meu assento, quase derrubando o bastardo, me debatendo através da multidão de bailarinos para ter Molly de volta.

Vi ela diante de mim. A garçonete loira estava de pé no bar, me observando correr com um amargo sorriso em seu rosto. Cadela estúpida, fez tudo isso de propósito, e tinha funcionado.

Estendendo a mão, agarrei o braço de Molly, só para que não se afastasse de mim. Vi seus olhos dourados furiosos e cheios de dor. Merda, era a primeira vez que ganhava esse olhar de sua parte, e estava totalmente em pânico. Brilhava... decidida... Como se sua decisão já estivesse tomada sobre algo.

Não! Não podia...

Mais que frustrado, peguei seu braço, arrastei-a comigo como um maldito homem das cavernas, e nos coloquei ambos em um armário velho e empoeirado.

Molly estava ofegando, com os punhos apertados de ira. Não parecia como se estivesse no estado de ânimo de ser apaziguada, assim só cuspi:

— Eu fiquei com ela uma vez. No ano passado. Nada mais que isso. Não tem necessidade de ficar brava por isso, e sem dúvida não tem que fugir.

Pela forma em que congelou, elevando o nariz com desgosto, me dei conta que havia fodido tudo... outra vez.

— Bom, me perdoe se eu não gosto que façam alarde de suas façanhas com essa cadela diante da minha cara!

Podia sentir que ficava mais louco. Como diabos era minha culpa? Tinha tentado me afastar; Molly tinha visto isso. Como podia evitar se ela não aceitava um não como resposta?

Aproximei-me e vi Molly congelar-se com antecipação, e gritei:

— Quer saber tudo sobre meu passado sexual, todos os sórdidos detalhes? Bem! Fiquei com um monte de garotas, de muitas maneiras diferentes, em muitos lugares diferentes. Elas se jogavam em meu caminho e eu lhes dava o que queriam, e adoravam. — Estava entusiasmado com adrenalina e sabia que estava sendo um idiota, mas quando os olhos de Mol arderam e ela me esbofeteou na cara, senti como se não pudesse respirar.

Tinha me batido, maldição! Molly, minha tímida e pequena Mol, tinha golpeado minha cara. Suponho que tinha encontrado seu ponto fraco.

— Isso te faz se sentir bem? O que você vai fazer agora? — disse com frieza. Molly instantaneamente gritou, cobrindo a boca com as mãos e tremendo enquanto as lágrimas caíam por suas bochechas. Estava desgostada consigo mesma. Podia ver isso.

Vê-la tão triste me fez andar até a outra parede, gritando:

— Elas são fodas baratas. Só fodas baratas...

Inspirando pelo nariz e limpando freneticamente os olhos, sussurrou:

— Lindo, Romeo. Realmente lindo. É isso o que fará comigo? Deixar-me foder com o grande Bale Prince, me dar o que eu quero, e seguir em frente?

Deus! Que mais tinha que fazer para lhe demonstrar que com ela era diferente? Fazíamos de tudo na cama, mas não tínhamos ido até o final. Respeitava-a e não queria que se sentisse usada. Podia ver o conflito em seu rosto, esse olhar me insistindo a seguir em frente. Respirando fundo eu disse:

— Para, Shakespeare, e me escuta: Vou foder, mas também vou fazer amor com você. Vou possuir cada maldita peça de sua alma, e nunca vou te deixar ir. Vai gritar meu nome uma e outra vez até que fique permanente gravado em sua maldita garganta. Não será só uma foda para mim, Mol, será minha puta salvação!

Já era. Estava fazendo minha vida melhor dia a dia. Como podia não saber isso? Molly não podia me olhar nos olhos, e a forma em que se fechou em si mesma estava me deixando nervoso como o inferno.

— Baby — disse com voz quase inaudível enquanto fechava meus olhos angustiados — Você fará amor comigo, o Romeo, não um maldito e patético alter ego de futebol. Terá a mim de verdade, tudo, para todo sempre. Isso está claro o suficiente para você?

Continuava sem dizer nada, e senti um nó na garganta.

Pressionando sua testa na minha, tentei manter minha voz baixa e tranquila.

— Cristo, Mol! Nunca teria feito nada disso. Se eu soubesse que estava esperando por mim, não teria fodido com todas essas garotas. Mas não posso desfazer.

Apoiou-se em meu peito e olhou para cima, completamente derrotada, passando um dedo pela minha bochecha.

— É muito, não? Sua família que obviamente me odeia, Shelly que não vai recuar, você se voltando contra qualquer um que me olhe, e essas... garotas que você teve no passado parecem não ser capazes de te largar. Tenho meus próprios problemas, Romeo, sabe, e empilhados com os teus... é demais. Como podemos sobreviver sob todo este estresse?

Não, não, não, não...

— Não faça. Não faça isso! — supliquei em pânico.

— Fazer o que? — disse, impassível, insensível inclusive, enquanto se centrava no chão, abatida, incapaz de sequer me olhar nos olhos.

— Se dar por vencida sobre nós. Não fuja quando fica difícil. — Necessitava que me olhasse, maldição, por isso a obriguei a levantar a cabeça, agarrando seu queixo — Lutamos com seus problemas passados. Vou aprender a controlar minha ira. Lutamos contra minha família. Ignoramos todos os outros. Superaremos isto! Não se atreva a se dar por vencida comigo agora, Shakespeare. Não se atreva, maldição!

— Romeo... — sussurrou, soando completamente desconsolada.

Pela primeira vez em muitos anos, de fato pensei que ia paralisar. A ferocidade do tanto que precisava da minha garota era surpreendente inclusive para mim.

— Não! Não vou deixar ir. Sei que sou ruim para você, mas você me mudou. Você me mudou, maldição! Não se dá conta? Vai enfrentar isto comigo. Diga! Por favor, baby, me diga isso.

Ela não escaparia. Não a deixaria. Ela tinha me prometido isso. Olhando-a direto nos olhos, insisti freneticamente:

— Diz que me entende, Mol?

— Romeo, eu... — Seu pranto afogado cortou suas palavras.

Estava tão confuso com sua rejeição. Sabia que me queria, talvez até perto de me amar, mas não estava lutando por nós e isso enchia o saco como uma merda, fazendo com que golpeasse meu punho contra a estante de metal detrás dela, o alto artefato se balançou quando gritei:

— Não fugirá. ENTENDEU?

— SIM! SIM, ENTENDI MALDIÇÃO! — gritou, com as palmas das mãos golpeando meu peito antes de agarrar minha camisa xadrez e me puxar para perto, o som de nossa respiração pesado como um maldito trovão.

Minhas mãos se dirigiram para sustentar seu pescoço enquanto lhe perguntava com cuidado:

— Ainda está dentro?

Seus olhos dourados se dilataram e, envolvendo uma perna ao redor de meu quadril, começou a moer contra minha virilha.

— Ainda estou dentro.

Sentindo o calor construindo-se entre suas pernas, a luxúria assaltou meu corpo, fazendo-me esquecer imediatamente de toda a zangada tensão, e dizer com voz rouca:

— Merda, te desejo tanto que tudo o que diz me põe duro como a merda.

Deslizei minha mão para baixo, empurrei sua calcinha para o lado e senti ao longo de seu centro molhado.

— Mol... Cristo. Está me matando. Está tão molhada e pronta.

Seus dentes e sua língua lambiam e mordiam meu pescoço, minha orelha e minha mandíbula, parando só para admitir:

— Eu gosto quando pega a frente, quando afirma sua autoridade. Me acende.

Realmente estava me matando. Meu pau parecia que ia explodir a qualquer momento se não entrasse dentro dela de uma vez por todas.

— Merda... Posso te dizer, que eu gosto quando se rende. Isto... me acalma. É o que preciso. Maldita seja, é perfeita para mim. Formosa, sexy como o inferno, com um corpo que faz chorar pintores.

Sua cabeça rolou para trás enquanto empurrava dois dedos em seu interior.

— Não haverá ninguém mais. Pela primeira vez na história, está me dando o que quero, o que preciso. Dando-me controle total, e eu adoro. Você também, verdade? Você adora...? — Sua buceta começou a apertar, uma e outra vez, e seus gemidos entrecortados aumentaram em ritmo contra meu pescoço.

Voltando seus olhos de novo aos meus, baixou as mãos e começou a abrir o zíper das minhas calças. Foda-se, coloquei minha atenção em seu rosto enquanto se mexia. Se me tocasse, explodiria.

— Para! Me solte. Agora. Isto não é sobre mim. Não vai me tocar a menos que eu diga.

Trabalhei até que ficou rígida e golpeava contra minha mão, gritando sua liberação. Sustentei-a enquanto seu corpo se sacudia e sua respiração voltava para a normalidade. Então lhe perguntei se estávamos bem e lhe confessei o quanto a desejava... quanto a necessitava.

— Desejo você, Romeo. Me deu algo que nem sequer sabia que precisava também. — E de qualquer jeito, tinha a minha garota de novo. Depois de uns segundos de silêncio, mordeu seu lábio, e logo lhe perguntei se pensava que estávamos errados. Sabia que a maneira em que eu a controlava durante o sexo poderia ser vista como fodida, mas era só um impulso que tinha e, Cristo, minha

garota me disse que adorava. Não podia acreditar que alguém tão correto tivesse sido feito para mim, que tivéssemos encontrado um ao outro de uma maneira tão pouco provável. Ela era igual a mim em todos os sentidos.

Arrumando seu vestido, Molly segurou minha mão, com vontade de dançar. Pessoalmente, só queria ir pra casa e fode-la contra o colchão, mas precisávamos ficar. Minha garota tinha que voltar para sua primeira noite de saída verdadeira.

Estava a ponto de segui-la para pista de dança, quando disse:

— Quero dançar, demonstrar a todas suas conquistas passadas que é meu. — E com isso, perdi todo o controle que estava lutando tão duro para manter.

Batendo-a de novo contra meu peito, agarrei sua bunda e envolvi suas largas pernas ao redor de minha cintura, exigindo que dissesse de novo.

Com sua cara surpreendida agora iniciando um doce sorriso, disse:

— Você é meu agora, só você.

Empurrei-a contra a parede. O tempo de espera tinha terminado. Baixando minha mão, tirei meu pau e comecei a guia-lo entre suas pernas, a centímetros de finalmente possuir a minha garota por completo. E foi então que o merda do gerente começou a bater na porta, exigindo que saíssemos.

Estava louco como um assassino e tão condenadamente desesperado para finalmente tomar Mol que estava quase cego pela necessidade.

Grunhindo com frustração, deixei cair minha cabeça sobre seu ombro, e seu aroma me acalmou, como sempre fazia. Molly riu

ligeiramente, estirando-se para colocar meu pau duro de novo em minhas calças jeans, acariciando-o calmamente, e sussurrou:

— Vamos, carinho. Nós temos o nosso verdadeiro encontro.

Encontrando algum maldito botão interno que não sabia que tinha, instrui-a:

—Vá por aí e mostre a todos que estamos juntos. Você deve isso... a nós. É hora de ser atrevida, carinho.

E assim ela fez, nunca soltando minha mão, descartando à cadela loira estupida de antes, e me levando para a pista de dança, completamente orgulhosa de estar em meu braço.

Nunca tinha estado tão malditamente feliz como quando estava vendo-a relaxada e solta.

Algumas horas mais tarde, Molly parou de dançar, suas mãos arrastando-se pelo meu torso, e me olhou com uma expressão estranha em seu rosto.

— Está bem? — perguntei, acariciando suas bochechas.

Negou com a cabeça. O pânico cresceu mais uma vez, e perguntei:

— Por que? O que aconteceu?

— Quero ir pra casa.

— Sente-se mal? Aconteceu algo mau? — Seus olhos estavam frágeis e estavam vermelho vivo ao toque. Preocupava-me que estivesse com febre; estava atuando de maneira estranha — O que é? Me diga — exigi, minha paciência estava desaparecendo rapidamente.

Deu um suspiro tremendo e respondeu:

— Quero que me leve pra casa e pra cama.

— Está bem, está cansada? Ainda é muito cedo.

Um pequeno sorriso se desenhou em seus lábios e, esfregando-se contra minhas pernas, inclinou-se em meu ouvido.

— Quero que me leve para cama... fique ao meu lado... e faça amor comigo.

Girando ao redor e pressionando-a contra a parede, perguntei:

— Fala sério?

Seus olhos dourados se fixaram em mim com determinação.

— Totalmente.

Estava bêbada? Ela tinha tomado um montão de tequila. A prudência apareceu por um segundo, me insistindo a dizer:

— Não quero que faça algo para o qual não está preparada. Esteve bebendo. Não quero que se arrependa de nós pela manhã.

— Não estou tão bêbada para que meus sentimentos não estejam certos. Te quero, Romeo, nada de arrependimentos.

Obrigado. Merda.

— Então me peça — Ordenei, todas minhas inibições desaparecendo. Ela me conhecia; me entendia. Não tinha que ter medo de ser eu mesmo.

— Disse que a teria só quando me pedisse, quando me desejasse como a nenhum outro. Se estiver nesse ponto, Mol, tem que me provar isso. Tem que pedir. — Seus olhos se abriram com luxúria. Isto éramos nós, como deveríamos ser, eu no controle, ela cedendo a minhas instruções.

— Romeo Prince, quero que me leve pra cama, que me dispa lentamente, e que me faça completamente sua. Por favor, Romeo, Faça amor comigo... esta noite.

Exatamente quinze minutos depois, Molly estava diante de mim em sua casa, sem fôlego com antecipação, e sabia que depois desta noite, ao tê-la depois deste último passo, nunca seríamos os mesmos.

Capítulo 19

— Caminhe para a cama e tire as botas. — Girando, Mol fez exatamente o que ordenei, me recompensando com uma vista de sua bunda enorme em seu vestido preto justo enquanto se inclinava para baixo, tirando as botas.

— Dê a volta e me olhe.

Cristo, ela era maravilhosa, encontrando meus olhos com entusiasmo faminto, um pequeno sorriso estendendo-se por seus lábios.

— Tire o vestido... lentamente.

Centímetro a centímetro, o vestido preto sem alças revelou um corpo tonificado e suave, bronzeado, sua roupa intima preta quase me fazendo ter um maldito ataque. Logo meu olhar se concentrou em uma minúscula frase negra na parte superior de seu quadril esquerdo. Uma tatuagem?

Tinha que tocá-la; meus dedos estavam ansiosos para sentir essa pele sedosa de novo. Me movendo até onde ela estava, esperei até que encontrasse meus olhos. Ela olhou para cima com acanhamento através dos largos cílios pretos, seu longo cabelo castanho pendendo sobre seus peitos. Ela era porra... só... mais...

Caindo de joelhos, passei os dedos em sua tatuagem e comentei:

— Uma tatuagem, Shakespeare? Surpreende-me. Nunca me deixou ver isto antes.

A vi engolir seu fôlego e começar a gaguejar, sua ansiedade apoderando-se. Agarrando sua mão com força para deter o pânico, li:

"É para meus pensamentos como o alimento à vida, ou como o doce e condimentado rocio é para a terra"

Beijei ao longo de sua suave pele.

— O que é isto, baby? Por que essas palavras tomam um lugar preferencial neste formoso corpo?

Envolvendo seus dedos em meu cabelo comprido, lágrimas enchendo seus olhos, ela sussurrou:

— É William Shakespeare, de um de seus sonetos de amor, o número setenta e cinco.

Ela não me disse nada mais, sem importar quão duro empurrei, mas eu sabia que havia um significado mais profundo nessa história.

Depois de despi-la, Mol não podia abrir os olhos. Não tinha ideia se era nervoso ou medo. Ela era perfeita para mim, e não havia absolutamente nenhuma necessidade de vergonha, e não era algo que eu tolerasse, não dela. Ela era muito perfeita para se sentir insegura.

Agarrando seu cabelo, ordenei:

— Abra os olhos. — Tinha que ver esses grandes olhos dourados. Mas ela não podia. Puxando seu cabelo ainda mais forte, disse-lhe com firmeza: — Abra-os. Não lhe direi isso de novo.

Assim que o fez, e o único que vi foi desesperada necessidade brilhando de volta para mim. Esmagando meus lábios contra os dela, tomei seu peito cheio em minha mão, beliscando o mamilo,

malditamente morrendo pelos ruídos que arrastavam da garganta de minha garota. Agarrando-a sem poder esperar mais, atirei-a na cama e praticamente arranquei minha roupa junto com a cueca boxer, meu pau palpitava agora controlando por completo minha mente.

Pressionei minha pele na sua, esfregando, polindo, e amando cada maldito minuto. Este sentimento era tão diferente de tudo que já havia sentido antes; era tudo para mim. Minhas mãos estavam frenéticas enquanto apertei seus seios, chupei seus mamilos, e acaricie sua bunda molhada até que ela se arqueou fora da cama, gritando.

Era muito. Precisava estar dentro dela, profundamente dentro dela, nunca tinha desejado nada mais em toda minha vida.

Olhando Molly, em um momento de maldito amor puro apertei minha cabeça contra a sua.

— Vou te comer agora. Vou te mostrar o que significa para mim, o quanto te desejo, e te demonstrar que é minha. Entendeu, baby?

— Entendi, Romeo. — ela respondeu com esse doce maldito sorriso que reservava só para mim.

Meu sorriso, minha garota... minha puta vida.

De pé, nu, vendo como os olhos de Molly me acolheram, passando suas mãos sobre seus peitos, suas coxas contraindo-se de necessidade. Me movendo sobre ela uma vez mais, fechei sua cabeça entre meus braços e a beijei lentamente, meu pau contraindo-se contra seu calor. Fiquei de pé para pegar uma camisinha quando uma pequena mão posou em meu braço.

— Romeo, o que...

— Camisinha. — Assinalei meus jeans no chão.

— Estou tomando a pílula — disse nervosamente.

Porra. Ela me queria cru, pele sobre pele. Ela queria que eu estivesse dentro dela para fazê-la completamente minha.

— Baby... — Eu mal podia falar, me sentindo a meio caminho da loucura, precisando ter seus gemidos debaixo de mim, arranhando a pele de minhas costas, fora de sua mente com prazer. Eu nunca tinha feito sexo sem camisinha antes, mas foda-se se essa loucura não me acendeu ante a ideia de tomar minha garota dessa maneira.

— Por favor... — disse com voz rouca, encontrando meus olhos. — Romeo —sussurrou — só quero você, sem nada no meio.

Em um segundo, afoguei em Molly com meu corpo, meu pau procurando sua entrada.

Quase tremendo de nervos, inclinei-me e pressionei um suave beijo em seus lábios carnudos. Aproveitando a distração de nosso beijo, empurrei para frente, golpeando em sua buceta até o punho, atirando minha cabeça para trás, o pescoço volumoso com tensão de ser envolto dentro de seu centro apertado.

Expulsando um comprido gemido, Mol envolveu suas pernas ao redor de minha cintura, movendo-se quando golpeei dentro dela furiosamente, mordendo, arranhando, e assobiando.

— Romeo... Deus... não posso suportá-lo... é muito...

— Sim, pode Baby. Você vai amar. Trata-se de nós; assim é como devemos estar sempre. — Seus olhos em branco enquanto troquei o ângulo de minhas investidas e a fiz gemer, agarrando minha bunda, arranhando a minhas costas.

Ela ainda não estava chegando. Eu queria mais.

Tomando de novo o controle, saí, capturando a decepção surpreendida em seu rosto. Sorrindo diante de sua frustração desesperada, disse-lhe:

— Agora eu vou fazer você gritar meu nome.

Golpeando para frente o mais duro possível, nos dois gritamos diante da sensação e, fechando os olhos, murmurei:

— Porra, você é incrível.

Minha respiração estava difícil e me levantei com minha mão livre, agarrando a cabeceira.

— Segure meus braços. — Grunhi em seu pescoço.

Molly fez exatamente o que lhe disse, e levantei meu peito, com todas minhas forças para me agarrar sobre o poste da cabeceira e empurrar com mais força, os gritos satisfeitos de Mol e a compreensão dura em meus bíceps me levando mais longe.

— Você gosta, baby? Você gosta assim duro?

— Sim. Sim... — gritou quando eu inclinei meus quadris, minha pélvis trabalhando agora contra seus clitóris, seus olhos dourados rodando para trás, e sua apertada buceta apertando com tanta força que parecia que partiria meu pau.

Eu estava perto, mas Mol também estava, e não havia maneira de que não ia fazê-la gozar primeiro. Empurrei com mais força, vendo como abria seus olhos, suas bochechas ruborizando-se. Ela estava na borda.

— Goze pra mim, Mol. Goze agora — Ordenei com os dentes apertados, a frágil madeira da cabeceira quase se partindo sob meus punhos fechados.

Com uma mudança definitiva de seus quadris, ela jogou a cabeça para trás, gritando enquanto gozava rápido e duro. Golpeando nela mais duro, incapaz de conter meus próprios sons, senti a sensação de prazer, e logo fechei os olhos e grunhi deixando escapar um gemido, meu sêmen jorrando dentro dela. Meus braços tremeram com a tensão, e larguei a cabeceira, envolvendo meus braços ao redor de

minha garota, colocando a cabeça em seu cabelo, me balançando nela pouco a pouco, movendo-nos para baixo.

Completamente satisfeito, fiquei olhando a minha garota por debaixo de mim, e sussurrei:

— Olá, Mol.

Me cegando com um sorriso, ela respondeu:

— Olá, você.

Enquanto essa crua realidade se apoderou de mim, confessei:

— É tudo o que pensei que poderia ter. Fazer amor, foi... sabe... mais...

Não podia olhá-la e, como um maldito covarde, enterrei minha cara em seu pescoço. Poderia ser um bundão possessivo, mas compartilhar meus sentimentos não era algo fácil. Queria que Molly soubesse, entretanto; ela merecia saber o quanto eu a adorava.

Beijando minha cabeça e acariciando meu cabelo, ela suspirou.

— Romeo... foi... Maravilhoso.

Ficamos assim um momento, até que foi necessário para mim me mover, e conforme eu saía de dentro dela, ela estremeceu.

— Dói? — perguntei.

— Um pouco.

Fiquei malditamente orgulhoso que ela sentia assim bem onde eu tinha estado, o que acabava de fazer, e eu lhe disse isso.

Para o que ela simplesmente respondeu:

— Fico feliz que esteja contente contigo mesmo.

Depois de nos limpar, retornei à cama, sorrindo de Mol enquanto ela estava esperando por mim na cama. Deslizando a seu lado, a coloquei em meu peito, penteando os nós em seu cabelo com os dedos, seu zumbido agradecido em resposta. Nunca tinha tido isto, estava feliz depois de fazer amor. Sempre tinha sido rápido, áspero e

eu teria saído, fazendo caso omisso de quem eu acabava de foder, ou melhor ainda, mandava a garota para casa. Mas aqui deitado, feliz, com minha garota a meu lado... Porra, era incrível.

— Me diga algo que nunca tenha dito a ninguém. — disse em voz baixa, me voltando viciado em nossa nova aproximação e querendo explorá-la mais.

Senti o instante de pânico apoderar-se de sua respiração, assim rapidamente tomei uma mão, sentindo-a relaxar.

— Como o que? — perguntou nervosamente.

— O que seja. Só algo que ninguém mais saiba. Algum profundo segredo ou medo que tenha.

Elevando sua cabeça, encontrou-se com meus olhos; os seus estavam cheios de lágrimas. Apertei sua mão em apoio enquanto sussurrava:

— Sinto-me tão só às vezes, literalmente penso que me matará.

Eu estava certo de que meu coração deixou de bater. Podia dirigir minha própria merda, mas escutá-la tão derrotada, tão decaída, quase me mata.

Ela nunca tirou seus olhos de meus, sorrindo um sorriso choroso. Em um instante, tive-a entre meus braços, beijando em todas as partes possíveis, cada centímetro de pele. Sentia-se sozinha. Todo o estudo, a solidão, eram uma defesa... justo como eu com meu futebol.

— Molly, Baby, está partindo meu maldito coração — disse com força, me perguntando como diabos um tipo insensível como eu poderia tirar sua dor.

— É verdade, eu nunca disse isso a ninguém até agora... só você. Para mim, foi a coisa mais difícil. É incrível quão alto o som do

silêncio pode estar gritando sem descanso, te lembrando de que está completamente só no mundo.

— Posso te dizer algo? — disse com voz quase inaudível, como se minha boca se abrisse por si mesma e uma parte de minha alma lutasse por liberar-se.

Me preparando em antecipação, seu fôlego se apanhou quando confessei:

— Estou desesperadamente sozinho, também.

Alívio e compreensão brilhou em seu rosto e minha garota se desabou em meus braços, as comportas estalando livres e os anos de angústia reprimida fazendo-a quase inconsolável. Não sabia se era o som de sua ruptura ou vê-la tão crua, mas ela me obrigou a enfrentar os meus próprios demônios, e deixei que minha própria tristeza se filtrasse pela primeira vez em anos.

Segurando Molly apertada, disse:

— Não temos que seguir nos sentindo sozinhos, Baby. Eu tenho você e você tem a mim.

Mudando para trás, ela secou os olhos, rindo:

— Isto é uma loucura, Romeo. Faz tão pouco tempo que nos conhecemos, entretanto, sinto-me como se te conhecesse por toda a vida.

Pode ser que tenha sido um mau momento para brincar, mas sorrindo eu disse:

— Somos uns desventurados, Shakespeare. Fatídicos amantes desventurados. Temos toda uma vida para chegar a nos conhecer, a diferença de nossos homônimos.

Deixando cair o humor, a intenção impulsionada tomando seu lugar, assegurei:

— Me assegurarei de que tenhamos nosso "felizes para sempre".

Acomodou-se em meu peito, sua respiração mais tranquila, quando lhe perguntei:

— Essa frase em seu quadril, me fale sobre ela.

Meu pedido lhe causou dor, isso estava claro, assim sustentando sua mão disse:

— Tenho você, Baby.

Tomando um fôlego, ela disse:

— Meu... Meu pai a citou em sua nota de suicídio. Ele estava acostumado a dizer isso na hora de dormir a cada noite e queria algo para recordá-lo, só para não esquecê-lo nunca.

Deus. A dor, a confusão era ainda espessa em sua voz. Não tinha superado. Não, absolutamente, nem sequer um pouco.

— Nota?

E logo explicou a nota, a nota suicida de seu pai, suas últimas palavras a sua única filha, e que ele estava acostumado a citar esse soneto para ela todas as noites. Estava tão fora de minha profundidade. Eu era um atleta com problemas de ira, não tinha nem ideia de como dirigir o tema do suicídio.

— Você gostaria de lê-la? — ofereceu esperançada.

— Por quê? — choque e nervoso me imobilizaram.

— Porque ninguém mais além de minha avó e eu lemos. Eu gostaria de compartilhar com você. Sinto que quero te deixar entrar mais e mais a cada dia. Pode te ajudar a entender algumas coisas... sobre mim.

A contra gosto estive de acordo. Se significava conhecer mais a respeito de minha garota, seria uma loucura não fazê-lo. Levantou-se da cama, completamente nua, e eu observei enquanto sua bunda redonda cambaleava para o armário, abaixando até pegar uma caixa. Nisso eu quase gemi de dor. Cristo, minha mulher era quente.

Jogando uma olhada por cima do ombro, ela começou a rir.

— É incorrigível.

Era e eu não podia esperar para estar dentro dela uma vez mais.

— Só para que saiba. Vou foder você de novo esta noite. Viciado em Shakespeare. Sou fodidamente viciado.

Ruborizando-se, chegou à cama, inclinando-se para baixo, e pressionou um beijo em meus lábios antes de me entregar uma carta velha envolta em um plástico. Comecei a ler, completamente absorto nas palavras de despedida do pai de Molly.

Minha pequena Molly-pops, esta é a carta mais difícil que tive que escrever em minha vida. Primeiro, quero que saiba que te amei mais do que qualquer pai já amou a sua pequena menina desde o início do tempo. É a luz de meus olhos e a melhor coisa que tenho feito em toda minha vida.

Sei que isto é muito para que entenda agora, mas entenderá, com o tempo. Quero te explicar por que te deixei e quero que saiba que não é por causa de que tenha feito nada mau. Amei muitas pessoas em minha vida, mas a maneira como amei a sua mãe vai além de algo que eu possa explicar. O dia que nasceu foi o mais triste e o mais feliz dia de minha vida. O mais feliz porque tive a ti, mas o mais triste porque perdi à outra metade de minha alma.

Estava destroçado, Molly, e ninguém, nem Deus, podia me ajudar.

Um dia, minha doce menina, algum homem afortunado virá e te ajudará a entender o significado do amor. Se apaixonará; e ele te mostrará o que é colocar seu coração aos cuidados de alguém mais. E voluntariamente lhe oferecerá o presente de sua alma, e ele te terá completamente. Tenha certeza que mereça o tesouro de seu coração e faça tudo o que puder para proteger o que têm juntos.

No futuro, quando for maior e mais sábia, poderá olhar para atrás, para minha partida e terá perguntas, inseguranças... irá me culpar por te abandonar tão jovem, e para isso não posso oferecer nada que lhe dê paz. As pessoas podem te

dizer que fui egoísta por te deixar para trás, mas acredito que é mais egoísta te deixar viver com meio pai.

Desde que sua mãe morreu, vivi uma vida triste e solitária. Você e a avó foram as únicas luzes em minha escuridão. Quero que saiba que estou em paz agora e no lugar mais feliz que posso imaginar, nos braços de sua mãe para toda a eternidade.

Viva a vida ao máximo, minha querida menina, e um dia, quando Deus desejar, estarei esperando para te ver outra vez nas portas do paraíso, para que uma vez mais pule em meus braços abertos para te girar ao redor, te dizer quão bonita é, e te apresentar a sua mãe... que se parece tanto com você.

"É para meus pensamentos como o alimento à vida, ou como o doce e condimentado rocio é para a terra". William Shakespeare.

Te amo.

Papai

Não me movi durante muito tempo, lendo suas palavras de amor e de dor uma e outra vez, de repente me dando conta que Mol tinha deixado meu lado. Colocando a carta sobre a mesa de noite, apareci no balcão. Estava envolta em sua bata negra, olhando fixamente para a noite.

Ela era tão condenadamente forte. Ela veio com este pequeno cérebro tímido, mas me agarrei a merda que tinha sobrevivido. Merecia uma maldita medalha.

Ela era incrível e eu a amava além das palavras.

Santo Deus! Amava-a... Eu estava loucamente apaixonado por Molly...

Caminhando para o balcão, escovei o cabelo comprido de Molly sobre seu ombro e apertei um beijo em sua nuca. Envolvendo meus

braços ao redor de sua cintura, deu a volta para me olhar. Seus olhos imediatamente procuraram os meus, vigiando e assustados, mas o único que queria fazer era beijá-la, fazer amor com ela, lhe mostrar que era minha e não ia nunca deixar seu lado. Eu gostaria de ser diferente de todos outros que tinha tido em sua vida.

Como se não pesasse mais que uma pluma, carreguei-a, caminhando até sua mesa no terraço, olhando ela respirar nervosamente quando a coloquei para baixo e desamarei seu roupão. Não tinha me incomodado em me vestir, já que tínhamos feito amor, e alisando uma mão por sua suave coxa, sustentei em minha cintura e empurrei dentro dela sem dizer uma palavra.

Não me separei de seu olhar enquanto me preparava sobre ela, empurrando nela lentamente. Pus beijos por todo seu rosto e pescoço, alisando o cabelo úmido de seu rosto, junto com as lágrimas ligeiras que derramou quanto mais nos aproximávamos de nos liberar. Seus olhos se abriram e pude sentir que estava perto, assim, pressionando meu pau em sua buceta em uma estocada final, ela rompeu-se, sustentando meu rosto entre suas mãos enquanto vinha junto com ela.

Beijei-a lentamente enquanto vinha, e, sem fôlego, encontrei seu olhar, passando meu dedo por sua bochecha.

— Obrigado por me mostrar à carta, Baby. Obrigado por me confiar conhecer seu passado.

Ela lançou um suspiro, quase como se tivesse estado contendo-o todo este tempo, e sorriu com alívio.

— Me leve para cama, Romeo.

Fiz o que me pediu, onde imediatamente adormeceu, me deixando revivendo nossa noite uma e outra vez com incredulidade até que eu também estava dormido.

Capítulo 20

Bati na porta do escritório de meu pai, com o corpo tenso e me preparando para outra briga. Não tinha respondido a nenhuma de suas mensagens, correios eletrônicos ou mensagens de voz pelas últimas semanas, não tinha me atrevido. Queria manter Molly segura.

Como previsto, minha mamãe não tinha entrado em contato desde nosso enfrentamento em sua guerrilha no almoço no Lorenzo. Inferno, a única maldita razão pela qual estava aqui hoje nesta maldita casa dos horrores era porque meu pai virtualmente tinha me implorado... Bom, isso e a curiosidade mórbida que havia triunfado. Ele nunca tinha falado comigo de tal maneira antes, tão amável, tão sincero, e precisava saber por que tinha tido uma mudança de atitude. Rezei para que fosse porque finalmente colocaria um fim nessa merda de matrimônio. Diabo, teria caminhado até o final da terra para ver essa merda enterrada.

— Adiante! — Joseph Prince gritou de seu assento do poder.

Respirando fundo, abri a porta para olhar para o meu pai sentado atrás de sua grande mesa de mogno, parecendo estranho enquanto tentava abrir um sorriso para mim. Na verdade, olhei ao meu redor para ver se alguém estava atrás de mim, mas o caminho estava livre; esse sorriso doloroso era dirigido a mim.

— Rome, por favor, sente-se. — Meu pai fez um gesto para o assento em frente a sua mesa. Durante um tempo, segundos, mas

que na verdade pareciam como minutos, só o olhei fixamente, sem saber quais eram suas intenções. Estava tranquilo, temperado; este era o rosto que o resto do mundo via, a extrema disciplina que ele sempre tinha.

— Rome, sente-se. Acho que nós precisamos conversar. — Me movendo lentamente, quase em um estado de sonho, caminhei para frente e me sentei.

Inquieto em meu lugar, olhei ao redor da sala, tentando encontrar algum sentido de por que no inferno eu estava aqui. Meu pai se moveu e concentrei toda minha atenção nele, vendo-o me considerar com cautela enquanto colocava suas mãos juntas.

Esfregando minha cabeça, perguntei em voz baixa:

— Papai, o que é tudo isto?

— Eu... — Ele tomou uma pausa e continuou — Eu... — Com um suspiro de frustração, apoiou as palmas de suas mãos sobre a mesa. — Sua mãe me contou o que aconteceu há algumas semanas e isso realmente me fez pensar sobre as coisas.

Meu coração começou a bater com força em meu peito. Seu tom de voz, todo seu comportamento, estava apagado e me pondo nervoso.

— Estou ficando mais velho e seu silêncio para mim nos últimos tempos me deu tempo para pôr as coisas em perspectiva, de como fui contigo e como é compreensível que se sinta encurralado a continuar com o negócio familiar.

Segurando os braços da cadeira, o calor da raiva começando a se espalhar em meus músculos, eu disse:

— Isto é uma brincadeira, certo? Outro estratagema para conseguir que eu faça sua vontade?

Meu pai se sentou para trás, parecendo ofendido. Não poderia dizer se sua reação era genuína ou falsa.

— Não, Rome, estava destinado a ser um ramo de oliveira.

Ramo de oliveira? Senti-me como se derrubando a mesa e gritando: Ramo de oliveira? Me desprezaram toda a minha vida. Mamãe me ignorou, nunca realmente me aceitou. Por que agora? Por que mudar agora quando tudo o que você tem feito durante os últimos meses foi me assediar para que me case com Shelly? Mas não o fiz. Só o olhei fixamente, completamente surpreso, incapaz de me mover.

Isso foi até que ele disse:

— Sua mãe me contou a respeito de sua namorada, a garota britânica que você está vendo. — E a urgente necessidade de proteger Molly se enraizou, meus músculos lembrando de como funcionar.

Bruscamente me inclinando para frente, eu avisei:

— Deixe-a fora de qualquer merda acontecendo entre nós. Não há necessidade dela estar envolvida em nossa merda.

As sobrancelhas grisalhas marrons se elevaram e ele levantou suas mãos em sinal de rendição.

— Relaxe, não é o que você pensa.

— Não é? — Sussurrei, a suspeita rastejando em meu cérebro.

— Sua mãe e eu estivemos falando, e queremos conhece-la, ver do que se trata todo o alvoroço. Tentar ser mais... flexíveis com você.

Tinha certeza que tinha entrado na porra da Dimensão Desconhecida. Meus pais queriam conhecer Mol... por mim?

— Tolices — Eu disse em resposta, convencido que isto era só um golpe muito elaborado.

— Não é....

— Por que a mamãe iria querer conhecê-la? Disse-me que estavam indo arruiná-la, destruir Mol. Por que agora, por que importar-se agora? — Eu o interrompi.

Limpando a garganta, meu pai acordou:

— Eu admito, sua mãe precisou de certo convencimento, mas eu quero conhecê-la. Leve-a para casa amanhã para o jantar.

Uma fria resolução se assentou em meu estômago.

— De jeito nenhum.

Os músculos do rosto de papai começaram a tremer. Sabia que estava a ponto de explodir. Sentei-me ali esperando... mas sua ira nunca veio. Ele estava fodendo maciçamente com minha mente.

— Olhe, Rome, entendo por que não quer jantar aqui conosco. Estou começando a ver que não temos feito o correto com você. E entendo por que trazer sua pequena dama pode estar te causando certa agitação, mas estou tentando aqui... Você é meu único filho, meu único filho.

— Eu... eu... — Gaguejei, sem saber o que dizer. Papai notou minha confusão e continuou.

— Estive muito preso nos negócios, em fazer da Prince Oil o melhor que possa ser, mas fazendo isto te negligenciei. Não tive tempo para te conhecer, para compreender quem realmente é. Quero que isso mude, começando pela oportunidade de conhecer sua namorada. Sua primeira namorada oficial, se não estou enganado? — Esperou minha resposta, assim lhe dei um breve aceno.

Um calor desconhecido afogou meu peito e não sabia como lidar. Emoções em conflito duelaram em minha mente. Eu queria a tanto tempo que meu pai me amasse. Ele me chamou de seu filho... com carinho. Metade de mim só podia pensar em quão incrível isso se sentia, mas a outra metade gritou comigo para não acreditar. É obvio

que nunca tinha tentado esta tática antes, de ser normal, paternal, mas não seria a primeira vez que tinha sido atraído ao fogo por suas promessas, só para ser queimado quando assumi o risco.

Suspirando fortemente, meu pai disse:

— Vá para casa, pergunte a sua garota, e me deixe saber o mais cedo possível, mas não me faça esperar muito. Se quer construir pontes, tem que concordar com isso como um primeiro passo. Tem que me encontrar na metade do caminho, mas não vou esperar para sempre.

— Mamãe a tratará mal. Não tolerarei isso. — Repliquei, minha voz um pouco mais tranquila, com a mente realmente considerando o que ele tinha oferecido.

— Eu vou falar com ela. Ela não dirá nada — Assegurou. Fiquei em silêncio, incapaz de olhar a qualquer lugar, exceto minhas mãos em meu colo.

— Rome. Sei que não tem uma relação próxima com sua mãe. Ela nunca foi capaz de superar o que fiz. Mas você é meu, sangue do meu sangue, e tenho muita penitência para cobrir o que fiz errado. — Recostando-se em sua cadeira, concluiu: — Sou um homem físico e intolerante, e toda essa conversa sobre o casamento nos últimos tempos me empurrarou sobre a borda. Vamos começar de novo... Quer dizer, isso se você quiser ser parte de nossas vidas.

De repente, me segurando em meu assento, sem saber como digerir toda esta merda vindo em meu caminho, eu disse:

— Vou falar com Mol e lhes farei saber.

Não esperei por sua resposta, mas a meio do caminho para a porta, olhei para trás e perguntei:

— O que acontece com Shel e o Sr. Blair? O que você vai dizer a eles?

Um sorriso se espalhou em seus lábios, um que não podia ler. A dúvida alagou minha mente uma vez mais.

— Eu vou cuidar deles. Não se preocupe. — E despediu-me, antes de dizer — Mais uma vez, não me faça esperar muito tempo.

Sem dizer uma palavra, eu fui para a entrada principal, apanhando um vislumbre de minha mãe na sala, sua bebida habitual na mão, olhando pelas janelas... e tudo antes das duas horas da tarde. Nem sequer me incomodei em parar e dizer olá. Meu pai pode estar tentando salvar os restos que ficavam de nossa relação, mas não havia amor perdido da parte de minha mãe.

Conduzi furiosamente pela estrada, tentando decifrar se era ou não um engano. Eu nunca quis Molly amarrada na guerra constante entre meus pais e eu, mas e se isso fosse real? Tudo o que eu queria era que meus pais me amassem, e se esta era minha única oportunidade, deveria toma-la? Era provavelmente um monte de merda, certo? Uma convincente artimanha inquietante para algum outro plano... Argh, MERDA! Simplesmente não sabia! Não sabia se devia correr o risco.

Meu pai estava jogando com minhas emoções. Ele sempre soube que eu lutava por sua aprovação; só não tinha certeza se eu realmente queria começar de novo ou se ele estava sendo realmente fodido e usando essas emoções contra mim. Minha mente era um tumulto e só havia uma pessoa para me acalmar, para resolver. Precisava ver minha garota.

Capítulo 21

Tomei um último olhar para mim no espelho, calças pretas e uma camisa branca. Eu parecia um idiota total. Peguei minha carteira e as chaves e saí de meu quarto.

Austin estava na sala de TV. Apanhei seu olhar ao passar.

— Você vai sair? — Gritou para mim.

Parando na porta da frente, apoiando meus braços na moldura de madeira, suspirei:

— Sim. — Olhando para trás para meu melhor amigo, perguntei-lhe. — Diabos, homem, estou fazendo a coisa certa?

Carillo se inclinou para frente e deu de ombros.

— Disse que ele quer mudar, Rome. Não sei o que te dizer. Talvez seu pai teve alguma epifania divina ou alguma merda, você sabe, viu a luz? — O filho de puta simplesmente riu disso. Não pude deixar de sorrir com ele, apesar de meu estado de ânimo nervoso. — Uma coisa é certa. Você vai descobrir muito em breve. — Disse, com o rosto de repente sério.

Assentindo, golpeei a moldura da porta duas vezes.

— Estou fora.

— Boa sorte, cara.

Entrando em minha caminhonete, tentei manter a calma. Algo dentro de mim dizia que isto estava errado, mas inferno, Mol tinha sido tão insistente. Sabia que ela queria corrigir os problemas com

meus pais. Ela não tinha família e não queria a mesma situação para mim. Mas não havia dito muito sobre meu passado, a relação que tive com meus pais. Ela sabia que às vezes me bateram, sobre tudo em meu passado, me menosprezando, obrigaram-me a colocar o meu dever acima dos meus sonhos, mas ela não sabia a extensão do abuso que tinha sofrido em suas mãos, não sabia por que tinha sido tratado com tanta crueldade. Não pude me obrigar a dizer-lhe. Não havia dito nunca a ninguém... estava envergonhado.

Me detendo em frente de sua casa de irmandade, quase cancelei tudo. Quase o fiz várias vezes, mas as palavras que Mol disse ontem ainda se reproduziam em minha mente.

Assim que saí da casa dos meus pais no dia anterior, dirigi diretamente para a casa da irmandade de Mol e subi a varanda, onde ela estava sentada rodeada de seu laptop e todos os seus livros.

— Ainda trabalhando duro, vejo — disse enquanto terminava de beijar a minha garota em saudação.

— Sim. À Professora Ross disse esta manhã que temos uma oportunidade de apresentar o trabalho em Oxford. Estamos indo dentro de uns meses. —Seu sorriso emocionado era enorme.

Franzindo a testa, sentei-me direito na cadeira que tinha ocupado.

— Vai à Inglaterra em um par de meses? Desde quando?

— Desde sempre... — Mol explicou que tinha que ir fazer a apresentação na Universidade de Oxford para ajudá-la a assegurar um programa de doutorado, mas eu realmente não queria que ela fosse. No entanto, ela prometeu estar de volta para os jogos do campeonato, por isso só teria que aguentá-lo quando chegasse a hora. Era mais uma coisa desagradável para estragar o meu dia.

Minha garota veio até mim, vendo a queda de meu humor, e sentou em meu colo.

— O que aconteuceu?

Suspirando, respondi-lhe:

— Adivinha.

— Pais?

— Bingo.

— O que agora? — Notei a preocupação em sua voz.

— Querem te conhecer. Convidaram-nos para jantar amanhã. Estão aumentando o nível de suas táticas.

Na verdade, ela se inclinou para trás impressionada.

— Sério? Nunca pensei que iriam querer me conhecer... nunca.

— Nem eu tampouco. — Sua expressão caiu ante esse comentário e a dor tomou seu lugar. Aproximando-a mais, disse-lhe:

— Ouça, não quis ferir seus sentimentos, mas não estão felizes por nós, Mol. Eles não fizeram nenhum segredo.

— Eu sei. Só é uma merda.

— Estou lhes dizendo que não. — Disse, finalmente me decidindo. Mol era muito importante para mim para colocá-la em perigo.

Com determinação em seu rosto, ela disse:

— Não. Foda-se, nós vamos. Mostrar-lhes o quanto somos bons juntos. Ver-nos poderia ajuda-los a entender.

— Eles não vão entender e não os terei atacando você. Eu lutei com isso durante anos; não estou vendo você tomar o mesmo tratamento. Você viu meu pai em ação. Não tolera desobediência. Minha mãe é vingativa e cruel. Por que quer conhecer oficialmente pessoas como essas?

Sorrindo para mim, sua força interior brilhando, pressionou.

— Quero fazer a ponte para o seu bem.

E depois de muita mais persuasão, e de um par de horas enterrado em suas profundidades suaves, tínhamos aceito o convite e agora, nesta caminhonete, tudo o que podia pensar era que estava completamente ferrado.

Não me tinha dado conta do tempo que estive sentado em minha caminhonete, simplesmente olhando pela janela, quando a porta da frente da casa da fraternidade se abriu e Molly saiu, imediatamente me roubando o maldito fôlego.

Abrindo a porta da caminhonete, sai do carro e quando estava a uns passos de distância, estendi minha mão e puxei-a em meus braços.

— Baby... — disse com voz rouca, minha ansiedade mostrando-se em minha voz.

Envolvendo seus braços ao redor de minha cintura, ela agarrou-se a mim.

— Olá, Rome. Você está bem?

Voltando, pressionei meus lábios nos dela e assenti.

— Sim, não, talvez. Não sei...

Franzindo seu nariz de brincadeira, ela inclinou a cabeça, perguntando.

— Mm? Você parece um pouco desconfortável. Além disso, nunca te vi em outra coisa que não seja uma camiseta, jeans e essas malditas botas de cowboy que nunca tira, a menos que seja para pôr chuteiras. É o fato de estar preso vestindo sua melhor roupa de domingo o que te faz franzir o cenho e esperar fora da minha casa como um perseguidor assustador?

Incapaz de conter a risada, coloquei meu braço ao redor de seus ombros e a levei para a caminhonete.

— Entra, sexy, antes que eu feche essa sua boca por você. — Levantando-a para o topo da cabine, não pude resistir de tocar minha mão por sua perna nua e passar os dedos ao longo das dobras de sua calcinha. Gritando ao toque, ela franziu a testa quando prendeu o cinto de segurança.

Deus, eu amava esta garota pra caramba. Enquanto a olhava, senti a familiar sensação de pavor que estava me perturbando desde que aceitei esta porra de convite. Não podia perdê-la. Eu não iria negociar sobre isso, e não importava o que meus pais eram ou fizessem, eles teriam que aprender isso também.

Saltando no assento do motorista e nos colocando no caminho, olhei para Mol, que estava brincando com o rádio, balançando junto com Blake Shelton, dizendo ao mundo que podiam beijar sua bunda no campo, cantando cada linha; seu sotaque Inglês soando completamente errado contra o sotaque sulista de Oklahoma. Soprando pelo nariz, balancei a cabeça, ganhando o cenho franzido da aspirante a Dolly Parton[8] a meu lado.

— O que? — Perguntou ela, com os olhos cerrados.

— Nada. Você só está toda bonita esta noite e estou tendo realmente um tempo difícil em ter foco no caminho. — Era verdade. Talvez não o fosse que estava pensando no momento, mas ela não me apreciaria calando-a por seu terrível canto.

Passou as mãos por seu vestido, já não cantando, e começou a mastigar seu lábio.

— Não é nada como eu. Ally me vestiu como uma maldita boneca Barbie em todas estas coisas de designer para me fazer apropriada para seus pais sofisticados. Parece que estou fingindo,

---

[8] *Dolly Rebecca Parton é uma cantora, compositora, atriz, produtora, escritora, filantropo e empresaria americana*

entretanto. Eles vão ver através de mim. — Ela deixou escapar um suspiro e balançou a cabeça. — Acho que estou preocupada de que eles vão me odiar. — Virando seus olhos para mim, nervosa, adicionou. — Bom, me odiar mais do que já o fazem.

Só essa frase simplesmente cortou meu coração. Estava tão fodidamente claro que não queria ir esta noite, e tornou-se mais do que óbvio que estava fazendo tudo isso por mim, sacrificando seu orgulho por mim.

Nunca havia me sentido mais como um idiota egoísta.

Pelos próximos quinze minutos, não falamos. Eu não podia.

Sentindo a estranha reviravolta em meu estado de espírito, Mol deslizou para mim, pressionando mais perto, sua perna enganchada sobre a minha. Uma onda de protecionismo me arrasou enquanto eu lhe dava instruções.

— Quero que me escute, ok? — Tínhamos que estar preparados, fazer um plano em caso que este chamado "ramo de oliveira" fosse um enorme monte de merda.

Sentando-se reta, aqueles olhos castanhos dourados me olharam fixamente.

— Eles provavelmente mexerão com tudo o que puderem esta noite, violentamente. Digam o que for, não deixe que te afete. Eu te protegerei. Se precisar sair em qualquer momento, por qualquer razão, vamos, sem nenhum mas. Me prometa que não os deixará te fazer mal.

Engolindo em seco ela sussurrou.

— Eu prometo.

Agarrando sua coxa, utilizando o contato de pele a pele para ganhar força, eu disse:

— Então, por que tenho a sensação de que estou a ponto de te perder?

Sem perder o ritmo, minha menina me parou, e não antes que eu tivesse estacionado à beira do cascalho, ela se colocou escarranchada sobre meu colo e disse severamente.

— Você não vai me perder.

Queria acreditar tão desesperadamente nela. Mas se tudo isto era uma armadilha, se meus pais de algum jeito chegassem a ela, ela iria se livrar de mim na primeira oportunidade que tivesse. Por que ia ficar? O pânico cresceu com esse pensamento.

Olhando para seus olhos vazios, tentei lhe dizer o quanto a amava, mas a ansiedade estava me fazendo perder todo o sentido.

— Não posso, Mol. Significa muito para mim. Você sabe disso? Você percebe como me sinto por você? O muito que te necessito? Porque eu faço.

Sei que não digo muito a respeito de meus sentimentos, mas... mas... eu...eu... Eu te amo. Porra, eu te amo... Mas as palavras não saíram, presas em minha garganta, junto com um medo intenso.

— Shh... Não é necessário fazer isto. Romeo, você me deu uma razão para ser feliz. Não estive bem em um longo tempo. Você me trouxe de volta à vida. Sabia?

Acalmado ligeiramente, confiei-lhe:

— Não são pessoas boas, baby. Sei que não me acredita, mas não há maneira de que esta noite se trate de outra coisa além de afirmar seu poder sobre mim. Sempre se trata disso. — Apoiei a cabeça em seu pescoço. — Eles nunca vão deixar ir, nunca vão me deixar só ser feliz com você. Eles vão fazer algo; sempre fazem algo para arruinar minha vida.

Isso era verdade. A retrospectiva me ensinou que eles nunca, e eu quero dizer nunca, fizeram outra coisa alem de tornar minha vida um inferno. Esta noite tinha que ser uma mentira de merda; tinha que ser uma armadilha. Rapidamente me perguntei o que era mais importante: reparar uma relação fodida com meu velho ou estar bem com minha garota?

Não houve competição.

— Nós estamos indo para casa. Não vamos fazer esta merda — eu disse, movendo Molly do meu colo.

— Sim, estamos — insistiu, a negativa gravada em cada um de seus músculos. Sabia que isso era minha garota pondo seu pé no chão e sabia que não ia mudar de opinião. Merda.

— Na verdade vamos fazer isso.



Capítulo 22

Duas horas mais tarde...

Raiva vermelho vivo. Isso é tudo o que sentia, tudo o que me levou, o que me fez continuar em marcha, não o oxigênio ou o sangue... simplesmente ferver de raiva.

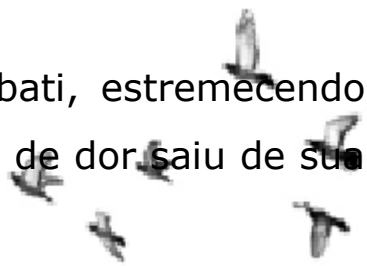
Meu pé pressionou o acelerador e conduzi como um profissional da NASCAR, dirigia-me à cabana. Não faria todo o caminho ate em casa.

Concentrando-me no caminho, tive que abafar o som de Molly gemendo junto a mim, ou ia voltar. Pela primeira vez em minha vida, eu sabia que não seria capaz de parar... Os teria matado, fodidamente matado-os pelo que tinham feito. Todo mundo tinha um ponto de ruptura... eu tinha acabado de conhecer o meu na última hora.

O cascalho rangia sob o peso da caminhonete, os pneus saltavam da esquerda para a direita enquanto lutava com o volante pelo controle pela antiga estrada cheia de buracos.

— Romeo... — Molly sussurrou do meu lado e eu não conseguia olhá-la, não podia ver a expressão que acompanharia essa voz desesperada e aflita.

— Agora não. Deus! Só... se cale... — Eu bati, estremecendo com o que devia estar pensando de mim. Um grito de dor saiu de sua



garganta e ela enrolou seu corpo longe de mim, o clipe de cristal de seu cabelo caindo ao chão.

Eu estava certo ao suspeitar das intenções do convite de meus pais para conhecer minha garota. Os malditos abutres nos tinham cercado; fomos atraídos para dentro, em seguida, atacaram. Inferno, não nos atacaram, rasgaram-nos até que não ficou nada, triturando nossa dignidade e pisando forte sobre todo o coração já quebrado de minha garota.

Ao ver a cabana, praticamente saltei da caminhonete, enquanto ainda se movia. O reduzido espaço dos assentos, pequenos demais, fodidamente me sufocando pela claustrofobia.

Irrompi através da cabana, no lugar de salvação de minha infância, e comecei a chutar e lançar qualquer coisa à vista, pensando em cada detalhe desta noite...

...

— Mãe. Sempre é um prazer — disse-lhe enquanto abria a porta. Imediatamente ela apontou o fato de que chegamos atrasados.

— É uma pena que não possa dizer o mesmo para você — Ela mordeu de volta.

...

Agarrando um velho abajur, levantei-o do chão e o lancei contra a parede, desfrutando do som dele quebrando em mil pedaços.

...

— Manteve-nos esperando sobre nosso convite para o jantar desta noite, rapaz. Não é aceitável! — Meu papai tinha grunhido no minuto que nos viu. Eu não podia acreditar. Onde estava o homem que disse que queria construir pontes? Onde estava a cadela do ramo de oliveira? Seu sorriso diante do meu choque óbvio disse tudo. Tinha planejado tudo para me fazer parecer como um idiota; tinha mentido

para mim ontem em seu escritório. Eles iriam quebrar Molly em pedaços na minha frente. Eles estavam fazendo ela me deixar.

...

A mesa estava ao lado, e agarrando um dos pés finos e frágeis, joguei-a para cima e para o chão.

...

— Então Molly, suponho que é consciente dos planos de Romeo depois da universidade? — Minha mãe perguntou a Molly enquanto estávamos sentados no sofá. Meu pai me olhava, sorrindo em sua vitória quando meus olhos se encontraram com os seus.

— Com o futebol? — Tinha perguntado Molly, puxando minha atenção de novo sobre minha mãe. A risada de meus pais ecoou ao redor da enorme sala.

— Absolutamente não! Estamos falando de seu dever de assumir os negócios da família. — Disse meu pai, vindo do seu lugar contra o fogo.

— Papai — ameacei, minha voz baixa e áspera. Os olhos de Molly se moviam assustados ao redor dos três, sua mão agarrando a minha tão apertada que quase cortava a circulação em meus dedos.

— Ela precisa saber, Rome — meu pai acendeu. — Ela precisa saber que não vai ter tempo para continuar com seu estilo de vida de jogador. — Molly ficou imóvel.

— Deixem-na! — Gritei — Não vou fazer isso com vocês esta noite.

...

Enquanto estava na cabana tranquila, tentei me colocar no lugar dos meus pais. Eu tinha sido tão grande decepção nos últimos anos? O suficiente para merecer tamanha crueldade flagrante? E Mol, o único crime de Molly era estar comigo, a primeira pessoa que

realmente ia manter, e estavam tentando arrancá-la de mim. O inferno, pelo que eu sabia, ela poderia ter decidido que já teve o suficiente de mim. Ela não se incomodou em vir aqui atrás de mim. Além disso, provavelmente estava assustada fora de sua mente. Eu estava agindo como louco.

Expulsei um forte grito que tinha estado construindo-se em minha garganta, bati contra a parede e comecei a bater de novo e de novo e de novo ao lembrar do que aconteceu depois...

...

Então, de repente, Shelly estava andando como se fosse a dona do lugar, beijando minha mamãe e sendo tratada como a filha que ela nunca teve, infernos, como o filho que nunca teve.

O grande plano finalmente foi revelado. Queriam fazer que Mol entendesse que era Shelly que eles queriam, e assim como papai e mamãe diziam, sempre conseguem o que querem!

Voei para meus pais e espetei:

— Como vocês ousam fazer isso conosco?

— Shelly é da família e Molly precisava estar informada de algumas coisas que podem afetar sua pequena... relação — disse meu pai em seu tom condescendente habitual.

— Não comece com esta merda outra vez, e enquanto está nisso, trate Molly com um pouco de puto respeito!

Então o filho de puta se inclinou, ridicularizando a minha garota.

— Sua Majestade, como está a rainha?

Minhas mãos começaram a tremer de raiva. Molly estava extremamente silenciosa ao meu lado, com os olhos dourados enormes de medo.

— Convidou-nos aqui para o jantar, para conhecê-la! Por que? Era tudo mentira? Era seu plano rasgá-la no momento em que caminhasse pela maldita porta?

Meu pai olhou para Molly como se ela fosse um pedaço de merda no sapato.

— Por que diabos íamos querer conhecer uma puta caça-fortunas, e muito menos entretê-la durante o jantar? Provavelmente se esforça para usar inclusive os talheres de tão pobre que é. Shel disse-nos muito a respeito de sua namorada.

E então pôs o último prego no ataúde.

— Esta noite foi uma intervenção. Tivemos que trazer sua nova guloseima diante nós de alguma forma. Convidá-la para o jantar parecia o melhor. Assim, agora que estamos aqui e temos sua atenção, você vai agir conforme as instruções e acabar com esta farsa. Imediatamente. Convide sua pequena puta britânica a seguir seu caminho... de preferência através do Atlântico.

Eu não podia acreditar no nível de maldade que vinha de sua boca. Ele sempre tinha sido um bastardo cruel, mas a maneira que tratou minha garota não se parecia com nada que tivesse visto antes.

— Convidou-nos aqui para nos separar? Cristo, isto é extremo! Inclusive para você! — Comentei, esfregando a mão por minha cabeça, sentindo que o constante controle que tinha sobre minha raiva começava a escorregar.

...

Eu puxei as velhas cortinas de merda das janelas, que se partiram em duas em minhas mãos. Deixei cair os pedaços vermelhos desbotados do material no piso. Voltar através do Atlântico... o maldito Atlântico! Agh! Odiava-o... odiava-o!

Ainda muito chateado para me acalmar, quebrei a frágil barra da cortina ao meio, jogando os pedaços ao redor da sala.

...

Minha mãe-bunda-bêbada caiu para frente, com o objetivo de enfrentar Molly.

— Molly aqui tem que saber que seu plano não vai funcionar. — Tomando um gole grande de seu copo, arrastou as palavras: — Deixe-o em paz! Você não tem nem ideia de com quem está lidando, não é? Shelly é a prometida de Rome e nenhum lixo de reboque ficará no caminho. Ele foi preparado durante anos. Sempre consigo o que quero. Basta lembrar isso.

Meu controle estava quebrado e abracei a raiva bombeando quente, escaldante ao redor de meu corpo. Dei um olhar de morte aos olhos nervosos de Shelly e cuspi:

— Não estou comprometido com ela e nunca o estarei! Recolha sua maldita fortuna; não quero ter nada que ver com isso!

...

Levantando a cabeça, fiquei olhando a antiga parede descascada, agora salpicada de buraco após buraco, meus punhos com lascas de gesso, a sala um completo desastre, coberta com móveis quebrados. Dei um passo para trás, a dor no peito dificultando minha respiração, e sem saber o que fazer a seguir, caminhei para frente, me pressionando contra a parede.

...

Tomando um controle apertado em Mol, comecei a arrastá-la em direção a porta, quando minha mamãe correu atrás de mim, se lançando e me batendo duro no rosto. O cheiro de licor era tão forte em seu hálito que me surpreendeu que pudesse ficar de pé.

— Você, menino insolente! Você tem coragem de falar conosco dessa maneira depois de tudo o que lhe demos? Você é a pior coisa que aconteceu a esta maldita família, pedaço de merda ingrato! Você nunca faz nada certo, verdade? Sempre arruína as coisas, e trazer isso para nossas vidas é o pior até o momento — ela gritou, apontando com seu dedo em meu rosto.

— Retire isso — Ameacei em troca. Minha mente estava correndo. Nunca tinha mostrado tanto ódio contra mim diante de qualquer outra pessoa. Estava perdendo a cabeça? Estava tão bêbada que estava a ponto de deixar escapar a verdade?

— Basta! — Meu pai gritou, obviamente preocupando-se sobre a mesma coisa. —Não vou discutir mais este assunto. Deixa à maldita garota e suba a bordo com o que está acontecendo. É a porra do seu propósito nesta vida, fazer o que dizemos e cumprir seu dever como um Prince! Assim o faça e deixe de ser um idiota teimoso!

Rindo sem humor, agarrei a mão de Molly e anunciei:

— Terminei com todos vocês. Escolho Molly. Escolho não estar nesta vida de merda nunca mais. Jesus Cristo! Que mais podem me fazer? São as piores pessoas que eu já conheci. Sou seu único filho e sequer podem me suportar. — Tinha uma pergunta mais, e mesmo assim, não podia esperar que a pergunta mudasse. —Alguma vez já me amou mesmo? Alguma vez, só uma vez, sentiu algo por mim?

Meu pai fez uma careta de desgosto.

— Como poderia te amar? Como pode alguém amar uma pedra em seu sapato? Você é uma decepção gigante. Mas você vai cumprir o seu dever para com esta família, não importa o que. Encontraremos uma maneira de fazê-lo ver a razão, lembre minhas palavras. — A resposta seria sempre a mesma. Tinha sido um tolo por pensar de outra forma, eles nunca me aceitariam.

...

Minha respiração gaguejou. Mesmo só reviver o espetáculo de merda desta noite parecia como mil punhais cavando em minhas costas, um de cada vez.

Eu estava em um lugar ruim, um dos piores em que estive... E então a porta se abriu, e eu sabia que minha garota estava aqui para me deixar para sempre, para dar o assassino golpe final.

Capítulo 23

Assim que escutei a porta fechar, decidi usar o ataque como a melhor defesa e me virei para enfrentar Mol.

— Nunca devia nos fazer vir aqui! — Gritei, vendo seus olhos vermelhos por seu pranto aumentar pela falta de controle que tinha sobre minha raiva. — Eu te avisei! Disse que não estavam contentes com a gente, mas não me ouviu. Disse-me que estaria bem, que seria bom nos ver juntos e ver o que significamos um para o outro. Mas não! Em vez disso, assinou sua própria execução. Cristo, Mol! A forma como te trataram... — Esperei por um sinal, por alguma indicação do que estava pensando. Mas não havia nada. Estava dura, imóvel e meu coração malditamente se quebrou.

— Rome. — Finalmente começou a falar, mas a forma como disse meu nome estava errada... apagada. Senti o pânico em minhas veias, e interrompi-a antes que pudesse continuar... não poderia escutar que estava me deixando. Seria demais.

Andando de um lado para o outro em frente a ela, gritei:

— Podia tê-lo parado... deveria tê-lo feito! Sabia do que eram capazes de fazer e ainda confiava que podia lidar com isso. Mas vi seu rosto lá, Mol... Você não estava sob minha maldita proteção. Você ia sair! — Ela o teria feito. Tinham-na atacado e se acovardou.

A cor explodiu em suas bochechas. Ela deu um passo para frente, com os olhos ardendo, enfrentando minha merda.

— Não me importa o que me disseram. Me preocupa o que estão fazendo a você! Por que lhe odeiam tanto, Romeo? Deve haver uma razão. Isso foi além de cruel. Que tipo de pai odeia seu filho sem razão? — As lágrimas brotaram de seus olhos e disse com voz rouca: — Sua mãe, a maneira como te bateu, como pôde tratar a seu único filho dessa maneira? — Ela estava lutando por manter a compostura.

Por que me bateu? Por que me odeia? Merda! Havia uma boa maldita razão! Tinha guardado o maldito segredo durante tanto tempo que senti que estava enterrado debaixo de meu enorme peso.

Procurando Molly desesperadamente e puxando o meu cabelo, as palavras não vieram facilmente. Decidi simplesmente cuspi-lo rapidamente, termina-lo. Já a tinha perdido de qualquer maneira; poderia lhe dizer também por que minha vida estava toda ferrada.

O sangue rugia em meus ouvidos e me esforçando, deixei-me levar e ouvi meu grito:

— Porque não sou seu. — Aspirei uma respiração quando finalmente disse.

Nunca havia dito a ninguém. Pela primeira vez em vinte e um anos, havia dito a alguém o que meus pais tinham lutado tanto para proteger e minhas mãos começaram a tremer com a enormidade do que acabava de fazer.

— Q... o que? — Sussurrou Molly, seus olhos enormes com surpresa, me puxando novamente para o aqui e agora.

Passando um dedo por sua bochecha, precisando de apoio, repeti:

— Porque. Não. Sou. Seu. Queria saber por que me odeiam tanto. Bom, essa é a razão.

— Não... Eu podia ver a descrença. Ninguém sabia. Ninguém tinha malditamente conhecimento. Era um segredo que estava destinado a levar para o cemitério.

Os olhos de Molly percorreram a sala, suas mãos em concha na boca, lágrimas escorrendo sobre seu rosto. A queimadura lenta da incompatibilidade construindo-se enquanto pensava em meus pais, mas minha garota precisava entender.

Recuando de seu abraço, confessei:

— Minha mãe é estéril. A maldita cadela é estéril. Tudo o que necessitava para ser a esposa perfeita era ser capaz de procriar e não podia dar à luz, não podia dar ao grande magnata do petróleo Prince de Alabama um herdeiro.

— OH meu Deus, Rome! — gritou, sacudindo sua cabeça para trás e para frente. Mas eu já estava nisso, minha história não contada imparável, agora em liberdade.

— Eles não poderiam adotar porque isso seria uma vergonha, certo? Não podiam contratar uma barriga de aluguel e correr o risco de que toda Tuscaloosa soubesse que ela era incapaz de ter filhos.

— Mas, bem, o destino decidiu intervir bem a tempo. — Eu ri, mas não havia diversão em minha mente, não havia humor para encontrar nesta maldita e arruinada história. — Uma das muitas prostitutas pagas de meu papai apareceu em sua porta, grávida de um filho que não queria ter, mas disposta a entrega-lo ao nascer a seu pai biológico... por um bom preço.

Molly vacilou, com os olhos fixos nos meus enquanto colocava dois e dois juntos.

— Sim, Mol. Era eu. Era eu. Meu pai conseguiu um teste de paternidade confidencial e eu era dele, o maldito herdeiro de sua fortuna. A prostituta tinha uma condição, no entanto. Tinham que

manter o nome que tinha me dado. Ela queria o controle, para jogar um jogo retorcido com seu cliente mais frequente, provavelmente com raiva porque nunca seria mais que do pó para eles. Meu nome seria o lembrete vivo de onde eu vim, e minha mãe me desprezaria, desprezaria como um verme.

— Romeo — sussurrou, simpatia entristecendo seu rosto. — Romeo.

Ainda odiava esse maldito nome. Minhas pernas estavam fracas. Toda a luta durante tanto tempo havia sido drenada como uma inundação. Eu não podia lutar com o controle de merda de meus pais e já estava muito convencido de que este seria o momento no qual Mol estaria me deixando também. Inferno, quem não estaria?

Deixando cair minha cabeça, completamente acabado, terminando o silêncio disse:

— Então, agora você sabe. Sou o filho ilegítimo da prostituta de meu pai, mas tinham que me ter, certo? O x desta questão era que meu pai queria manter seus ativos na família. Estava esperando ter filhos, um herdeiro. Minha chegada garantia que isso ainda poderia acontecer. Eles pagaram a prostituta para me manter em segredo. Então meus pais desapareceram por um ano, já sabe, foram em um maldito cruzeiro, voltaram com um novo bebê e é obvio, os grandes multimilionários acreditaram.

Me movendo no sofá, usei-o para suportar meu peso, não ousando olhar para os olhos de Mol durante toda esta merda. Não queria ver meu futuro escapando.

— Minha maldita mamãe me odeia. Sou o lembrete vivo que o meu pai é um trapaceiro. Mas esta não é a única razão por que são assim. Esperavam um filho obediente, dócil, que quando dissessem salta, perguntasse a eles quão alto. Mas não seu filho decepcionante,

certo? Acabei sendo assustadoramente bom em esportes e tinha minha própria mente e sonhos... inaceitável para um Prince!

Quanto mais falava, mais a agonia se construía.

— Como me atrevia? Como me atrevia a querer algo para mim, depois de terem me acolhido tão livremente? Eles me lembraram a cada minuto de cada maldito dia que era o produto de uma foda paga. Bateram-me até que não podia segurar uma bola de futebol e muito menos jogá-la... se está ferido, não pode jogar certo? Então, meu pai o fazia com frequência, uma tradição semanal entre pai e filho.

— Na... ninguém te ajudou? Ninguém descobriu? — Molly gaguejou. O pensamento me fez rir.

— Quem iria enfrentar um poderoso multimilionário e perguntar por que seu filho tremia cada vez que alguém o tocava? Então, para piorar as coisas, esperava-se que eu não fosse capaz de entrar no Draft da NFL, e por duas vezes fui obrigado a dizer não, a sacrificar meus sonhos apenas no caso de que alguma pessoa descobrisse que na realidade eu não era a alegria e o orgulho biológico de Kathryn Prince. Todos esses esqueletos deveriam permanecer muito bem trancados no armário!

Minha voz soava crua, todos os gritos e emoção me rasgaram em dois. Finalmente levantando minha cabeça, olhei fixamente para Molly, ainda presa no mesmo maldito lugar. Caminhando em direção a ela, estendi meus braços, sem nada para dar.

— E isso é tudo, Mol. É por isso que meus pais me odeiam e por que estar com você acaba de adicionar a sua já elevada montanha de decepção a seu maldito amado filho. — Eu trabalhei duro para manter as lágrimas, não queria me expor tão abertamente, mas quando minha garota se aproximou, endireitando minha roupa com afeto e

sem constrangimento, se pressionando mais perto do meu peito, eu quase me quebrei. Ela acabava de fazer tudo melhor.

— É por isso que todo mundo o chama Rome, não Romeo... por que você odeia tanto seu nome. Lembra o seu passado. — Disse, empurrando meu cabelo bagunçado.

— Sim — disse com voz áspera — Minha mãe biológica disse que se eles não mantivessem Romeo, iria para a mídia expor a história. Eles não queriam que isso acontecesse, então concordaram... relutantes. Fizeram-na assinar algum contrato para mantê-lo em segredo. — Amando a sensação de seu hálito quente contra minha pele, suspirei: — Que porcaria de nome é Romeo para o filho da família mais rica em Alabama? Meus pais sempre me chamaram Rome em público, mas em privado era Romeo. Utilizavam-no como uma brincadeira e uma maldição. Romeo, filho de uma cadela; Romeo, o desagradável presente que não poderia ser devolvido; e nunca me deixaram esquecer isso.

— Onde está sua mãe biológica?

Meu estômago revirou ao pensar na mulher que me vendeu como um maldito pedaço de carne. Eu costumava me perguntar se minha vida teria sido melhor se tivesse me mantido, mas demônios, não era mais que uma prostituta, alguma amarga puta. Irônico realmente, considerando que era nisso que tinha me tornado, um maldito que tratava às garotas como merda.

Apanhei o olhar expectante de Mol enquanto esperava minha resposta, então neguei com a cabeça e disse: — Provavelmente voltou para maldito buraco do qual se arrastou.

Ela suspirou profundamente, desviou seu olhar e disse em voz baixa:

— Romeo, eu... — Sabia que era isso. Sabia que quando terminasse seria com suavidade. Mas eu não me recuperaria da perda.

Eu não podia lidar, por isso a empurrei fora de meus braços e disse com amargura:

— Você vai terminar comigo, não é? Sabia que ia te perder. Sabia. Quem vai aguentar a merda de meus pais? Não valho a pena por tudo o que eles vão fazer acontecer se ficarmos juntos, certo?

Lembranças de minha vida nos últimos meses atingiram minha mente. Nunca tinha conhecido tal felicidade e apesar de ter enfrentado muitas decepções em minha vida, sabia que não seria capaz de continuar fazendo sem ela a meu lado. Às vezes você apenas sabe quando uma pessoa é para você e sempre o terá com ela. Ela me pegou... Caramba ela me salvou.

Já não podia controlar minha respiração e uma rajada bateu em meu estômago, fazendo com que desabasse no sofá e, merda, eu não pude conter as lágrimas desta vez. A ideia dela me deixar reduziu-me a uma maldita bagunça chorosa.

Braços macios me abraçaram com força ao redor de minhas costas e peito. Eu estremeci e tentei fugir. Molly gentilmente me fez calar, me puxou para baixo até que minha cabeça estivesse recostada em seu colo, seus dedos movendo-se para pentear meu cabelo.

Não sei se foi o conforto de seu toque ou a enormidade de tudo o que aconteceu esta noite, mas uma inundação de lembranças correu para frente em minha mente: murros, golpes, insultos, castigos duros... tudo.

Molly estava limpando seu nariz e tremendo em cima de mim, eu sabia que também estava chorando. Nunca a tinha amado mais do

que fazia neste momento, compartilhando minha dor. Então ela levantou meu rosto com as mãos, sussurrando:

— Romeo... — Eu segurei minha respiração, e pela primeira vez em minha vida, pronunciei as palavras:

— Eu amo você... Eu amo você. — Enquanto olhava fixamente em seus olhos dourados, implorando para me dar apenas mais uma chance para fazê-la feliz.

— Q... o que?

Encostei-me no sofá, de repente exausto, e trouxe a minha garota para sentar em cima de mim, confessando:

— Amo você. Eu te amo mais do que podia ter imaginado ser possível.

Uma gama de emoções dançou em seu rosto antes que se derretesse no que parecia ser alívio e sussurrou:

— Eu te amo também carinho.

— Eu te amo tanto.

Eu nunca tinha ouvido essas palavras dirigidas a mim antes. Te amo, duas pequenas palavras que, até que conheci Molly, pensei estarem reservadas para os filmes bregas e sonhadores pouco realistas de merda. Mas demônios, ouvi-lo de seus lábios me fez sentir vivo, e eu não podia acreditar que ela estava falando sério. Ela tinha sido destruída verbalmente por minha culpa, tirada de sua tranquila vida para uma tempestade de merda. Por minha culpa.

Esfregando suas bochechas, perguntei:

— Baby, o faz? Mesmo depois do que...

Pressionando seu dedo em meus lábios, ela disse:

— Não vou a nenhuma parte. Vim aqui para te dizer isso. Estava na caminhonete, escutando seu sofrimento, e sabia que tinha que

estar com você, não importa o que. Quero dizer isso Romeo, nunca vou te deixar.

— Mas meus pais...

— Sim, seus pais são os piores, mas jamais me afastarei de você, jamais deixarei de te amar. Somos amantes desventurados, Romeo. Os familiares intrometidos vêm com o pacote.

E lá estava sua força inabalável, sua capacidade de me puxar da escuridão, e eu não pude deixar de sorrir. Ela sempre estava procurando o conto de fadas, o felizes para sempre. Mas era minha e eu a amava porra.

— Eu me sinto possuído agora... como se alguém tivesse arrancado meu peito e tudo o que estamos vendo é um coração destroçado que se mantém unido por cicatrizes irregulares — sussurrei, vendo seus olhos brilharem de novo.

Seus dedos se arrastaram até meu peito e ela começou a desabotoar minha camisa, botão por botão, pressionando aqueles lábios suaves contra meu coração.

Parecia incrível.

Vendo-a mover-se lentamente por meu corpo, eu disse:

— Ninguém nunca soube como realmente são por trás das portas fechadas. Eu nunca disse a ninguém, ate você. Eu pude ver o pânico nos olhos de meu pai hoje. Você pode destruir tudo pelo que trabalharam tão duro.

Fazendo uma pausa, respondeu:

— Tão mau como são, estou alegre de ter estado lá. Agora sei com o que você tem que lidar. Não podemos apagar os segredos e lembranças nebulosas do nosso passado, mas podemos construir o próximo capítulo de nossas vidas juntos.

Ela não estava me deixando.

— Mol... — disse com voz rouca, incapaz de terminar a frase.

— Shh... — disse, com um sorriso provocador nos lábios enquanto começava a empurrar minha camisa de lado e rebolava para baixo em minhas pernas.

Gemendo em seu toque, meus quadris se levantaram automaticamente quando ela começou a desfazer o cós de minha calça.

Porra. Eu conhecia aquele olhar em seus olhos.

Baixou minha calça e boxers de uma vez, e eu já estava duro como a merda antes que ela se dobrasse para baixo para lamber meu pau, das bolas até a ponta. Um longo gemido rasgou minha garganta. Eu precisava disso. Precisava disso dela. Com ela. Precisava mal pra caralho.

Sua boca quente envolveu meu pau em um gole, e qualquer pensamento desta noite e todos os nossos problemas deixaram minha mente. Estávamos só minha garota e eu agora.

Agarrando a parte de atrás de sua cabeça, eu bombeava dentro e fora de sua boca. Todo o tempo Molly só levou, apenas me dando o que mais precisava: sua aceitação.

Mas quando passou por meu comprimento com seus dentes eu balancei e grunhi um gemido desesperado.

Empunhando o cabelo castanho de Molly, forcei-a a deixar meu pau, colocando-a de pé. Com uma mordida faminta em seu lábio, ela fez o que indiquei. Em segundos a tinha livrado de sua roupa e ela estava diante de mim, nua, ruborizada e pronta.

Empurrando-a para o sofá, suas coxas abriram amplamente, e meu pau estremeceu enquanto eu bebia a visão dela, absorvendo-a, necessitando um gosto seu.

— Não te disse que fizesse um boquete, Shakespeare. Sabe que tem que pedir minha permissão. — Seus lábios se separaram e ela se arqueou com luxúria selvagem debaixo de mim. Me inclinando, dobrando sua perna por cima de meu ombro, abrindo-a amplamente, anunciei: — Agora é minha vez. — E mergulhei entre suas pernas.

Molly deixou escapar um longo gemido, que só serviu para me encorajar mais.

— Agarre meu cabelo — pedi, momentaneamente levantando minha cabeça. Seus dedos correram através dele docemente, mas o queria duro e áspero. Queria transar de forma bruta e primitiva. — Puxe-o! Forte! — pedi outra vez, minha voz afiada e contundente.

Com um aumento de seus quadris e um gemido gutural, agarrou meu cabelo, me obedecendo. Afundei minha língua dentro dela. A respiração da minha garota vinha ofegante. Substituí minha língua por meus dedos e pulei em seus clitóris, chupando duro até que ela veio, quente e doce em minha boca.

Sem parar nem por um momento, girei e mudei Molly sobre seu estômago, inclinei-me sobre o sofá, beijando seus lábios, abrindo suas coxas macias e batendo diretamente em seu calor.

— Me diga que me ama — pedi em seu cabelo longo e castanho, meu nariz enterrado na curva de seu pescoço.

Gemendo, murmurou:

— Eu te amo. Te amo tanto, tanto.

Foda-se, essas palavras.

— Me diga que nunca vai me deixar. — Desta vez tudo o que consegui foi silêncio.

Seu canal se apertou e tentou balançar-se contra mim, mas me empurrei dentro até o punho, fazendo impossível que se movesse, sustentando firmemente seus quadris, me inclinando para sussurrar:

— Faz o que digo ou não te darei o que quer; eu sei o que necessita de mim.

— Eu, Romeo! Basta! — Gritou, sua voz cheia de luxúria.

— Faça, você me entende? — Rosnei, envolvendo meu punho em seu cabelo longo e tomando sua boca apenas brevemente.

— Argh! — Ela gritou, olhando para mim, antes de dizer: — Sim, malditamente te entendo!

Levei-me dentro dela uma vez mais. Cristo, era incrível.

— Você me entende baby. É a única que sempre entende. É a única que sempre entenderá. Diga que você nunca vai me deixar. — Precisava ouvi-lo novamente. Necessitava do conforto.

— Nunca te deixarei! — Respondeu imediatamente.

Minhas mãos estavam por toda parte, sua bunda, seus seios, seu clitóris.

— Nunca fugirá — gritei.

— Nunca vou correr!

— Prometa-me isso.

Lentamente nos beijamos, minha boca chupando a pele úmida de seu ombro, uma grande marca roxa se formando, a evidência da minha brutalidade em seu corpo. Eu não ligava para o que pensassem, ela gostou tanto quanto eu.

— Prometo! Romeo... eu... ah! — Tremendo, inclinou-se sobre o canto, seu centro apertado ordenhando meu pau quase até o ponto de dor, me levando junto com ela.

Beijando e lambendo a pele de suas costas, sussurrei-lhe:

— Amo-te, baby.

Descansando em seu corpo esgotado, repassei o acontecido no dia, e apesar da merda que tinha passado, aqui mesmo, agora mesmo, sustentando Molly em meus braços, não podia deixar de

estar agradecido. Os acontecimentos de hoje nos tinham obrigado a compartilhar nossos sentimentos um com o outro, haviam nos trazido para um lugar melhor.

Depois de acender um fogo e nos recostar no sofá, minha garota reclinada sobre meu peito, ela perguntou:

— Está bem, carinho?

— Vou estar. Tenho a ti — sussurrei-lhe. Era verdade. Se tinha Molly a meu lado, podia atravessar tudo, pais psicopatas, ex noivas delirantes... tudo.

Sorrindo com acanhamento, olhou-me diretamente nos olhos e disse:

— Você me escolheu. Como diabos podia pensar que eu faria algo mais?

— E faria de novo em um batimento de coração — assegurei-lhe, passando a mão por sua bochecha.

— Alguma vez seus pais foram bons contigo? — Perguntou, seus dedos riscando círculos preguiçosos em meu peito.

Passei meus anos mais jovens através de minha mente, então miseravelmente sacudi a cabeça.

— Alguma vez foi feliz?

— Não.

— E agora?

Esta foi fácil.

— Totalmente. Finalmente sei o que é amar e ser amado. Mas me dá medo como o inferno que vá terminar. Meus pais não se darão por vencidos tão fácil.

— Estou ficando contigo — disse Molly com autoridade, demonstrando a determinação de um pequeno pit bull.

— Jura?

— Juro. Amo-te. Sou tua. — Foda, não podia falar ante essas palavras, ante sua certeza inquebrável, assim só beijei seus dedos, as palmas de suas mãos, em qualquer lugar onde pude. — E agora o que? Futebol? Grandeza? A dominação do mundo?

— Suponho que sim.

— O que quer, Romeo? O que mais deseja da vida? — Pressionou, assentindo com a cabeça encorajadoramente.

Só havia uma coisa que me mantinha acordado, assim sem pensar, respondi:

— Você. — Com as sobrancelhas juntas, sacudiu a cabeça e disse:

— Não, de verdade, carinho, o que quer? Está aí para que você tome.

Estava impassível.

— Só você, baby. Você é como o lar para mim.

Movendo-se em cima de mim uma vez mais, assegurou:

— Você me tem. Tudo de mim, por todo o tempo que queira.

— Sério? Tenho-te para sempre? Porque virtualmente acabo de me isolar da única família que tenho.

— Romeo, você é minha família. Você e minhas amigas loucas são toda minha razão de ser. Como pode não saber isso?

Deixei escapar uma respiração contida.

— Porque não posso acreditar que seja verdade.

— Somos você e eu, Romeo.

E assim era. Algumas pessoas podem pensar que a forma em que estávamos um com o outro não era saudável, mas o que não sabiam era que Mol tinha me impedido de ir sobre a borda tantas vezes. Esfumava minha irritação, ajudou-me a me focar no bom. Ela

era o meu bom, e eu não deveria ter que explicar essa merda a ninguém.

Molly se inclinou para um beijo depois que toda a conversação terminou e esse beijo se voltou de inocente a totalmente carregado de nada inocente. Pressionei-me entre suas pernas e de qualquer jeito, queria-a de novo.

— Romeo — Molly gemeu imediatamente e isso fomos nós pelo resto da noite, nos dando o que necessitávamos e logo dormindo nos braços do outro. Ou pelo menos ela dormiu. Eu só me preocupei com o que o futuro nos proporcionaria enquanto a sustentava com força.

Resultou que os próximos meses foram alguns dos mais felizes de minha vida. Não ouvi nada de meus pais, Shelly ficou muito longe dos dois e os Tide se deslocaram através da temporada de futebol invictos.

Quanto mais perto estávamos minha garota e eu, mais me preocupava com o futuro. Ela queria ser uma professora e poderia mudar-se para completar seu doutorado. Ao participar do draft da NFL, poderia ser enviado a qualquer lugar dos EUA, e isso estava em minha mente todo o maldito tempo. Molly me disse para relaxar, para me divertir, que tudo se resolveria. Assim me deixei fazer isso pela primeira vez em minha vida.

Mas nada se mantém bem para sempre. Molly e eu tínhamos um passado que nos tinha ensinado isso da maneira mais dura.

Capítulo 24

Três meses mais tarde...

— Vamos meninos! Nada vai deter os Tide!

Ao entrar no vestiário depois do treinamento, encontrei-me com a vista mais fodidamente perturbadora que já tinha visto: Jimmy em sua boxer branca na moda, sobre uma mesa, sacudindo uma toalha entre suas pernas, sua Stetson[9] firmemente ainda sobre sua cabeça... e nada mais.

— Temos isso meninos vamos conseguir outro campeonato nacional da BCS, não há dúvida sobre isso! — Não se deteve aí, fazendo hurras e gritando por vários minutos. Austin se moveu para ficar junto a mim, dizendo:

— Como consegue alguém com quem ter sexo está além de mim, louco filho da puta.

Rindo enquanto Jimmy levava nossos companheiros de equipe a um frenesi, não pude evitar ficar apanhado também na emoção. Os últimos três meses joguei como nunca antes, todos fizemos, e minha garota assistiu a cada partida em casa, inclusive algumas longe. Em cada jogo ela beijou-me publicamente, diante de todos, que começavam a amá-la tanto como eu.

[9] Stetson: Tipo de chapéu vaqueiro.

O treinador escolheu esse momento para entrar no vestiário, fazendo o malditamente impossível para manter sua diversão de nosso tackle ofensivo, encarando-o como um profissional.

— Jimmy Smith! Baixa o inferno daí! — Fazendo uma careta, Jimmy saltou da mesa, seguiu o treinador, desculpando-se até que foi miserável e se meteu na ducha.

O treinador tratou de ocultar sua alegria, então me encontrou na parte de trás, inclinou seu queixo e me fez gestos para que encontrasse com ele em seu escritório.

Me sentando frente a ele, perguntei:

— O que acontece, treinador?

— Queria que soubesse sobre uma chamada muito interessante que tive ontem.

Com o cenho franzido, disse:

— Está bem...

— Era do treinador que dirige os Seattle Seahawks[10]. — Com emoção intensificando-se em meu peito, sorri; o treinador também o fez.

— Estão passando por um momento muito duro esta temporada, mas se as coisas seguirem como estão, será selecionado na primeira rodada. Poderia te encontrar em direção ao norte de Seattle, filho. Estará conseguindo um novo começo longe da Bama. — Entendia o que realmente estava dizendo: eu conseguiria um novo começo longe de meus pais.

— Disse aos Hawks o que penso de ti.

Olhei-o e franzi o cenho. Que demônios era isso?

---

[10] SeatleSeahawks: Ou Falcões Marinhos de Seattle é uma equipe profissional de futebol americano com sede em Seattle, Washington. Atualmente participa da Divisão Oeste da National Football Conference na NFL.

O treinador sorriu e disse:

— Relaxe, disse que é o melhor QB com que trabalhei, a ética de seu trabalho raia a obsessão, o qual é uma coisa boa. É um dos meninos mais fortes que conheço, especialmente enfrentando adversidades. Filho, disse que é o maldito premio da loteria.

O treinador ficou de pé, sempre um homem de poucas palavras, deu-me uma palmada no ombro, vendo que estava emocionado por ouvir suas palavras e me deixou sozinho para processar tudo o que disse.

Seattle.

Indo para o vestiário, aturdido, tomei uma ducha e me vesti rapidamente com minhas calças jeans e uma camiseta. Meus pensamentos se voltaram loucos. Estava emocionado pelo que o treinador acabava de me dizer, o fato de que poderia escapar para algum lugar como Seattle. Mas também estava preocupado sobre quando deveria dizer a Mol. Agora mesmo os Hawks eram uma possibilidade, mas não queria que planejasse seu futuro ao redor disso, se por acaso as coisas mudassem. Além disso, nunca nem sequer acordamos que viria comigo. Essa era uma conversa que precisávamos ter.

Agarrando minhas coisas, revisei meu telefone. Uma mensagem:

Romeo, quando receber isto, venha diretamente à casa de Molly. Estamos todas com ela até que chegue aqui.

Franzindo o cenho com preocupação, girei para Austin.

— Tenho que ir. Algo aconteceu com Mol. Nos vemos mais tarde?

— Claro. Espero que esteja bem. — Lhe dando uma palmada nas costas, dirigi-me para fora do estádio e corri à casa da irmandade de Molly.

Logo que cheguei debaixo de sua janela, ouvi um pranto forte do interior de seu quarto.

Molly.

O medo me fez subir a grade mais rápido do que nunca. Quando aterrissei no terraço, encontrei Molly no chão, rodeada de suas amigas, derramando lágrimas também.

— Mol? — Minha garota não parava de chorar enquanto dizia em voz alta seu nome, mas Ally levantou a cabeça e ficou pálida ante mim, congelada, em estado de choque. Isso só me fez sentir mais pânico.

— Mol! O que há de errado com ela? — Disse com mais força enquanto entrava no quarto. Molly ainda não parava de chorar, Lexi e Cass protegendo ela da minha vista.

Ally se levantou e veio para mim, mordendo sua unha. Estava nervosa. Conhecia minha prima o suficiente para saber isso.

— Romeo, se acalme ok?

— Não! O que há de errado com ela? — Olhei por cima do ombro de Ally, mas minha garota ainda não se movia. Estava dolorida? Estava realmente doente? Precisava ir ao hospital? Merda! Tinha que sair de Bama? Muitos cenários destroçados se amontoavam em minha cabeça.

— Mol? — Tentei chama-la de novo. Ainda nada, mas desta vez estava perdendo a paciência... rápido. Girando de volta, perguntei: — Está doente? Por que não me responde? Recebi sua mensagem e vim diretamente aqui.

— Não. Está... em... — Ela tampouco podia dizer absolutamente nada. Meu estômago deu uma cambalhota.

— Foi Shelly? Essa cadela...

— Tampouco foi Shelly — interrompeu Ally.

— Então o que está errado...? All, foda! Saia do meu caminho! — Tirei fisicamente minha prima do meu caminho e me dirigi diretamente para Mol. Suas amigas se moveram para que pudesse recolhê-la do chão.

Uma vez em meus braços, sustentei seu rosto muito branco, sua pele úmida, seu peito convulsionando por muitas lágrimas. Levando-a a cama, recostei-a, me deitando a seu lado. Ignorando as nossas amigas, pressionei um beijo em cada uma de suas bochechas, seus olhos enormes e nervosos, assustando a merda completamente fora de mim.

— Baby, o que está errado? — Tratei de perguntar brandamente, mas minha paciência me escapava.

Tinha os olhos fechados com força e sacudiu sua cabeça, ainda muito afetada para falar.

Fiquei olhando para nossas amigas inquietas ao final da cama e gritei:

— Alguém me diga que diabos está acontecendo?

Lançando olhadas interrogativas entre si, Cass empurrou Ally para frente e disse:

— Romeo, Molly precisa lhe dizer isso. Vamos sair para dar a vocês um pouco de privacidade.

E isso só me preocupou mais. Que demônios podia ser tão mal que poria histérica a minha garota e deixaria minha prima incapaz de fazer contato visual?

Em minutos as garotas saíram, me deixando sozinho com Molly, meu coração retumbando em antecipação ao que ela ia dizer. Agarrando a sua cintura nos rodei, assim ela estava em cima de mim. Sua cara ruborizada mostrava sua surpresa, mas procurando meus olhos, simplesmente se inclinou para frente, sussurrando:

— Romeo, amo—te.

Se isso estava destinado a me acalmar, fracassou, mas lhe disse:

— Também te amo. — Não podia entender o suficiente do que estava acontecendo com essas palavras, então só esperei que falasse.

Mas não fez, fazendo com que me queixasse em voz alta e dissesse:

— Mol...

— Estive me sentindo estranha estes dias — interrompeu, e meu coração se afundou imediatamente.

Estava doente? Foda, era algo sério, como realmente sério?

— Senti náuseas.

— Por que demônios não me disse isso? — Espetei, agora o medo dispersando-se em minha mente e me zangando porque me ocultou algo tão importante como sua saúde.

— Porque só descobri hoje o motivo... — disse com voz quase inaudível.

— E... o que está errado?

— Estou... estou...

Foda, eu ia explodir!

Agarrando com mais força sua cintura, gritei:

— Cristo! Está o que, Mol?

— Estou grávida — espetou.

Seus olhos dourados baixaram. Meu pulso acelerou como as asas de um colibri. Grávida. Merda, um bebê, ia ser papai?

— Está grávida? — Olhei-a com incredulidade, sentindo como se cada gota de sangue tivesse desaparecido de meu corpo.

Minha garota parecia ter se convertido em uma maldita muda, assim troquei nossa posição, me colocando por cima.

— Está grávida? — Perguntei de novo e vi os olhos de Mol encherem-se de lágrimas.

— Sim, Romeo, estou grávida. Estou grávida de seu bebê. — Cada palavra era como um murro.

Me incorporando, fiquei olhando a parede branca, antes de fechar meus olhos, perdido em meus pensamentos. Como funcionaria isto? Molly seria capaz de terminar seu mestrado? Seria o final de seus estudos? Onde viveríamos? Ia ser papai... E lentamente, me dei conta de que a ideia não me tinha me enviado correndo e gritando para as colinas como sempre tinha imaginado. Em lugar disso, sentia-me tão malditamente satisfeito que mal podia respirar. Ia ter um bebê com minha garota.

Tantas perguntas giravam em minha cabeça, muitas para seguir o ritmo, e logo minha garota fodidamente me congelou no lugar com uma simples frase.

— Farei uma consulta para ver um médico. Vou me desfazer dele imediatamente.

Olhando Molly debaixo de mim, gritei:

— Mataria nosso bebê?

Contraindo seu corpo, tratando de se levantar, Molly gritou:

— Não fique alto e poderoso comigo agora! Não preciso escutar nenhuma merda moral! Estou tratando de fazer o melhor para ambos. Lutarei com o que tenha que fazer. Se isso significa ter um aborto,

então isso é o que vai ocorrer. Mas isto não quer dizer que quero fazê-lo!

— Então não o faça, baby, por favor. Te desfazer dele não é o quer. — De maneira nenhuma estaria matando nosso bebê. Era nosso filho.

— Não sei que demônios quero! — Exclamou, as lágrimas fluindo uma vez mais. Merda. Ela estava morta de medo, e eu estava sendo um imbecil.

Me inclinando, passei minhas mãos através de seu cabelo.

— Bom, eu sei.

Sustentando meus pulsos, procurou minha cara antes de dizer:

— Mas... você...

— Jesus, eu estava emocionado! — Interrompi, sacudindo minha cabeça, e logo movi minha mão no seu estômago. — Ainda estou assustado, mas esse é nosso bebê aí dentro. Fizemos juntos.

Desesperado para que entendesse, tirei-lhe sua camiseta e a beijei ao longo de seu estômago, dizendo:

— E não vai a nenhuma parte. Prometa-me isso. Tenho de verdade fortes sentimentos a respeito disto, Mol. Não destrua nosso anjo, que Deus nos deu. — Seu silêncio quase me matou, mas tinha que fazê-la entender o muito que isto significava para mim.

— Me prometa que tenho algo a dizer nisto. Não faça um aborto, por favor. — Não podia. Deus, não podia vê-la passar por isso.

Esperei, quase sem respirar, pressionando minha fronte contra seu estômago plano até que sussurrou:

— Prometo-lhe isso.

Sentindo um alívio como jamais havia sentido antes acomodando-se em meus ossos, movi-me de volta para agarrar os lábios de minha garota... a mãe de meu bebê.

Logo que nossas bocas encaixaram juntas, a mesma necessidade que sempre sentia ao redor dela se disparou através de minhas veias, como uma droga. Liberando Molly de seus jeans, liberei-me dos meus e em questão de segundos me inundei em seu calor úmido.

Envolvendo suas pernas ao redor de minha cintura, Molly gemeu em meu ouvido, arranhando minhas costas e murmurando meu nome.

— Amo-te, Mol — disse contra seus lábios.

As lágrimas caíram de seus olhos enquanto empurrava dentro dela lentamente, estudando minha cara enquanto a tomava, sem pressa e lento.

Podia jurar que algo dentro de mim mudou nesse momento. Dava-me conta de que não precisava do controle de merda todo o tempo com Mol, que podia ser diferente... confiava nela o suficiente para renunciar às minhas tendências controladoras.

— Esta foi a primeira vez que fizemos amor mais suave. Senti-me tão diferente — sussurrou Molly com seu cabelo caindo sobre seu rosto. Retirando-se, nossas frentes se tocaram e ela sorriu. — Eu adorei.

— Baby, leva uma preciosa carga agora. Preciso ser mais cuidadoso contigo... com ambos.

Uma onda de felicidade parecia assentar-se sobre nós. Inclinei-me para o lado, puxando a minha garota para me olhar, seus olhos maiores do que o normal. Tinha estado tão preocupado antes que nem sequer tinha me dado conta que suas lentes de contatos tinham desaparecido.

— Parece com minha velha Mol com estes óculos e seu cabelo assim. A garota que parecia meses atrás, sobre suas mãos e joelhos, amaldiçoando com esse maldito acento quente no edifício de

humanas, vestindo sapatos laranja néon. Naquele momento eu soube, sem sombra de dúvida, que um dia seria minha.

— Um dia — brincou Mol com um sorriso, referindo-se a minha tatuagem. Tragando, confessei:

— Sempre me perguntava se um dia teria uma família, se alguma vez seria o suficientemente feliz com alguém... comigo mesmo, para ter um filho. — Era verdade, mas com Molly a meu lado, a ideia não me assustava tanto.

Estendendo e agarrando minha mão, o pânico se apoderou dos olhos de Molly, e ela falou:

— Romeo, não acredito que possa ser uma mãe. Não tivemos famílias normais. Não temos nem ideia de como estar em uma família normal! Como demônios vamos criar um bebe? Somos muito jovens. O que temos para oferecer a um bebê?

— Algo que nunca tivemos. — Seus olhos estavam abertos como pratos. — Me escute. Juntos podemos fazer. Juntos podemos fazer tudo. Podemos ser bons pais.

— Mas o futebol...

— E isso o que? Serei recrutado em abril e você virá comigo, com nosso filho ou filha. Ainda pode fazer seu doutorado e alcançar seus sonhos. Podemos ter tudo. Só por favor... não acabe com nosso filho, nosso primeiro filho. — Sabia que podíamos fazer com que funcionasse se só me deixasse tentar.

— Romeo — suspirou, derrotada.

Sacudindo minha cabeça, cobri sua boca com meu dedo.

— Poderia ter sido destruído, mas minha mãe biológica não o fez. Teve-me. —Agarrei sua mão, coloquei-a contra meu peito, justo em cima de meu coração que pulsava forte. — Estou aqui porque me escolheu, embora em realidade não me queria. Sim, minha família fez

um verdadeiro número, mas passei por tudo isso e acabei contigo, minha inteligente garota inglesa, a garota que me salvou. A garota que me mostrou como amar.

A linha de seu cenho se suavizou, e ela disse tristemente:

— Seus pais pensarão que fiz de propósito para te apanhar.

Meus pais.

Merda. Só a menção deles tinha meus instintos protetores rugindo até a estratosfera.

— Importa-me uma merda o que pensam. De fato, não tenho nenhuma intenção de lhes contar nada. Falava a sério quando deixamos sua casa aquela noite. Terminei com eles. Você é minha vida agora, é meu tudo. Você e nosso bebê.

Simplesmente assentiu, mas não pude tirar da mente a preocupação por meus pais. Não tinha ouvido falar deles durante meses. Tínhamos quebrado todos os laços, mas se descobrissem que Molly estava grávida, não sabia o que iriam fazer. Isso se fossem fazer algo. Possivelmente não o fariam, talvez realmente tivessem terminado comigo.

Não podíamos ocultá-lo para sempre, porem. Demônios, Shelly vivia nesta casa de irmandade. Era difícil que alguma vez estivessem ao redor uma da outra, mas se chocavam de vez em quando, e quando a gravidez de Mol estivesse avançada, ia ser um pouco difícil ignorar sua enorme barriga. Essa cadela iria diretamente dizer a meus pais. Não tinha nenhuma dúvida sobre isso.

De uma coisa eu sabia, entretanto: esses bodes sádicos não estariam a menos de uma milha de meu bebê, nunca teriam a oportunidade de lhe afundar suas garras. De repente, um pensamento fugaz me colocou rígido. Mol levantou seu olhar e estreitou seus olhos.

— O que? O que é?

Respirando profundamente, perguntei:

— O que acontece se resulto ser como meus pais? O que acontece se estiver enraizado em mim ser um pai horrível? Mol, não se pode lutar contra os genes. O que acontecerá se eu for como meu pai?

Ao pressionar um beijo em meus lábios, Molly se apartou, me tranquilizando.

— Será perfeito.

— Mas não sabe isso, verdade? — Discuti, meu estômago agitando-se, um medo doentio tomando conta de mim.

Tomando minha mão e colocando-a contra seu estômago, disse em voz baixa:

— Eu já vi meninos superar com sucesso os efeitos de uma má herança. Isso se deve à pureza ser um atributo inerente à alma.

— Quem disse isso? — Perguntei. O sentimento sincero do que Molly disse significava tudo para mim. Tinha fé completa e absoluta em mim e em tudo o que fazia.

— Gandhi — anunciou e rompendo em um sorriso, golpeou meu ombro, bricando. — E chama a si mesmo de filósofo!

— Não seja arrogante. Tomo filosofia como disciplina secundária. Sou um estudante de comércio... e um malditamente bom também.

— O que for. Nem todo mundo pode ser tão espetacular como eu! — Brincou e logo estalou em um ataque de risada.

— Possivelmente não; e também será um inferno de uma mãe espetacular.

— De verdade acredita nisso? — Perguntou nervosamente.

— Com todo meu coração.



Capítulo 25

— Já está pronto? — Perguntei a Diana, a gerente da loja do clube dos Tide, quando entrei.

Seu rosto se iluminou e sorriu.

— Claro, carinho. É tão malditamente lindo que quase morro!

Apoiado no mostrador, esperei enquanto ela desaparecia na parte traseira para logo retornar sustentando-o com satisfação para que eu visse.

— Jesus Cristo — sussurrei, e o orgulho estalou em meu peito.

— Ouça, não diga o nome do senhor em vão. Mas sim, entendo por que o disse. Adorável, não é?

— É perfeito — respondi, deslumbrado.

Envolvendo-o em papel de seda e pondo-o em uma caixa de presente branca, ela me olhou e perguntou:

— Então, para quem é isto, querido?

— Um parente — respondi, sem perder a confiança enquanto falava. Ninguém podia saber ainda.

Sorrindo amplamente, soltou uma risada.

— Bom, será sua pessoa favorita em todo o maldito mundo lhe dando um presente tão bom como este!

— Sim, isso espero.



Tomando a caixa de presente e ocultando-a na parte traseira de minha caminhonete, conduzi pela estrada para buscar minha garota. Tomou um par de semanas para conseguir a consulta, mas tinha conseguido o melhor ginecologista em toda Tuscaloosa, e nos dirigíamos agora para nossa primeira consulta.

Tínhamos sido aconselhados de vir o mais breve possível pela condição da mãe de Molly. Escutar essa conversação em nossa sessão inicial com o médico da equipe de atenção pré-natal quase havia me deixado louco. Como se a preocupação sobre meus pais saberem de nosso pequeno anjo não fosse suficiente, me inteirar de que a mãe de Molly morreu de pré-eclâmpsia[11] severa quase me fez cair no chão. Aconselharam-nos a escolher um ginecologista o quanto antes, e devido a isto o Dr. Adams tinha consentido uma consulta imediatamente.

Fodida pré-eclâmpsia, só uma preocupação a mais para adicionar à pilha já alta até o céu. Bati na porta da frente de Mol e ela abriu com um sorriso nervoso, imediatamente se aproximando para um abraço.

— Está bem, baby? — Perguntei, esfregando suas costas. Levantando o olhar, respondeu:

— Só nervosa, suponho.

Estendendo minha mão, inclinei minha cabeça para a caminhonete.

— Vamos.



[11] *A pré—eclâmpsia é uma complicação médica da gravidez também chamada toxemia da gravidez e se associa a hipertensão induzida durante a gravidez, está associada a elevados níveis de proteína na urina.*

— você deve ser Molly. Sou o Dr. Adams. — Apresentou-se, de pé para nos saudar.

— Encantada em conhece-lo, Doutor Adams. — Molly estreitou sua mão e se voltou para mim, pondo uma mão em meu braço.

— Este é meu namorado, Romeo.

O doutor me dirigiu um grande sorriso e estreitou minha mão, dizendo:

— Encantado de te conhecer, Bala. Sou um grande fã, tenho assentos para toda a temporada. E reconheço seu rosto, senhorita Shakespeare. O amuleto da sorte que vai ajudar o Bala aqui a nos levar ao campeonato outra vez.

Observei Mol ruborizar-se, ainda odiando a atenção, e a atraí para meu peito.

— Seguro que ela é. Obrigado, senhor.

E logo fez à única pergunta que realmente não queria que fizesse.

— Alguma notícia sobre a eleição de jogadores? Seattle Seahawks estão acabados nesta temporada. Seu QB se viu obrigado a retirar-se antes do tempo devido a uma lesão, e você é uma vitória segura para a equipe.

Lancei um olhar de pânico para Mol. O dia que descobri que Seattle estava me considerado como uma opção, Molly se inteirou de que estava grávida, e não tinha me atrevido a tocar no tema com ela após. Não estava seguro do que meu futuro proporcionaria para nós agora. Nem sequer tínhamos falado de nosso seguinte passo além de nos assegurar que ela e nosso bebê estivessem sãos.

Trocando de posição incomodado, respondi:

— Sei tanto como você, senhor, mas pelo que escutei dos meus treinadores, Seattle é uma grande possibilidade para mim.

Sentamo-nos, e compreendi o significado do comprido apertão de mão de Molly. Estaríamos falando sobre Seattle depois...

Genial.

— Está bem, ambos, vamos conhecer seu bebê — disse o Dr. Adams, emocionado. Quando chegou o momento do ultrassom, juro que nunca tinha estado mais nervoso por nada em minha vida. O médico introduziu uma larga coisa com uma câmara dentro de minha garota e ela agarrou minha mão, apertando-a com muita força enquanto eu deixava beijos ao longo de seus dedos.

Quando uma pequena imagem apareceu na tela ao lado da cabeça de Molly, todo o ar saiu de meu corpo. Senti Molly esticar-se e uma vez mais apertar seu agarre em minha mão, mas eu não podia falar. Não sei que demônios passou nesse momento, mas a crua realidade de estar vendo o bebê que minha garota e eu criamos mudou minha vida.

Amava Molly mais que tudo e com frequência me perguntava se todo o resto em minha vida alguma vez se aproximaria do que sentia por ela, mas vendo nosso bebê, ouvindo seu pequeno batimento cardíaco, dava-me conta que podia amar a outro de uma maneira completamente diferente. O homem que nunca pensou que alguma vez amaria a alguém, que era incapaz de tal emoção, aqui nesta sala sustentava a mão da mulher que não só tinha aberto seus olhos e seu coração, mas também estava lhe mostrando a perfeita combinação de ambos: um bebe.

Sentindo umidade em minha bochecha, dei-me conta de que estava chorando, e pela primeira vez na história, era de felicidade.

— Tudo certo, muito bem e mede como se estivesse... de... ah... umas oito semanas — disse o Dr. Adams, interrompendo minha fixação na tela.

Sete meses. Em sete meses, teríamos um pequeno.

O Dr. Adams deu a Molly uma imagem do ultrassom, e me pondo de pé, beijei sua cabeça, olhando fixamente, incrédulo, nosso pequeno anjo. Voltando-se para mim, sorriu e colocou a imagem na cama junto a ela. Compreendeu que estava embevecido com tudo o que acontecia ultimamente, e como sempre, punha-me primeiro, sabendo que precisava ver essa foto. Era a garantia de que minha vida agora era imensamente melhor.

— Pode te vestir agora, Molly, e nós nos veremos de novo em uns dois meses; a menos que experimente algum problema dos que falamos, e precise voltar antes disso.

Pressão arterial alta, enjoos, inchaço extremo, fortes dores de cabeça, dor abdominal, visão imprecisa... merda, a lista parecia interminável. Sabia que me converteria em um cretino dominante, mas não havia maneira de que perdesse as duas coisas mais importantes da minha vida. Nunca me perdoaria se isso acontecesse.

— Poderemos saber o sexo então? — perguntou Molly rapidamente.

— Isso espero —respondeu o médico e deu uma palmada em minhas costas, me obrigando a levantar a vista da pequena imagem de nosso bebê. — Felicidades, filho. Te verei no Campeonato da SEC na Georgia e, Roll Tide[12]!

— Roll Tide — murmurei com voz rouca.

[12] *Roll Tide: grito de guerra da Universidade de Alabama, usam—no para respirar a sua equipe de futebol.*

O Dr. Adams se foi, e Molly pôs a foto em minha mão antes de trocar de posição para conseguir sair da cama.

Enquanto observava seu rosto contente, um pequeno, feliz, sorriso permanecia em seus lábios, só precisava abraça-la. Recolhê-la em meus braços, apertá-la contra meu peito, simplesmente respirando seu aroma de baunilha.

— Romeo o que...? — Perguntou.

— Obrigado, Mol. Simplesmente... obrigado... — disse envolvendo suas mãos ao redor de meu pescoço. Em resposta ela sussurrou:

— Obrigada, também.

Uma hora mais tarde, estávamos no quarto de Molly enquanto lhe preparava um banho. Aproveitei o tempo só e retornei à minha caminhonete, recuperado o presente e pus a caixa branca na cama.

Pouco depois, a porta do banheiro se abriu e Molly saiu em sua camisola púrpura, minha favorita. Ela estava linda com seu cabelo comprido e molhado solto e seus óculos firmemente em seu nariz. Franziu o cenho quando viu a caixa.

— O que é isso?

— Um presente — respondi com satisfação. Molly me olhou com cepticismo e se aproximou da cama, sentando a meu lado.

— O que é? — Perguntou, passando seu dedo sobre a tampa.

— Abra.

Sacudindo sua cabeça e soltando uma risada, abriu a caixa lentamente, tão delicadamente que sentia como se tirasse o pacote por ela. Meu coração se encolheu quando compreendi que provavelmente não tinha recebido presentes com muita frequência, e tomei nota mentalmente para retificar este fato.

Tirando o papel de seda branco, levou a mão à boca.

— Romeo...

— O que acha? — Perguntei, vendo as lágrimas em seus olhos. Ela adorou.

Levantando a pequena camiseta Tide da caixa, ela estudou a parte dianteira, e logo a virou, sussurrando:

— Prince, número sete.

— Sei que é aparentemente de má sorte antes que finalize o primeiro trimestre comprar coisas, já sabe, porque as coisas ainda são delicadas, mas pensei que um pequeno presente não faria mal.

Pressionando a pequena camiseta carmesim contra seu peito, levantou o olhar, movendo-se para frente, inclinando-se e me beijando brandamente nos lábios.

Separando-se e estudando a camiseta uma vez mais, olhou-me diretamente aos olhos e sussurrou:

— Vamos ser pais, Romeo...

Sorrindo, posicionei-a brandamente sobre a cama, golpeando ligeiramente seu nariz.

—Muito bons também... eu mal posso esperar.

Perdendo seu sorriso, olhou a cama e perguntou:

— Seattle? — Meu coração se deteve por um momento.

— Possivelmente. — Levantei seu queixo com o dedo, e disse: — Ouça, me olhe. — Ela fez o que lhe pedi. — Está acostumada à chuva, certo, já sabe, sendo da Inglaterra?

Esboçando um sorriso, ruborizou-se, dizendo:

— Romeo Prince, está me pedindo que vá a Seattle contigo?

— Estou te pedindo que venha comigo em qualquer lugar ao qual seja convocado. Somos você e eu, baby.

Inclinando sua cabeça, corrigiu:

— Não, somos você, eu, e nosso anjo.

Levantando uma sobrancelha, brinquei:

— O Shakespeare / Prince trifecta[13].

Rindo com força, estive de acordo.

— O Shakespeare / Prince trifecta.

Me pondo ao lado do estômago de Molly, sussurrei: — Ouviste isso, anjo? Oficialmente é parte da turma mais genial de toda Bama!

Molly soltou uma risada enquanto me movia de novo para compartilhar seu travesseiro. Fechou os olhos por um momento e passou a gema de seus dedos para cima e abaixo por meus bíceps nus.

— O que está pensando, baby?

Trocando rapidamente sua atenção para mim, ela suspirou feliz:

— Não posso esperar para ver nossa pequena alegria em seus braços.

Senti que meu coração subia a minha garganta de emoção e, sem dizer uma só palavra em resposta, apertei a minha garota contra meu peito.

Não podia esperar por isso tampouco.

---

[13] Trifecta: um tipo de aposta, em carreiras de cavalos, em que o apostador deve selecionar os três primeiros classificados na ordem exata.



Capítulo 26

— Mais m, Romeo, mais um!

Meus braços tremiam com a tensão enquanto levantava a barra com peso de 136Kg. O suor gotejava por meus olhos, e com um último empurrão, deixei escapar um grunhido enquanto fechava meus cotovelos retos e Austin tomava a barra de minhas mãos, colocando-a de novo na prateleira.

— Rome! — Gritou em resposta, sacudindo meus ombros. Me coloquei de pé. Austin atirou minha toalha e disse: — Está bombeando ou o que? Pensei que estivesse te dando um maldito ataque do coração!

Me agachando por minha água, olhei Chris Porter, que estava olhando fixamente dentro e fora da sessão com um enorme sorriso come merda em seu maldito rosto feio.

Jimmy se aproximou da pequena turma de Porter, sacudindo a cabeça, me provocando ao perguntar:

— Que caralho passa com ele?

— Está com Shelly Blair e não fecha a boca sobre ela.

Isso me fez calar.

— Está com Shel?

— Ao que parece — disse Jimmy com incredulidade.



— Então por que diabos está me olhando todo o tempo? Estava começando a pensar que estava contra mim.

— Só deixe-o ir, Rome — disse Austin, me dando uma palmada nas costas. — Ele é um idiota, não há mais explicação necessária.

— Deixar ir o que? — Perguntei, a suspeita arrastando-se em minhas veias. Vi Austin olhar Jimmy e sacudir a cabeça, de forma a não chamar a atenção.

Voltando para os dois, espetei:

— Diga-me ou irei lá eu mesmo e o averiguarei.

Jimmy empalideceu e foi dizer algo, quando o treinador entrou no lugar.

— Prince, escritório, agora — gritou.

Com o cenho franzido, dei a volta.

— Que demônios você fez agora? — Perguntou Austin, preocupado.

— Quem sabe. — Comecei a me afastar, mas não antes de pegar Porter rindo de novo com seus amigos. Voltando-me de novo para Austin e Jimmy, disse: — Vão me dizer que demônios está acontecendo quando voltar.

Quando me aproximei da porta do treinador, senti uma onda de inquietação. Não tinha nem ideia de por que demônios tinha que falar comigo com tanta urgência, mas fosse o que fosse, não parecia bom.

— Entre, Rome! — Gritou quando bati na porta fechada. Entrei no escritório e ele fez um gesto para que me sentasse.

Ele parecia estressado, fora de si, e meu estômago caiu.

— O que é?

Passando a mão pela fronte, disse:

— Deram-nos os detalhes sobre o lugar de celebração do jantar de volta à casa do Campeonato SEC.

— Está bem... — Não podia entender por que diabos isso me dizia respeito. — Rome, sua mãe e seu pai estão organizando-o. A Prince Oil está financiando todo o partido e o jantar é na casa de seus pais... a Prince Plantation.

Fiquei olhando. Não tinha ideia de por quanto tempo, mas foi tempo suficiente para animar o Treinador a perguntar:

— Filho, você está bem?

— Está grávida — sussurrei-lhe.

O treinador se inclinou para frente, perguntando:

— O que?

— Mol, minha garota... está grávida.

Meus olhos se cravaram no treinador enquanto ele se sentava e deixava escapar um comprido suspiro.

— Inferno, meu filho! Você sim sabe como fazer as coisas da maneira mais difícil. Não é um pouco jovem para ser pai?

— Não foi planejado. — Passei minhas mãos por meu cabelo. — Mas vamos ter. É nosso filho. Vamos fazer funcionar.

O treinador pareceu aceitar isso.

— Suponho que seus pais não sabem?

— Não falo com eles há meses. A última vez que os vi, atacaram-nos. Foi um pesadelo de merda. — O pânico se inchou em meu estômago, essa sensação de vazio que quase me faz vomitar. Minhas mãos começaram a tremer e espetei: — Temos que trocar, Treinador, o lugar de celebração. Precisamos ter outro lugar onde não possam dominar o show.

— Tentei, Romeo, realmente o fiz, mas o diretor esportivo já aceitou. O maldito governador vai estar ali, pelo amor de Deus. Ao que parece sua mãe e seu pai foram realmente insistentes, e o inferno, mas a gente não discute com eles por aqui. Sabe disso.

Incapaz de permanecer sentado por mais tempo, fiquei de pé e comecei a caminhar.

— É uma armadilha! Você e eu sabemos que nunca deram uma merda sobre o futebol. Nem sequer me viram jogar pelos Tide, nem uma vez. Demônios, inclusive tentaram suborná-lo para revogar o convite há quatro anos!

— Sei, mas não sei o que mais fazer.

— Está bem. — Encontrei a expressão de preocupação do treinador e anunciei: — Simplesmente não vou.

— Rome — disse o treinador com cansaço e ficou diante de mim. — Tem que estar ali. Terão patrocinadores, cadeias de televisão e jornalistas, que esperam que esteja ali. Eu espero que esteja aí! É o quarterback dos Tide. Você é o futebol em Bama!

— Não vou arriscar que minha garota saia ferida!

— Então talvez seja melhor deixá-la em casa, filho. Pense em um plano B. Entra, leve um sorriso, cumpre com seu dever, e sai.

Cumpre com seu dever. Onde tinha ouvido isso antes?

— Mude isso. — disse-lhe com os dentes cerrados. — Mude isso... eu te peço. — O treinador se aproximou para por uma mão sobre meu ombro, mas eu pulei em ação e seu rosto escureceu enquanto afastava sua mão.

— Rome, eu sinto muito. Não conheço a sua história e a de seus pais, mas sei que é ruim. Odeio ter que te pedir isto, mas tem que estar lá, e a escolha do lugar está fora das minhas mãos.

O treinador olhou seu relógio e amaldiçoou.

— A equipe técnica tem uma reunião hoje com o diretor a respeito dos planos de viagem para a Georgia e não posso sair de lá. Tenho que ir. — dando um passo adiante disse: — Acabe com essa agonia. Inferno, vá criar um pouco de coragem, saia dessa ira e

depois vá para casa e tente relaxar. Fale com a senhorita Shakespeare. E, se for necessário, vamos trabalhar uma forma de proteger aos dois. — colocando uma mão sobre meu ombro, ele me assegurou — É nossa prioridade, filho. Somos uma equipe. Cuidamos um do outro.

Não podia falar, então fiquei ali em silêncio enquanto ele saía da sala sem dizer mais nada. Tentei manter a calma, mas eu estava extremamente enfurecido. Quando voltei a entrar no ginásio, Austin e Jimmy deram luz verde para que eu fosse até eles, mas fiquei parado, preso no chão, perdido, sem saber o que fazer. Não podia deixar que meus pais me viessem desta maneira, mas precisava do futebol para sair de suas garras de uma vez por todas. Estava chegando aos meus vinte e dois. Precisava de um plano, mas Cristo, não podia pensar claramente.

— Rome! – Austin gritou franzindo a testa diante do meu estranho estado de espírito e saudando com a mão. Respirando fundo, eu andei em direção a ele quando escutei Porter dizer:

— Sim, ao que parece, ela é uma verdadeira puta. Shelly disse que o deixa fazer qualquer coisa com ela e eu quero dizer *qualquer* coisa. Vejo a atração agora. Eu poderia passar todo essa droga se ela me deixasse fodê-la na bunda também.

Podia sentir uma onda de sangue correndo pela minha cara e meus dentes estavam cerrados com tanta força que tinha certeza que senti as rachaduras. Vi Austin olhando para Porter com desgosto e tentei o impossível para manter a calma, mas quando o filho de puta acrescentou:

— Quero dizer, só ouvindo esse sotaque inglês gritar meu nome já poderia gozar... e, pelo que escutei, ela engole como uma boa puta!

Eu me perdi completamente.

Utilizando anos e anos de treinamento de velocidade como vantagem, voei até Porter, derrubei sua bunda no chão e, imediatamente, comecei a golpeá-lo. Nem sequer teve a oportunidade de reagir adequadamente, conseguindo apenas alguns golpes de merda antes que meu gancho de direita no queixo batesse a merda fora dele. Seu corpo ficou mole debaixo de mim, mas eu não podia parar. Eu precisava deixar toda a raiva sair. Estava destruindo o inferno e o filho de puta merecia pagar pela merda que estava cuspindo sobre Mol.

Dois braços me agarraram por trás me tirando de cima de Porter e lutando com meus pés, vi que Austin e Jimmy estavam diante de mim. Instintivamente, girei meu punho, e Austin o recebeu, demonstrando que ele também não estava acostumado à violência.

— Inferno, levem-no para fora daqui e o limpem... Todos vocês se movam... Agora! — Jimmy gritou por cima do ombro e, desviando-se, viu o que restava da equipe arrastando um quase inconsciente Porter para fora do ginásio.

— Qual é o seu problema? — Austin gritou, claramente tentando controlar seu próprio temperamento.

— Vocês precisam me deixar em paz. — disse-lhes bruscamente.

— Rome, amigo...

— Eu disse para me deixarem! — gritei para Jimmy, que decepcionado, arremessou a camisa de Austin para tirá-lo do ginásio e me deixou para enfrentar toda esta merda sozinho. Eu estava tão fora de mim com toda esta merda. Tinha vinte e um anos e terminei com toda a pressão. Estava cansado de ter que lutar cada maldito dia só para ter uma vida normal, para que minha garota e eu

estivéssemos juntos, longe de quaisquer negócios e ter o nosso filho em fodida paz.

Perdendo temporariamente minha maldita mente, comecei a destruir o ginásio enquanto cada fodido cenário que meus pais poderiam inventar se reproduzia através de minha mente. Jogando colchonetes e equipamento de capotagem, ofeguei cada vez mais forte até que estava sem fôlego. Minha camisa estava ensopada de suor e sangue, então, eu a tirei lançando para o outro lado da sala e me deixei cair nos bancos lutando contra as lágrimas.

Nunca me senti tão impotente na minha maldita vida. Depois de vários minutos de olhar fixamente o teto, ouvi ranger a porta do ginásio e me acalmei. Quando deixei minha cabeça cair, vi Molly entrar, sua boca aberta diante do estado do ginásio e logo voltando sua atenção para mim, seu rosto pálido e seus olhos enormes. Ela deu um passo à frente e eu sussurrei:

— Adivinha quem serão os anfitriões do jantar de merda do Campeonato da Divisão SEC dois dias depois que conseguirmos sair do jogo na Georgia?

— Ah não, querido... — sussurrou ela e suas mãos foram imediatamente proteger seu estômago. Eu não acho que ela percebeu o que tinha feito, mas isso só me fez morrer por dentro, ela tinha medo do que meus pais fariam ao nosso filho.

— É uma maldita brincadeira! Eles nunca deram a mínima pelo futebol durante toda a minha vida e agora, de repente, eles se oferecem como voluntários para sediar o maior jantar do ano... na fazenda? É uma maldita armadilha para que nós dois estejamos lá, Mol!

Ela tentou me consolar, estar mais perto, mas eu não podia permitir. Eu estava tão furioso. Não podia deixar que tentasse me acalmar.

— Romeo, tem que se acalmar! Metade da universidade está lá na frente. Bateu em um companheiro de equipe até...

Na menção desse filho de puta, minha pele se eriçou.

— O maldito merecia isso. Começou a falar merda sobre você... para mim! Tinha um fodido desejo de morte na hora em que abriu sua estúpida boca!

— Não interessa que diabos disse sobre mim. Veja seu estado! Está parecendo um louco!

Ela estava brincando? Não percebeu por que as coisas estavam tão mal, por que eu estava tão perturbado?

— Meus pais organizaram tudo isto. Lembra-se da última vez, a forma como nos atacaram? Esta é só uma armadilha mais elaborada. Eles sabiam que eu nunca iria voltar voluntariamente. O treinador concordou. Eles já convidaram o governador, o prefeito e um milhão de outros reforços que aceitaram tudo com entusiasmo. Eles se asseguraram de que a universidade não pudesse rejeitá-los! Porra!

Molly se mudou para os bancos ao lado dos meus destroços e disse:

— Não vamos participar. Não há como fodidamente irmos nessa condição.

Não podia afastar os olhos da minha garota enquanto passava minha mão sobre minha cabeça cansada. Ela continuou e tentou me convencer a ir, inclusive indo tão longe a ponto de se oferecer para ficar em casa. Mas não havia uma chance disso acontecer. Acaso ela não sabia o quanto eu precisava dela?

Eu me coloquei diante ela e disse-lhe:

— Não! De nenhuma fodida maneira! Por que você não deveria estar lá comigo? A universidade precisa trocar o lugar de celebração. Que se fodam meus pais. Eu os conheço, Mol. Algo está acontecendo, eu simplesmente sei e não vou deixar que destruam a minha família. Superei seus jogos mentais.

Amorosa simpatia inundou suas feições e respirei fundo, usufruindo da presença de Mol para me acalmar. Ela sempre me acalmava e percebi que a estava alterando ao ficar tão nervoso. Caminhei lentamente para onde ela estava sentada e, caindo de joelhos, apoiei a cabeça em seu colo pressionando beijos no seu estômago.

— Se eles encontrarem o nosso pequeno anjo, quem diabos sabe o que vão fazer. Não posso perder vocês. — mãos suaves passaram pelo meu cabelo e me encontrei deixando ir o resto de minha raiva.

— Rome, eu entendo por que está assim, mas é uma festa, com centenas de pessoas ao redor. Não farão nada publicamente. Eles não querem a vergonha. Ficarei ao seu lado toda a noite. Não vão ter a oportunidade de chegar até mim. Você vai me proteger. Sei que o fará.

Eu faria, com minha vida se fosse necessário.

Molly se encarregou de me limpar, cuidando de mim como sempre fazia.

— Não seria capaz de viver comigo mesmo se te machucassem ou a nosso pequeno anjo, baby. — disse-he.

Ela pegou meu rosto entre suas mãos e insistiu:

— Nada vai acontecer.

Eu me senti como se tivesse seis anos de novo, preso sob a opressão de meus pais.

Durante alguns meses, eu tinha sido feliz e, de um só golpe, eles conseguiram fazer com que eu fosse novamente a criança que tinham rasgado durante anos. Podia sentir as lágrimas, mas não podia pará-las.

— Por que sempre têm que interferir? Nós estamos indo muito bem. Você está saudável, nosso bebê é forte e está claro que os Tide ganharão a Divisão Oeste da SEC e continuarão no Campeonato Nacional. Então eles vêm com suas intrigas arruinando minha vida outra vez. Eu estou te dizendo, tudo está organizado. Estão planejando alguma coisa. Algo grande.

Eu sabia, podia simplesmente sentir isso dentro de mim.

— Eles são pessoas poderosas, Romeo. A festa não será transferida. Temos que ir e representar uma frente unida. Tem que ser um líder para sua equipe.

Eu a abracei com força. Eu sabia que tinha fodido tudo outra vez, então eu lhe disse a respeito da conversa que tive com o treinador, o que tinha tentado fazer por mim. Enquanto continuava me limpando, sacudiu a cabeça e disse secamente:

— Eu não gosto quando perde o controle. Deve ser melhor do que isto, Rome. Não quero ter que me preocupar a respeito de seu caráter, especialmente quando este pequeno chegar.

Foda-se, eu amava esta garota. Lá estávamos, em um ginásio destroçado, meu corpo coberto de sangue e ela ainda estava tentando me fazer um homem melhor, ainda me advertindo por meu mau comportamento. Não pude evitar sorrir ironicamente.

— O que? — perguntou ela, a confusão contorcendo seu lindo rosto.

— Eu te amo. — anunciei lhe dando um beijo no pescoço e pude ver a necessidade se construindo em seus olhos. A gravidez nos deixou fodendo como coelhos... algo que eu não estava reclamando.

Empurrando meu peito, Molly repreendeu:

— Isso não tirou você do meu livro dos maus! Olhe o estado deste lugar, de você! — mas quando suas fossas nasais se dilataram e sua mão percorreu meu estômago suado, sabia que ela estava a dois segundos de distância de deixar que me afundasse em seu calor. Meu pênis pulsava em meus shorts. Pressionando contra minha garota, disse:

— Eu quero te foder agora mesmo.

— Não aqui. E não até que me prometa que nunca voltará a agir dessa forma novamente.

Ela estava brincando? Percebi que estava na borda e a maldita porta estava fechada; estávamos bem.

— Estou todo aceso e preciso de uma liberação, do tipo que só você pode me dar.

Empurrando meu peito de novo, ela disse com convicção desta vez:

— Falo sério. Não me ignore. Meu filho não vai crescer com um pai que não pode controlar a si mesmo quando as coisas vão mal.

Essa frase foi como um martelo no meu coração. Nunca faria mal ao nosso anjo.

— Você entendeu isso, certo? — perguntou usando minhas próprias palavras contra mim.

— Eu entendi. Isto acaba agora. Não serei como o meu papai com o nosso anjo. Eu te prometo isso.

Precisando escapar deste lugar e realmente necessitando foder, disse-lhe:

— Vamos para o chalé. Vou tirar a sua roupa e você vai fazer tudo o que eu disser até que nenhum de nós possa aguentar. Você me entende?

— Ugh! Muito bem! Eu entendo você!

Inclinando a cabeça, assegurei-lhe:

— Vou me assegurar de que esteja a salvo na festa, baby.

— Sei que você vai.

Movendo-me pelos bancos, puxei-a para meu colo, sentindo-me um milhão de vezes melhor.

— É um *déjà vu*. — disse — Você, ferido e sangrando e eu te limpando. Mas não vamos fazer disto nossa "coisa", certo?

— Pela última vez, eu te prometo isso. Eu vou mudar. Não vai mais limpar minhas bagunças. Palavra de escoteiro. — levantei minhas mãos, unindo os dedos adequadamente juntos.

— Você nunca foi um escoteiro, Rome. — Molly riu.

— Eu cheguei a entrar. — informei-lhe.

Fixando seus olhos nos meus, perguntou:

— É sério que fez isso?

— Mm—hmm... mas me expulsaram por brigar. Triste, mas verdadeiro... O filho da puta provavelmente mereceu também.

— Por que não me surpreende? — disse ela, aconchegando-se mais em meu peito, seu fôlego quente em minha pele.

Nossos amigos vieram um pouco mais tarde. Expliquei a eles sobre meus pais e a festa, lamentavelmente, e, então, disse a Austin e Jimmy sobre o bebê. Eles ficaram chocados, como era de se esperar, mas ao encontrar meu olhar com o de Austin, soube que ele ia me ajudar a proteger Molly e o nosso anjo.

Capítulo 27

Plantação dos Prince

Jantar de boas-vindas do campeonato SEC

— Meu marido e eu não poderíamos estar mais orgulhosos do nosso filho, Rome. Ele sempre foi tão talentoso, vocês o amam e o respeitam também, o que só aumenta nossa admiração.

Um aroma de baunilha suave flutuava na brisa enquanto Molly se inclinava esfregando meu braço. Pegando meu punho fortemente apertado na borda da mesa, ela o colocou sobre seu ventre ligeiramente arredondado. Apertando meus olhos, eu me tranquilizei, mas fiquei tenso de novo quando minha mãe continuou falando da mesa principal, se dirigindo à pesada multidão.

— Nós não pudemos chegar à partida na Georgia. Infelizmente, tivemos compromissos prévios com nossa empresa aqui no Alabama, mas vimos a partida da Divisão do Campeonato da SEC pela televisão, vendo todos vocês ganharem dos Gators e levantar esse troféu para todos aqui em casa.

Gritos e aplausos irromperam ao redor da sala, exceto de nossa mesa. O treinador olhou para mim sacudindo a cabeça com desgosto para minha mãe.

— Nós não poderíamos estar mais orgulhosos do nosso filho que se lançou como um verdadeiro profissional nos quatro trimestres, ou de todos os Tide, na realidade. Seu estado e a escola os adoram.

Na realidade, eu senti náuseas enquanto ela mentia à sua maneira através do discurso. Orgulhosa? Talentoso? Eles nunca estiveram orgulhosos de mim, mas aí estavam, malditamente se exibindo para a multidão. Toda a sociedade rica de Tuscaloosa sorrindo para mim, felicitando-me por meus surpreendentes e compreensivos pais. Eles não tinham nenhuma maldita ideia.

'Eu te amo, querido', sussurrou Molly no meu ouvido e me virei para seu rosto, afrouxando minha mandíbula tensa e pressionando meus lábios contra os seus, separando-me momentaneamente para dizer:

— Eu também te amo.

Meus pais nem sequer me reconheceram depois disso, muito ocupados fazendo contatos e representando seu show. Não tínhamos nada o que dizer uns aos outros.

O jantar ocorreu no lugar da festa e eu relaxei quando consegui convencer Molly a dançar, mantendo-a perto, mantendo-a protegida.

— Rome. — A banda terminou de tocar "Sweet Home Alabama" para receber calorosos aplausos por parte da equipe e outros convidados. Virando-me ao ouvir meu nome, olhei o treinador atrás de mim.

— Oh, olá, treinador.

Diante de Molly, disse:

— Senhorita Shakespeare, pode me emprestar Rome por um momento?

Eu endureci, não queria deixar a minha garota, mas dando ao treinador um grande sorriso, ela assentiu.

— Claro, meus pés estão me matando de qualquer maneira. Preciso me sentar. Meus malditos tornozelos parecem balões!

Levando Molly de volta à mesa e a sentando com seus amigos, disse-lhe:

— Eu estarei de volta assim que puder. Fique com alguém, certo?

Pressionando um beijo em minha bochecha, respondeu:

— Eu prometo.

Voltando-me para o treinador, consegui com que Austin e Jimmy estivessem atentos a Molly e ambos me deram um polegar para cima.

Mais de uma hora passou e eu ainda estava falando sobre as táticas para o jogo do BCS contra Notre Dame; as mais eficazes jogadas e as partes mais fracas da defesa dos Dame. Senti como se meus olhos estivessem cruzando com o tédio e quando meu pai se uniu à massa dos homens de negócios e dos reforços, contribuindo, tive que me conter para não me lançar através de todo o grupo e estrangular o bastardo, especialmente, quando ergueu os olhos e sorriu pra mim. Não, não sorriu, ele se vangloriou. Meu coração se afundou. Alguma coisa estava acontecendo.

Eu comecei a me afastar do rosto de suficiência do meu pai; o treinador franziu a testa com preocupação por meu comportamento e eu corri ao redor da casa, explodindo pelo pátio traseiro, procurando furiosamente por Mol. Fui direto para a mesa onde estávamos sentados e realizei uma contagem rápida: Cass, Austin, Lexi, Ally e Jimmy. Nada de Mol.

Jimmy se levantou e olhou atrás de mim, radiante.

— Onde estava, homem? Você fez sua maldita noite com essa nota, bastardo brega!

Minhas mãos começaram a tremer, minha respiração suspensa.

— Onde está Molly? Do que você está falando? — agarrei seus braços, meus movimentos silenciando mesa. A boca de Jimmy trabalhou, mas nada saiu.

— Onde ela está? — meu aperto em seus braços se intensificou até que um forte impulso de Ally me deteve. Jimmy cambaleou para trás nos braços de Cass, completamente branco. Olhei para minha prima e sussurrei:

— Mol? — e então ouvi...

— Rome! Rome!!!

Forçando minha cabeça para a entrada da casa, olhei para Shelly praticamente correndo a toda velocidade pelas escadas em minha direção. Todo o sangue do meu corpo pareceu ser drenado enquanto ela se aproximou de mim, em pânico e histérica, com o rosto coberto pelas lágrimas.

Comecei a correr e, agarrando-a, perguntei:

— Onde está Mol?

— Ela está... não sabíamos... a biblioteca... Ela está... Oh, meu Deus, Rome... — foi tudo o que pôde dizer. Ao afastá-la, corri para o corredor, dezenas dos meus companheiros de equipe me olhando com uma mistura de tristeza ou choque. Não tinha nem ideia do por que, mas só serviu para me assustar ainda mais.

Eu podia, vagamente, distinguir os nossos amigos que me seguiam atrás e, ao ver a multidão pesada bloqueando a entrada da biblioteca, gritei:

— Saiam do meu maldito caminho! MOVAM—SE!

Dispersando-se sob minhas ordens, limparam a porta e quase entrei em colapso diante da visão que encontrei, minhas pernas paralisando com terror instantâneo: Molly curvada no chão, coberta de sangue, gritando e se retorcendo de dor.

Não...

Em um segundo, estava ao seu lado.

— Mol! Merda! Querida, estou aqui! Estou aqui! — não sabia onde abraça-la, como parar sua dor. Com os olhos dourados, entorpecidos pela dor e pela tristeza, ela olhou para mim e sussurrou:

— Romeo, nosso bebê, nosso bebê... e-eu acho que eu o estou perdendo. Por favor... me ajude... — e ela gemia de dor novamente apertando suas pernas e abraçando seu ventre antes de chorar com tanta força no tapete que mal podia respirar.

Levantei minha cabeça, olhei para os nossos amigos que nos olhavam com horror e gritei:

— Alguém chame o 911! Ela está perdendo nosso bebê!

Merda. Ela estava perdendo nosso bebê... As questões de como e por que estavam circulando na minha mente, mas não podia afastar minha atenção de Mol, que parecia estar morrendo. Merda! Ela estava morrendo? Eu estremeci quando alguém me tocou no ombro. Era Jimmy me dizendo que a ambulância estava em caminho.

Desesperadamente precisando abraçar a minha garota, peguei-a, sem saber se a ideia era boa ou não e a atraí para o meu colo. Balançando-a para trás e para frente, tentei acalmá-la, mas suas sacudidas de agonia estavam me destroçando.

— Shh, querida, eu sinto muito. Lamento muito. — chorei, minhas lágrimas com fluxos intermináveis.

Sua pele empalideceu lentamente para um branco sepulcral e ela tocou meu rosto, sua mão fraca como uma pluma contra minha pele.

— Acho que nosso bebê se foi. Está doendo muito. Acho que nosso bebê se foi... — tentou terminar, mas seus olhos se arregalaram, seu corpo ficou rígido e ela gritou, o grito mais malditamente inquietante que já tinha ouvido, enquanto senti uma

repentina umidade em suas pernas e, olhando para baixo, vi o sangue correndo por sua coxas em nossos corpos entrelaçados.

Eu não sabia o que fazer. Inferno... eu não sabia o que fazer!

Os olhos de Molly começaram a se fechar, seu aperto em minha camisa afrouxando e um fresco escapamento de pânico sentia como se estivesse triturando meu peito.

— Onde está a maldita ambulância? Ela está grávida, pelo amor de Deus... Ela está grávida... Nosso pequeno anjo... – eu parei, incapaz de fazer algo.

Procurando pelo corpo de Molly, entrando através da massa de malha branca de seu vestido agora coberto de sangue, tentei encontrar algo que pudesse fazer. Não podia. Não era um maldito doutor. Não estava preparado para esta merda. Sua respiração se tornou superficial e, levando minha atenção de novo ao seu rosto, vi um corte em seu lábio. Usando meu dedo polegar para olhar mais de perto, franzi a testa.

— Baby? Por que está sangrando no lábio? Que diabo aconteceu com você?

Eu a estava perdendo. Tinha os olhos frágeis e seu corpo não estava reagindo à dor. Rezava e rezava a Deus, rogando a Ele que salvasse a minha menina. Não podia perde-la. Ela era meu tudo.

— Mol? — chamei e meu corpo ficou imóvel enquanto seus olhos começaram a se fechar. — Mol! Fica comigo, Mol! — gritei, sustentando-a mais perto dos meus braços.

— Sua mãe bateu nela e ela caiu contra a mesa. Nós não... E-Eu não sabia que ela estava grávida... Só estávamos tentando assustá-la. As coisas saíram de controle...

Shelly. Shelly estava ao meu lado tremendo.

Uma raiva como nunca antes se apoderou de meu corpo como puro combustível diante da confissão de Shelly. Ela passou a me informar que minha mãe escapou e, agindo por puro instinto, fiz um movimento para ir até ela. Queria acabar com toda esta merda de uma vez por todas, mas quando a mão tremente de Molly ficou na minha e me rogou que ficasse com ela, não pude fazer nada mais que me esvair em tristeza, sussurrando:

— Baby, eu sinto muito. Nosso anjo... Nosso anjo...

Mas ela se foi. Molly se foi ainda em seus braços, seu fôlego quase inexistente enquanto seu sangue continuava saindo.

— Rome. — a voz quebrada de Ally soou ao meu lado. — Os paramédicos estão aqui. Precisam levar Molly ao hospital agora. Vamos, querido, deixe eles fazerem seu trabalho.

Olhando para cima, dois homens se moviam freneticamente no lugar e recolheram Molly imediatamente dos meus braços. Ficando de pé, completamente dormente, registrei a massa de olhos observando a cena e apertando a mão inerte de Molly na maca, eu a segui até a ambulância, ignorando o *flash* das câmaras e os sussurros dos convidados horrorizados. Os técnicos de emergências médicas empurraram a maca na ambulância e os problemas começaram a disparar.

— De quanto está?

— Quase três meses.

— O que aconteceu?

— Pelo que parece, bateram nela e ela caiu contra a borda de uma mesa... Eu não estava lá... não pude evitar que ela...

O paramédico trabalhou sem parar em minha garota, colocando uma intravenosa e Deus sabe o que mais. A ambulância saiu voando

pela cidade, mas eu nunca soltei a mão da minha garota. Ela tinha me pedido que não a deixasse; era uma promessa que não quebraria.

— Sua noiva sofreu um duro golpe no estômago e isso causou um dano irreparável à placenta e lamento ter que lhe dizer isto, mas ela perdeu o bebê. Também encontramos evidência de uma hemorragia interna e estamos nos preparando para cirurgia neste instante.

Eu não sabia como lidar com isso. Tinha perdido todo sentimento.

— Ela vai sobreviver? — disse com voz áspera, minha voz rouca de tanto chorar.

— Faremos todo o possível, filho. Alguém estará fora para te manter informado de seus progressos. — com isso, o médico me deixou sozinho em um quarto vazio enquanto ele saiu correndo para arrumar a minha garota. Ele poderia ser capaz de reparar seu corpo, mas demônios se sabia como estaria sua mente quando acordasse.

Uma luz chamando na porta piscou, mas não podia olhar para cima, muito fascinado pelo padrão salpicado no piso de linóleo.

— Rome. — uma voz de mulher gritou e a reconheci como pertencente a Ally.

Ela envolveu seus braços ao redor dos meus ombros e soluçou incontrolavelmente. Ficamos assim por um tempo, todos os meus amigos chorando, abraçando-me. Mesmo Austin, a pessoa mais forte que conhecia, desmoronou, abraçando Lexi depois. Quando não havia mais lágrimas para derramar, cada um pegou um assento na sala e nos sentamos em silêncio.

— Bala, não consigo dizer o quanto eu sinto, homem. Entregaram um bilhete a Molly e a mim dizendo para levá-la ao banheiro. Pensamos que era seu. Não posso deixar de me culpar. —

Cass esfregou suas costas enquanto as lágrimas corriam por seu rosto.

— O que dizia? — perguntei com cansaço.

Ally veio para frente com os olhos voltados ao chão com nervosismo.

— Consegui falar com Shelly antes de sair. Sua mamãe planejou isso, querido. Pelo que parece, ela queria assustar Molly para sempre. Shelly admitiu que disse à sua mamãe a respeito dos bilhetes que mandava para Molly antes de um jogo e enquanto seu pai te segurava falando de futebol, utilizou isso para ficarem a sós.

Eu percebi Jimmy jogando sua cabeça em suas mãos diante dessa pequena informação, explicando:

— O bilhete dizia que você se encontraria com ela na biblioteca, que precisava de um descanso da festa e que Molly se encontrasse com você lá. Nunca duvidei que fosse seu, nem por um segundo.

O olhar compreensivo de Ally aterrissou em Jimmy, que estava em prantos, mas conseguiu continuar.

— Aparentemente, sua mãe começou a dizer a Molly que fosse embora, que tinha um detetive particular que descobriu algumas coisas realmente desagradáveis sobre o passado de Molly e ameaçou usá-lo contra ela. Não funcionou. Molly não se alterou, mas quando tia Kathryn começou a falar merda sobre você, Molly reagiu em sua defesa e isso foi quando sua mãe a atacou. Ela estava bêbada de novo. Molls caiu sobre a mesa e, bom, sabemos o resto. Seus pais não estavam em nenhuma parte depois. A polícia quer falar com sua mãe, mas ela está completamente desaparecida.

Se não estivesse tão insensível, teria arrebentado toda a sala, mas mesmo a minha ira, desta vez, não foi suficiente para fazer com que meu corpo se movesse. Minha mãe investigou merda sobre ela?

O mais provável era que fosse a respeito de seu pai e sua avó já mortos. Prometi a mim mesmo, nesse momento, que se alguma vez voltasse a vê-la, ela me pagaria. Cristo, tudo isto aconteceu porque minha garota me defendeu. Não gostava que me fizessem sentir ainda pior. Tinha perdido nosso anjo por minha culpa...

— Eu os odeio. Malditamente, eu os odeio muito. — sussurrei quase quebrando os lados da cadeira de plástico com meu aperto. — Eles estão mortos para mim. Condenadamente a dois metros debaixo da terra, mortos.

Meus amigos, em silêncio, disseram-me que estavam completamente de acordo.

Capítulo 28

Depois de várias horas e uma quantidade estúpida de café, uma enfermeira vestindo roupa cirúrgica rosa entrou na sala. Congelei e prendi a respiração enquanto meu coração tentava confrontar o medo sufocando meu corpo.

— Rome? — perguntou a enfermeira enquanto procurava na sala. Levantei e ela veio até mim. — A Srta. Shakespeare conseguiu sair da cirurgia e está estável na UTI. Conseguimos reparar a ruptura estomacal que sofreu e fazer uma transfusão para repor a perda de sangue do aborto involuntário.

— Eu posso vê-la? — perguntei a ela desesperado. Eu tinha que estar lá quando ela acordasse.

— Logo. Enviarei alguém para te buscar.

Depois que a enfermeira saiu, deixei-me cair para trás na minha cadeira e escutei os suspiros de alívio de meus amigos.

— Ela vai ficar bem, Rome. — disse Ally enfaticamente tentando, com o maior maldito esforço, ser positiva.

Assentindo lentamente, respondi:

— Seu corpo pode curar, claro. Mas ainda tenho que lhe dizer que perdemos o nosso bebê, e posso garantir a você agora, ela vai ficar tudo, exceto bem quando souber.

O silêncio se instalou novamente.

Enquanto eu entrava no pequeno quarto do hospital particular, tive que me segurar no batente da porta para não cair de joelhos. Tubos e cabos saíam de sua pele pálida, sombras profundas e escuras pendiam debaixo de seus olhos e parecia tão pequena e quebrada afundada sob uma massa de algodão branco.

Eu me concentrei no ritmo constante do monitor de seu coração para controlar minha respiração e, lentamente, me movi para a cama beijando a bochecha fria de Molly. Puxando uma cadeira ao seu lado e segurando sua mão na minha, comecei a espera para que ela acordasse.

Devia ter adormecido e uma mão acariciando meu cabelo me despertou do meu sonho. Convencido que estava sonhando, assustei-me quando uns olhos dourados confusos se fixaram em mim, a mão de Molly fracamente caindo sobre seu estômago.

— Romeo? Por acaso... por acaso...?

Eu sabia o que ela estava perguntando, mas minha voz desapareceu pela dor, por isso simplesmente assenti olhando a agonia de merda se instalar em seu formoso rosto pálido e as lágrimas começarem a verter de seus olhos.

Depois de perder a minha garota por dias, precisando dela para compartilhar minha dor, inclinei-me sustentando seu corpo debilitado em meus braços e sussurrei:

— Eu sinto muito... isso tudo é culpa minha.

Mas Molly sendo Molly não ouviria aquilo e me puxando para o colchão ao lado dela, garantiu-me que não havia nada que eu pudesse ter feito quando eu disse que a tinha decepcionado. Expliquei a ela o que aconteceu, o bilhete, Shelly, minha mãe, tudo e, com cada frase, ela tornou-se cada vez mais distante.

Durante o próximo par de dias, Molly gradualmente se fechou em si mesma. Não comia, mal falava, e quando não estava dormindo, ficava olhando fixamente para o teto, me ignorando e aos nossos amigos. Os meninos vieram vê-la e fizeram o possível para animá-la, mas os olhares preocupados que me deram me mostraram que sabiam que Molly estava fodidamente deprimida. Não sabia que demônios fazer para tirá-la disso.

Eu não podia suportar, dia após dia ficando naquele maldito hospital, vendo Mol se afogar na miséria, vendo as horas se converterem em dias e a minha garota deixando que a dor a despedaçasse. Assim quando chegou o médico e nos disse que Molly estava tendo alta, eu estava tão malditamente feliz, pensando que uma vez fora da prisão do quarto de hospital, ela começaria a curar, começaria a me ajudar a curar também. Eu estava ocupado empacotando sua bolsa quando uma mensagem apareceu em meu celular. Treinador:

"Rome, odeio te pedir isto, mas realmente preciso de você no show desta noite. Não teve que vir por um tempo, mas você tem que estar aqui para a equipe, para a imprensa".

Suspirando e beliscando meu nariz, amaldiçoei internamente. O treinador tinha sido incrível ultimamente, mas o x da questão era que o futebol não se detém por ninguém e a perda do nosso bebê não mudaria o fato de que o campeonato estava bem próximo.

— O que foi? — perguntou Mol da cama.

Eu me virei para vê-la me olhando com sua indiferença habitual e lhe respondi:

— É o treinador. Precisa de mim para participar de um jogo para caridade no estádio esta noite. Eu perdi um monte de partidas de preparação e precisa que o *quarterback* esteja ali para mostrar que estou com a equipe todo o caminho para o campeonato.

— Então vá.

Eu congelei e deixei cair a bolsa cheia no chão.

— Não posso deixar você assim.

— Sim, você pode. Estou cansada de qualquer maneira. Eu preciso dormir.

A ira se filtrou em meus músculos. Eu tinha terminado com esta maldita impostora deitada na cama fingindo ser minha garota. Quase não a reconhecia. Eu queria a velha Molly de volta. Aquela que riria comigo, aquela que faria tudo melhor... a que malditamente me amava. Eu tinha suportado sozinho há vários dias, suprimindo minha dor para apoiá-la, mas não podia mais fazer isso e, perdendo o controle para minha ira, eu bati com o punho na parede.

— Pelo amor de Cristo, Mol! Como pode estar cansada? Você dormiu durante dias, sem fazer nada durante dias! Eu entendo que passou por uma cirurgia, mas os médicos disseram que deveria estar se sentindo muito melhor agora. Você tem que seguir em frente, Shakespeare. Você precisa por o inferno para fora! Eu tentei, estive tentando ser paciente, mas já chega! Perdi um bebê também, não só você. Mas você me bloqueia, deixa-me de fora e age como se eu fosse um maldito estranho para você. Eu era o pai, pelo amor de Deus! Não posso fazer isso sozinho. Tenho muito em que pensar, sobre você estar assim, orientar a equipe no campeonato, as esperanças de todo um estado em minha cabeça. Eu preciso que me ajude, Mol, não se afogue em sua própria maldita miséria. Quem está me apoiando? Eu estou de luto também!

Seus olhos sem vida me olhavam sem enxergar e o puro desespero apareceu enquanto alcançava a cama, toda a gentileza desaparecida. Pressionei meus lábios nos dela, de forma agressiva, áspera e como normalmente nós gostávamos. Mas seus lábios não se moveram. Foi como beijar um maldito cadáver.

Eu estava assustado.

Quando a vi no chão, coberta de sangue na casa de meus pais, tinha ficado assustado. Quando soube que tinha que dizer a ela que nosso bebê tinha morrido, fiquei assustado, mas o medo de que a garota que eu amava, a garota que me salvou, estava perdida para sempre, me tinha em pânico.

— Pelo amor de Deus! Por favor. Por favor. Está me assustando como o inferno! Você tem que começar a lidar com isso, lidar com tudo o que aconteceu — eu implorei. Mas ela se virou, não querendo escutar... e pareceu como que estivesse morrendo uma morte lenta e dolorosa.

— Não pode nem suportar me ver, não é verdade?

Suas costas se enrijeceram. Virando-se para me olhar, com a ira pura distorcendo suas feições, ela gritou:

— Aqui! Eu estou te vendo! Diga-me, Rome, como você gostaria que eu lutasse? Como lutar contra o fato de que sua mãe matou a porra do meu bebê?

E aí estava... *meu bebê*. Ela já não nos via juntos... Já não estávamos juntos nisto.

— *Nosso* bebê, e não se esqueça nunca disso. Eu estive com você todo o caminho até o final... ainda estou! Ainda estou fodidamente aqui tentando tirá-la do inferno!

Mas não havia nada, nem um vislumbre de compreensão em seus olhos. Ela havia desistido da gente e, nesse momento, não me importava tanto. Tinha terminado com tudo este maldito ano.

— Quer saber? Foda-se! Estou fora!

Eu participei do jantar que fui solicitado e horas mais tarde me encontrei abrindo caminho pelo hospital, só para descobrir que minha garota não podia ser encontrada em lugar nenhum. Sentado em seu quarto vazio, uma coisa estava totalmente clara: Molly tinha desistido.

Ela tinha me deixado. Tinha fugido.

Capítulo 29

No presente...

— Meu Deus, Rome. — sussurrou Ally secando os olhos. — Nunca soube... nunca percebi que ambos passaram por tanta coisa. Quanto significam um para o outro. Protegendo um ao outro.

— Sim. — disse com voz rouca. — Agora você sabe. — eu me virei para Ally, que estava olhando ao redor do quarto mordendo seu lábio com preocupação.

— Nós precisamos encontra-la, Al. E se ela fizer algo estúpido? Não está pensando bem. Não esteve fazendo durante dias.

De repente, sua mão bateu no meu braço e apontou para a parede.

— Rome, olhe para a data no calendário de Molly.

— Vôo para Heathrow. Apresentação em Oxford. — li em voz alta.

Merda. Ela retornou a Inglaterra para a apresentação em que estava trabalhando. É claro. A professora Ross tinha sido a pessoa do automóvel no hospital. Mas o voo tinha saído fazia tempo. Ela tinha ido embora há muito tempo. Imediatamente, pulei da cama planejando meu próximo passo.

— Aonde vai? — perguntou Ally freneticamente.

— Para Oxford. Eu preciso trazê-la de volta.

A mão de Ally agarrou meu braço.

— Você não pode, Rome! O que acontece com o campeonato nacional? Poria em perigo o projeto. Não pode ir. É sobre todo o seu futuro que estamos falando aqui!

Deixei sair um grito gutural e derrubei a parte de acima da cômoda de Mol com meu braço, observando toda sua merda cair no chão, e logo me virei para encarar Ally mais uma vez.

— Não, aí é onde você está errada! Molly é minha maldita vida, meu maldito futuro! E justo agora, ela está em voo, direto para o aeroporto de Heathrow, morrendo fodidamente por dentro graças a mim e por causa de minha mãe psicopata! Que se foda o campeonato!

Pela primeira vez em nossas vidas, pude ver que tinha assustado Ally. Pude vê-lo em seu rosto pálido; sua pele normalmente cor oliva se tornou branca com o choque. Passando minhas mãos através do meu cabelo, deixei cair meu traseiro na borda da mesinha de cabeceira.

— Merda, Al. Eu sinto muito. Sinto muito... só estou fora de mim. Não sei que diabos fazer. — isto não era bom; as lágrimas com que estava brigando começaram a se derramar fora de mim. Meus ombros se estremeceram e enterrei meu rosto em minhas mãos.

Os braços de Ally me consolaram enquanto eu deixava tudo sair.

— Isto é o que penso, Rome. — ela fez uma pausa esperando que eu falasse, mas não pude. — Eu digo que devemos sair daqui agora e ir para casa dos meus pais em Birmingham. Estava previsto que saíssemos em um par de dias para o Natal de qualquer maneira. — Eu fiquei tenso e ia discutir, mas ela continuou. — Dê a Molls um pouco de tempo. Ela retornará. Eu sei que fará. Nunca vi um casal como vocês dois. São perfeitos juntos. Basta deixa-la digerir tudo. É

sensível, necessita de tempo para curar. Ligue para o treinador. Diga a ele que vai tirar uns dias livres, depois você retorna para treinar e ganhar o campeonato nacional. Se ela ainda não tiver retornado, então você faz alguma coisa. Diabos, eu voarei para a Inglaterra com você se for necessário.

Eu sabia que ela tinha razão, mas mesmo passar um dia afastado da minha garota, sem escutar sua voz, ia me matar. Merda! Como tudo começou a dar tão errado? Não podia deixar de pensar em meus pais e no que fizeram. Ano após ano de abuso passou diante dos meus olhos e me odiei por nunca ter lutado. Eu queria machuca-los como eles tinham me machucado, ferido Mol... a nosso bebê! Minhas palmas se sentiam como se estivessem ardendo e minhas mãos se fecharam em punhos.

— Rome? — disse Ally nervosamente.

— Não posso ir! — gritei. Ally cautelosamente retrocedeu através do quarto. — Tenho que encontrar meus pais. Eles têm que pagar pelo que fizeram!

— E onde vai procurá-los?

— Eu não sei. Em todos os lugares. Não posso simplesmente não fazer nada. Eles me tiraram tudo... Tudo!

Ally se moveu bem em frente a mim, o pânico por todo seu rosto.

— Rome, eu entendo a necessidade de justiça, de verdade, mas seja racional. Deixe que a polícia faça seu trabalho. Eles serão encontrados e irão lidar com isto da maneira certa.

— Al... — sussurrei, incapaz de encontrar minha voz.

— Prometa-me isso. Não os deixe arruinar sua vida nunca mais. Se você for atrás deles, vai terminar em problemas. Eu te conheço, Rome. Você vai perder.

— Maldita seja, Al! — reclamei, mas deixando cair meus ombros, contra minha vontade assenti com a cabeça. — Tudo bem, vamos para Birmingham, mas... vamos agora, antes que eu mude de ideia.

Ally colocou sua mão em meu ombro timidamente.

— Vamos fazer nossas malas e pegar diretamente à estrada. Eu vou dirigindo.

Eu fiquei atordoado e, resistentemente, abandonei o dormitório de Mol seguindo Ally até seu quarto enquanto ela reunia suas coisas. Em todo lugar que parava me sentia sufocado, então fui à varanda para pensar. Foi uma péssima escolha; aqui foi onde Mol e eu realmente nos conhecemos. Foi o começo para nós.

Depois de uns dez minutos, houve um toque com pânico na porta e Lexi e Cass entraram correndo, seus rostos caindo quando me viram do lado de fora, olhando para elas fixamente.

— Olá, Rome. Perdoe-nos. Não sabíamos que estaria aqui. — disse Lexi. Não respondi. Simplesmente me virei e continuei a olhar para as árvores lá fora mais uma vez.

— Onde está Molls? — sussurrou Cass tentando ser discreta, mas seu forte acento texano soava como uma sirene de nevoeiro em um quarto tranquilo.

— Foi embora. — sussurrou Ally, por sua vez, fazendo que todos meus músculos se tencionassem.

— Jesus! Aonde ela foi? — perguntou Cass, sua própria ira se infiltrando através de suas palavras.

— Aonde quer que esteja, iremos encontrá-la! Vamos agora!

— Muito tarde, Cass. Parece que ela voltou para Oxford, pegou um voo à noite, quando saiu do hospital com a professora —Informou Ally, e pela primeira vez naquela noite, a ouvi triste e observei-a cansada.

Alguém falou, e logo a voz suave e fraca de Lexi nos interrompeu.

— Pobre Molly, o que deve estar sentindo? Quero que volte para onde tem amigos. Quero abraça-la, consolá-la e lhe dizer que tudo vai ficar bem. Não é a toa que ela se foi. Como ela poderia lidar com tudo o que aconteceu?

— Comigo! — gritei, quase involuntariamente, e virei para enfrentar nossos amigos traumatizados. A pesada maquiagem de Lexi estava explodindo por seu rosto, seu lábio inferior tremendo enquanto me olhava, com os olhos arregalados.

— Sinto muito, Rome, eu...

— Ela me tinha! — gritei de novo, aproximando-me delas com fúria. Ally ficou na minha frente, tentando me parar com suas mãos apoiadas em meu peito. Eu a joguei para o lado, gritando por cima do ombro.

— Fomos feitos para passar por toda essa merda juntos! Ela me prometeu uma e outra vez! Estou tão puto com ela! Estão todos aqui parados chorando, mas ela fugiu de vocês também. Deixou todos nós! Tem quase vinte e um anos e ainda foge quando a merda bate no ventilador! Deveria ter ficado maldição, ficado e tentado superar a morte do nosso filho comigo!

Lexi e Cass estavam paradas, com os pés cravados no chão, lágrimas escorrendo por seus rostos. Eu senti um pouco de culpa, ao ver uma Cass confusa e chorosa. Mas eu estava além da raiva, preso no maldito limbo, incapaz de ver além de minha própria dor.

A porta abriu-se de repente, e Jimmy e Austin entraram. Austin me olhou enquanto Jimmy envolvia Cass em seus braços, com as sobrancelhas levantadas em confusão enquanto registrava a cena ao seu redor. Austin puxou Lexi para junto dele, segurando seu rosto, e

logo se virou para mim, sua boca apertada. Ele estava com raiva de mim também?

Perfeito.

— Rome, você precisa se acalmar e deixar de assustar as garotas — falou Austin com calma, mas eu conseguia ouvir a pesada ameaça em sua voz.

— Vá para o inferno, Austin. Você não tem nenhuma ideia do que estou passando — falei, movendo-me para sair dali.

Seus olhos escuros pareceram escurecer ainda mais, e ele agarrou meu braço. Olhei para a mão enrolada ao redor do meu bíceps e apertei minha mandíbula.

Austin me observava, cambaleou para trás ligeiramente, mas disse entre dentes:

— Você tem razão, eu não tenho, nenhum de nós tem, mas não trate Lexi como merda porque Molls te deixou, certo?

Isso me fez parar, e Lexi baixou sua cabeça envergonhada, evitando meu olhar.

Eu não podia me preocupar uma merda com o que estava acontecendo entre os dois neste momento.

Liberando meu braço, olhei para Ally e perguntei:

— Você está pronta?

Ela assentiu, esgotada, e se dirigiu aos nossos amigos:

— Vamos para casa dos meus pais. Todos vocês tenham um bom natal, nos veremos quando voltar. — Ela abraçou cada um, mas eu só passei junto a eles para a porta. Não estava exatamente muito cheio de espirito Natalino.

Uma mão posou em meu ombro.

Austin.

— Está bem, homem? — perguntou ele, já passada a raiva, e sim preocupado. Merda. Este era Austin, meu maldito melhor amigo. Assenti que não com a cabeça.

— Ela vai voltar — ele me garantiu.

Olhei em seus olhos, em seguida para Cass e Lexi.

— Olha, antes de... — Austin segurou meu rosto entre suas mãos, interrompendo-me no meio da frase.

— Sem desculpas. Só tira a merda fora daqui e consiga se endireitar. Temos um campeonato para correr atrás, e você precisa estar em sua melhor forma. — ele falou e me deu um sonoro beijo siciliano em minha face.

Dando um passo para trás, corri pelas escadas, passando por todas as amigas da irmandade de Mol que me olhavam com pena. Atravessei o ar frio do inverno do lado de fora, indo diretamente para o Mustang.

Ally chegou uns segundos depois, e em silêncio, fomos para a minha casa da fraternidade. Reuni algumas roupa, liguei para o meu treinador, e pegamos à estrada.

Destino: Birmingham.

Capítulo 30

— Rome, chegamos. – Escutei Ally falar do meu lado enquanto o motor do Mustang crepitava até parar. No inicio estava desorientado, mas logo lembrei... Tudo... E essa dor intensa que tinha diminuído, embora só fosse por um curto período de tempo durante o sono, perfurou de volta meu peito como vingança. Tomando uma respiração profunda abri a porta do passageiro, sorri para tia Alita, que corria da pequena casa rural, com seus braços estendidos, lágrimas escorrendo por seu rosto, gritando — Rome, meu Rome! Vem aqui, vem aqui!

Rompendo em pedaços contra meu peito e apertando seus braços ao redor de minha cintura, minha pequena tia espanhola chorou e chorou na minha camisa. O nó em minha garganta se expandiu com seu imenso amor. Assim era como devia ser uma mãe - educadora, protetora, carinhosa - e esse pensamento destroçou ainda mais meu coração. Embora nosso filho não tenha nascido, sei que Molly teria sido todas essas coisas para ele.

Recuando, tia Alita perguntou:

— Meu querido, você está bem? — falou com seu forte sotaque. Ai, Deus mío[14]! Que tragédia. Que o Senhor castigue a seus pais por tanta crueldade!

[14] Ai meu Deus. (Em espanhol)

Meu tio saiu à pequena varanda, chamando minha atenção, um olhar simpático em seu rosto, com o cenho franzido. Seu rosto era muito semelhante ao do meu pai para trazer algum conforto.

— Mamãe! Vamos — Ally disse, revirando os olhos em minha direção, levando sua mãe para dentro da casa.

Com uma respiração profunda, me virei para o meu tio, ficando rígido quando ele descansou sua mão sobre meu ombro. Imediatamente a levantou no ar.

— Sinto muito, filho. Esqueci como me pareço com seu pai.

— Não, está tudo bem. É que não estou acostumado que pessoas me toquem, isso é tudo. E sim, você se parece muito com ele e às vezes isso é estranho.

Tio Gabe sorriu tristemente.

— Espero que só no físico? — Colocando sua mão na parte de atrás da minha cabeça, me aproximou — Esse homem é mau, Rome. Sabia que ele não era um bom homem. Inferno, mesmo crescendo era um idiota, mas para ambos, tanto sua mãe como seu pai, fazer o que eles têm feito ultimamente... Bem, eu nunca poderia ter acreditado que ele era capaz de tal comportamento.

Soltando uma risada sem humor, falei:

— Sim, bem, estou certo que a família de Charles Manson pensava o mesmo dele também. Alguns pais simplesmente nascem para ser maus e ninguém pode detê-los.

Os olhos castanhos de Tio Gabe brilharam, uma expressão torturada em seu rosto.

— Deveria ter feito mais por você, te afastar de tudo... Lutado mais duro por você. Eu o decepcionei. — Houve uma pausa em sua respiração antes de sussurrar — Falhei tanto com você, filho.

Afastando-me do seu abraço, eu respondi:

— Não, você não fez. Meus pais conseguiram fazer essa merda sozinhos, e todo mundo está culpando-se por suas ações. Mas não há ninguém para culpar, a não ser eles. Por razões que só eles sabem, desfrutam destruindo as pessoas, pessoas que deveriam ter amado.

Os olhos de tio Gabe brilhavam, e pondo seu braço ao redor dos meus ombros, guiou-me à pequena casa e falou:

— Bem, parece que o carma pode já ter cobrado por suas ações do passado.

Parando por completo, perguntei rapidamente:

— Do que você está falando? — Caminhando para dentro da casa, meu tio apontou para a televisão.

— Está em todas as notícias. Inferno está em todas as partes...

Com o coração acelerado, corri para a sala onde Ally e tia Alita estavam sentadas no sofá, com os olhos grudados na tela.

Últimas notícias: a noiva do quarterback dos Tide sofre um aborto em meio de um escândalo de lavagem de dinheiro do príncipe do petróleo.

Minha mente cansada correu a toda velocidade para assimilar todas as imagens. Mostraram Molly em uma maca sendo levada a uma ambulância, comigo segurando fortemente sua mão, seu vestido e meu terno branco cobertos de sangue.

O jornalista falou em profundidade sobre o incidente e a notícia de última hora, de como minha mãe agrediu Molly no hospital e como tinha sido presa pela agressão. Continuando, uma previa da edição de amanhã cobriu a tela com a mesma maldita imagem e os apresentadores passaram a falar sobre a noite do jantar e como Molly tinha abortado depois. Enfureceu-me que nem sequer sabiam falar de como ela mudou a minha maldita vida, de como tinha sido

brutalmente privada de ser a melhor mãe da Terra, e como era a pessoa mais importante no mundo para mim porra.

A próxima imagem era do meu pai algemado, sendo levado de sua casa. O habitual sorriso arrogante estava em seu rosto, sem alteração, enquanto a polícia o colocava na viatura. A câmara voltava para os apresentadores, que passaram a discutir a enorme quantidade de dinheiro que meu pai estava lavando dos lucros de sua própria empresa para cobrir o que parecia ser alguns investimentos de baixa qualidade. Eles suspeitavam que meu pai devesse a algumas pessoas uma grande quantia de dinheiro e que tivesse esgotado sua parte dos lucros da Prince Oil no ano passado. A única parte que estava em estado financeiro rentável pertencia a Martin Blair, que ainda tinha que fazer uma declaração.

E então percebi. O casamento. Meu casamento arranjado com Shelly teria lhe dado acesso ao dinheiro de Martin Blair segundo o acordo que ambos tinham feito. O bastardo! Os Príncipes do Alabama teriam estado sem um centavo...

Arruinados.

Dinheiro. Sempre se tratou da Porra do dinheiro!

Pondo-me em pé, fiz um movimento em direção a porta, mas uma mão em meu ombro me parou. Lutei para escapar.

— Vá! Rome acalme-se, filho! — Tio Gabe falou, recuando. Ally e tia Alita, ambas estavam com os olhos arregalados e nervosas ao me ver desmoronar.

Agarrando meu cabelo com fúria, soltei um grito e sai da sala, desculpando-me uma e outra vez.

— Sinto muito, sinto muito... Eu só... Tenho que sair daqui... Preciso de ar...

Saí na noite fria, chutando algo no meu caminho: a churrasqueira, cadeiras, Cristo, cada vaso de barro cuidadosamente arrumado com plantas que pude ver, e soquei meu punho esquerdo contra a grande parede do pátio, sentindo-me insensível à pele rasgando-se no impacto.

Toda a merda que eu tinha passado este ano era porque meu pai estava endividado até sua maldita medula? Minha garota e meu anjo não nascido destruídos por causa da ganância dos meus pais! Eu não aguentava mais. Não podia suportar mais dor ou decepção.

Estava me afogando, afogando-me na miséria do caralho.

Sentando em uma cadeira do jardim, peguei meu celular. Molly ainda estaria no ar enquanto voava para o inferno longe de mim e a queda do Império Prince, mas tive que ligar. Precisava ouvir sua voz; era a única coisa, além de seu toque, que me acalmava. Discando seu número, meu coração deu um salto quando seu correio de voz imediatamente reproduziu:

Oi! Você ligou para Molly. Sinto muito, não posso atender agora, mas se deixar seu nome e número depois do sinal vou retornar para você quando puder.

Terminando a chamada, disquei outra vez... E outra vez... Abaixando minha cabeça e meu coração quebrando com seu sotaque Inglês. Depois da quinta vez escutando sua mensagem, finalmente falei:

Mol. Há uma história no jornal. É sobre nós... Sobre a perda do nosso anjo. Jesus, Mol, há uma foto de você. Meu coração está quebrando e você não está aqui. Minha mãe foi presa por agressão; meu pai foi preso por lavagem de dinheiro. Por favor, me ligue. Diga-

me onde você está. Tudo está fodido. Estou ficando louco sem você. Eu te amo. Por favor, volta para mim.

Não desliguei até que a linha ficou muda, então sucumbi a toda dor que me fazia em pedaços e que eu não podia mais conter. Deixei escapar soluços devastadores. Não conseguia respirar, não conseguia parar o tremor do meu corpo. Estava completamente destruído.

Segundos depois, senti um braço envolver ao redor de meus ombros e automaticamente me encolhi e me movi para levantar. Fortes braços me obrigaram a permanecer sentado, e enquanto olhava através de meu cabelo bagunçado e olhos atormentados, tio Gabe me empurrou para seu peito, acariciando meu cabelo suavemente.

— Tudo bem, filho, despeje tudo. Não lute contra isso.

Rendendo-me ao consolo do seu apoio, me agarrei a sua camisa, admitindo:

— Não posso mais fazer isso. Não posso ficar sem ela. O que eu vou fazer? E se ela não voltar para mim?

A voz tensa e áspera de meu tio respondeu:

— Shh, filho. Tudo vai ficar bem. Nada disto é sua culpa. A perda de seu bebê não deveria estar em sua consciência.

A raiva correu por minhas veias e eu a agarrei:

— Foi, no entanto, tudo minha culpa! — Meu rosto estava úmido com muitas lágrimas e, abandonando minha última resistência, me afundei e falei angustiado: — Todo mundo me abandona. Ninguém tem fé em mim. Nunca sou o suficiente... Nunca fui o suficiente para ninguém... O que é que faço para que todos me abandonem...? O que é o que faço para que não possa ser amado o suficiente para ficarem comigo?

Meu tio me apertou em seu abraço e se moveu para minha frente para tocar em minhas bochechas.

— Você é o suficiente! Não é sua culpa, você está ouvindo?

Sacudi minha cabeça em desacordo e fechei meus olhos, mas a maldita tormenta de lágrimas não parava... Raiva e pena eram as únicas emoções que ficavam.



Capítulo 31

Acordei com um sobressalto, me sentando na cama, suando, ofegando, e a porra do meu pau duro em minhas boxers. Minha mão tateou o meu lado, procurando por Mol, mas o lugar a minha esquerda estava vazio. OH, sim. Ela tinha ido e era minha terceira noite na casa de meu tio... Sozinho.

Olhei ao redor do quarto desconhecido, jogando uma olhada ao relógio do meu lado: três da manhã. Merda. Meus pensamentos estavam imediatamente na minha garota, sabendo que ela já estaria acordada e pronta para seu dia em Oxford.

Ela estaria com saudades? Queria voltar para casa?

Caindo no colchão, grunhi e fechei meus olhos, mas as repetições das imagens de meu sonho eram uma lenta tortura, uma tentação. Queria que a lembrança de fazer amor com a minha garota fosse real, queria sentir mais uma vez como era estar dentro dela, sentindo seus seios contra meu peito, nos movendo juntos, mãos entrelaçadas, perdido nela, salvo por ela.

Fechando meus olhos, minhas memorias se chocaram dentro de mim como uma porra de um caminhão, mas as abracei. Queria lembrar...



— Romeo, O que você está fazendo? A festa... Vocês acabam de ganhar o Campeonato da SEC, deveria estar com sua equipe... — Molly ofegou em meu cabelo enquanto eu a segurava contra a parede do meu quarto. Assim que a porta se fechou, comecei a puxar para baixo sua calcinha.

Levantando a saia do seu vestido, envolvi suas pernas ao redor da minha cintura. — Eles me tiveram todo o dia nesse fodido desfile, me exibindo pela cidade. A imprensa escutou tudo o que tenho a dizer. Agora é tudo a respeito de você e de mim, e afundar meu pau na minha pequena buceta doce — falei lentamente, esfregando o dedo ao longo de seu clitóris.

— Rome!

Voltando à realidade e gemendo de necessidade, estendi minha mão para baixo, acariciando o comprimento do meu pau, tentando lembrar tudo: como me sentia ao estar perto de minha garota, como seu rosto ficava à luz da lua enquanto a penetrava contra a parede. Estava desesperado, procurando alguma conexão com um momento em que as coisas não estivessem tão cheias de merda...

Liberei meu pau da minha calça jeans e o guie para o centro quente de Mol.

— Está preparada, querida? Está molhada e pronta para mim?

— Sim!

Passei a ponta ao redor de seus lábios quentes e molhados, provocando, sentindo seu impulso para baixo em sinal de frustração.

— Mmm... Deveria apenas esperar até que você precise um pouco mais.

— Rome! Não! Por favor...

Sorri quando ela inclinou seu quadril para à direita, e com um golpe rápido, empurrei-me até o punho.

Cristo me sentia tão bem.

Molly agarrou a minha nuca enquanto pressionava beijos ao longo do meu pescoço, seus mamilos duros pressionavam meu peito.

— Porra, baby, esta tão apertada.

— Mais duro, Rome, me fode mais duro... — implorou.

Dando-lhe o que precisava eu a golpeei contra a parede, as batidas rítmicas das suas costas contra a parede de gesso soando com cada investida.

— Haa... Rome... Estou... Estou... — Tentou falar enquanto gritava contra meu pescoço, seu apertado canal ordenhando meu pau.

— Mol... Mol! — falei com voz rouca enquanto gozava, agarrando as pernas de minha garota e sustentando-a fora do chão com meu peito.

Retirando-me do seu interior, Molly me deu seu sorriso brilhante.

— Deveríamos voltar para a festa agora. As pessoas estarão se perguntando onde estamos.

Sorrindo de volta, eu disse:

— Está bem. — E me inclinei para lhe sussurrar no ouvido — mas não coloque a calcinha. Há mais paredes que estou querendo experimentar...

Eu fico olhando para o teto, respirando rápido com sêmen no meu estômago, sentindo uma maldita lágrima deslizar pela extremidade do meu olho. Não poderia ter essa sensação de satisfação de volta, me masturbando como um louco desesperado no

meio da noite só para conseguir algo que nem sequer se aproximava do que compartilhamos.

O que Mol e eu compartilhamos não foi apenas uma foda; nunca fui de fazer amor. Era fodidamente uma experiência, uma surreal afirmação de vida, e o medo tomou conta de mim no pensamento de não ter isso de novo.

Sim, a nossa maneira não era doce, era intensa, mas não fez a nossa conexão menos real. Na verdade, fez justamente o contrário. Nesses momentos éramos exatamente quem estávamos destinados a ser, e não tínhamos vergonha de expor esse nosso lado entre nós. Encaixávamo-nos como um maldito quebra-cabeça.

Sentindo-me como se tivesse levado um golpe no peito em lugar de reviver uma lembrança feliz, sentei-me com as costas retas, colocando minhas pernas fora da cama, com a cabeça caindo em minhas mãos. Minha promessa para minha garota me atormentava. Vou ter a certeza de que tenhamos o nosso feliz para sempre... O inferno que vou. Ela conseguiu um maldito pesadelo, e ela, não, nós continuamos presos nesse maldito inferno.

Andando para o banheiro, liguei a ducha, deixando que a água quente caísse sobre minha cabeça. Ensaboando-me, olhei fixamente para a tatuagem em meu quadril. "Um Dia". Voltei a pensar no dia em que a fiz, no dia que falei para meu pai que tinha conseguido a bolsa de futebol da Universidade do Alabama e deixei a casa no final do ano letivo. Eu ia jogar para Os Tide. Foi o dia mais feliz da minha vida, ou tinha sido até que conheci Mol. Essa tatuagem era o símbolo da minha liberdade, da minha intenção de chegar o mais longe possível.

Desligando o chuveiro, me sequei e sentei na cama. O relógio agora marcava 04:00 horas: só uma porra de hora tinha passado.

Pegando meu celular, encontrei o único número que valia a pena saber. Recostando-me na cama, ouvi a saudação do correio de voz que me fez companhia na maioria das noites, e em seguida falei:

— Oi, baby, só pensei em te ligar. São quatro da manhã e não consigo dormir... de novo. Sonhei com você esta noite... Deus, eu sinto sua falta. Estar longe de você está me matando. Volta para mim Shakespeare. Preciso de você. Sinto que estou ficando louco. É Natal amanhã, pelo amor de Deus. Você deveria estar aqui como tínhamos planejado, estando comigo, não na maldita Inglaterra por sua conta. Se você não pode ou não quer falar, está bem, mas me deixe saber que está tudo bem, texto, e-mail, apenas alguma coisa para saber que você está bem.

O bipe me interrompeu, fazendo saber que tinha acabado meu tempo, e jogando meu celular no chão, me recostei, fechei os olhos e deixei que mais lembranças me rasgassem em pedaços.

Capítulo 32

Tinha razão em voltar para Tuscaloosa. Talvez tivesse sido apenas um dia depois do Natal, mas eu estraguei a maior parte das férias para minha tia, tio, e Ally. Ao saber da notícia no Natal que minha mãe estava sendo colocada em liberdade sem acusações por sua agressão a Molly no hospital, com uma simples ordem de restrição emitida pelo tribunal e um programa de reabilitação como sua única punição, foi uma completa droga. A notícia me fez ficar tão puto da vida que não poderia me sentar mais à mesa do jantar, comemorando a alegria do Natal, quando minha mãe se livrou de seus crimes, e eu ainda não tinha notícias de minha garota.

Tio Gabe tentou ajudar, perguntando à polícia sobre o fato de minha mãe ser a causa do aborto involuntário de Molly e o porquê não estava sendo responsabilizada por isso. Mas o fato era que minha mãe não sabia que Molly estava grávida quando tinham tido seu desentendimento, e o desprendimento da placenta ocorreu quando Molly caiu contra a borda da mesa depois do tapa que minha mãe lhe deu. Molly não havia apresentado queixa por essa agressão, muito ocupada com sua dor para se importar. Assim aqui estava eu, dirigindo na estrada de volta a Tuscaloosa, voltando para a falta de punição da minha mãe e temendo o treinamento dos Tide para o

Campeonato BCS que começava amanhã, e o fato que teria que lidar com todos os meus companheiros de equipe.

Depois de uma hora, parei no estacionamento, e Luke já estava me esperando na porta, colorido desde sua cabeça completamente rapada até os dedos do pé.

Ficando de pé enquanto entrava em sua loja, apertou minha mão, dizendo:

— Rome, sinto muito, cara... Eu vi as notícias. Não sei o que diabos falar.

Dando-lhe uma tapa nas costas e engolindo a saliva, respondi:

— Eu sei homem. Obrigado.

Apontando para a mesa, perguntei:

— Estamos prontos? — Apontando à cadeira com uma mão e levantando o polegar para cima com a outra, Luke se ocupou preparando a pistola e a tinta enquanto eu tirava minha camisa e me sentava, com a mandíbula apertada.

Sentado a meu lado, Luke perguntou:

— Então, o que vamos fazer agora?

— Asas de anjo, grandes o suficientemente para cobrir a maior parte de meu peito e tronco.

Luke fez uma pausa, e logo assentiu com simpatia e começou as marcações na minha pele, quando parei sua mão, agarrando seu pulso, lhe dando um olhar mortal, e falei.

— Faça deste o melhor trabalho que alguma vez já fez. Minha tatuagem anterior não é nada comparada a isto. Qualquer trabalho que você tenha feito não é nada comparado com isto, me entende?

— Entendo. Eu te prometo, Rome, vai ficar perfeito.

Sentindo sua sinceridade, liberei sua mão e uma hora mais tarde, o contorno estava desenhado.

— Vá em frente, homem, dê uma olhada.

Quando parei em frente do espelho, não podia falar. As asas eram simplesmente lindas, o tributo perfeito ao nosso filho, duas grandes asas começando em meu peito e cada ponta terminando debaixo de meus abdominais. Dando ao Luke um gesto de aprovação, sentei-me na cadeira, o zumbido da pistola a todo volume na sala silenciosa.

— Vai demorar umas oito horas. Faremos a metade hoje, e a outra metade terminamos amanhã, se quiser — disse Luke, abaixando a pistola, e esperando minha resposta.

— Não — falei duramente — Começamos e terminamos hoje.

Luke franziu a testa.

— Porra, homem, isso é demais. Seu corpo pode entrar em choque. Vamos cobrir algumas áreas malditamente dolorosas.

— Não dou a mínima. Faremos isto hoje — rosnei, minha voz saindo muito forte. Luke era um amigo e não merecia a porra da minha atitude, mas eu precisava disto, precisava ter isso feito.

— Porra, homem, a dor...

— É o que quero! Agora vai fazer ou tenho que encontrar outra pessoa que faça? Estou te pagando um inferno de dinheiro para fazer isto o mais rápido possível, e confie em mim, isso pode mudar.

Suspirando, Luke respondeu:

— Vamos fazer da sua maneira, cara. Mas não diga que não lhe avisei. Deixe-me saber se quiser parar a qualquer momento.

— Não vou precisar.

No momento em que a pistola tocou minha pele, fechei os olhos. A dor valeria a pena. Molly suportou uma dor malditamente pior; era justo que eu também a sentisse, e nosso anjo... Nosso anjo merecia isto. Merecia ser lembrado.

— Rome, cara! Você perdeu a consciência ou o que?

Voltando a realidade, encolhi-me pela tensão de meu tronco em carne viva e olhando para o Luke, perguntei:

— O que?

— Terminamos. Você está bem?

Esfregando a mão na minha cara, falei:

— Sim, porra, me sinto ótimo.

— Sei! Quer dar uma olhada antes que o cubra?

Tomando uma respiração profunda, assenti, e saindo lentamente da mesa, caminhei para o espelho de corpo inteiro, minhas pernas fracas como o inferno por tudo o que meu corpo tinha suportado.

Desta vez, quando vi minha nova tatuagem, não houve inalações agudas de ar, nenhuma repetição de lembranças dolorosas ou lágrimas. As asas representando nosso anjo perdido estavam destinadas a estar em meu peito; nosso filho estava destinado a ser lembrado. Eu tinha passado pela dor; tinha começado a reparar meu fracasso como pai.

— Está bom, cara? — perguntou Luke atrás de mim.

Virando e lhe estreitando a mão, respondi:

— Está perfeito porra... só... além de perfeito.

Mais tarde naquela noite, estava na porta do lugar que eu nunca quis voltar a ver na minha vida. Muitas lembranças - antigas e recentes - assaltaram-me enquanto abria a porta. A primeira coisa que notei foi como o lugar estava vazio e sem as antiguidades e as obras de arte que exibiam com orgulho e ostentação. Soaram passos no corredor. O advogado de meu pai estava na entrada do escritório, fazendo um gesto para que entrasse.

Quando entrei no escritório, meu pai se sentou atrás da sua escrivaninha, descuidado e parecendo mais velho que sua idade real.

Levantou o olhar quando entrei e deixou escapar uma pequena risada amarga; mesmo no fundo do poço não deixou de ser um bastardo.

— Deixaram-lhe sair sob fiança, então? — arrastei as palavras, me sentando.

Encolhendo os ombros, ele respondeu — Paguei por isso com a última parte do dinheiro do Príncipe do Petróleo, mas não se preocupe filho, irei para a prisão muito em breve... E tudo porque você foi tão fodidamente teimoso para fazer o que te pedi.

Inclinando-me para frente, sussurrei:

— Você merece apodrecer em uma cela fria. Matou meu bebê, sádico maldito. Tem sorte que não te mate. *Você* fez lavagem de dinheiro. É tudo culpa sua!

— Uau, Romeo, posso simplesmente sentir o amor entre pai e filho — respondeu secamente. Quase tive que sentar em minhas mãos para evitar nocautear o bastardo. Não estava indo bater nele. Não queria que nada se colocasse no caminho de sua condenação. — O que está acontecendo com a Príncipe do Petróleo? Os Blair?

— A empresa está em administração. Os Blair, provavelmente, vão declarar falência. — Ele voltou seus olhos frios e mortos para mim — Aposto que isso te faz feliz, hein?

— E a mãe? Onde ela está? Fora, arruinando mais vidas? — Eu perguntei, ignorando seu tom.

Agitou a mão com desdém.

— Ela saiu da cidade. Não vai retornar.

— Ela deveria estar apodrecendo na cadeia também!

O advogado entrou no escritório nesse momento, colocando fim a nossa conversa, e se sentou na minha frente, empurrando um contrato em minhas mãos.

— A partir de hoje, corta todos os laços com seus pais. Isso inclui qualquer herança de sua fortuna, ou o que reste dela quando forem liquidadas suas propriedades e bens pelo governo.

— Feito — respondi rapidamente, fazendo que o advogado me olhasse por cima de seus óculos.

— Não tem problemas com isto?

Sorrindo, disse-lhe:

— Me deixe expressar isto corretamente. Odeio você. Vocês são horríveis exemplos de pessoas. Tenho meu próprio dinheiro, dinheiro que vocês não podem tocar, e vou ser contratado pela NFL. Não quero saber nada deles. Tudo o que você toca será maldito de todas as formas.

— Então, você assinará? — o advogado falou de novo e eu assenti. Meu pai me deu as costas em sua cadeira, olhando pela janela.

O filho de puta estava quebrado. E foi o melhor que já vi alguma vez. Focando no advogado, respondi:

— Com muito prazer.

Passou-me uma maldita caneta luxuosa, e três assinaturas mais tarde, eu era oficial e legalmente livre.

Pondo-me de pé, me aproximei de meu pai uma última vez e declarei:

— Terminamos. Nunca volte a falar comigo. Nunca mais entre em contato comigo de novo. Se alguma vez você se aproximar de mim, ou da Molly, ou dos meus amigos, vou matar você e isso é uma maldita promessa. — Me agachando debaixo de seu rosto envelhecido, vendo seu lábio curvar-se de raiva, sorri — E divirta-se apodrecendo em uma cela, sendo a cadela de alguém pelo resto de sua miserável vida. E já que estou certo que todos vocês pensarão em

mim a cada minuto durante o resto de seus dias, eu vou ter a certeza de nunca pensar em nenhum dos dois. Nunca. Mais.

Ao sair pela porta principal, dei uma olhada à antiga casa vazia que me manteve emocionalmente preso por tanto tempo, e percebi que meus pais já não tinham nenhum poder sobre mim, não como antes, e que nunca mais teriam.



Caminhar de novo para o vestiário foi um inferno.

Assim que entrei na porta, meus companheiros agitados congelaram e me olharam fixamente enquanto caminhava para o meu armário, deixando cair minha bolsa e apertando meus olhos fechados pela força que estava tentando fazer para enfrentar tudo de novo.

Ouvi o treinador caminhar dentro do vestiário e limpar sua garganta.

— Rome? — ele falou, e eu virei, olhando, sabendo que meu rosto estava em branco.

— Estou fodidamente feliz por ter você de volta, filho. — aproximou-se e apertou a minha mão, me puxando para seus braços, e quando ele deu um passo para trás, cada um de meus companheiros de equipe fez o mesmo. Meus olhos se nublaram com a emoção do momento.

Chris Porter foi um dos últimos a aproximar-se de mim, e quando o fez, ele falou.

— Porra, cara, eu sinto muito. — Eu só pude apertar seu ombro em resposta. A merda entre eu e ele já não importava. A perspectiva é uma coisa maravilhosa.

— Terminei com a Shelly imediatamente. Qualquer um que pode estar envolvido em algo tão doentio não vale o maldito ar que você respira.

— Como está a Molly? — Jacob Thomsson, o cara da nossa defesa, perguntou.

— Ela me deixou. Não tenho nem ideia de como ela está.

A tensão na sala se intensificou quando virei às costas à equipe e comecei a colocar meu short de treinamento, incapaz de suportar a pena em seus rostos. Precisavam saber que Molly não estaria de volta para o beijo antes da partida; alguns dos meus companheiros de equipe atribuíram meu desempenho quase perfeito nesta temporada a esses beijos. Sabia que a maioria dos caras se cagariam por essa informação: ir ao campeonato com um quarterback com o coração quebrado não os encheria exatamente de confiança.

Um braço tatuado se enganchou ao redor de meu pescoço, e Austin sussurrou:

— Vamos te ajudar a passar por isto, Rome. Juro por Deus que o faremos.

Eu malditamente esperava que sim.

— Ela vai voltar.

Sorrindo tristemente, falei:

— Ally, Jimmy, Lexi, e Cass todos me dizem o mesmo. Mas vocês não sabem da missa a metade. Vocês não viram seu rosto na noite em que me deixou. Ela se foi, homem. Foi para sempre.

— Eu não estaria tão certo. O que você não percebe é que o resto de nós viu como te olhava, apesar de toda a dor. Ela pode estar passando por um inferno agora mesmo, mas ela te ama, Rome. Ela voltará.

Insinuando um sorriso e sentindo um pouco de felicidade pela primeira vez no que parecia uma eternidade, brinquei:

— Você vai ficar todo suave comigo, Carillo?

Soltando uma gargalhada, ele respondeu:

— Não, somente invejo você, homem. Quem não queria uma garota dessas, mesmo quando tudo vai para o inferno? Ela pode ter desaparecido, mas não foi para sempre.



Capítulo 33

Campeonato Nacional do BCS
Estádio Rose Bowl, Pasadena, Califórnia.

O locutor bombeava os alto-falantes do vestiário enquanto a equipe Crimson Tide da Universidade do Alabama preparava-se para a partida mais importante do ano. Alguns caras gritavam de emoção; outros em silêncio ouviam algo pelos fones de ouvido; alguns estavam vomitando no banheiro; a maioria simplesmente estava esperando o apito do árbitro para começar o jogo.

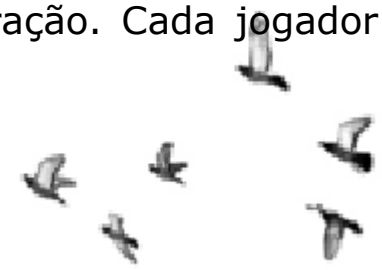
Ally e Cass estavam usando as entradas que dei para a partida. Tinham voado para a Califórnia, junto com milhares de fãs de Bama, para assistir o jogo contra o Fighting Irish do Notre Dame. Como um sênior, este era meu último jogo com os Tide. Porra. Era minha última partida com um grupo de caras que eram minha família. Tinha que ganhar o jogo para eles. Tinha que entrar na área e jogar o jogo da minha vida.

O treinador entra na sala do ginásio e lentamente examina a cena. Todos ficaram em silêncio.

— Fiquem de joelhos. Oremos.

Fizemos o que mandou e recitamos uma oração. Cada jogador depois olhou ao treinador, que instruiu:

— Levantem-se. Escutem bem.



Todos nos pusemos de pé e o treinador tomou seu lugar no meio do nosso círculo. Movendo-se para olhar cada um de nós nos olhos, ele falou:

— Lutemos contra os irlandeses... Tudo... Sobre... O... Campo. — Ele enfatizou as palavras. Meu sangue correu em meus ouvidos e a construção de energia entre a equipe era contagiosa.

— Defesa, ataque, equipes especiais. Fiquem em alerta. Todos sabem suas tarefas. — O treinador fez uma pausa, apontando para o seu relógio — Sessenta minutos, nem mais, nem menos. Não tomem esta vitória para mim. Levem a vitória para os outros. Vamos deixar tudo no campo. — Os corpos tremeram de adrenalina, os jogadores se balançavam onde estavam, ansiosos para pisar no campo, e o treinador voltou a incentiva-los.

— Somos os atuais campeões! Todos vocês querem continuar sendo campeões? Bem, eu quero! — ele falou em voz alta.

— SIM! — gritou o vestiário, o entusiasmo era uma descarga elétrica na equipe.

Balançando com a cabeça em decepção, o treinador gritou:

— Não é suficiente, por isso vou perguntar de novo. Querem continuar sendo campeões?

— SIM, SIM, SIIIIMMMM! — Cantou a equipe, o som dos gritos retumbando ao longo dos armários, e os jogadores começaram a golpear as portas e as paredes com os punhos. O barulho da multidão fora da construção e a emoção dos jogadores eram quase demais.

— Então agarrem seu equipamento, e entrem no campo, e... ROLL TIDE! — Rumo à porta do vestiário, a equipe, minha equipe, fez coro — TIDE, TIDE, TIDE!

Como éramos campeões do BCS, tivemos a honra de entrar em campo primeiro. Balançando meus ombros e pulando no chão, com os

joelhos até o peito, agarrei meu capacete com força, tentando o possível para estar psicologicamente preparado.

Tentei muito duro não deixar que minha mente fosse até Molly. Eu estava esperando que aparecesse depois da mensagem de voz que tinha deixado ontem. Mas, como sempre, não houve resposta. Tinha me convencido que ela não ia voltar aos Estados Unidos. Meus planos eram firmes, ganhar este maldito campeonato, voar para Oxford e arrumar essa merda de uma vez por todas.

O anúncio de Los Tide apareceu. Igual ao do ano passado, era um borrão quando a equipe correu para o campo. Austin e Jimmy abriram caminho, levando à multidão a loucura.

Tomando uma profunda respiração, saí do túnel, com os fogos de artificio apagando-se a meu redor, mantendo a cabeça baixa enquanto nos movíamos sobre o campo. Roboticamente cantei The Star Spangled Banner[15] com todo meu coração quando cheguei ao refrão...

A terra dos corajosos se apagou no ar da noite. Era a vez dos capitães se reunirem para o lançamento da moeda (cara ou coroa).

Eu apreciei a calmaria antes da tormenta.

O capitão do Fighting Irish foi chamado corretamente e eleito para receber. Ao final do lançamento da moeda, os fãs de Bama se levantaram em uníssono e começaram a cantar:

— Beijo, beijo, beijo... — O barulho era ensurdecedor. Agora, de volta ao banco, baixei a cabeça envergonhado e fechei meus olhos com força, tentando ignorar a dor da ausência de Molly. Como eles poderiam saber que meu amuleto da sorte estava do outro lado do maldito Atlântico? Eu me encolhi, sabendo que não podia cumprir o que dezenas de milhares de fãs de Bama exigiam: o ritual que

[15] Hino nacional dos Estados Unidos.

acreditavam que tinha levado os Tide através de uma temporada invicta.

Apesar disso, o volume crescente me deixou sem fôlego, o barulho dos fãs era quase intolerável.

Eu me concentrei em minhas jogadas, algo para bloquear o barulho ensurdecedor. Meus companheiros de equipe começaram a caminhar para frente, olhando como revoava a multidão, mas como um gatinho, encolhi-me de novo; não estava interessado. Não podia esperar pelo maldito assobio do árbitro para começar.

Alguém de repente pulou em mim. Austin.

— Rome, olhe! — Ele apontou para a tela gigante. Quando olhei para cima, meu coração explodiu em meu peito como uma puta de uma granada.

Molly?

Virei a cabeça em direção as arquibancadas, procurando por um rosto familiar, e nossos olhares se encontraram.

Porra. Ela estava espetacular: o cabelo castanho longo e solto, vestido branco... Tão malditamente linda.

Uma profunda emoção surgiu através de meu corpo, mas tudo que me veio à mente enquanto caminhava era que voltou por mim. Quanto mais me aproximava, mais minha garganta secava e meu peito se apertava. Seus olhos dourados se arregalaram com nervosismo.

Deixei cair meu capacete, já não precisava manter o foco... Caminhei até parar na frente da minha garota, olhei para cima e a vi tomar uma respiração profunda, o estádio nos rodeando estava estranhamente quieto e silencioso.

— Olá, Mol — disse com voz rouca.

— Olá, você — sussurrou. Então eu fechei os olhos por um momento, saboreando esse sotaque familiar mais uma vez.

— Vai me dar esse doce beijo da sorte?

— Se é isso que você quer.

O pesado fardo que tinha estado levando durante semanas saiu, e respondi:

— Porra, sim caralho.

Eu vim para frente, levantei Mol sobre as barreiras e a envolvi em meus braços, batendo seus lábios contra os meus, saboreando o doce sabor da baunilha que era tão único nela.

Minha garota tomou tudo o que lhe dava, seu desespero jogou para mim quando permitimos que nossa necessidade enlouquecida pelo outro se fizesse presente.

Precisando de uma pausa, separei-me e lhe perguntei:

— Está realmente aqui? — Passando minhas mãos sobre a maior parte do corpo dela como pude.

Cobrindo meu rosto, com lágrimas em seus olhos, gritou:

— Querido, sinto por ter te deixado. Não podia mais lidar com tudo, mas...vEu Te Amo. Amo tanto, tanto. Por favor, me perdoe. Por favor...

Amava-me. Porra, me amava, e o alívio dessas palavras tinham, literalmente, quase me levado ao chão, ainda sem soltar Molly do meu aperto.

Nunca ia deixar que se fosse de novo.

— Você está de volta por mim? Para sempre? — Sua quente respiração soprou no meu pescoço.

— Pela primeira vez, retornei por algo, por você... Meu Romeo.

— Nunca mais vai fugir de novo. Você entende? — Eu disse com firmeza, procurando seus olhos por alguma dúvida. Não havia nenhuma.

— Entendo.

— Deixou-me sozinho durante semanas, sem uma palavra, nenhuma explicação. Sabe o quão bravo estou com você por isso?

— Sei. — A tristeza e o arrependimento em sua voz suave quase me cortaram. Mas tinha minha resposta. Ela estava comigo agora e para sempre.

Pressionando minha testa na dela, falei:

— Vou ganhar este jogo. Depois vou fodidamente te marcar, de uma vez e por todas. Parece que fui muito indulgente com você, Shakespeare — pressionei — Talvez você não tenha entendido que é minha e, como tal, não pode nunca me deixar, mesmo se o seu coração estiver quebrado. Porque se você está machucada baby, pode apostar que estou fodidamente machucado também.

Meus músculos se sentiam revigorizados e permaneci de pé, segurando Molly de volta a seu assento, ordenando:

— Você. Volte para o seu lugar. Agora. Tenho um título de campeão para levar para casa. Depois vou cuidar de você. Francamente, não sei pelo que estou mais emocionado.

Ruborizou-se de vermelho beterraba, lançou-me um sorriso enorme e disse:

— Dê o seu melhor, carinho. — Logo me plantou outro doce beijo da sorte completo em meus lábios. Os fãs de Bama rugiram em reação.

Jogamos até deixar nosso couro no campo, mas Notre Dame nunca ficou muito longe atrás de nós, nem muito longe em nossa frente.

Quase ao final da partida, faltando quinze segundos no relógio, o último quarto. Eu tinha dirigido uma unidade na zona vermelha. Tínhamos que fazer um touchdown; um gol de campo não era suficiente para assegurar a vitória. A defesa do Notre Dame não perdeu um maldito golpe toda a noite e tive uma última oportunidade de tirar-lhes o triunfo de suas tenazes garras.

Chamando o pelotão:

— Crimson Dois, Crimson Dois — Colocamo-nos em posição. Preparados para executar uma peça de teatro, como dizia o próprio treinador.

— Abaixo... preparados... Hut, hut — gritei com calma, tomando a escopeta do centro.

Eu imediatamente comecei a procurar por Porter. Merda! Estava coberto. Verifiquei com Carillo. Merda! Não era uma opção. Dando um passo atrás, examinei o campo mais amplo, Jimmy me dando preciosos escassos segundos.

Vendo a pista livre, corri pelo caminho, com minha respiração ecoando na capa do meu capacete enquanto acionava adiante, a zona de anotação clara a vista. Visualizei-me fazendo o touchdown. Senti a alegria de ganhar o jogo, fazendo-o em realidade.

Pressionei minhas pernas cansadas até seus limites absolutos, com cada músculo gritando, e rompi o caminho... Touchdown! Logo cravei a bola.

O sentimento de vitória me bateu duro, mas não congelei. Nós tínhamos tomado. Nós tínhamos ganhado a porra.

Olhando para o céu, tirei minha camisa, beijei minha mão e coloquei-a sobre minhas asas tatuadas. E as sustentei em alto, orando:

"Isto é pra você, meu anjo. Isto é para você..."

De repente, toda a equipe se lançou sobre mim. Os repórteres de televisão, o pessoal do Tide e os fãs alagaram o campo. Sweet Home Alabama arremeteu em torno do estádio enquanto centenas de foguetes estalavam no céu, celebrando nossa vitória.

Depois de muitas felicitações e abraços, procurei e vi minha garota sentada em sua cadeira, chorando. Ally sustentava Molly em seus braços. Joguei uma olhada à tela gigante, mostrando as repetições de minha celebração.

As asas. Tinha visto as asas. Só esperava que também as amasse. Os Tide ficaram rapidamente apanhados no torvelinho de nossa vitória. Depois da entrega dos troféus e a dolorosa entrevista de televisão elogiando meu prêmio como MVP do campeonato, saltei fora do cenário e corri para minha garota, imediatamente levantando-a e exclamando:

— Ganhamos, baby!

Me lançando um sorriso, respondeu:

— Estou tão orgulhosa de você.

Com minha mão acariciando sua linda bunda e a outra acariciando a pele nua de suas costas, confessei-lhe:

— Preciso estar a sós contigo. Agora.

Saímos em direção ao túnel dos jogadores, fazendo caso omisso dos gritos do corpo técnico me chamando de novo. Que se fodam todos. Precisava estar a sós com minha garota.

Molly riu, acariciando meu pescoço, e perguntou:

— Não tem que estar com a equipe?

— Quer lhes dar um show depois da partida? Porque neste momento tudo o que posso pensar é em estar dentro de ti e não importa onde estejamos em trinta minutos, vai acontecer.

Seus olhos marrons dourados se abriram, e conteve o fôlego.

— Precisamos ir... agora.

Relaxado pela primeira vez em semanas, exalei com alívio.

— Me alegro de que finalmente estejamos na mesma fodida página.



Capítulo 34

Draft da NFL

Radio city music hall[16] , Nova Iorque

Quatro meses depois...

"O primeiro Draft... para a próxima temporada da NFL... para Seattle Seahawks... é... o quarterback... Romeo Prince... de... Alabama Crimson Tide!!!"

Uma cálida onda de alívio alagou meu corpo e fechei os olhos.

Eu consegui. E demônios, fui a primeira eleição do draft. Era o melhor de jogador no país... valia algo depois de tudo.

Um agudo grito emocionado soou em meu ouvido e minha garota retornou a meus pés. Incapaz de resistir a ser apanhado no momento, elevei-a para meus lábios, beijando-a uma e outra vez. Me afastei, e ela sussurrou:

— Carinho, você conseguiu.

Enquanto olhava Molly nos olhos, recordei o momento que não estava seguro se retornaria para mim. Nunca imaginei que estaria aqui ao meu lado enquanto minha vida mudava e meu sonho se tornava realidade... ou pelo menos a metade dele.

---

[16] O Rádio City Music Hall: É um lugar de entretenimento se localizado no Rockefeller Center na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos. É considerado como o teatro mais importante do país.

Um garçom golpeou ligeiramente meu ombro.

— Senhor Prince, precisamos ir ao teatro agora. Por favor me siga.

Assenti e apertei a mão de Molly uma vez mais. Girei para o corredor, uma porra de uma câmara enorme me seguiu todo o caminho. Peguei a boina dos Seahawks que me ofereceram, pondo-a em minha cabeça e caminhei para o palco.

As luzes e o ruído eram deslumbrantes.

O comissionado me empurrou mais perto quando sacudiu minha mão, dizendo:

— Parabéns, filho! Deve estar sentindo-se malditamente feliz agora!

Ligeiramente aturdido por toda a atenção, só assenti atordoado. Me entregaram um pulôver dos Seahawks: a sensação dele em minhas mãos e o PRINCE 7 nas costas era muito para assimilar.

Tive que fazer uma conferência de imprensa, respondendo uma pergunta atrás da outra, perguntas sobre como me sentia de ir a Seattle. Como se pode fazer um sonho virar realidade? Estava emocionado, mais que emocionado e disse isso a milhares de jornalistas. Depois de tudo era a porra da NFL... mas algo não me estava caindo bem no estômago. Uma sensação de dúvida estava atirando de minha mente. Sabia o que era... Mol. Ela ainda não tinha escolhido uma maldita universidade para seu Doutorado. Estávamos vivendo juntos durante meses. Depois de nossa separação, mudamos quase imediatamente para o nosso próprio apartamento. Eu tinha visto ela se aplicar para um montão de universidades e não me atrevi a tirar minha inquietação sobre termos que viver separados. Neste ponto da minha vida, sabia que não podia estar sem ela. Demônios, não dormiria mais se ela não estivesse abraçada ao meu lado.

Esses pensamentos seguiam jogando em minha mente enquanto estreitava um milhão de mãos, reunindo-me com dúzias do pessoal dos Seahawks. Quando voltei para a sala verde meus amigos e Molly estavam aturdidos como o inferno pela minha conquista, mas eu estava preparado para arrancar meu maldito cabelo pela preocupação.

Me lançando um enorme sorriso, minha garota se jogou em meus braços, pressionando beijos por toda minha cara, cantando:

— Te Amo, te amo, te amo...

Tentando apagar minha preocupação, puxei-a para meu peito, provavelmente segurando-a muito apertada. Obviamente fiz, porque quando a deixei ir, suas sobrancelhas estavam enrugadas e perguntou:

— O que? Não está se sentindo bem?

Podia me ler como um livro.

Olhei sobre meu ombro e vi nossos amigos nos olhando, sorrindo... Bom, exceto Ally. Estava franzindo o cenho também, sentindo minha estranha mudança de humor. Levantei uma mão para meus amigos, nos desculpando, a Molly e a mim. Precisando lidar com esta merda agora, arrastei-a pelo corredor, me assegurando de que estávamos sozinhos. Ela sorriu e puxou a ponta da boina, mas pude ver a tensão ao redor de seus olhos...

— Pensei que estava feliz.

Alcançando a boina, a tirei, dizendo:

— Estou feliz, Baby — não queria que interpretasse mal isso — Mas não posso fazer isso sem você. Seattle. Vou para Seattle. Que eu saiba, você se inscreveu para Harvard, Yale e Stanford. Você foi tão malditamente reservada e estou ficando louco. Pelo que eu sei,

poderíamos estar em diferentes lados do país, mas eu preciso de você comigo. Não acredito que possa fazer isto sem você.

— Romeo — tentou me interromper, mas tinha que tirar tudo isto antes que me comesse vivo.

— Sinto como se estivesse te demandando porque sei que você deixaria tudo por mim. Mas também quero que seus sonhos se tornem realidade. Não sei como ter a ambos, você e o futebol.

Seu rosto era impassível, depravado inclusive, e não podia entender como não estava enlouquecendo como eu. Estava realmente bem se nos separássemos?

Sustentando minha mão, pressionou um beijo em cada um de meus dedos antes de me confessar.

— Romeo, fugi dos meus problemas toda minha vida, para nunca voltar, mas você é a primeira pessoa pela qual voltei. Isso significa muito para mim. Tirou-me da escuridão — traguei duro quando tomou a mão que acabava de beijar e a pressionou contra seu ventre plano. Decidimos esperar mais para ter filhos, esperar ser mais velhos, mais estáveis, mas mesmo assim me destroça saber que devíamos estar nos preparando para a chegada de nosso anjo se as coisas tivessem sido diferentes.

Com um suave aperto em minha mão, fez com que mudasse o foco.

— E me deu esperança. Esperança de que um dia serei uma boa mãe... quando for o momento adequado. Eu tenho uma família... em você.

Não podia falar, quando se inclinou para frente e pressionou um beijo na tatuagem das asas de anjo em meu peito. Meus olhos se fecharam, e tomei uma respiração profunda.

— Disse-me uma vez que *um dia* queria ir, que *um dia* tomaria suas próprias decisões e que *um dia* teria tudo o que queria. E assim fez, todos esses meses atrás em sua casa, mas o que queria, agora, finalmente aterrissou exclusivamente em suas mãos.

Colocando as mãos em sua cara, disse-lhe:

— Mas o que quero é você. Tudo o que quero é você. É meu "um dia".

Entregou-me um envelope de seu bolso, um pequeno sorriso em seus lábios:

— O seu "um dia" finalmente estará aqui.

Imediatamente abri o envelope e li o breve parágrafo:

Senhorita Shakespeare:

Nós da Universidade de Washington, Seattle, estamos contentes de lhe informar que foi aceita no programa de Doutorado de Filosofia Religiosa.

Para confirmar seu lugar, por favor nos contate por um dos seguintes métodos.

Meu coração pulsava com força e minhas mãos estavam realmente tremendo. Olhando a minha garota, não podia assimilar que viria comigo. Faria isto por mim?

Mas... como?

Seu olhar era espectador, mas tudo o que pôde sair de minha boca foi:

— Você... Fez? O que?

Rendendo-se, tirou a carta de minhas mãos e disse:

— Também me candidatei para Seattle. Quando o Doutor Adams, todos esses meses atrás, mencionou que havia uma possibilidade de

que fosse ali, investiguei como funcionava o draft e fiz uma prova em Seattle. Não queria dizer isso só em caso de que não funcionasse. Mas valeu a pena. Vou para Seattle com você, carinho. Está olhando à nova estudante de Doutorado de Filosofia. Enviei meu mail de confirmação faz uns vinte e cinco minutos.

Porra. Enquanto dizia essas palavras, dava-me conta do que tínhamos feito. Contra todas as possibilidades, contra todos os obstáculos em nosso caminho, perda e dor, porra, nós conseguimos. Ambos obtivemos o que queríamos e ainda estávamos juntos.

Incapaz de conter minha felicidade, esmaguei meus lábios contra os seus, minha mente se dirigindo ao último passo que faltava. Queria Molly para sempre, e meu coração sabia que havia só uma coisa que faria com que tudo fosse perfeito.

Me separando de seus lábios, olhei minha garota nos olhos e disse:

— Casa comigo?

Sua boca caiu com surpresa e murmurou:

— O-o que?

Sustentando seu rosto em minhas mãos, repeti:

— Casa comigo. Casa comigo amanhã, hoje à noite, o mais rápido que pudermos. Só... Porra, case comigo, Shakespeare. Me deixe te fazer oficialmente minha.

— Mas... mas...

Pressionei-a contra a parede e repeti:

— Te Amo. Te amo mais que tudo. Não posso e não estarei sem você nunca mais. Quero te dar todo o possível. Quero te dar felicidade... Quero te dar meninos algum dia... Casa comigo. Fica comigo. Tenha um para sempre... comigo.

Sua respiração era rápida enquanto mantinha meu olhar nela. Uma onda de satisfação se apoderou de seu rosto, então fez minha puta vida.

— Sim! — gritou.

— Diga outra vez — precisava ouvir essa pequena, mas poderosa palavra uma vez mais... só para ter certeza.

— Sim. É obvio que me casarei contigo! — riu e a beijei com tudo o que tinha até que riu contra meus lábios.

— De que demônios está rindo agora, Shakespeare? — perguntei-lhe, sua felicidade era contagiosa.

— De dois amantes trágicos, da nossa história, que encontraram uma forma de estar juntos contra todas as possibilidades, todos os obstáculos, tendo finalmente seu felizes para sempre.

Fodidos Romeo e Julieta.

Ah, que seja. Minha garota queria um conto de fadas? Maldição podia muito bem ter um. Sustentando-a perto, sussurrei:

— Nunca houve uma história real de amor melhor que esta, a de Molly Julieta e seu Romeo.

Nós dois fizemos uma pausa, nossos olhares se encontraram, antes de estalarmos em risadas.

— E onde, Romeo Prince, aprendeu isso?

Encolhendo meus ombros, respondi:

— No Google! Onde mais! — Molly não pôde evitar rir.

Levando sua mão esquerda à boca, beijei seu dedo anelar nu.

— Precisa de um anel.

— Está bem. Resolveremos mais tarde. No entanto, não preciso de um anel. Estou feliz apenas de ter você.

— A merda com isso — disse-lhe um pouco forte demais — Vamos resolver isso agora.

— Mas... mas... o draft...

— Depois. Vamos para Seattle. Não há necessidade de ficar aqui mais tempo e agora mesmo vamos te conseguir um anel — fiz uma pausa, olhei a minha nervosa noiva, porra!, minha noiva, e uma pergunta me veio à mente. — Ou deveríamos nos casar agora?

Tragando, ela sussurrou:

— O que? Onde?

Encolhi-me de ombros:

— Las Vegas? Podemos estar lá daqui a algumas horas — o entusiasmo que o pensamento trouxe foi quase muito para suportar. Poderia ser minha esposa em um par de horas.

— Não — disse em voz baixa e a emoção dentro de mim se desvaneceu.

— Não?

Apertando minha mão, disse:

— Quero me casar contigo, o mais breve possível, mas não troco a igreja por algum duvidoso Elvis gordo.

Puxando-a para meu peito e envolvendo meu punho ao redor de seu cabelo, perguntei:

— Então onde?

Sorrindo tristemente, disse:

— Meus pais se casaram em Gretna Green.

— Onde diabos fica isso?

— Escócia

Escócia? Bem, que seja.

— Feito. Conseguiremos o próximo vôo.

Negando, mas desta vez rindo, disse:

— Não. Estou brincando. Não quero isso. Quero que tenhamos nossa própria história. Quero que façamos nossas próprias lembranças. Quero este casamento feito direito.

Gemi com exasperação.

— Mol, porra, só quero te fazer minha. Pertencendo a mim em todos os sentidos, formas e maneiras. Só me dê isto, logo. Me deixe te ter também.

Passando uma mão por minha bochecha, pressionou um beijo em meus lábios e sussurrou:

— Está bem, baby. Como quiser. Onde queira.

— Feito, casaremos logo que voltarmos para Bama, mas agora vamos procurar um anel.

Tomando a mão de Molly, amando o som de seu chiado excitado atrás de mim, entramos de novo na sala verde. Caminhamos até nossos amigos, e pus meu braço ao redor dos ombros de Molly. Nossos amigos lançaram olhadas interrogativas entre si, nos olhando atentamente.

— Nós vamos nos casar — anunciei orgulhosamente — e agora vamos conseguir para Molly um anel de compromisso. Se quiserem vir, vamos — todas suas bocas caíram abertas em choque antes que Cass mostrasse um enorme sorriso, desse um grito ensurdecedor e todos começassem a emocionar-se.



— Então que tipo de vestido está pensando?

— Bom... eu...

— Porque tenho algumas ideias, já sabe, sobre vestidos que se adaptem a sua forma — continuou Ally.

Não pude evitar rir quando Molly se sentou, gaguejando através da chuva de perguntas que suas amigas estavam fazendo. Estávamos comprometidos a três horas e seus amigas tinham planejado todo o maldito casamento em um dia.

— Eu posso fazer seu penteado, assim pode riscar isso da lista. E eu posso fazer com que minha mãe faça os vestidos de damas de honra — Lexi fez uma pausa e seus olhos se abriram — Isso, é obvio, se nós formos suas damas de honra — assinalou a todas as garotas.

Molly se estirou sobre a mesa e estreitou a mão de Lexi.

— É obvio que serão minhas damas de honra. São minhas melhores amigas. — Cass e Lexi brilharam com emoção. Molly se girou para Ally: — E eu estava me perguntando se seria minha madrinha?

Ally ficou sem fôlego e as lágrimas encheram seus olhos marrom escuro antes de lançar-se nos braços da minha garota.

— OH meu Deus, linda, seria uma honra!

Molly deu alguns tapinhas desajeitados nas costas, com um sorriso de felicidade em seu rosto, e apanhou meu olhar, revirando seus olhos, fazendo-me rir.

Era tão malditamente linda.

Depois de aceitar minha proposta, todos saímos para as movimentadas ruas de Nova Iorque e começamos nossa busca pelo anel de compromisso para ela. Ally só tinha um lugar em mente e nos arrastou para Tiffany, zombando.

— Romeo é rico como o inferno, pode pagar!

Quando Molly viu o preço da maioria dos anéis, seus olhos quase saíram de sua cabeça. Apertando minha mão, disse:

— Romeo, eu... não posso, alguns destes anéis são tão caros como um automóvel. É muito.

Encolhendo os ombros e trazendo-a mais perto, repliquei:

— Você vale, Baby. Pegue o que quiser — mas podia ver que estava resolvida em sua decisão.

Apesar da insistência de Ally em uma enorme pedra e minha vontade de comprar qualquer porra que quisesse, trinta minutos depois, nos encontramos em uma pequena loja antiga na Little Italy. Minha garota escolheu um simples anel de diamantes de 1930 de meio quilate. Logo que o vendedor lhe tinha contado a história atrás dele, Molly se apaixonou.

Aparentemente tinha pertencido a um casal que passou toda sua vida juntos, nunca passando nem sequer um dia separados, depois de sobreviver à perseguição religiosa na Alemanha e vir para os Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial. Viveram até uma idade muito avançada, tiveram uma grande família com muitos meninos e morreram com poucos dias de diferença - o que ficou vivo foi incapaz de sobreviver sem o outro. Em seu testamento, pediram que o anel fosse vendido a uma mulher que realmente amasse e o merecesse.

Molly tinha escutado ao velho vendedor com lágrimas nos olhos, e eu sabia que tinha encontrado o anel que queria. Gostava de todo o significado profundo das coisas e pensou que este anel, depois de tudo o que tínhamos passado, era perfeito.

E ver essa pequena peça de ouro em seu dedo também era a maldita perfeição para mim.

O grito feminino de Jimmy me tirou de minhas lembranças. Olhei-o saltar de cima a baixo na barra girando para mim, suas mãos pressionadas contra seu peito.

— Caramba, Romeo! Sei que sou seu padrinho. Tenho o smoking perfeito em mente! Tenho o dia planejado... Será só... simplesmente mágico!

Cass franziu o cenho ante sua brincadeira com a emoção das garotas e lhe deu um murro no braço. Molly estalou em um ataque de risada.

Golpei Jimmy nas costas e disse com toda seriedade:

— Sabe, homem. Reece também — isso rapidamente deteve suas brincadeiras e pude ver que os dois estavam genuinamente desconcertados, mudos inclusive.

— Vou conseguir champanhe para celebrar — disse, me levantando da cabine e movendo meu queixo para Austin— Vem Carillo?

Assentiu e se uniu a mim caminhando para o bar.

— Como se sente, homem? Fodidamente assombrado, imagino.

Dando uma olhada atrás, para Molly e suas amigas, felizes e rindo, disse:

— Muito bem, homem. Não posso acreditar que uma garota como ela realmente vá se casar comigo. Sou um bastardo sortudo.

Girando de volta para ao bar, pedi uma garrafa de Cristal e enfrentei Austin.

— Você vai ser meu padrinho ou o que?

Austin tragou um lento sorriso que se estendeu em seu rosto. Golpeando sua mão na minha, moveu-se para apertar meu ombro.

— Maldição, homem, claro que serei!

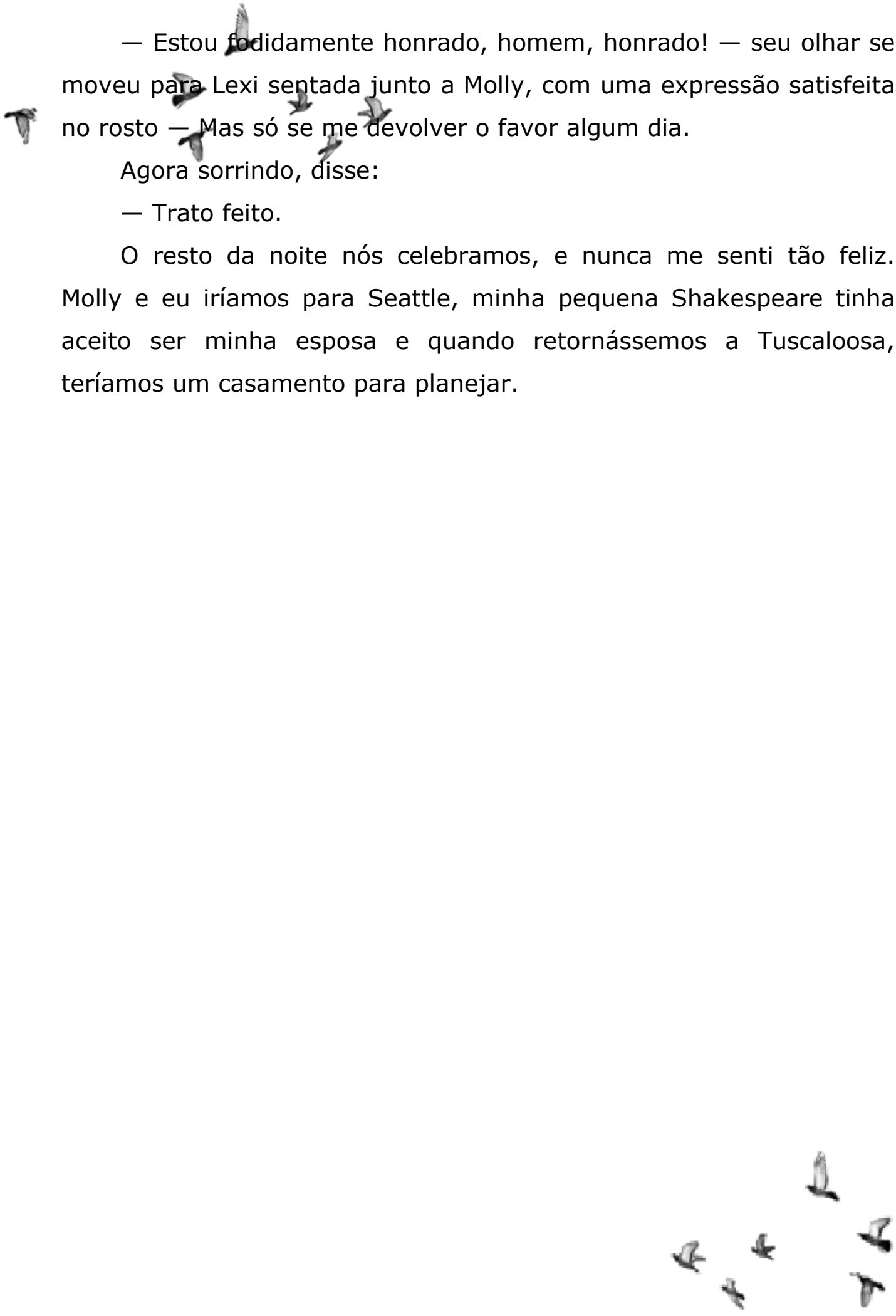
— Só parece certo depois de te conhecer durante toda a maldita vida. Além disso, é a pessoa mais parecida com um irmão que tenho. Ambos passamos pelo ring e estamos aqui para ver outro dia — o pobre bastardo teve seis meses duros, mas porra obrigado, ele agora estava em um lugar melhor.

— Estou fodidamente honrado, homem, honrado! — seu olhar se moveu para Lexi sentada junto a Molly, com uma expressão satisfeita no rosto — Mas só se me devolver o favor algum dia.

Agora sorrindo, disse:

— Trato feito.

O resto da noite nós celebramos, e nunca me senti tão feliz. Molly e eu iríamos para Seattle, minha pequena Shakespeare tinha aceito ser minha esposa e quando retornássemos a Tuscaloosa, teríamos um casamento para planejar.



Capítulo 35

Birmingham, Alabama

Um mês mais tarde...

— Estamos todos preparados?

— Estamos bem, filho. Só falta que todos vocês fiquem em seus trajes e esperar que a noiva apareça.

Tinha passado um mês do recrutamento, da minha volta e a de Molly a Bama. Minha tia e meu tio escutaram a notícia de nosso compromisso e nos ofereceram sua casa em Birmingham para nosso casamento. Tínhamos decidido que seria uma cerimonia intima. De fato, somente nossos amigos sabiam dela. Não era um dia para a imprensa ou para gente que faria ooh e ahh de frente aos Romeo e Julieta da vida real de Alabama, o que nossos malditos papéis de "os trágicos amantes" tinham-nos feito ser.

Desde que Os Tide tinham ganhado o campeonato, a publicidade que rodeou a Molly e a mim foi enlouquecedora. O recrutamento só aumentou mais o enfoque, e necessitávamos como o inferno nos afastar o mais possível, nos afastar do circo mediático que nosso casamento sem dúvida se tornaria.

Nosso casamento era sobre nós. Sem luxo, sem cerimônia.

— Ela está bem? — perguntei a meu tio com impaciência, enquanto punha os últimos toques à decoração do jardim.

— Ela está genial. Ally e as garotas dormiram todas em sua casa na noite anterior, rindo e ficando acordadas até tarde. Sua tia Alita está em seu elemento, atarefada em arrumar Molly para hoje. — deteve-se e levantou a vista para atar o último foco de cor ao altar de madeira branco. — Sua garota se vê absolutamente impressionante, filho. Impressionante... Tem te feito bem.

Quão único podia fazer era franzir o cenho.

— Por que essa cara? — perguntou tio Gabe, me dando seu maldito sorriso, enquanto Austin, Reece, e Jimmy entravam no pátio.

— Porque não estive com Mol ontem à noite! Não passamos uma maldita noite separados desde que a tive de volta, e não pude vê-la no quarto do hotel, sabendo que estava aqui. Porra eu odiei! Tem sorte de que não fodesse com a tradição e aparecesse em sua cama.

— Ouça! — protestou Jimmy — Fomos uma grande companhia! Por que não iria querer isto com a Molly? — Correu sua mão por seu corpo e lambeu seus lábios sugestivamente.

Não fiz conta, e meu tio me deu uns tapinhas nas costas.

— Sabe que sua tia queria que o fizessem bem. Acredite em mim, filho, valerá a pena. A ausência faz que o coração aumente mais o carinho. — Meu tio fez um gesto para o pátio — Bom, o que parece?

A área do jardim tinha sido completamente transformada. Ao final da grama, as flores e as massas de abajures solares brilhantes faziam um atalho para um grande altar de madeira, branco, onde se situaria o pastor. Haviam focos de cores por toda parte: nas árvores, cobrindo o exterior da casa, as cercas... Mol ia amar; era o ambiente romântico perfeito.

Meu tio esteve se matando para conseguir que a casa estivesse pronta para hoje. Sabia que era porque ele ainda se sentia culpado pelo que tinha acontecido o ano passado, infernos, nos últimos vinte e

dois anos, mas não deveria fazê-lo. Tudo estava ok agora, uma vez que meu pai estava no cárcere e minha mãe ao que parece, tinha ido viver com sua irmã na Louisiana.

Eles estavam completamente fora da minha vida. Para sempre.

— Está muito bem, muito obrigado — respondi-lhe, surpreendendo-o por colocar um braço ao redor de seu ombro e lhe beijar na cabeça. Sim, sim, eu estava pronto no momento também.

De repente, um forte golpe de uma porta fez todos olhar ao redor. Tia Alita saiu correndo da casa, toda nervosa.

— Gabe! Romeo! O pastor está aqui. — Ela fez um gesto com as mãos violentamente a nós cinco, ainda em nossos jeans e camisetas — Ai, ai! Nem sequer estão vestidos! Vamos! Têm trinta minutos! — Gritando como uma alma espanhola, voltou a entrar na casa quase tão rapidamente como saiu.

Austin, Jimmy, e Reece ficaram olhando por volta da porta agora vazia, e rindo, meu tio pôs as duas mãos sobre meus ombros.

— As alegrias da vida conjugal... algo pelo que pode esperar! — Embora meus fodidos amigos rissem do que meu tio havia dito, tudo no que podia pensar era que esses trinta minutos não poderiam passar rápido o bastante.

Estar de pé no altar era surrealista, e o maldito traje de pinguim que estava vestindo quase me engasgou. Austin estava de pé a minha esquerda como meu padrinho de casamento. Jimmy, Reece e o tio Gabe como meus padrinhos.

A música começou a ser reproduzida, um pouco de merda clássica que minha tia tinha escolhido, e isso imediatamente acalmou meus nervos. Queria me casar. Queria me casar com Molly tanto que a realidade deste momento era difícil de digerir.

Finalmente estava acontecendo.

Tia Alita saiu da casa primeiro e meu tio sorriu com orgulho enquanto olhava sua esposa. Tia Alita era Ally dentro de vinte anos: o cabelo comprido de cor marrom, olhos marrons, pele azeitonada, muito formosa. Inclusive depois de todos esses anos de matrimônio, era óbvio que ele ainda era louco por ela. Ele tinha se afastado de meus avós e de toda sua família por ela, e era reconfortante ver que o verdadeiro amor poderia resistir o passar do tempo.

Cass e Lexi saíram e seguiam, vestindo idênticos vestidos cor rosa e sustentando pequenos ramalhetes de flores brancas. Lexi estava despojada de sua intensa maquiagem de costume, e Austin se moveu a meu lado, um enorme sorriso em sua maldita cara enquanto a via caminhar mais perto.

Ally era a última das damas de Molly, a dama de honra, e sabia que em alguns minutos, minha garota daria um passo fora da porta. Meu coração pulsava furiosamente ante a expectativa.

Enquanto Ally tomava seu lugar junto a Cass e Lexi no lado oposto do altar, fechei os olhos, dando um suspiro comprido e calmante, e quando os abri de novo, esse mesmo fôlego foi eliminado justo fora de mim.

Porra.

Molly acabava de sair da casa e estava caminhando lentamente para mim... e ela estava tão linda. Seu comprido cabelo marrom tinha sido retirado de seu rosto por uma rosa branca. Seu vestido era de encaixe branco, sem mangas, de pescoço alto, e abraçava cada lado de seu corpo de deusa. Por último, sustentava um ramo de rosas brancas em suas mãos e se aferrava a elas como se sua vida dependesse disso.

Não pude evitar sorrir enquanto ela mantinha o olhar fixo no chão. Odiava a atenção, inclusive esta pequena aventura... mas

quando levantou com nervosismo esses olhos marrons dourados para encontrar-se com os meus, um sorriso de alívio saiu de seus lábios. Ela relaxou os ombros e nunca apartou a vista de mim enquanto encontrava minha mão estendida.

Logo que sua mão encontrou com a minha, inclinei-me e lhe sussurrei:

— Olá, Mol.

Ruborizando-se, respondeu:

— Olá, você.

E ambos rompemos em gargalhadas, com toda a tensão dissipando-se para dar passo à emoção e a felicidade.

— Você está tão linda — disse-lhe em voz baixa, e o pastor se esclareceu com a garganta. Seu rosto estava cheio de humor, e entrecerrando meus olhos em sua sutil reprimenda, dei um passo atrás, lhe indicando que começasse a cerimônia.

Não podia me comportar exatamente como uma fera com um homem de Deus, certo?

Depois de escutar o conselho e as orações do pastor, e as leituras da Bíblia de tio Gabe e Ally, já era hora dos votos. Decidimos escrever os nossos, e agarrando as mãos de Mol e esclarecendo minha garganta, comecei.

— Molly. No ano passado, capturou meu coração, sendo exatamente quem é, a pessoa mais amável e compreensiva que conheci. Não só me fez me apaixonar loucamente por você, mas você também se tornou a minha melhor amiga e me acompanhou nos bons e nos maus momentos. Você é a razão pela qual sorrio cada manhã e é a pessoa que me dá consolo quando estou triste. Acreditou em mim quando ninguém mais o fez, e me ensinou a amar quando nunca

pensei que poderia. Mas sobre tudo, deu-me sua aceitação incondicional.

Estendendo minha mão, sequei uma lágrima dos olhos de Mol.

— Não estou seguro de que toda uma vida seja tempo suficiente para tratar de te dar tudo o que me deste, mas te prometo que vou passar todos meus dias tentando te fazer feliz. Vou rir e chorar contigo, e se fugir, estarei fugindo ao teu lado. Prometo te amar para sempre, e te prometo, quando chegar o dia, vou ser o melhor pai que qualquer filho poderia esperar.

As lágrimas nublaram minha visão, mas precisava terminar.

— Nunca estive mais seguro de nada em minha vida como estou de que sempre estivemos destinados a ser. Estamos melhor juntos que separados, e não importa o que aconteça em nossas vidas, sei que acordar e te ver a cada manhã sempre será sempre a melhor parte do meu dia.

— Romeo... isso foi maravilhoso... — sussurrou Molly entre lágrimas, e tive que lutar para manter minhas emoções sob controle também. Sorvidas de nariz e prantos soavam ao nosso redor, mas eu só tinha olhos para minha garota.

— Molly, seus votos, por favor — ordenou o pastor, embora sua voz soasse um pouco rouca.

Recompondo-se e endireitando seus ombros, Molly falou.

— Romeo. Se alguém me houvesse dito há um ano que estaria aqui, me casando com minha alma gêmea aos vinte e um anos de idade, nunca teria acreditado. Se alguém me houvesse dito que seriamos um casal, nunca teria acreditado. — Ela sacudiu a cabeça com incredulidade e pressionou seu suave buque contra meu peito, seus olhos dourados fixos nos meus. — Você me salvou, Romeo. Você me salvou de uma vida de solidão. Mostrou-me que havia mais na

vida do que estava concedendo à mim mesma, e me ensinou a depender de você e te deixar em meu coração. Vou rir e chorar contigo também, e te prometo que nunca fugirei de você outra vez. Estarei sempre a seu lado. Meu pai me disse que um dia ia entender o que seria dar a alguém como presente minha alma, e agora entendo: dei isso a você no primeiro momento em que nos conhecemos. É meu tudo, Romeo Prince, e não posso esperar para passar o resto de minha vida ao lado do melhor homem que conheci.

No momento em que terminou, mergulhei em seus lábios. Maldita espera. Seu voto para mim foi incrível e mais do que podia ter esperado.

Me afastando, acariciei seu rosto e disse:

— Te amo, Baby. Te amo tanto.

— Te amo, também — disse entre lágrimas de felicidade.

Uma tosse tirou nossa atenção, e o pastor sorriu, sustentando uma Bíblia aberta.

— Se colocarem os anéis, posso anunciar que são marido e mulher, e podem voltar para seu beijo.

Olhando a Molly e nossos amigos, todos começamos a rir, e Austin me deu o anel.

— Molly, eu te amo. Com este anel, lhe mostro que te escolhi sobre todas as demais. Quero que saiba que com este anel, prometo estar contigo até a eternidade, até que a morte nos separe. — Deslizar o anel de platina no dedo do Mol me fez sentir algo. Senti-me renascer. Como se o passado, todo o abuso e a infelicidade, finalmente fossem enterrados, e só um futuro emocionante e perfeito com minha garota esperava. Senti como se, pela primeira vez em anos, eu gostasse realmente de quem eu era, e tudo era devido à

garota diante de mim, entregando-se em união a mim para sempre, de todas as formas possíveis.

Ally entregou o anel a Molly, e ela se apoderou de minha mão esquerda.

— Romeo, eu te amo. Com este anel, quero que saiba que te escolhi sobre todos outros. Quero que saiba que, com este anel, prometo estar contigo eternamente, até que a morte nos separe.

— E pelo poder que me outorga a igreja, eu os declaro marido e mulher. — O pastor me olhou com um sorriso divertido — Romeo, *agora* pode beijar à noiva... outra vez.

Não perdi qualquer momento e tomei a boca de Molly com a minha, brandamente, saboreando cada momento desta sensação incrível.

Molly era minha esposa.



Capítulo 36

Atraindo minha esposa mais perto em meus braços, sussurrei:

— Está pronta para ir?

A mordida em seu lábio inferior e seus olhos nublados me disseram que estava. Levantei-me e enfrentei nossos convidados, que estavam terminando de comer.

— Pessoal, estamos indo embora.

Ally ficou de pé em sinal de protesto.

— Não, nem sequer fez a primeira dança ainda!

Merda. Baixei o olhar para Molly, seu rosto estava cheio de surpresa.

— Primeira dança? Mas quase não há ninguém aqui. Não temos que fazer uma primeira dança. — Sorri enquanto tentava sair disso, mas lhe estendi a mão, um olhar espectador em meu rosto.

Com um suspiro de derrota, tomou minha mão estendida e a atraí para o pequeno pátio, rodeado de milhares de luzes brancas. Ally correu para o estéreo e os primeiros sons da nossa canção se reproduziram. Molly levantou a vista para mim, com os olhos brilhantes.

— Romeo... Como?

Acariciando uma mecha solta de cabelo de seu rosto, disse-lhe:

— Faz uns meses que me falou sobre esta canção. Pensei que poderia ser nossa comemoração para seus pais, por isso é nossa canção também.

Lembrava-me desse dia tão bem...

— Mol? Onde está, querida?

Encontrei Molly de pé na cozinha de nosso novo lar, preparando o café da manhã, com a música reproduzindo a seu lado nos alto-falantes do iPhone. Vi seus ombros tremendo e entrei em pânico. Imediatamente fui a suas costas, envolvendo meus braços ao redor de sua cintura.

— O que acontece, Baby?

Dando a volta para meu peito, deu-me um sorriso choroso enquanto limpava suas lágrimas.

— É uma tolice. Estou sendo uma boba.

Sabia que estava franzindo o cenho. Estava tão perdido, o que diabos estava acontecendo?

— Mol, me diga o que está acontecendo. Aconteceu algo ruim?

Rindo entre soluços, disse:

— Não Romeo, prometo. É só que...

— O que?

— Esta canção. — Seus olhos se encontraram com os meus, e sabia que ainda parecia confuso.

— Está triste por esta canção?

— Não estou triste. — Vi como tomou uma respiração profunda, levantei-a e a coloquei no balcão, tomando seu rosto para poder vê-la melhor, e me coloquei entre suas pernas.

— Vai ter que me explicar, Baby. Por que chorava devido a uma canção?

— Era a canção favorita de minha mãe. Meu pai sempre a punha em seu aniversário de casamento, uma espécie de comemoração, suponho. É uma espécie de tradição... Uma boa. Eu adorava, esperava por ela todos os anos. Ele fazia isso para que se conectasse com minha mãe de algum jeito, e sabe o que? Sim ele me fez entende-la um pouco. Depois da morte de papai, minha avó continuou fazendo durante dois anos. E assim, quando ela morreu também, era algo que continuei fazendo por mim mesma. Quando a escuto, sinto como se todos de algum jeito ainda estivessem comigo.

Exalei e pressionei minha cabeça com a sua. Era o aniversário de casamento de seus pais?

Merda. Não sabia que diabos dizer em resposta, assim simplesmente disse:

— Te amo, Baby.

Roçando um beijo em meus lábios, sussurrou:

— Eu também te amo.

"Fields of Gold" do Sting reproduzia enquanto minha esposa e eu nos balançávamos sobre nosso lugar, lágrimas de felicidade caíam de seus olhos. Soube que fiz o certo ao escolher esta canção. Era significativa para ela, e agora para sempre ela recordaria este dia. As palavras não precisavam ser sortes, e sabia que ia entender por que a tinha escolhido - queria que ela sentisse como se sua família estivesse aqui, de algum jeito.

Nossa família e amigos pararam e nos viram fazer nossa primeira dança como marido e mulher e, finalmente, uniram-se a nós na pista.

Era perfeito.

Enquanto as últimas notas se reproduziam, Molly levantou a cabeça, sua mão apertada contra minha bochecha, e sussurrou:

— Vamos, Romeo. Preciso te ter a sós.

— Cristo, quantos malditos botões tem este vestido?! — Queixei-me enquanto tratava de despir minha garota, a larga fila de diminutos botões de pérolas na parte traseira do vestido perigosamente perto de ser destroçada devido a minha crescente frustração.

— Se apresse — Molly ordenou, com voz áspera pela necessidade. Estávamos em uma cabana privada de luxo. Escolhemos um lugar afastado da área, completamente isolado, para nossa primeira noite juntos como um casal casado.

Enquanto desabotoava o último botão, empurrei o ajustado vestido até chão. Porra.

— Mol, está fodidamente me matando — gemi enquanto permanecia de pé diante de mim em um espartilho branco, com uma minúscula calcinha branca, meias brancas e uma maldita liga envolta ao redor de sua coxa.

Sorrindo, perguntou:

— Você gosta?

— Porra eu adoro! — disse com voz rouca, meu pau quase rompendo o maldito zíper da calça apertada. Rapidamente retirei minha jaqueta e camisa, abrindo o zíper para dar ao meu pau esmagado algum alívio.

Molly estava diante de mim, parecendo como uma deusa virginal. Minhas mãos nervosas precisando tocá-la.

— Sobe na cama, Baby — instruí-lhe, observando sua bunda apertada enquanto subia no colchão e se sentava em seus joelhos, esperando o que vinha depois.

— Tire o espartilho.

Com um sorriso excitado, Molly começou a desatar a apertada peça de vestir. Ela estava brincando com a sorte, tomando seu doce tempo, e pelo brilho brincalhão em seus olhos, sabia que quase me tinha em meu ponto de ruptura.

— Não brinque comigo, Mol — adverti-lhe — Estou apenas aguentando isto. Colocando a mão em minha boxer, acariciei ao longo do meu pau. Seus grandes olhos olhavam o movimento, e com um puxão final, a roupa interior caiu sobre a cama de cor nata e seus peitos estavam completamente desprotegidos.

— Toque-os — grunhi, assinalando seus seios. Percorri meus olhos pelo seu corpo. Quão único ficava eram as meias, a liga e as calcinhas. As calcinhas eram um problema.

Ruborizando-se em entusiasmo, Molly moveu as mãos sobre seu peito, brandamente acariciando sua carne, puxando seus mamilos e fechando os olhos de prazer.

Porra, estava quebrado.

Subindo na cama, arrastei-me em Molly, atirando longe suas mãos.

— Basta, são meus agora.

Cortei sua risada surpreendida com meus lábios. Afundei minha língua diretamente em sua boca e ela empurrou a sua na minha, suas unhas arranhando o comprimento de minhas costas. Minha mão se aproximou do sul e meus dedos acariciaram sobre seu quadril e a cintura de sua calcinha.

— Preciso delas fora — disse-lhe enquanto separava meus lábios de Molly, me movendo até que meu rosto se encontrava com a pequena parte de encaixe branco.

— Romeo... por favor... — Mol gemeu quando passou seus dedos pelo meu cabelo. A calcinha demorou dois segundos para ser tirada, e me sentei para trás, só bebendo a imagem incrível que era minha esposa. Cristo! Minha esposa. Quase gemi em voz alta do quão feliz esse pensamento me fez.

Passando minhas mãos brandamente sobre as coxas de Mol, levantei seu joelho direito e o coloquei sobre meu ombro. Deixando um beijo em sua liga branca e azul, sorri com os olhos semicerrados e lhe disse:

— Isto fica — e enganchando o dedo sob a parte superior das meias brancas, disse: — Estas também.

— Ok.

Concentrando-me entre suas pernas, inclinei-me e lambi ao longo de seu centro com um golpe comprido, seus quadris saindo disparados para frente ante a ação.

— Mmm, Baby, tão malditamente doce.

— Romeo, por favor, Eu preciso... Preciso... — murmurou, pegando um punhado de meu cabelo.

— Diga, querida. Quero ouvir você dizer — exigi. Com um suspiro tremulo, com voz áspera, ela disse:

— Lamba-me... Por favor... — aproximei-me novamente, as súplicas da minha garota me servindo como estimulo, e chupei seu clitóris, afundando dois dedos em seu interior. Trabalhei bem, cada segundo que passava levando-a mais perto do clímax... minha necessidade cada vez mais e mais desesperadora.

— Romeo! Estou... estou... — as pernas de Molly ficaram rígidas e com um grito, gozou com força contra minha língua.

Recuei de novo, vendo minha garota recuperar o folego, com os olhos fechados, perdendo toda a inibição. Em um segundo, eu tirei minhas calças e a cueca, e puxando a perna de Mol para mim, corri a meia fina por sua coxa, panturrilha e para fora de seu pé.

Ao abrir os olhos, perguntou-me:

— O que...?

— Arraste-se ate à cabeceira, baby. — Molly fez o que lhe pedi. — Segure-se nas grades. Eu quero brincar. — Ela levantou as mãos lentamente, entrelaçando os dedos nas grades de metal branco, e segurando a meia fina, me coloquei acima dela, assegurando-me de que suas mãos não pudessem se mover. Seus olhos castanhos brilharam de emoção e seu pé correu até minha coxa e se esfregou contra meu pênis.

— Você quer isso, Sra. Prince? — Eu perguntei, movendo-me para mais perto até me sentar escarranchado acima de seus seios.

— Dê-me aqui — disse Mol e me levou em sua boca. Minha cabeça caiu para trás e soltei um gemido.

— Porra baby, isso é muito bom.

Ela gemeu e as vibrações quase me deixaram louco. Era fantástico. Precisava entrar nela, precisava dar os passos finais para fazê-la minha esposa.

Saindo de sua boca, coloquei-me entre suas pernas e envolvi seus tornozelos ao redor de minhas costas. Molly pôs a prova a força da amarra com um puxão nas grades, mas o nó na meia se manteve firme, e um rubor ansioso cobriu sua pele bronzeada.

— Está preparada, baby?

— Deus, sim. Faça amor comigo, Romeo. — Esse foi todo o incentivo que eu precisava, e em um movimento rápido, a penetrei profundamente. Gememos de prazer.

Estendi minha mão, e deslizei os dedos por seus cabelos, olhando-a diretamente nos olhos enquanto penetrava com força em seu calor.

— Amo você, Mol. Amo tanto que dói — disse, dando-lhe pequenos beijos na rosto e nos lábios.

— Eu também te amo querido.

Seu quadril moveu-se contra o meu, e enquanto a olhava nos olhos, sabia que tinha que sentir suas mãos sobre mim, ter seus braços ao meu redor enquanto explodíamos de prazer.

Levantando a mão, soltei o nó em torno de seus pulsos, e Molly imediatamente me abraçou, colocando o nariz na dobra de meu pescoço.

Seus gemidos aumentaram, sua respiração cada vez mais rápida já que o ritmo de meus movimentos aumentou.

— Romeo... Eu vou gozar — sussurrou, apertando meus braços.

Acelerei o ritmo. O movimento a fez gritar alto em seu clímax, a sensação de seu núcleo apertado levando-me junto.

— Porraaaaaaaaaaa... — gemi quando me acalmei, com os músculos de meu pescoço se tencionando diante do esforço de meu orgasmo.

Molly relaxou debaixo de mim, seus dedos mexendo lentamente em meus cabelos. Olhando para seu rosto com expressão saciada e sorridente, os olhos brilhantes, levou a mão ao meu rosto e sussurrou:

— Meu marido.

Nesse momento, fiquei convencido de que não haviam outras duas pessoas que tivessem partilhado algo tão forte. Então, esmagando sua boca com a minha, retirei-me de seu corpo, olhei à garota mais bonita na Terra, e lhe sussurrei:

— Minha esposa.



Capítulo 37

Seattle, Washington VINTE ANOS DEPOIS...

— Olá?

— Romeo Prince! Há quanto tempo não nos vemos, filho!

— Treinador?

Houve uma risada rouca antes que dissesse:

— Sim, seu velho treinador! Ainda aqui com os Tide. Vinte e cinco anos este ano!

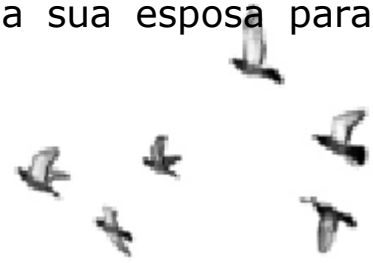
Sorrindo com o som familiar do homem que me ajudou nos meus anos na faculdade, eu disse:

— Ei, treinador. Bateu todos os recordes para ganhar o campeonato BCS. Nada mau! Andei observando a sua equipe a cada ano. Tornou-se uma lenda.

— Também venho observando você, filho. Fará parte do salão da Fama, não há dúvida a esse respeito. Em poucos anos, você vai ser incluído.

— Obrigado, treinador. Assim espero. — servi-me de um café da máquina e fui até a mesa da cozinha, sentando-me. — Então a que devo este prazer?

— Estou em Seattle e quero convida-lo e a sua esposa para jantarem esta noite, se estiverem livres.



— É claro! Diga onde e quando e ali estaremos. Vai ser bom vê-lo novamente.

— Será bom para mim também, filho. Tenho uma reunião em cinco minutos, mas me dê algumas horas e vou lhe enviar uma mensagem com os detalhes.

— Não há problema. Nos encontraremos esta noite.

— Então nos veremos mais tarde.

Ao nos despedirmos, sentei-me em minha cadeira, respirando fundo. "Diabos, ouvir sua voz me trouxe muitas lembranças. Há vinte anos joguei pelos Tide?"

"Merda! Estou ficando velho."

A porta principal se fechou de repente e olhei para o corredor. Só era uma da tarde e Molly não tinha voltado ainda.

— Romeo? Está aqui? — gritou, e um sorriso saiu de meus lábios.

— Sim, baby, estou na cozinha.

Uns segundos depois, ela entrou, vestida com um vestido negro ajustado até o joelho, com seu cabelo recolhido em um coque solto, e os óculos mais fodidamente sexys pendurados em seu nariz.

Levantei-me, tomando sua pesada maleta de suas mãos e lhe dando um beijo nos lábios.

— Voltou cedo.

— Sim, minha reunião foi cancelada, assim pensei, merda, vou para casa. — Molly se inclinou e pôs seus braços ao redor de minha cintura, apertando sua bochecha contra meu peito — Mmm, senti saudades.

— Senti saudade também, bonita. — Seus braços apertaram minha cintura como resposta e disse — Acabo de receber uma ligação interessante.

— Sério?

— Sim. Era o treinador. Não soube nada dele há anos. Mas está na cidade e quer jantar conosco esta noite.

— O treinador do Alabama? — perguntou ela, seus olhos surpreendidos fixos nos meus.

— Sim. — ri — O treinador do Alabama. Suas sobrancelhas se juntaram enquanto pensava.

— Pergunto-me o que quer.

— Jantar — eu respondi, um pouco confuso que ela pensasse que era algo mais. Dando um passo atrás para o balcão de mármore, inclinou sua cabeça enquanto me olhava.

— Romeo, você está se retirando esta temporada e, de repente um treinador do Tide aparece aqui em Seattle?

Hmm... talvez tivesse razão. Seu sorriso me disse que também sabia.

— Está bem, Shakespeare, estou escutando. O que pensa que ele quer?

Ela se aproximou de mim, seus dedos deslizando pelo meu torso, e me deu um beijo rápido nos lábios.

— Você.

Uma estranha emoção se estabeleceu em meus ossos. Realmente nunca tinha pensado em voltar para Tuscaloosa. Amo-a, é meu lar, mas deixamos um montão de merda para trás todos estes anos, e tínhamos construído uma boa vida para nós em Seattle.

Olhei de volta para Molly e perguntei:

— Você realmente acha que isso é o que poderia querer?

— Apostaria minha vida nisso. Te quer como treinador. Santo Deus, Romeo, é um dos quarterbacks mais bem-sucedidos da história

da NFL. Se você se unir aos Tide, imagina quão bom poderia ser? A quantidade de recrutas que eles poderiam adquirir?

— E como se sente a respeito de retornar?

Seus olhos caíram ao chão.

— N-não sei. Eu adoro estar aqui. Nossas vidas estão aqui e Tuscaloosa... não sei, tenho um montão de lembranças em conflito comigo... conosco.

Acariciei-lhe a bochecha com um dedo.

— Então não vamos, mesmo que me ofereça algo.

— Ser treinador é algo que você quer, não é? É algo que você se vê fazendo o resto de sua vida?

— Provavelmente. São os Tide. Não sabia o que ia fazer quando o futebol chegasse ao seu fim, mas a ideia de estar envolvido de novo com o futebol de Bama... Tenho que dizer me excita. Levo-o no sangue. Sou dos Tide até que morra.

Assentindo lentamente, Molly me olhou e disse:

— Vamos escuta-lo. Se te oferecer algo, falaremos disso e decidiremos o que é o melhor para todos nós.

Começou a morder o lábio e sua mão percorreu meu corpo para liberar o botão de meus jeans. Porra eu adorava esse olhar em seus olhos.

— Hoje voltei para casa mais cedo do trabalho, então temos um par de horas antes que tenhamos que pegar as crianças na escola, e você senhor Prince, tão, mas tão sexy, o suficientemente quente para me fazer pensar em maneiras travessas de como passar a tarde.

Senti meu pau endurecer sob seu ligeiro toque, e instantaneamente levantei-a do chão e comecei a correr para o dormitório. Molly rindo por cima do meu ombro, gritou:

— Romeo!

— OH, não te atreva, Shakespeare! — disse-lhe dando um golpe duro em seu traseiro — Você começou esta merda e fodidamente vou assegurar-me de que a termine... pelo menos três vezes!

— Taylor, Isaac, Archie, Elias! Venham aqui, temos que ir para o campo em um minuto! Todos têm que se acalmar!

O rugido da multidão retumbou em todo o estádio, movendo as vigas do teto enquanto esperávamos na parte posterior do túnel dos vestiários. Molly estava ocupada correndo atrás dos meninos, tratando de alcança-los diretamente. Não pude evitar sorrir ao ver todos eles com seu suéter Seahawks PRINCE, o suéter de Elias era tão pequeno que ele estava cambaleando ao redor das pernas de sua mãe. Inferno, ele tinha começado a andar e já estava correndo em torno de nós. E logo estava Molly, com seus cabelos longos soltos, calças jeans apertadas, suas botas favoritas cor café, de vaqueiro, e também levava meu número. Me dei conta de que estava nervosa, os anos de sentar-se na "seção de esposas" não a tinham preparado para a loucura de hoje.

Me aposentava depois de quase vinte anos jogando para os Hawks desde o dia que fui recrutado, e devido a isso, os Hawks me enviavam fora da única maneira que sabiam... grande e ruidosamente.

Alguém puxou minha calça jeans, e quando olhei para baixo, meu filho Archie estava olhando para mim com uma expressão estranha em seu rosto bonito como o inferno.

Me agachando a sua altura, perguntei:

— Está bem, homenzinho?

Ele se moveu para a direção onde a multidão gritava, seus grandes olhos castanhos, suas bochechas coradas, e sussurrou:

— Você é um super-herói, papai?

Sorrindo, respondi:

— Não, filho. Por que pergunta?

Deu um passo adiante, pondo sua mão gordinha de cinco anos em meu ombro, e disse:

— Porque todas estas pessoas estão aqui no dia de hoje por você. Seguem dizendo que você é o melhor, sempre, e as únicas outras pessoas que recebem tratamento como este são os super-heróis.

Levantando-o em meus braços, lhe disse:

— Não sou um herói, homenzinho. Só tive um bom jogo por um monte de anos e é por isso que estamos aqui hoje - para dizer adeus a todos os fãs antes de irmos para o Alabama.

Ele assentiu compreendendo... mas franziu os lábios, inclinou-se e me sussurrou:

— Tenho um segredo.

Me afastei, movendo minha boca com exagerada brincadeira, e lhe disse:

— Sério?

Ele assentiu sabiamente.

— Posso saber também?

Fazendo uma pausa um momento e pensando muito, Archie finalmente suspirou e assentiu. Sua pequena boca foi ao meu ouvido e sussurrou:

— Acho que você é um super-herói secreto e está dizendo que não é porque os super-heróis não estão autorizados a dizer para

ninguém, certo? Basta olhar ao Superman, ninguém sabia quem era realmente.

— E qual é meu poder? — perguntei, jogando por um momento.

— Pode lançar uma bola de futebol mais longe que ninguém, a qualquer hora, e... — indicando que me inclinasse mais perto de sua boca, murmurou: — Você é o melhor pai do mundo. Os meninos na escola sempre me dizem como sou sortudo. Mas eles não sabem. Só eu sei.

Me acalmei e fechei os olhos, suas palavras me engasgando até a merda, mas suas duas mãos fortes empurraram meu rosto.

— Não direi aos outros, entretanto. Está de acordo? É nosso segredo.

— Está bem — eu concordei com uma voz profunda, colocando-o de volta no chão, deixando-o se juntar aos seus irmãos e irmã que jogavam todo o caminho com a bola. Eles tinham o futebol no sangue.

Uma mão suave esfregou minhas costas e Molly me dedicou um amplo e conhecedor sorriso.

— Está bem, carinho? — Um brilho de orgulho brilhava em seus olhos dourados, e estava claro que tinha escutado o que nosso filho acabava de dizer.

Avançando pouco a pouco, pressionei um beijo em seus lábios.

— Mm—hmm, mais que bem.

Ela pôs sua boca em meu ouvido e sussurrou:

— Também acredito que é o melhor pai do mundo... e também o melhor marido.

Agarrando seu rosto com minhas duas mãos, apertei meus lábios firmemente contra os dela outra vez, rindo de seu grito de surpresa.

Uma garganta pigarreou, e olhando para o meu lado, eu vi o gerente do estádio, envergonhado.

— Senhor Prince, já estamos quase preparados.

Molly rapidamente arrumou o cabelo e apertou minha mão para me tranquilizar. Sempre esteve ali por mim, e hoje não era diferente. Tinha assistido a todas as partidas, ao Superbowl, funções de caridade, nomeações, e sobre tudo, tinha me dado quatro filhos incríveis. Amava a minha garota agora mais do que nunca e ainda dava graças a Deus, todos os dias, porque ele a trouxe para minha vida.

— Está bem, meninos, venham aqui — gritou Molly, e os quatro correram, todos sorridentes e hiper-excitados. Molly se agachou, olhando cada um nos olhos, e explicou: — Agora vamos para o estádio. Vai ser muito barulhento, assim preparem-se, de acordo?

Um coro de: "Sim, mamãe" saiu como resposta, e Molly se moveu para Elias e lutou com ele tentando colocar os protetores de ouvido para silenciar o ruído do lugar.

Depois de dar-se por vencida e deixa-lo pendurado ao redor de seu pescoço, disse:

— Agora, o que é que todos vocês têm que dizer a seu pai?

Estreitei os olhos para Molly e encontrei uma expressão de felicidade em seu rosto. Taylor, nossa filha, nossa primogênita... nossa adolescente, deu um passo pra frente e me agachei enquanto me abraçava.

— Todos estamos muito orgulhosos de você, papai, e queríamos te fazer saber o muito que te amamos. — Me deu um cartão feito à mão com uma imagem de todos nós no jardim da frente e uma foto emoldurada de nós seis no ano passado na Superbowl, meus quatro filhos em meus braços no centro do campo, com seus enormes sorrisos de felicidade em seus rostos e Mol beijando minha bochecha. — Os meninos fizeram o cartão, mas todos assinamos para você.

Escolhi a foto de todos juntos e com a mamãe, é a nossa favorita — Dei uma olhada à foto de novo. Era minha favorita também. Uma mão pousou em meu ombro — Realmente me sinto muito orgulhosa de você, papai.

Beijando sua bochecha, sussurrei:

— Obrigado, princesa.

Nossos três filhos vieram ao meu lado, e eu mal conseguia falar uma merda através de cada abraço e "Te amamos, papai."

Molly estava a meu lado, fazendo clique à distância com sua câmara e sem vergonha de chorar enquanto observava a apresentação improvisada.

Meus filhos tinham capturado claramente minha batalha com minhas emoções, seus olhares em seus olhos abertos era uma clara indicação. E tive que me afastar por um momento, fazendo todo o possível para me recompor. A última coisa que queria era sair ao campo como um maldito desastre emocional.

E depois de tudo, os super-heróis nunca choram.

Enquanto eu olhava meus formosos filhos, meu peito inchou.

Nunca esqueci como sou malditamente afortunado pelo que tenho nesta vida. Tenho a minha garota quando quase a perco e tenho quatro filhos perfeitos na terra - e um no céu - quando nunca pensei que teria algum.

— Senhor Prince, estamos preparados. Por favor me siga — o gerente do estádio anunciou, e ouvi atrás de mim Molly dando instruções — Está bem, vocês dois tomem minhas mãos, e vocês dois tomem as do papai.

Duas mãos imediatamente agarraram as minhas. Eu sabia quem estaria comigo e quem estaria com Mol. Olhando para baixo, sorri ao

ver que tinha razão: Taylor, nossa garota, e Archie, que ao que parecia, acreditava que eu era um super-herói.

Voltei-me para Molly, que estava sustentando a mão de Isaac e Elias - agora felizmente com seus protetores de ouvido postos -, respirei fundo e murmurei:

— Está preparada?

Rolando seus olhos, balançou a cabeça de forma dramática e articulou:

— Não!

A música começou a soar, e o locutor deu a publicidade enquanto eu ria e piscava um olho ao rosto preocupado de minha esposa.

— Seattle, por favor, dêem as boas-vindas ao campo, pela última vez, a seu quarterback, Romeo "Bala" Prince!

Com um apertão de mãos, minha família e eu caminhamos para frente para fora do túnel. À medida que entramos no campo entre os fogos de artifícios e os rugidos da multidão, finalmente me deixei exalar. Este campo, estes fás, eram minha segunda casa e ia malditamente sentir muitas saudades.

Depois de dar uma volta no campo, acenando e agradecendo aos fãs, chegamos a uma fase na linha de cinquenta jardas. Molly e os meninos estavam ao meu lado enquanto caminhava para o microfone para me dirigir à multidão.

— Boa noite, Seattle! — o auge em resposta da multidão era ensurdecedor, o mar de câmaras piscava junto aos aplausos dos fãs, todos eles de pé. Era um espetáculo que nunca esqueceria. Todos estavam aqui esta noite por mim e minhas pernas tremiam ligeiramente pela enormidade do momento.

Saudei com a mão à multidão, e eles recuperaram gradualmente o silêncio.

— Quando vim até vocês há vinte anos, não tinha nem ideia do que esperar. – Eu ri através do microfone e me virei para Molly, que assentiu — Nunca tinha deixado o Alabama por um grande período de tempo, acabava de me casar com minha garota. — Estendi minha mão, e Molly se colocou ao meu lado, sustentando-a de novo — E de repente estávamos metidos no louco mundo da NFL, e vocês nos receberam com os braços abertos. — A multidão batia os pés nas bancadas e o megafone soou por todo estádio cheio.

Olhei meus meninos abrirem suas bocas pela reação ensurdecedora e em estado de choque pelas milhares de pessoas que gritavam por seu pai. Me voltando para o microfone, esperei até que se acalmassem e continue:

— A equipe e o pessoal são minha família. Vocês que nos apoiam semana após semana são minha família, e vamos sentir condenadamente muitas saudades de todos vocês. Nunca soube o que faria depois de me aposentar do futebol profissional, mas a oportunidade chegou, e estou feliz de anunciar que aceitei a oferta de ser o treinador do Alabama Crimson Tide. Depois de muitos anos felizes em Seattle, minha família e eu vamos voltar para o sul, de volta para casa, mas nunca vou esquecer Seattle e todos os incríveis anos que desfrutei aqui.

Apertando a mão de Molly com força, a atraí até meus lábios e dei um beijo em seu anel de bodas. O treinador tinha me oferecido um emprego na equipe de treinamento dos Tide na noite que fomos jantar, e Molly concordou que deveríamos aceita-lo. Ela pensou que uma mudança seria boa para todos nós.

— Minha esposa foi professora na Universidade de Washington durante mais de dez anos, e meus filhos, bom, todos meus filhos nasceram em Seattle e se criaram aqui, algo que nunca vou deixar que esqueçam.

Dei uma olhada ao redor do estádio enorme pela última vez, baixei o olhar, sustentando o nó mortal avançando pouco a pouco até minha garganta, e disse:

— Obrigado a todos por fazer da minha carreira aqui e o melhor momento da minha vida.

A multidão estalou uma vez mais, e com um rufo de tambores da banda, um grande banner caiu das vigas: minha camisa com meu nome e número, agora aposentada oficialmente em minha honra.

Olhando para a bandeira, um sentimento de vitoria me encheu. Vivi meu sonho com o melhor de minha capacidade e adorei cada minuto que joguei para esta equipe.

De repente, senti vários pares de mãos ao redor de minha cintura e pernas, já que meus filhos correram para mim me dando seu apoio, e um braço familiar se deslizou ao redor de minha cintura: Shakespeare.

— O fez, carinho — sussurrou, sem deixar de olhar com orgulho meu banner, lágrimas de felicidade em seus olhos — Todos fizemos.

Buscando seu rosto, pressionei um beijo em seus lábios e disse:

— Está pronta para voltar para Bama, senhora Prince?

Movendo-se para outro beijo, ela riu e respondeu:

— Roll Tide!

Epílogo

Tuscaloosa, Alabama

Seis meses mais tarde...

Merda. O quarterback dos Tide que estava vendo nas novas gravações do jogo que o treinador acabava de me enviar tinha me deixado sem fala. Seus pés rápidos, o poder de seus passes e seu jogo terrestre eram mortais. Ele era uma tripla ameaça e, sem dúvida, o menino tinha grandes malditas habilidades.

Ouvindo o sapateado rápido de pés subindo as escadas, rapidamente desliguei o televisor, procurando o controle remoto e saltei em meus pés justo quando Mol entrou pela porta.

Ela me olhou nos olhos e franziu o cenho.

— Romeo Prínce! Você está assistindo fitas de jogo quando deveria estar me ajudando a arrumar tudo para esta condenada festa de inauguração para reunir todos, que você mesmo planejou?

Merda. Não ia ganhar esta.

— Eu...

— Não quero ouvi-lo! — Molly levantou a mão, me silenciando — Estou correndo ao redor desta casa revoando como uma mosca, encomendando a comida, lutando com os meninos, e você se esconde aqui, em nosso quarto? — Ela se adiantou e me empurrou no peito —

Uma semana Romeo! Retornamos faz uma semana e já planejou uma festa... Obrigado! Mal desempacotamos!

Molly estava diante de mim, toda alterada, vestida com um vestido do verão de cor lilás. Ela estava fodidamente linda.

— OH, não — advertiu com um movimento firme de seu dedo indicador. Estendendo a mão, agarrei o tecido de seu vestido e a aproximei.

— O que? — lhe perguntei com um sorriso.

Empurrando em meu peito, ela negou com a cabeça.

— Nem sequer o pense.

— Mas, baby...

— Mas, baby, nada. — Molly tirou minha mão de sua cintura e deu um passo atrás — Agora coloque o seu rabo no quintal e acenda a churrasqueira.

Estreitando os olhos, inclinei-me, sussurrando:

— Definitivamente vou transar com você esta noite por esta atitude, Shakespeare. — Então saí da sala e me dirigi para as escadas, rindo enquanto escutava o comprido suspiro de minha esposa sexualmente frustrada.

O som das crianças jogando em sua sala de jogos se filtrou na sala, e justo quando estava me dirigindo à cozinha, a porta de entrada soou. Verificando o relógio na parede, me queixei com exasperação. Nossos amigos chegaram uma hora antes. Molly ia me matar.

Balançando a porta aberta, eu congelei imediatamente. Um menino, não, correção, um adolescente; alto, de grande constituição, com um sorriso arrogante estendido no rosto.

— Bala Prince! Sou um Grande fã, homem. — aproximou-se para uma saudação de um golpe de punho, mas nem sequer me incomodei em levantar a mão.

— Quem diabos é você? — lhe perguntei, e o menino empalideceu um pouco enquanto cruzava os braços sobre meu peito. Sim, podia ter acabado de me aposentar, mas ainda tinha um bom conjunto de armas de fogo.

— Err... eu... eu...

— Asher! — Minha cabeça virou apenas para ver minha filha caminhando em minha direção, cheia de sorrisos para o imbecil em minha porta.

OH. Inferno. Não.

Totalmente de frente para Taylor, e bloqueando a porta, lhe perguntei:

— Quem é ele e o que diabos está fazendo em minha porta?

Taylor se deteve em seco e seu rosto radiante ficou vermelho.

— Papai! Basta! Está me envergonhando!

— Quem é ele? Não vou perguntar de novo.

Revirando os olhos, disse:

— Ele e eu temos um encontro.

Estava fodidamente seguro que a fumaça começou a soprar de meus ouvidos, porque essas três palavras quase me fizeram arder.

— Repete? — Lhe perguntei secamente, já sabe, apenas para esclarecimento...

— Temos um encontro — disse lentamente, cada palavra exagerada.

Merda. Não só ela se via exatamente como eu, o cabelo loiro e olhos marrons, mas ela tinha uma atitude irritada e sem aguentar

uma merda para igualar. Agora podia ver o ponto de Molly sobre como era irritante tratar com esta merda de mau humor.

— Bala, vamos. Podemos resolver isto...

Girei-me para enfrentar o menino em minha porta enquanto falava, e sem uma só palavra como resposta, fechei a porta na sua cara de merda.

— Papai! — gritou Taylor. — Tinha um encontro com ele!

— Como diabos que tinha! Desde quando tem encontros, e por que diabo não pediu permissão? Porque lhe direi isso agora, garota, o menino só tem uma coisa em sua mente, e nem no inferno que estará fazendo essas coisas a minha filha de quatorze anos! Me Entende?

— Mamãe!

— Mol!

Molly desceu disparada pelas escadas, enquanto enfrentava a minha filha, sua postura agora imitando a minha, nossos olhos travados.

— O que está acontecendo? Por que ambos estão gritando um com o outro?

Me virando para Mol, perguntei:

— Sabia que ela estava pensando em ter um encontro hoje?

Os olhos de Molly se arregalaram e dispararam para nossa filha.

— Taylor, sabe que não é o suficientemente velha para ter encontros.

— Mas, mamãe! Eu... — Com a verdadeira moda adolescente, ela bateu as mãos nos quadris.

— Mas nada. Está de castigo por uma semana por ser tão matreira e por ir contra nossas regras. Agora, entre aí e vigie seus irmãos. Nossos convidados vão chegar logo e não tenho tempo para isto.

Girou sobre seus calcanhares com um som zangado estridente, e saiu feito uma fúria à sala de jogos, gritando:

— Fascistas!

Quando a porta se fechou de repente, exalei lentamente para acalmar o inferno e olhei para Molly que ainda estava nas escadas, piscando em estado de choque.

— Ter encontros, Mol? Definitivamente não estou preparado para esta merda.

Molly esboçou um sorriso e começou a rir.

— Ela é uma adolescente, estava destinado a começar cedo ou tarde. Isso é o que se consegue quando se tem uma menina, baby. Anos e anos de encontros para esperar.

— Retornamos a Bama há uma semana e de repente ela tem bodes carregados de hormônios perseguindo sua bunda? — Me recostei contra a parede e passei minha mão pelo rosto. — Eu era um desses filha da puta, Mol. Sei exatamente o que querem fazer com ela. Cristo! Vou mata-los! Esta merda me fará envelhecer prematuramente!

Molly negou com a cabeça e passou por mim, rindo.

— Ela sabe que não pode ter encontros até que tenha dezesseis anos, assim relaxe, tem dois anos para se preparar para a coisa real. — Ela continuou pavoneando-se para a cozinha, olhando por cima do ombro para acrescentar — E dois anos para te abastecer de "Just For Men", é obvio. Já sabe, por todo o envelhecimento prematuro que vai ter.

Me dando um sorriso zombador, Molly se dirigiu rapidamente para o quintal. OH, tinha-o conseguido já.

Correndo atrás de minha esposa, levantei-a em meus braços, fazendo-a gritar de surpresa. Sentei-me em um banco isolado, longe

da vista, colocando-a de volta no meu colo. Me afundando em seus lábios macios e agarrando punhados de seus longos cabelos castanhos, tomei o que queria.

Como sempre, ela se rendeu as minhas demandas.

Nos separamos do abraço vários minutos mais tarde, ambos ofegando, e Molly se retorceu contra a dureza de meus jeans.

— Mol... — lhe adverti.

— Hm? — respondeu ela com inocência, um brilho malditamente quente como o inferno em seus dourados olhos marrons.

Minha mandíbula se apertou enquanto combatia minha necessidade, e assobiei entre os dentes cerrados.

— Não brinque com fogo, Shakespeare. É muito para que meninas bonitas inglesas lhe façam frente.

— O que posso dizer...? Eu gosto do risco. — Ela se encolheu de ombros e sorriu amplamente.

Mol observou enquanto meu lábio se torceu, e em questão de segundos, nos dois começamos a rir, e a agarrei apertadamente ao redor de seu pescoço, colocando minha cabeça em seu cabelo.

Quando nos acalmamos, levantei minha cabeça e disse:

— Não posso acreditar que te disse isso na época. Eu estava tão fodido e cheio de minha própria merda

— Está me gozando? Estava tão sufocada por você que quase entrei em combustão no lugar!

Eu poderia ter ficado nesse arroio para sempre.

Inclinei-me perto e sedutoramente, lhe sussurrei:

— Se não estou enganado, você entrou em combustão ao redor de três dos meus dedos logo depois.

Golpeando meu peito divertidamente, Mol respondeu:

— Sim, e eu fiz você gozar na grama!!

Fiquei imóvel com sua resposta e virtualmente a deixei cair no chão, incapaz de conter minha risada histérica.

— Me fez gozar?

Molly empurrou a língua para fora e lhe dei uma palmada em seu rabo apertado.

— Como é que, inclusive depois de ter vivido nos Estados Unidos durante mais de vinte anos, esse teu acento segue sendo tão intenso como sempre?

— O sujo falando do mal lavado! Não há nada que sacuda esse seu acento sulino, verdade?

OH, ela só estava procurando problemas.

Agarrando suas coxas, puxei-a escarranchada em minha cintura, fazendo-a gemer enquanto instantaneamente movia meu pênis contra seu centro. Com as mãos fechadas em suas bochechas, disse em voz baixa:

— Deveria leva-la à velha cabana e foder a merda que vive dentro de você pelos velhos tempos. Há algo na água de Bama que me faz querer me apropriar de cada maldita parte de ti, encher cada buraco.

— Bom, acredito que os novos proprietários poderiam ter algo a dizer sobre isso — ela murmurou, tentando não gemer em voz alta.

— Não dou a mínima para os novos proprietários! — disse secamente, e meus olhos se fecharam quando ela começou a balançar para trás e para a frente contra o meu pau.

— Te tomarei justo aqui, Mol. Não pense que não o farei — a ameacei desta vez sem humor, enquanto puxava meus dentes ao longo do meu lábio inferior. Minhas mãos caíram do rosto de Mol para apertar e beliscar seus seios.

— É bom que ainda me queira depois de todos estes anos. Quatro filhos não são exatamente aduladores para o corpo de uma mulher.

Coloquei beijos ao longo de seu pescoço, lambendo e mordendo enquanto dizia:

— Está brincando porra? É tão quente que é irreal. Cristo, desejo-te mais agora que nunca.

— Sim, de novo, quatro filhos em certa forma demonstram isso! É insaciável, sempre foi.

Minhas sobrancelhas dançavam.

— Quer tentar o número cinco?

Eu estava mortalmente sério.

— De nenhuma maldita maneira!

Quando cai na gargalhada, ela relaxou. Sabia que ela amava ter filhos, adorava ser mãe, mas ela continuava me dizendo que três crianças menores de sete anos e uma adolescente em plena puberdade eram mais que suficiente para lidar com ser uma professora em tempo integral.

— Entretanto só para que saiba, estarei preparado quando você estiver. Quero tantos filhos quanto pudermos fazer — eu disse de forma significativa. Eu adorava ter uma grande família e teria um ao ano se me saísse com a minha. Eu adorava ser pai. Era a maldita melhor coisa no mundo.

Esses olhos caramelo se estreitaram em brincadeira.

— Está tentando fazer sua própria equipe de futebol, verdade?

— Sim, e isso é um inferno de um montão de meninos. Necessitamos um bom ataque, a defesa, ah, e as equipes reservas, é obvio... — Mol riu e me calou apertando seus lábios contra os meus.

— Eww! Isso é asqueroso! — Um agudo chiado nos imobilizou e giramos nossas cabeças para o lado, vendo o rosto enojado e surpreendido de nossa filha olhando nossa comprometedora posição.

Se esse menino Asher estivesse de volta, ia castrar o filho da puta. Imediatamente endireitando seu cabelo, Molly ia se mover de meu colo, mas a agarrei com força pela cintura, lhe sussurrando ao ouvido:

— Não se mova ao menos que queira deixar cicatrizes em nossa menina para vida toda. — Sabia o momento em que ela sentiu minha dureza, e não pôde evitar se ruborizar enquanto se mantinha quieta, ocultando a minha... umm... situação incômoda.

— O que necessita, carinho? — perguntou Molly, fingindo normalidade. Taylor negou com a cabeça, horrorizada, sua atitude ainda como antes:

— Estive chamando os dois, mas não me ouviram. Agora posso ver por que! — Molly olhou para mim e tivemos que nos obrigar a não rir da reprimenda de nossa filha.

— O que seja. Olhem, são a atração principal do noticiário da noite, pensei que queriam saber. Trata-se de papai tomando o posto de treinador para Os Tide. E de ti também, mamãe, a respeito de você se convertendo em professora da Universidade do Alabama, e que ambos tomaram posições na mesma escola. Disseram que vão contar a história de sua vida ou algo assim.

Molly se virou para mim e arqueou as sobrancelhas.

— Sabia sobre isto? — Eu não tinha nem ideia e sacudi a cabeça com desconcerto.

— Vamos estar aí logo, princesa. Retorne para dentro. — Taylor se voltou e correu para dentro sem olhar para trás.

Molly saltou imediatamente do meu colo e passou a mão pela testa.

— Me pergunto o que estarão dizendo?

Depois de todo este tempo, ela ainda odiava ser o centro das atenções. Pus-me de pé, arrumando meu jeans, e estendi a mão para que ela tomasse.

— Vamos ver, sim? - Agarrando sua mão na minha, seguimos o caminho para casa diretamente ao quarto da família. Nossos quatro filhos estavam alinhados no enorme módulo de couro negro, com os olhos colados na tela. E Mol se congelou no ato, um sorriso carinhoso esboçando-se em seus lábios.

Quando me voltei para a TV, uma montagem de nós estava se reproduzindo com a música "Hall of Fame" do The Script.

Tudo estava ali, um carretel de nossas vidas, os beijos antes dos jogos do Tide, quando estávamos na universidade... nós dois de mãos agarradas enquanto caminhávamos pelo campus... os beijos no Campeonato da Conferência do Sudeste... a dramática volta de Mol no Campeonato Nacional... o desfile de boas-vindas dos Tide em que eu tinha me recusado a deixar ir sua mão.... o draft da NFL onde tinha sido o primeiro selecionado e prometido a minha garota... nosso dia de graduação, nós nos abraçando e rindo em nossas togas... a foto dos paparazzi do aeroporto, enquanto partíamos para Seattle, todos nossos amigos no fundo, se despedindo... minha primeira partida com os Seahawks e Molly sentada nos degraus, me animando... fotos de Mol dos últimos anos, grávida de cada um de nossos quatro filhos... as muitas vitórias do Super Bowl e, finalmente, eu, há uns meses no Estádio Centurylink, enquanto eles retiravam meu pulôver, rodeado por minha esposa e nossos quatro filhos. A montagem terminou com uma simples inscrição:

"BEM-VINDO A CASA, ROMEO E MOLLY PRINCE. PARA SEMPRE ROLL TIDE!"

Os apresentadores seguiram discutindo o plano de jogo para a próxima temporada dos Tide e quando olhei para nossos filhos, que estavam em silêncio nos olhando fixamente, me dei conta que Mol estava chorando. Eu estava bastante emocionado também.

— Mamãe, papai, vocês estão tão jovens nessas fotos, — Isaac, nosso filho maior, disse em voz baixa. Com seu cabelo castanho encaracolado e óculos, ele era o único dos quatro que era como Mol, com um coeficiente intelectual igual... um pequeno e lindo nerd de cabo a rabo.

— Éramos jovens, filho — murmurei, sem deixar de olhar aos comentaristas da tela, mas sem escutar nenhuma palavra do que diziam, minha mão agarrando quase dolorosamente a de Mol. — Parece tanto tempo, mas, estranhamente, parece que foi ontem.

— Os chamaram de Romeo e Julieta de Bama — disse Taylor em voz baixa, seu estado de ânimo no esquecimento. — Ao princípio, disseram que sua história era famosa por aqui.

Rindo, Molly assentiu com a cabeça.

— Por desgraça, é como a imprensa começou a nos chamar. Devido a todos os problemas que tivemos ao estar juntos, publicamente.

— Com os pais do papai? — perguntou timidamente, e essa velha punhalada no peito me rasgou em um instante.

— Sim, carinho, — Mol respondeu enquanto deslizava seu braço ao redor de minhas costas, esfregando para cima e para baixo com movimentos suaves. Odiava qualquer lembrança de meus pais e dos

anos de merda que sofri nas mãos deles... especialmente o aborto involuntário. Eu nunca mais os vi depois da reunião no escritório de meu pai naquele dia. E ambos tinham morrido já fazia muito tempo. Minha mãe bebeu até morrer prematuramente apenas dois anos depois de deixarmos Bama e meu pai sofreu um ataque de coração fazia dez anos no cárcere. Tínhamos decidido faz muito tempo ser sempre honestos com nossos filhos, bom, tão honestos como suas idades permitissem. Nossos problemas foram bem documentados e não queríamos que eles escutassem qualquer coisa de nosso passado de ninguém alem de nós.

— Ânimo, papai! — Eli e Archie de repente gritaram do sofá, ignorando por completo a conversa, ambos saltando para cima e para baixo com entusiasmo, atraindo nossa atenção de novo para eles. Nossos filhos mais jovens correram para a parte frontal da TV grande, aplaudindo e gritando enquanto foto atrás de foto de mim jogando futebol apareciam, correndo, dando passes, marcando touchdowns. Todos rimos quando Eli, o mais jovem, correu para Archie, atirando-o ao chão e gritando, — Boom! — E acariciando seu peito, segurando-o em direção ao céu, minha, agora famosa, celebração de touchdown.

Me separando da mão de Mol e divertidamente correndo até Eli, levantei-o por cima de minha cabeça, coloquei-o no chão. Gritando e rindo, Eli se retorcia no chão enquanto fazia cócegas e Archie logo saltou sobre minhas costas, envolvendo seus pequenos braços ao redor do meu pescoço. E quando olhei para os outros dois no sofá, Isaac desligou seu iPad, amontoando-se também. Inclusive Taylor, que em um primeiro momento pôs os olhos em nós, finalmente sucumbiu à tentação e, com um grito, correu e saltou em cima de nós.

— Me deixem levantar, monstros! — gritei dramaticamente enquanto tratava de tirar eles de minhas costas.

— Nunca!

— Te imobilizamos, papai! Derrubamos o Bala!

Éramos uma massa de braços e pernas, risadas e gritos. E então olhei Mol observando, rindo de todos nós, e me tranquilizei enquanto cinco pares de olhos se centraram nela, e ela rapidamente perdeu seu sorriso.

Retrocedendo com suas mãos para cima, Molly advertiu:

— OH, não. Nem sequer pensem nisso, não tenho tempo...

Minhas sobrancelhas dançaram enquanto dizia:

— Meninos, mamãe está para ser bloqueada. Defesa, estão comigo? Um, dois, três...

Gritos de acordo ressonaram pela grande sala quando nos cinco começamos a persegui-la. Com um grito, Mol se virou e correu para a cozinha, se dirigindo diretamente para o enorme quintal. Ela tinha feito o primeiro pedaço de grama quando golpeei por trás, protegendo-a com meu corpo de ser ferida enquanto nós caímos no chão, nossos quatro filhos loucos saltando em cima de nós.

— Rende-se? — gritei enquanto todos lhe fizemos cócegas até a submissão, seu corpo saltando e contorcendo-se na grama branda.

— Rendo-me, rendo-me! — Ela se engasgou com uma risada histérica, incapaz de suportar as cócegas nas costelas, que era seu ponto fraco.

— Meninos, vão procurar o balão. Mamãe e eu precisamos ter tudo preparado para a festa — indiquei, e ainda excitados, nossos quatro lindos meninos correram a sala de jogos e fora de nossos olhos. Taylor olhou de volta para mim e me lançou um pequeno sorriso de desculpa, e estávamos bem de novo.

Olhando para baixo para minha esposa excitada e alterada, segurei seus braços por cima de sua cabeça e me sentei escarranchado em seus quadris.

— Mmm... Começo a gostar desta posição em que te tenho.

Molly sacudiu seus quadris, tentando em vão me tirar, franzindo seus lábios suaves. Sacudindo a cabeça com desaprovação, sussurrei-lhe:

— Quer áspero, baby?

— Romeo! — ela gritou de novo, e a cortei ao estalar meus lábios contra os seus, minha língua imediatamente enchendo sua boca quente. Gemendo contra o assalto, Mol deixou escapar um gemido relutante, e se moveu para trás, lambendo provocadoramente a borda de seu lábio superior.

— Olá Mol — disse com um sorriso.

Sentindo seu acelerado coração contra meu peito, ela respondeu:

— Olá você.

— Vai me dar esse beijo doce da sorte?

Mol não pôde conter a risada no uso de nosso velho ritual pré-jogo.

— Se isso é o que quer.

Meu rosto se rompeu no maior puta sorriso, e respondi:

— OH, definitiva e malditamente sim! — Liberando os braços presos de Molly, embalei sua bochecha, me aproximando para o mais suave dos beijos.

Mas todas as coisas boas nunca duram, ou deveria dizer que são cortadas por um maldito grito, de um maldito texano.

— Maldição, meninos! Consigam um maldito quarto!

Suspirando contra os lábios de Molly, levantei minha cabeça uma fração.

— Parece que nossos amigos chegaram cedo — disse com uma careta de decepção. Um par de botas pretas de vaqueiro parou ao lado de nossas cabeças, e Cass olhou para baixo, para nós dois, mexendo seus quadris e mordendo o lábio.

— Ainda fodendo como coelhos, já entendi! Sim Romeo, siiiiiiiiiiim!!!!

— Olá Cass — disse Molly, desmoronando de novo frustrada, fazendo caso omisso das brincadeiras inapropriadas habituais de Cass. Comecei a me colocar de pé, sorrindo para Cass e levantando Mol do chão comigo.

— Olá, Molls! Senti sua falta querida! — Cass gritou, estendendo suas mãos e puxando Molly em seu enorme peito, o impacto lhe roubando o fôlego.

Uma mão golpeou minhas costas, e quando me virei, Jimmy me estendia os braços.

— Bala, traz o inferno aqui, homem!

Não podia deixar de rir enquanto ele me devorou em um abraço completo, só retirando-se para dizer: — Todo mundo está aqui, meninos. Os adultos já estão lá dentro bebendo cerveja.

— Foda, sim! Vamos nos embebedar! — Cass gritou e, me olhando com afeto, se aproximou para me dar um abraço também.

— Onde estão os meninos? — Escutei Molly perguntar, cumprimentando Lexi, Austin, Ally e seu marido na casa. O marido de Ally. Merda. Ainda lutava com quem era.

— Jogando bola atrás das árvores. Todos estão tendo uma explosão, não se preocupe! — disse Cass e, com uma piscada e uma

palmada em minha bunda, caminhou em frente para pegar o braço que Jimmy lhe oferecia e partiu para a casa.

Me aproximei da minha esposa, enganchando um braço ao redor de seu pescoço, e coloquei um suave beijo em sua cabeça, sussurrando: — Deus, eu te amo, baby. Vamos terminar o que começamos mais tarde.

— Foda. Também te amo. E mal posso esperar — Mol sussurrou em resposta, apertando seus braços ao redor do meu estômago, e eu não pude deixar de rir por esse apropriado acento inglês maldito.

Ela era tão linda.

A risada de todos os nossos melhores amigos se derramou do interior de nossa casa, ecos da risada de nossos meninos levados pela brisa do verão, e me agarrei com força à garota mais perfeita do mundo.

Tudo era como devia ser, como estava destinado a ser. Tínhamos felicidade, tínhamos uma família, sempre tínhamos um ao outro, e quando coloquei a minha incrível esposa sob o amparo de meu braço, me senti como o bastardo mais sortudo do mundo.

Molly Julieta Prince é, e sempre será, meu lar.

Capítulo Bônus

MOLLY

Vinte e seis anos de idade
Seattle, Washington

— Molly... Molly... acorda para mim, querida... vamos agora...

Estava flutuando sem peso em um sonho passageiro, mas uma voz distante me fez voltar de novo para meu corpo com uma sacudida, e meus olhos abriram fixos em um teto branco impreciso.

— Bem-vinda de volta, senhora Prince. — Uma mulher loira com uma bata cor de pêssego estava em cima de mim, tentando me acordar. Dei uma olhada ao redor do quarto com os olhos pesados e notei que estávamos sozinhas.

Onde está Romeo?

— O que...? — Tentei clarear minha garganta ressecada.

— O-onde estou?

— Shh... beba primeiro. — Colocou em meus lábios um copo azul com um largo canudinho. Tomei a bebida oferecida e depois de um grande gole de água, o líquido umedeceu minha garganta seca... a próxima coisa foi limpar a espessa névoa de minha mente.

Não!

Fiquei tensa, minha mão voou para meu estômago e fiz uma careta de dor. Senti como se tivesse sido aberta. O medo me golpeou no peito. De novo não... isto não pode estar acontecendo de novo...

Compreendendo, os olhos azuis da enfermeira se encontraram com os meus, e esfregou sua mão sobre meu braço, dizendo:

— Tivemos que lhe fazer uma cesárea de urgência, devido a sua pré-eclâmpsia. O bebê estava em perigo e sua pressão arterial estava chegando a um nível perigoso.

Flashes de memórias voltaram para mim. Estava de repouso na cama nos últimos três meses, então era tudo nebuloso, restos dispersos, Romeo me levando para o hospital em seus braços, desesperado, aterrorizado inclusive, e Ally. Ally nos trouxe aqui ao hospital? Isso era certo. Ally ficou conosco aqui em Seattle. Ela tinha conseguido um estágio como ajudante no Museu Burke no campus da Universidade de Washington não fazia muito tempo e estava em nosso quarto de hospedes até que voltasse para sua cidade em Smithsonian, Washington D.C.

Forcei minha aturdida mente a se reorientar... O bebê... Nosso bebê! Abri a boca, a ponto de falar em uma voz de pânico, quando a enfermeira sorriu para mim.

- Foi um parto bem-sucedido, Molly. Seu bebê está bem, é absolutamente lindo. — Ela se abaixou um pouco mais para sussurrar: — E com vontade de conhecer a mamãe.

Um sentimento de excitação nervosa estalou em meu peito, com um toque de medo que era também evidente. Minhas emoções estavam fora da curva, e a enfermeira apertou minha mão em apoio.

Meu deus... sou uma mãe!

Estendendo minha mão, agarrei o pulso da enfermeira quando começou a se afastar.

— Quero ver meu bebê, por favor, espere! — Me joguei um pouco para frente. — O que tivemos? — Meus olhos percorreram cada centímetro ao redor do quarto. — E onde está meu marido? Onde está meu bebê?

— Eles estão lá fora. — Seu rosto se iluminou com um grande sorriso. — Seu marido é um homem agressivo, senhora Prince. Ele foi implacável com suas perguntas sobre seu bem-estar enquanto lhe explicávamos todo o procedimento. Não tivemos mais escolha que lhe dar anestesia geral. As coisas estavam ficando muito arriscadas para lhe dar a anestesia peridural. Seu marido não deixou de estar a seu lado, negando-se a sair da sala de estar até que estivesse consciente de novo. Está causando um grande rebuliço aqui no hospital. O quarterback destruidor de corações dos Seahawks embalando um recém-nascido em seus braços, suspirando por sua esposa... assombroso! Esse homem está reduzindo às enfermeiras a adolescentes por aí, mesmo com sua bata azul!

Meu coração se derreteu. Conhecendo meu Romeo, estaria morto de medo. Meu aborto há seis anos quase o matou. Imaginei-o sentado com nosso bebê em seus braços enquanto ele estava assustado até a medula. Foi tão super protetor ao longo dos últimos meses, aterrorizado pelo risco de minha condição.

Era muito parecido a um *déjà vu*.

— Por favor deixe-o entrar. Preciso vê-lo... Preciso ver a ambos — dava-lhe instruções com pressa, com a voz rouca pela emoção. A enfermeira assentiu, compreendendo minha ansiedade, e saiu do quarto. Minhas mãos umedeceram e minha respiração se agitou.

Era mãe. Na verdade tinha acontecido... finalmente. Tinha sido uma gravidez do inferno, e quando me sentei aqui nesta estranha cama, senti que me roubaram a experiência completa do parto. Mas

tivemos um bebê. As palavras não podem expressar a alegria que vem ao reconhece-lo. Estava com sorte.

A porta do pequeno quarto de repente foi aberta e Romeo se apressou vestido com sua bata azul. Supus que ainda estávamos na emergência, e estava de acordo com as enfermeiras, ele era um destruidor de corações, mas por outro lado ele sempre tinha sido maravilhoso comigo.

Meus olhos imediatamente se fixaram no pequeno pacote em seus braços, logo depois de volta para meu marido. Seus olhos estavam cansados, com seu cabelo loiro alvoroçado com uma parte amaçada onde sem dúvida devia estar passando sua mão pelo estresse e suas bochechas estavam avermelhadas, em carne viva.

Esteve chorando.

Logo que nossos olhos se encontraram, o alívio tomou conta do rosto de Romeo, que lançou um comprido e doloroso suspiro.

— Molly! — gemeu e deu uma olhada rápida ao nosso bebê em seus braços. Com cuidado caminhou para mim e agarrou minha mão estendida, me beijando a palma, então a parte posterior de cada dedo antes de coloca-la em sua bochecha pressionando-a contra sua pele.

— Deus, Mol pensei que tinha te perdido... Merda, baby, estava ficando louco como o inferno... — Suas palavras foram tensas enquanto acariciava ao longo de sua barba.

— Estou bem querido. Estamos todos bem. Foi apenas uma cesárea. Sabíamos que era possível. Fazem milhares de vezes ao dia. Estava em boas mãos.

Assentiu com a cabeça uma vez, me olhando ligeiramente:

— Peixe fora da água. — Deu uma olhada em nosso bebê envolto em uma manta de cor amarela, uma cor que não indicava nada sobre seu sexo.

— Romeo... — sussurrei com assombro, ao ver uma pequena mão sair por cima, minha mão estendida também reagiu, mas meu estômago se contorceu pelo movimento e estremeci e sussurrei pela pontada de dor.

Romeo notou, uma expressão preocupada se colocou em seu rosto e ficou de pé lentamente, inclinando-se ao meu nível.

— Quer abraçar a nossa pequena princesa? — E um grande sorriso de orgulho iluminou seu rosto.

Princesa... exalei lentamente, fechando meus olhos, e sorri. Tínhamos tido uma menina. Tínhamos uma filha.

Um gemido feliz escapou de minha boca, e cálidas lágrimas de alívio começaram a descer por minhas bochechas. Tinha me preparado para isso, chegar ao término apesar de meus problemas de saúde. Agora eu era mãe e meu Romeo era pai.

Imediatamente estendi meus braços e Romeo gentilmente colocou nossa filha contra meu peito, pondo o peso longe de meu estômago ferido, o calor de sua pele contra a minha. O movimento perturbou a nossa filha que dormia, e quando ela se contorceu e abriu os olhos, em seguida se encontraram com os meus.

Respirando fundo, fiquei olhando minha filha, olhos café escuros… igual ao de seu pai, gordinhas bochechas rosadas, uma careta com lábios cor de rosa em um arco perfeito do Cupido. Tinha lido que seus olhos poderiam ser azuis, mas os dela eram iguais aos de seu pai, seus gens de olhos cor de café eram aparentemente além de dominantes. O tempo parou. Era como se o mundo desabasse e só nós estivéssemos nele.

Ficamos olhando uma à outra, o que pareceu como dias; era como se já soubesse quem era eu. Sua mãe.

Levantando minha mão esquerda, minha direita sem soltá-la de mim, passei um dedo por sua suave bochecha rosa e sussurrei:

— Olá, minha garotinha. Sou sua mãe e eu te amo muito, muito. — Ouvi um suspiro de satisfação ao meu lado. Romeo, mas não podia afastar o olhar de minha filha para lhe dar atenção.

Com um grande bocejo, os olhos de nossa bebezinha lutavam contra a pesada força do sono, que finalmente venceu... sua respiração ficou lenta e ela adormeceu. O som de sua respiração rítmica me acalmava.

As lágrimas turvavam minha visão e dois polegares limparam minhas bochechas, enxugando as lágrimas. Ao olhar para cima, Romeo tinha se sentado junto a nós com os braços estendidos, cuidando para não tocar o curativo de minha cesárea.

— É linda — disse em voz baixa, e Romeo acariciou com um dedo sua pequena testa. Meu coração deu um pulo quando o vi mostrar tanto afeto a nossa pequena acrescentando: — Igual a você.

— Sim... baby — disse ele como resposta, seus olhos parando brevemente nos meus. Suas palavras arrastadas, olhei para cima e segurei sua mão.

— Você está bem?

Soprando, ele deixou escapar um suspiro controlado. Sorriu com ironia e esfregou os olhos.

— Sim, estou nervoso com tudo isto. A ideia de ser pai e a realidade de que... eu... posso perder a cabeça com isso. — Seu olhar café brilhante fixo em nossa filha adormecida em meu peito, expressando com claridade sua absoluta surpresa e incredulidade.

— Você fez certo querido, enquanto eu não podia. Ela é tão perfeita. — As lágrimas brotaram de novo nos olhos de Romeo, mas não houve soluços, apenas lagrimas felizes que caíam livres.

Esfregando uma tremente mão sobre seu rosto, disse:

— Por um momento pensei que tinha perdido as duas. Eu te encontrei inconsciente na cama. Estava tão quieta e pálida... e havia sangue. Senti como se tudo estivesse desabando novamente. — Inalou profundamente. — E então quando nossa princesa...

— Princesa?

Romeo deu um sorriso tímido.

— Não decidimos um nome, certo? Queria vê-la primeiro, ver qual era o nome que ficaria bem, e me recusei a nomeá-la sem você, e princesa foi a primeira coisa em que pensei. "Bebê Prince" não parecia correto. Dando um beijo na cabeça de nossa filha, acrescentou: — Ela é minha princesa, e sempre a tratarei como uma. Vocês duas são tudo para mim.

Levantando sua mão para meus lábios, dei um beijo em sua palma e sussurrei:

— Obrigada.

Ele devolveu o beijo, acariciando meu cabelo despenteado para trás, e continuou:

— Quando nossa princesa nasceu saudável, as enfermeiras a colocaram em meus braços, foi tão surreal. Baixei o olhar para você, assombrado, simplesmente desejando compartilhar o momento contigo, mas estava inconsciente, com a fita sobre seus olhos, um tubo em sua garganta, e não podia te ver da cintura para abaixo, um aparelho como uma caixa me impedia disso. As pessoas da sala de emergência ficaram loucas tentando te reanimar. As maquinas ressonavam, e as pessoas corriam de um lado ao outro e você estava ali sozinha e tão quieta, mas nós dois, nossa pequena menina e eu, estávamos simplesmente ali de pé vendo tudo acontecer. Inúteis. Por um momento entrei em pânico quando pensei que podíamos ficar

sozinhos, ela e eu para sempre se algo saísse errado. Você não estaria. Não pude evitar em pensar no pior, sabe que não posso viver sem você. Baby, nem agora... nem nunca.

— Hey acalme-se, não vou a lugar algum. — Apertei sua mão novamente, me dando conta do longo suspiro de alívio. Aproximei-me um pouco para abraçar minha filha e não pude evitar sorrir quando inalei seu cheiro.

— Uma loucura não é? — Minha atenção se voltou para Romeo que parecia um pouco mais feliz do que há alguns segundos.

— O que é uma loucura?

— O quanto cheira bem. Como toda recém-nascida. Diferente. Rico. Não é? —Ele moveu a cabeça e corou.

— É uma loucura. Estive colocando meu nariz em seu pescoço o tempo todo que estive aqui. Seu aroma me acalmava. Evitava que perdesse a cabeça. É a única pessoa que pode fazer isso por mim… além de você.

Suspirei enquanto tentava dar palavras ao impossível. E sustentei nossa filha para que a segurasse. Romeo a pegou voluntariamente e a aproximou para beijá-la, seu rosto completamente perplexo e cheio de assombro enquanto olhava cada um de seus movimentos.

Nunca pensei que fosse possível amar Romeo Prince mais do que eu já fazia, mas vê-lo com nossa menina levou as coisas a um novo nível. A maneira que a olhava com completa adoração me demonstrava que estava certa todos estes anos.

Romeo sempre se preocupou em não ser um mau pai como era o seu, devido à genética. Mas ao vê-lo agora, o quão gentil e protetor que era com nossa filha, demonstrava-me em um instante o bom pai que seria... Que já era.

— Eu te amo — disse-lhe suavemente, completamente apaixonada por minha alma gêmea e pela prova viva de nosso amor dormindo brandamente em seus braços. Algo fundamental tinha mudado dentro de mim.

Inclinando-se para mim, Romeo disse:

— Também te amo, muito. É incrível para mim. — Um enorme sorriso se colocou em seu rosto, aproximou-se e me beijou suavemente afastando-se para me dizer: — Finalmente somos pais, baby. Queríamos isto há muito tempo.

Chorando de felicidade, coloquei a cabeça no espaço entre o pescoço e o ombro de Romeo enquanto me unia na cama com nosso pequeno presente de Deus, profundamente adormecida em seus braços.

Nós dois ficamos no mesmo quarto de hospital durante horas, apenas olhando fixamente nossa pequena filha e nos beijando absorvidos um no outro. Instantaneamente fiquei apaixonada e não podia imaginar algo que pudesse mudar este sentimento especial.

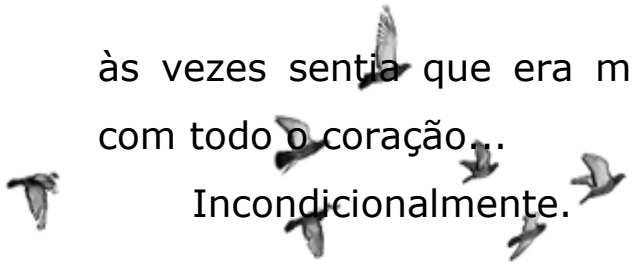
Segundo C. S. Lewis, a maior forma de amor é o amor incondicional. Dizem que este amor é o mais forte que alguém pode expressar por outra pessoa e que sobrevive a qualquer mudança na vida e qualquer circunstância, é puro, sem manchas e nunca será abalado ou desaparecerá.

Olhando a nossa menina no forte abraço de meu marido, sabia que Lewis tinha razão, pelo menos no meu caso. Tinha levado a nossa garotinha nove meses, nutrindo-a e protegendo-a, ela foi concebida com amor absoluto, e enquanto Romeo e eu a olhávamos dormir em silêncio, sabia que era tudo verdade.

Tinha capturado a maior forma de amor justo aqui, justo hoje, com minha perfeita pequena família amorosa, amando-os tanto que

às vezes sentia que era muito para ser contido, completamente, e com todo o coração...

Incondicionalmente.







Playlist

Imagine dragons — Demons

Zac Brown Band — Goodbye In Her

Eyes POD — Here Comes the Boom!

Sting — Fields of Gold

Blake Shelton — Kiss My Country Ass

Fall Out Boy — My Songs Know What You Did In The Dark

The Kooks — Got No Love

The Killers — Romeo & Juliet

Kings of Leon — Back Down South

Biffy Clyro — Mountains

The Fears — Heart of Trouble

John Mayer — Heart of Life

AWOLNATION — Sail

Coldplay — Fix You

Lynyrd Skynyrd — Sweet Home Alabama

Luke Bryan — Crash My party

The Script feat. Wil.i.Am — Hall Of Fame

Para ouvir esta playlist acesse: http://tilliecole.com/sweetrome/



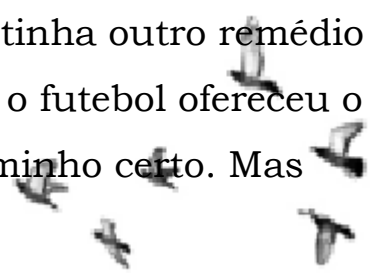


SWEET FALL

Todos nós temos segredos. Segredos bem enterrados. Até que encontremos a alma que faz com que a carga desses segredos fique um pouco mais fácil de suportar.

Lexington – Lexi - Hart está em seu último ano na Universidade do Alabama. Rodeada de suas melhores amigas, sua família carinhosa e tendo completado seu sonho de toda sua vida em estar na equipe de animadoras do Crimson Tide, tudo está exatamente como ela sempre sonhou que seria. Mas debaixo de seu feliz exterior, os demônios espreitam, ameaçando, pondo em perigo tudo o que Lexi se esforçou para obter. Quando os acontecimentos de sua vida se transformam em muito para fazer frente, Lexi se encontra em uma espiral para baixo dentro do campo de seu maior medo. Lexi cai com força, vítima uma vez mais da única coisa que pode destruí-la e, no caminho, encontra-se caindo direto nas perigosas mãos tatuadas de um homem do lado errado da lei.

Austin Carillo, Receptor estrela do Alabama Crimson Tide, deve ser escolhido no draft da NFL deste ano. Ele precisa. Seus irmãos precisam dele. Mais importante ainda, sua mãe precisa dele desesperadamente. Criado em um mundo onde os pobres são esquecidos, os doentes são deixados para se virar por si mesmos e nenhum herói aparece milagrosamente para te tirar do inferno, Austin não tinha outro remédio alem de ganhar a vida no lado errado da lei, até que o futebol ofereceu o descanso para conseguir sua vida de novo no caminho certo. Mas



quando uma tragédia familiar o arrasta de novo para as garras da gang que ele acreditava que tinha deixado muito atrás, Austin se encontra caindo. Caindo de novo em caminhos delitivos e caindo profundamente em uma escuridão sufocante. Até que um espírito conflitante tropeça em seu caminho, onde Austin rapidamente descobre que está se apaixonando por uma menina, uma menina que simplesmente poderia ter o poder para o salvá-lo de seu pior inimigo: ele mesmo.

Podem duas almas conflitantes encontrar uma paz duradoura, juntas? Ou finalmente sucumbirão aos demônios que ameaçam destruí-los?



Pode ser lido como uma novela independente

Sobre a autora



Tillie Penetre é proveniente do Teesside um pequeno povoado do nordeste da Inglaterra. Cresceu em uma granja com sua mãe inglesa, pai escocês, uma irmã mais velha e uma variedade de animais recolhidos. Assim que pôde, Tillie deixou suas raízes rurais pelas brilhantes luzes da grande cidade.

Depois de se graduar na Universidade de Newcastle, Tillie seguiu com seu marido, o jogador de Rugby Profissional ao redor do mundo durante uma década, convertendo-se em professora de ciências sociais e desfrutou ensinando estudantes de secundária durante sete anos.

Tillie vive atualmente em Calgary, Canadá onde finalmente pode escrever (sem a ameaça de que seu marido fosse transferido), entrando em mundos imaginários e as fabulosas mentes de seus personagens.

Tillie escreve comédias românticas e novelas, novos adultos, e felizmente compartilha seu amor pelos homens—alfa (principalmente musculosos e tatuados) e personagens femininos fortes com seus leitores.

Quando ela não está escrevendo, Tillie se diverte na pista de dança (preferivelmente de Lady Gaga), assistindo a filmes (preferivelmente algo com Tom Hardy ou Will Ferral, por muitas diversas razões!), escutando música ou passando tempo com os amigos e familiares.